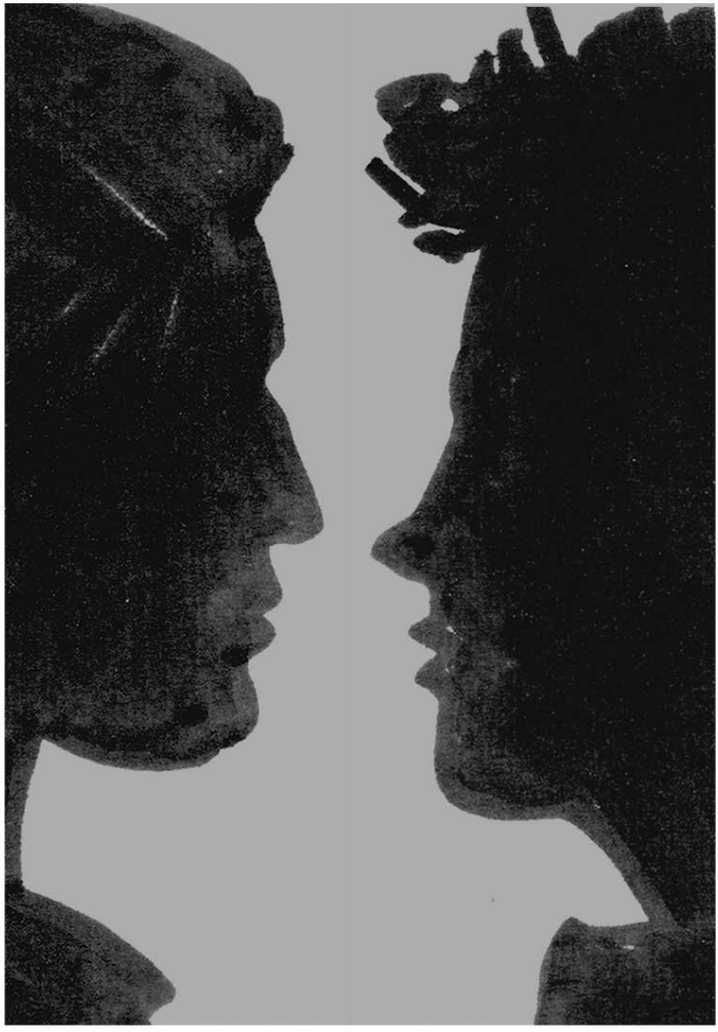
BESTSELLER #1 DO NEW YORK TIMES
DA AUTORA DE ELEANOR & PARK E FANGIRL

RAINBOW ROWELL

CARRY ON

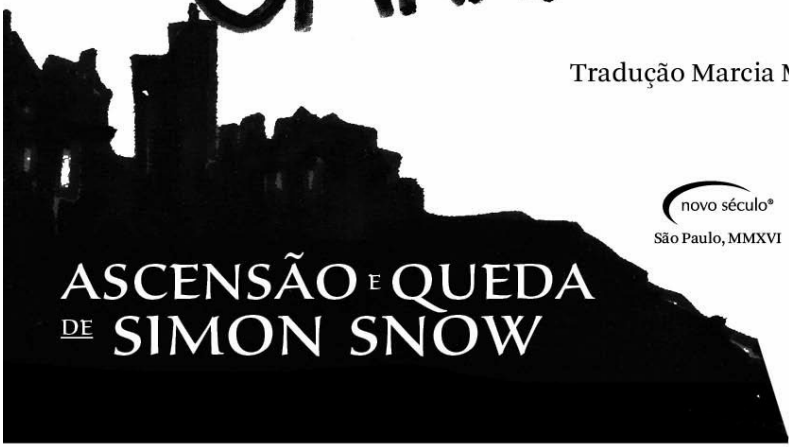


novo século



RAINBOW ROWELL

CARRY ON



ASCENSÃO E QUEDA DE SIMON SNOW

Tradução Marcia Men

novo século®
São Paulo, MMXVI

Carry On: Ascensão e queda de Simon Snow
Copyright © 2015 by Rainbow Rowell
Published by agreement with the Author c/o The Lotts Agency, Ltd.
Copyright © 2016 by Novo Século Editora Ltda.

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Vitor Donofrio

EDITORIAL
Giovanna Petrólio
João Paulo Putini
Nair Ferraz

Rebeca Lacerda

GERENTE DE AQUISIÇÕES
Renata de Mello do Vale

ASSISTENTE DE AQUISIÇÕES
Acácio Alves

TRADUÇÃO
Marcia Men

EDIÇÃO DE TEXTO/ARTE
Vitor Donofrio

REVISÃO
Gabriel Patez Silva

ILUSTRAÇÕES
Jim Tierney

CAPA
Olga Grlic

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Vitor Donofrio

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Rowell, Rainbow
Carry On: ascensão e queda de Simon Snow
Rainbow Rowell; [tradução Marcia Men].
Barueri, SP: Novo Século Editora, 2016.

Título original: Carry On: Rise and fall of Simon Snow

1. Literatura norte-americana – Literatura juvenil 3. Ficção fantástica
I. Título. II. Men, Marcia

16-0535 CDD-813

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura norte-americana 813

NOVO SÉCULO EDITORA LTDA.
Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto 1111
CEP 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP – Brasil
Tel.: (11) 3699-7107 | Fax: (11) 3699-7323
www.novoseculo.com.br | atendimento@novoseculo.com.br

novo século®

E-ISBN: 978-85-428-0948-0

Para Laddie e Rosey.
Que vocês possam lutar suas próprias batalhas
e possam forjar suas próprias asas

NOTA DA AUTORA

Se você leu meu livro *Fangirl*, sabe que Simon Snow começou como um personagem fictício daquela história.

Um personagem fictício-*fictício*. Meio que um amálgama e descendente de centenas de outros Escolhidos fictícios.

Em *Fangirl*, Simon é o herói de uma série de livros infantis de aventura escritos por Gemma T. Leslie – e objeto de muitas *fanfictions* escritas pela personagem principal, Cath.

Quando terminei aquele livro, eu consegui me desprender de Cath e de seu namorado, Levi, e de seu mundo. Senti que havia terminado a história deles...

Mas não consegui me desprender de Simon.

Eu escrevera tanto a respeito dele através dessas outras vozes, e ficava pensando sobre o que eu faria

se ele estivesse na *minha* história, em vez da de Cath ou de Gemma.

O que *eu faria* com Simon Snow?

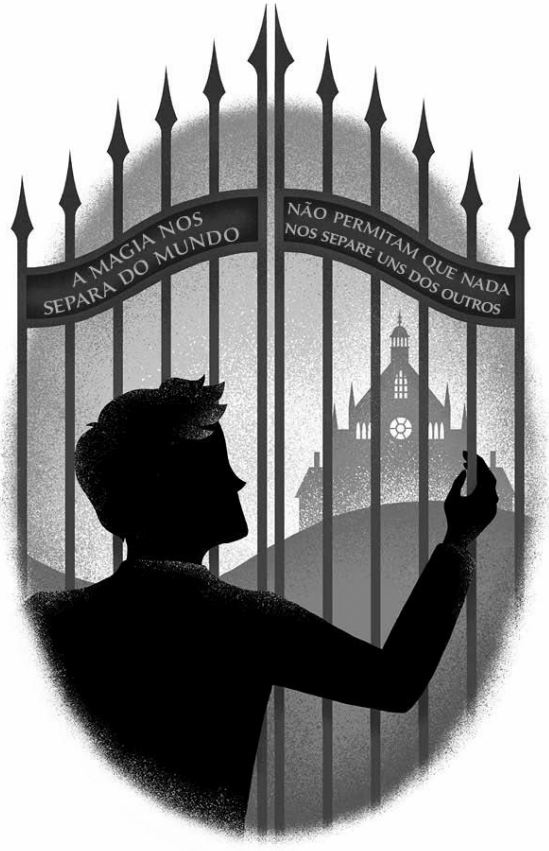
O que eu faria com Baz? E Agatha? E Penny?

Li e amei tantas histórias mágicas de Escolhidos – como é que eu escreveria a minha?

É disso que se trata *Carry On*.

Minha visão de um personagem que eu não conseguia tirar da cabeça. É a minha visão desse *tipo* de personagem – e desse tipo de jornada.

Foi um modo de conceder a Simon e Baz, apenas semi-imaginados em *Fangirl*, a história que eu sentia que devia a eles.


A MAGIA NOS
SEPARA DO MUNDO
NÃO PERMITAM QUE NADA
NOS SEPARE UNS DOS OUTROS

LIVRO UM

1.

Simon

Eu vou a pé até a rodoviária sozinho.

Sempre há um rebuliço com minha papelada quando eu parto. Durante todo o verão, não temos permissão para ir a pé nem até o Tescos sem um acompanhante e a permissão da Rainha – e aí, no outono, simplesmente assino meu próprio registro de saída do orfanato e vou embora.

– Ele vai para uma escola *especial* – uma das moças da administração explica para a outra quando eu saio. Elas estão em um box de Plexiglás, e eu deslizo meus papéis de volta para ela por um vão na parede. – É uma escola para infratores graves – sussurra ela.

A outra mulher nem levanta a cabeça.

Todo setembro é assim, apesar de eu nunca ficar no mesmo orfanato duas vezes.

O Mago veio me buscar pessoalmente para ir à escola na primeira vez quando eu tinha 11 anos. Porém, no ano seguinte, ele me disse que eu podia chegar a Watford sozinho. “Você matou um dragão, Simon. Certamente pode dar conta de uma longa caminhada e alguns ônibus”.

Eu não tive a intenção de matar aquele dragão. Ele não teria me machucado, acho. (Ainda sonho com ele às vezes. O jeito como o fogo o consumiu de dentro para fora, como uma queimadura de cigarro devorando um pedaço de papel.)

Chego à rodoviária e como uma barra de chocolate com menta enquanto espero pelo primeiro ônibus. Tem mais um ônibus depois desse. E aí um trem.

Assim que me acomodo no trem, tento dormir, minha mochila no colo e os pés apoiados no assento à minha frente – mas um homem alguns bancos mais atrás não para de olhar para mim. Sinto seus olhos queimando minha nuca.

Pode ser só um tarado. Ou a polícia.

Ou pode ser um caçador de recondentes que saiba de alguma das recompensas pela minha cabeça... ("É caçador de r*ecompensas*", falei para Penélope na primeira vez que lutamos contra um. "Não, é caçador de *recondentes"*, respondeu ela. "Porque seus dentes são a única coisa sua que eles guardam se conseguirem te pegar.")

Mudo de vagão e não me dou ao trabalho de tentar dormir de novo. Quanto mais me aproximo de Watford, mais inquieto me sinto. Todo ano penso em saltar do trem e me encantar pelo resto do caminho para a escola, mesmo que isso me deixe em coma.

Eu poderia lançar um **Anda logo** no trem, mas esse é um feitiço que depende de sorte mesmo nos melhores momentos, e meus primeiros feitiços do ano escolar são sempre especialmente arriscados. Eu deveria praticar durante o verão – feitiços pequenos e previsíveis, quando ninguém está vendo. Coisas como acender as luzes à noite. Ou transformar maçãs em laranjas.

– Faça um feitiço para abotoar suas roupas e dar laços nos sapatos – sugeriu a Senhorita Possivelfa. – Esse tipo de coisa.

– As roupas que eu uso só têm um botão – eu disse a ela, depois corei quando ela olhou para minha calça jeans.

– Então use sua magia para tarefas de casa – disse ela. – Lavar os pratos. Polir a prataria.

Nem me incomodei em falar para a Senhorita Possivelfa que minhas refeições no verão eram servidas em pratos descartáveis e que eu comia com talheres de plástico (garfos e colheres, nunca facas).

Também não me dei ao trabalho de praticar minha magia nesse verão.

É chato. E inútil. E não é como se isso *ajudasse*. Praticar não me torna um bruxo melhor; apenas me deixa furioso...

Ninguém sabe por que minha magia é como é. Por que ela dispara como uma bomba em vez de fluir através de mim como a porra de um riacho ou seja lá como funciona para todos os outros.

– Eu não sei – disse Penélope quando eu lhe perguntei como ela sente a magia. – Acho que sinto como se fosse um poço dentro de mim. Tão profundo, que eu não consigo ver nem sequer imaginar o fundo. Só que, em vez de enviar baldes lá para baixo, simplesmente penso em trazê-la para perto. E então ela está lá para mim, tanto quanto eu precisar, desde que eu me mantenha concentrada.

Penélope sempre se mantém concentrada. Além disso, ela é poderosa.

Agatha não é. Não tanto, de qualquer modo. E Agatha não gosta de falar sobre sua magia.

No entanto, uma vez, no Natal, mantive Agatha acordada até ela estar cansada e tonta, e ela me contou que lançar um feitiço era como flexionar um músculo e mantê-lo flexionado.

– Como *croisé devant* – disse ela. – Sabe?

Eu balancei a cabeça.

Ela estava deitada num tapete de pele de lobo na frente do fogo, toda encolhida, feito um gatinho lindo.

– É balé – disse ela. – É como se eu simplesmente mantivesse uma posição pelo máximo de tempo que conseguisse.

Baz me disse que, para ele, é como acender um fósforo. Ou puxar um gatilho.

Ele não pretendia me contar isso. Foi quando estávamos lutando contra a quimera na floresta durante nosso quinto ano. Ela havia nos encurralado, e Baz não era poderoso o bastante para combatê-la sozinho. (O próprio *Mago* não é poderoso o bastante para lutar sozinho contra uma quimera.)

– Vai, Snow! – Baz gritou para mim. – Vai! Libera, cacete! Agora!

– Eu não consigo – tentei dizer a ele. – Não é assim que funciona!

– É, sim, porra!

– Eu não posso simplesmente ligar e desligar – falei.

– *Tente.*

– *Não consigo*, droga. – Agitei minha espada de um lado para o outro. Já era muito bom com uma

espada, mesmo aos quinze anos, mas a quimera não era corpórea. (É bem a minha sorte, basicamente sempre. Assim que você começa a carregar uma espada, todos os seus inimigos viram névoa e teia de aranha.)

– Feche seus olhos e risque um fósforo – Baz me disse. Nós dois estávamos tentando nos esconder atrás de uma rocha. Baz estava lançando feitiços sem parar, um depois do outro; ele praticamente os cantava.

– O quê?

– É o que a minha mãe dizia – respondeu ele. – Risque um fósforo dentro do seu coração, depois sopre a estopa.

É sempre fogo com Baz. Eu não acredito que ele ainda não me incinerou. Ou me queimou numa estaca.

Ele costumava me ameaçar com um funeral viking quando estávamos no terceiro ano.

– Você sabe o que é isso, Snow? Uma pira flamejante à deriva no mar. Podíamos fazer o seu em

Liverpool, assim todos os seus amigos chavosos poderiam comparecer.

– Cai fora – eu dizia, tentando ignorá-lo.

Eu sequer tinha algum amigo Normal, chavoso ou não.

Todos no mundo Normal mantêm distância de mim se puderem. Penélope diz que eles sentem o meu poder e instintivamente se acovardam. Como cachorros que não fazem contato visual com seus mestres. (Não que eu seja o mestre de alguém – não foi isso o que eu quis dizer.)

Enfim, com os bruxos funciona do modo oposto. Eles adoram o cheiro de magia; tenho que me esforçar para fazê-los me odiar.

A menos que se trate do Baz. Ele é imune. Talvez tenha desenvolvido uma tolerância à minha magia, tendo dividido um quarto comigo todos os semestres por sete anos.

Na noite em que combatemos a quimera, Baz ficou gritando comigo até eu me descontrolar.

Ambos acordamos algumas horas depois em uma cova enegrecida. A rocha atrás da qual nos

escondíamos havia virado poeira, e a quimera, vapor. Ou talvez ela tivesse simplesmente desaparecido.

Baz tinha certeza de que eu havia chamuscado suas sobrancelhas, porém, para mim, ele parecia bem – nenhum pelo sequer fora do lugar.

Típico.

2.

Simon

Eu não me permito pensar sobre Watford durante os verões.

Depois do meu primeiro ano lá, quando eu tinha onze anos, passei o verão todo pensando a respeito. Pensando em todos que eu conheci na escola: Penélope, Agatha, o Mago. Sobre as torres e os terrenos. Os chás. Os pudins. A *magia*. O fato de que *eu* era mágico.

Fiquei doente de tanto pensar sobre a Escola de Magia Watford – devaneando sobre ela –, até que ela começou a parecer nada mais do que um devaneio. Apenas outra fantasia para fazer o tempo passar. Como quando sonhava em me tornar um jogador de futebol algum dia – ou que meus pais, meus pais de verdade, voltariam para me buscar...

Meu pai seria um jogador de futebol. E minha mãe seria tipo uma modelo internacional muito chique. E eles me explicariam que tiveram que me deixar para adoção porque eram jovens demais para um bebê, e porque a carreira deles estava em risco. "Mas nós sempre sentimos sua falta, Simon", diriam eles. "Estávamos procurando por você." E então me levariam para viver na mansão deles.

Mansão de jogador de futebol... Internato mágico...

Ambos parecem uma bela merda à luz do dia. (Especialmente quando você acorda em um quarto com outros sete enjeitados.)

Naquele primeiro verão, eu já havia surrado a memória de Watford até deixá-la irreconhecível, quando meus papéis e o dinheiro para o ônibus apareceram no outono, junto a um bilhete do Mago em pessoa...

Real. Era tudo real.

Assim, no verão *seguinte*, após meu segundo ano em Watford, não me permiti pensar em magia uma

vez sequer. Por meses. Eu simplesmente me isolei dela. Não senti sua falta, não a desejei.

Eu resolvi deixar que o Mundo dos Bruxos retornasse para mim como um grande presente surpresa quando setembro chegasse, se é que ele retornaria. (E ele *retornou*. Sempre retorna, até o momento.)

O Mago dizia que talvez algum dia me deixaria passar os verões em Watford – ou talvez até passá-los com ele, seja lá para onde ele vai todo verão.

Porém, aí ele decidiu que eu ficaria melhor passando parte de todos os anos com os Normais. Para ficar próximo da linguagem e me manter atento: "Deixe que as dificuldades afiem sua espada, Simon".

Pensei que ele se referisse à minha espada de fato, a Espada dos Magos. Em algum ponto me dei conta de que ele queria dizer *eu mesmo*.

Eu sou a lâmina. A espada do Mago. E não tenho certeza de que esses verões em orfanatos me deixam mais afiado... Mas me deixam mais faminto. Eles me

fazem ansiar por Watford como, sei lá, como pela própria vida.

Baz e o lado dele – todas as famílias antigas e ricas – não acreditam que alguém possa compreender a magia do mesmo modo que eles. Pensam que são os únicos em quem se pode confiar ao lidar com ela.

Mas ninguém *ama* magia como eu amo.

Nenhum dos outros bruxos – nenhum dos meus colegas de classe, nenhum dos pais deles – sabe como é viver sem magia.

Só eu sei.

E eu faria qualquer coisa para garantir que ela sempre estivesse lá para eu poder voltar para casa.



Eu *tento* não pensar em Watford quando estou longe de lá – mas neste verão foi quase impossível.

Depois de tudo o que aconteceu no ano passado, não pude acreditar que o Mago fosse sequer prestar atenção a algo como o final do ano letivo. Quem

interrompe uma guerra para enviar as crianças pra casa para as férias de verão?

Além do mais, *não sou* mais uma criança. Legalmente, eu poderia ter deixado a Assistência Social aos 16 anos. Poderia ter arranjado meu próprio apartamento em algum canto. Talvez em Londres. (Dá pra pagar por um. Tenho um saco cheio de ouro de leprechauns – um saco grande, do tamanho de uma mochila, e ele simplesmente desaparece se você tentar entregá-lo a outros bruxos.)

Contudo, o Mago me enviou para um novo orfanato, como tipicamente faz. Ainda me movimentando por aí como uma ervilha embaixo de conchas, após todos esses anos. Como se eu estivesse seguro lá. Como se o Insípidum não pudesse simplesmente me invocar, ou seja lá o que ele fez comigo e com Penélope no final do último ano letivo.

– Ele pode te *invocar*? – Penny exigiu saber assim que escapamos dele. – Do outro lado de uma massa

de água? Isso não é possível, Simon. Não existe nenhum precedente para algo assim.

– Na próxima vez que ele me invocar como uma porcaria de um esquilo-demônio – respondi –, direi isso a ele!

Penélope tinha sido azarada o bastante para estar segurando meu braço quando eu fui levado, de modo que foi levada comigo. Seu raciocínio rápido é o único motivo pelo qual ambos escapamos.

– Simon – dissera ela naquele dia, quando finalmente estávamos em um trem voltando para Watford. – Isso é sério.

– Siegfried e a porra do Roy, Penny, eu sei que é sério. Ele me conhece. *Nem eu* me conheço, mas o Insípidum já entendeu direitinho.

– Como podemos saber tão pouco sobre ele ainda? – Ela se enfureceu. – Ele é tão...

– Insidioso – falei. – "O Insípidum Insidioso" e coisa e tal.

– Pare de me provocar, Simon. Isso é *sério*.

– Eu sei, Penny.

Quando voltamos para Watford, o Mago nos ouviu e certificou-se de que não estávamos feridos, e então nos mandou embora. Apenas... nos mandou para casa.

Não fazia sentido algum.

Logo, é claro que eu passei este verão todo pensando em Watford. Sobre tudo o que tinha acontecido e tudo o que *podia* acontecer e tudo o que estava em risco... Eu ruminei a respeito.

No entanto, ainda não me permiti demorar-me em nenhuma das coisas *boas*, sabe? São as coisas boas que te deixam louco de saudade.

Eu mantenho uma lista – de todas as coisas de que eu mais sinto saudade – e não tenho permissão para tocar nessa lista em minha mente até estar a cerca de uma hora de Watford. Aí passo pelos itens da lista, um por um. É quase como entrar aos poucos na água fria. Mas é o contrário disso, acho – como entrar aos poucos em algo muito bom mesmo, de modo que o choque de tudo não te sobrecarregue.

Eu comecei a fazer a minha lista – minha lista de coisas boas – quando tinha onze anos, e provavelmente deveria tirar algumas coisas de lá, mas é mais difícil do que se pode imaginar.

Enfim, estou a cerca de uma hora da escola agora, então mentalmente apanho minha lista e pressiono a testa contra a janela do trem.

Coisas de que eu mais sinto saudade em Watford:

Nº 1 – *Scones*[1] de cereja azeda

Eu nunca tinha comido scones antes de Watford. Só os de uva passa – e com frequência os sem nada, e sempre algo que era comprado pronto, depois deixado no forno por tempo demais.

Em Watford há scones de cereja fresquinhos no café da manhã todos os dias, se você quiser. E de novo à tarde, com o chá. Nós tomamos chá no refeitório depois de nossas aulas, antes dos clubes, futebol e lição de casa.

Eu sempre tomo chá com Penélope e Agatha, e sou o único dos três que sempre come os scones. "O jantar é daqui a duas horas, Simon", Agatha me

censura, mesmo após todos esses anos. Certa vez, Penélope tentou calcular quantos scones eu comera desde que nós ingressamos em Watford, mas ficou entediada antes de descobrir a resposta.

Eu simplesmente não consigo recusar os scones se eles estiverem lá. São macios, leves e um pouquinho salgados. Às vezes eu sonho com eles.

Nº 2 – Penélope

Este item da lista pertencia ao "rosbife". Entretanto, alguns anos atrás, decidi me limitar a apenas um item com comida. Ou a lista vira a canção da comida do musical *Oliver!*, e eu acabo com tanta fome, que meu estômago tem câimbras.

Talvez eu devesse colocar Agatha numa posição mais alta que Penélope; Agatha é minha *namorada*. Mas a Penélope entrou na lista primeiro. Fizemos amizade na primeira semana na escola, durante nossa aula de Palavras Mágicas.

Ela era algo incompreensível para mim quando nos conhecemos – uma menina gordinha com pele marrom clara e cabelo vermelho berrante. Usava óculos pontudos, do tipo que se usa quando se vai

de bruxa a uma festa à fantasia, e havia um anel púrpura gigante pesando em sua mão direita. Ela estava tentando me ajudar com uma tarefa, e acho que fiquei apenas fitando-a fixamente.

– Sei que você é o Simon Snow – disse ela. – Minha mãe falou que você estaria aqui. Ela diz que você é muito poderoso, provavelmente mais poderoso do que eu. Meu nome é Penélope Bunce.

– Eu não sabia que alguém como você podia se chamar Penélope – comentei. Estupidamente. (Tudo o que eu disse naquele ano foi estúpido.)

Ela franziu o nariz.

– E como "alguém como eu" deveria se chamar?

– Não sei. – E eu *não sabia*. Outras garotas que conheci e que se pareciam com ela tinham nomes como Saanvi ou Aditi, e definitivamente não eram ruivas. – Saanvi?

– Alguém como eu pode ter qualquer nome – disse Penélope.

– Ah – falei. – Certo, desculpe.

– E podemos fazer o que quisermos com nosso cabelo. – Ela se voltou para a tarefa, jogando seu

rabo de cavalo vermelho para trás. – É falta de educação encarar, sabe, mesmo os seus amigos.

– E nós *somos* amigos? – perguntei a ela. Mais surpreso do que qualquer outra coisa.

– Estou te ajudando com sua lição, não estou?

Ela estava. Tinha acabado de me ajudar a encolher uma bola de futebol ao tamanho de uma de gude.

– Pensei que você estivesse me ajudando porque sou lerdo – disse ele.

– Todo mundo é lerdo – retrucou ela. – Estou te ajudando porque gosto de você.

Acontece que ela tinha mudado o cabelo para aquela cor por acidente ao testar um novo feitiço – mas usou o cabelo vermelho ao longo de todo o primeiro ano. No ano seguinte, tentou azul.

A mãe de Penélope é indiana e seu pai é inglês – na verdade, os dois são ingleses; o lado indiano da família dela está em Londres há séculos. Ela me contou depois que os pais dela haviam lhe dito para ficar longe de mim na escola.

– Minha mãe disse que ninguém sabia de fato de onde você tinha vindo. E que você poderia ser perigoso.

– Por que você não a escutou? – perguntei.

– Porque ninguém sabia de onde você tinha vindo, Simon! E você pode ser perigoso!

– Você tem um instinto de sobrevivência *horrível*.

– Além disso, senti pena de você – disse ela. – Estava segurando sua varinha de trás pra frente.

Sinto saudades de Penny em todos os verões, mesmo quando digo a mim mesmo para não sentir. O Mago diz que ninguém pode me escrever ou telefonar durante as férias, mas Penny ainda assim encontra meios para me enviar mensagens: uma vez, ela possuiu o velho lá da loja, o que se esquece de colocar a dentadura – ela falou por intermédio dele. Foi legal ouvir notícias dela e tudo o mais, mas foi tão perturbador, que eu pedi a ela para não fazer isso de novo a menos que fosse uma emergência.

Nº 3 – O campo de futebol

Eu não consigo jogar futebol tanto quanto costumava. Não sou bom o suficiente para jogar no

time da escola; além disso, estou sempre envolvido em algum plano ou drama, ou fora, em alguma missão para o Mago. (Não se protege um gol de maneira confiável quando o maldito Insípidum pode te invocar a qualquer momento que lhe der na veneta.)

Mas eu jogo às vezes. E é um campo perfeito: grama adorável. A única parte plana no terreno da escola. Árvores gostosas dando sombra sob as quais você pode se sentar e assistir as partidas...

Baz joga pela nossa escola. É claro. O traste.

No campo de futebol, ele é igual ao que é em todos os outros lugares. Forte. Gracioso. Impiedoso pra cacete.

Nº 4 – Meu uniforme da escola

Incluí isso na lista quando tinha onze anos. Você precisa entender que, quando eu peguei meu primeiro uniforme, foi a primeira vez na vida que eu tive roupas que me serviam certinho, a primeira vez que eu vesti um paletó e uma gravata. Eu me senti alto de repente, e chique. Até Baz entrar na nossa

sala, muito mais alto do que eu – e mais chique do que todo mundo.

Havia oito séries em Watford. O primeiro e o segundo anos usavam paletós listrados – dois tons de púrpura e dois tons de verde – com calças cinza-escuras, suéter verde e gravata vermelha.

Você precisava usar um chapéu de palha nos arredores da escola até seu sexto ano – o que é, na verdade, apenas um teste para ver se o seu **Fica aí** é forte o suficiente para manter um chapéu na cabeça. (Penny sempre enfeitiçava o meu para mim. Se eu fizesse isso, acabaria dormindo com aquela tralha na cabeça.)

Há um uniforme novinho em folha esperando por mim todo outono quando eu chego ao nosso quarto. Ele fica estendido sobre a cama, limpo, passado e na medida perfeita, não importa o quanto eu tenha crescido ou mudado.

As últimas séries – nas quais estou agora – vestem casacos verdes com debruns em branco. E suéteres vermelhos, se quisermos. Capas também são opcionais; jamais usei uma, elas fazem com que eu

me sinta um besta, mas Penny gosta delas. Ela diz que se sente como Stevie Nicks.

Eu gosto do uniforme. Gosto de saber o que vou vestir todo dia. Não sei o que vou vestir no ano que vem, quando tiver terminado Watford...

Pensei que poderia me juntar aos Homens do Mago. Eles têm seus próprios uniformes – algo como um cruzamento entre Robin Hood e MI6. Mas o Mago diz que esse não é o meu caminho.

É assim que ele fala comigo. "Não é o seu caminho, Simon. Seu destino está em outro lugar".

Ele quer que eu me mantenha afastado de todo mundo. Treinamento separado. Aulas especiais. Não creio que ele sequer me permitisse estudar em Watford caso não fosse o diretor de lá – e se ele não acreditasse que esse é o lugar mais seguro para mim.

Se eu perguntasse ao Mago o que eu deveria vestir depois de sair de Watford, ele provavelmente me arrumaria como um super-herói...

Não vou perguntar a ninguém o que deveria vestir quando eu for embora. Tenho dezoito anos. Eu

mesmo vou me vestir.

Ou Penny vai me dar uma mãozinha.

Nº 5 – Meu quarto

Eu deveria dizer "nosso quarto", mas não sinto saudade da parte em que o divido com Baz.

Você recebe a distribuição de seu quarto e colega de quarto em Watford no primeiro ano, e daí nunca mais se muda. Nunca precisa empacotar suas coisas ou retirar seus pôsteres.

Dividir um quarto com alguém que quer me matar, que deseja isso desde seus *onze anos*, tem sido... bem, tem sido uma merda, né?

No entanto, talvez o Cadinho tenha se sentido mal por colocar Baz e eu juntos (não literalmente; não *acredito* que o Cadinho seja consciente), porque pegamos o melhor quarto de Watford.

Nós moramos na Casa do Mímico, nas bordas do terreno da escola. É um prédio de pedra com quatro andares e meio, e nosso quarto fica bem no topo, em um tipo de torreão com vista para o fosso. O torreão é pequeno demais para mais do que um quarto, mas é maior do que os outros dormitórios dos alunos. E

era usado como acomodação da equipe, então temos nossa própria suíte.

Baz, na verdade, é uma pessoa razoavelmente decente para se compartilhar o banheiro. Ele fica lá a manhã toda, mas é asseado; e não gosta que eu toque em suas coisas, por isso mantém tudo fora do caminho. Penélope diz que nosso banheiro cheira a cedro e bergamota, e deve ser pelo Baz, porque definitivamente não sou eu.

Eu te contaria como a Penny consegue entrar no nosso quarto – meninas são banidas das casas dos meninos e vice-versa –, mas eu mesmo ainda não sei como ela faz isso. Acho que pode ter algo a ver com seu anel. Eu a vi usá-lo uma vez para descerrar uma caverna, então tudo é possível.

Nº 6 – O Mago

Também incluí o Mago na lista quando eu tinha onze anos. E houve várias ocasiões em que eu pensei que devesse excluí-lo.

Como no nosso sexto ano, quando ele praticamente me ignorou. Toda vez que eu tentava

falar com ele, ele me dizia que estava no meio de algo importante.

Ainda me diz isso às vezes. Entendo. Ele é o diretor. E mais do que isso: é o líder da Irmandade, então, tecnicamente, está no comando de todo o Mundo dos Bruxos. E não é como se ele fosse meu pai. Ele não é nada meu...

Mas é o mais próximo que eu cheguei de ter alguma coisa.

O Mago é quem veio até mim primeiro no mundo Normal e me explicou (ou tentou explicar) quem eu sou. Ele ainda cuida de mim, às vezes, quando nem percebo. E quando tem tempo para mim, para realmente conversar comigo, é quando me sinto mais conectado. Luto melhor quando ele está por perto. Eu penso melhor. É como se, quando está lá, eu quase acreditasse no que ele sempre me disse: que sou o bruxo mais poderoso que o Mundo dos Bruxos já conheceu.

E todo esse poder é uma coisa *boa*, ou ao menos vai ser, algum dia. Que em algum momento vou

conseguir me organizar e resolver mais problemas do que eu mesmo causo.

O Mago também é o único que tem permissão para entrar em contato comigo durante o verão.

E ele sempre se lembra do meu aniversário, em junho.

Nº 7 – Magia

Não a *minha* magia, necessariamente. Essa está sempre comigo e, honestamente, não é algo que me console muito.

O que eu sinto falta quando estou longe de Watford é apenas de *estar perto* de magia. Magia casual, ambiente. Gente lançando feitiços no corredor e durante as aulas. Alguém mandando um prato de linguiças pela mesa de jantar como se ele estivesse saltitando preso em fios.

O Mundo dos Bruxos não é um mundo de verdade. Nós não temos cidades. Nem mesmo bairros. Os Bruxos sempre viveram no meio da mundanidade. É mais seguro assim, de acordo com a mãe de Penélope; isso nos impede de nos afastarmos demais do resto do mundo.

“Foi o que as fadas fizeram”, diz ela. Se cansaram de lidar com todos os outros, vagaram para dentro das florestas por alguns séculos, depois não conseguiram encontrar o caminho de volta.

O único lugar em que os bruxos moram juntos, a menos que sejam parentes, é em Watford. Existem alguns clubes sociais e festas, reuniões anuais – esse tipo de coisa. Porém, Watford é o único lugar em que estamos juntos o tempo todo. E é por isso que todo mundo está formando casais loucamente nos últimos anos. “Se você não conhecer seu cônjuge em Watford”, diz Penny, “pode acabar sozinho” – ou participando de passeios de solteiros na Bretanha Mágica quando estiver com 32 anos.

Não sei com o que Penny está tão preocupada; ela tem um namorado na América desde o nosso quarto ano. (Ele era um estudante de intercâmbio em Watford.) Micah joga beisebol e tem um rosto tão simétrico, que seria possível invocar um demônio nele. Eles conversam por meio de ligações de vídeo quando ela está em casa; quando ela está na escola, ele escreve para ela quase todos os dias.

– Sim – ela me diz –, mas ele é *americano*. Eles não pensam em casamento do mesmo jeito que nós. Ele pode me largar por alguma Normal bonitinha que conhecer em Yale. Minha mãe diz que é o que está acontecendo com a nossa magia: vazando através de casamentos americanos mal-planejados.

Penny cita a mãe dela tanto quanto eu cito a Penny.

Ambas estão sendo paranoicas. Micah é um cara confiável. Vai se casar com a Penélope, e então vai querer levá-la para morar com ele. É com *isso* que nós todos deveríamos estar preocupados.

Enfim...

Magia. Sinto saudades de magia quando estou longe.

Quando estou sozinho, a magia é algo pessoal. Meu fardo, meu segredo.

Mas em Watford, magia é simplesmente o ar que respiramos. É o que me faz parte de algo maior, não o que me distingue.

Nº 8 – Ebb e as cabras

Comecei a ajudar Ebb, a pastora das cabras, durante meu segundo ano em Watford. E por algum tempo, ficar com as cabras foi basicamente minha atividade favorita. (O que rendeu muitas piadas para Baz.) Ebb é a pessoa mais gentil de Watford. Mais nova do que os professores. E surpreendentemente poderosa para alguém que resolveu passar a vida cuidando de cabras.

– E o que ser poderosa tem a ver com isso? – diria Ebb. – Gente alta não é obrigada a jogar bola ao cesto de lixo.

– Você diz basquete? (Morar em Watford significa que Ebb é um pouco isolada da realidade.)

– Tanto faz. Eu não sou um soldado. Não vejo por que deveria ter que lutar para viver, só porque consigo dar socos.

O Mago diz que somos todos soldados, todos nós com um grama de magia. "É isso que é perigoso nos costumes antigos", diz ele. "Os bruxos simplesmente seguiam seus rumos, fazendo o que sentiam vontade de fazer, tratando a magia como

um brinquedo ou um direito, não algo que eles devessem proteger".

Ebb não utiliza um cachorro com as cabras. Só o seu cajado. Eu já a vi virar todo o rebanho com um gesto da mão. Ela começou a me ensinar – como puxar as cabras de volta, uma por uma; como fazer todas sentirem de uma vez só que foram longe demais. Certa primavera, ela até me deixou ajudar nos partos...

Já não tenho muito tempo para passar com Ebb.

No entanto, mantenho Ebb e as cabras na minha lista de coisas para sentir saudade. Apenas para eu poder parar por um minuto e pensar nelas.

Nº 9 – A Floresta Oscilante

Eu deveria retirar isso da lista.

Foda-se a Floresta Oscilante.

Nº 10 – Agatha

Talvez eu devesse tirar Agatha da minha lista também.

Estou me aproximando de Watford. Estarei na estação em alguns minutos. Alguém vai vir da escola para me buscar...

Eu costumava guardar Agatha para o final. Passava o verão todo sem pensar nela, depois esperava até estar quase em Watford antes de permitir que ela voltasse à minha mente. Assim, não passaria o verão todo me convencendo de que ela era boa demais para ser verdade.

Mas agora... Eu não sei. Talvez Agatha *seja* boa demais para ser verdade, ao menos para mim.

No ano passado, imediatamente antes de Penny e eu sermos arrebatados pelo Insípidum, vi Agatha com Baz na Floresta Oscilante. Suponho que eu tenha sentido antes que talvez houvesse algo entre eles, mas nunca acreditei que ela fosse me trair daquele jeito – que ela fosse ultrapassar *esse* limite.

Não houve tempo para conversar com Agatha depois que eu a vi com Baz – estava ocupado demais sendo sequestrado e escapando em seguida. E aí não pude falar com ela durante o verão, porque eu

não posso falar com ninguém. E agora, eu não sei... Não sei o que Agatha é para mim.

Eu nem mesmo tenho certeza de que senti saudades dela.

1 *Scone* é um tipo de bolo tipicamente inglês, com massa bem neutra e crocante. (N. T.)

3.

Simon

Quando eu chego à estação, não há ninguém lá para se encontrar comigo. Ninguém que eu conheça, pelo menos – há um taxista de cara entediada com "Snow" escrito em um pedaço de papelão.

– Sou eu – digo. Ele parece em dúvida. Eu não tenho a aparência de um ricaço que estuda em internato, especialmente quando não estou de uniforme. Meu cabelo é curto demais – raspo a cabeça todo final de ano letivo – e meus tênis são baratos, e eu não pareço *entediado* o bastante; não consigo manter os olhos quietos.

– Sou eu – repito. Um pouco grosseiramente. – Você quer ver minha identidade?

Ele suspira e abaixa a placa.

– Se você quer ser deixado no meio do nada, camarada, não sou eu quem vai discutir.

Entro na parte de trás do táxi e coloco minha mochila no assento ao meu lado. O motorista dá partida no motor e liga o rádio. Eu fecho os olhos; em dias bons eu fico enjoado viajando na traseira de carros, e hoje não é um dia bom – estou nervoso, e tudo o que comi foi uma barra de chocolate e um saco de salgadinhos de queijo e cebola.

Quase lá agora.

Essa é a última vez que farei isso. Voltar para Watford no outono. Eu ainda vou voltar, mas não desse jeito, não como se estivesse voltando pra casa.

Começa a tocar "Candle in the Wind" no rádio e o motorista canta junto com o Elton John.

Vela ao vento é um feitiço perigoso. Os garotos da escola dizem que você pode usá-lo para dar mais de si... sabe como é, *resistência*. Mas, se você enfatizar a sílaba errada, acaba dando início a um incêndio que não dá para apagar. Um incêndio de verdade. Eu nunca tentaria esse feitiço, mesmo que tivesse necessidade; nunca tinha sido bom com duplos sentidos.

O carro atinge um buraco e eu sou jogado para a frente, batendo contra o assento diante de mim.

– Coloque o cinto – dispara o motorista.

Eu obedeço, dando uma olhada ao redor. Já estamos fora da cidade, em pleno interior. Engulo em seco e alongo os ombros, esticando-os para trás.

O taxista volta a cantar, mais alto agora – *never knowing who to turn to*[2] – como se realmente estivesse concentrado na música naquele momento. Eu penso em dizer para *ele* colocar o cinto.

Atingimos outro buraco e minha cabeça quase bate no teto. Estamos numa estrada de terra. Esse não é o caminho usual para Watford.

Olho de relance no espelho para o motorista. Tem alguma coisa errada – a pele dele é de um verde profundo e seus lábios são tão vermelhos quanto carne fresca.

Daí olho para ele e o vejo como é de fato, sentado à minha frente. É só um taxista. Dentes tortos, nariz amassado. Cantando Elton John.

Daí olho para o espelho: pele verde. Lábios vermelhos. Bonito como um astro pop. *Duende*.

Não espero para ver o que ele vai aprontar. Coloco a mão sobre meu quadril e começo a murmurar o encantamento para a Espada dos Magos.

É uma arma invisível – mais do que invisível, na verdade; ela nem sequer está lá até que se diga as palavras mágicas.

O duende me escuta lançar o encantamento e nossos olhos se cruzam no espelho. Ele sorri e tenta enfiar a mão dentro do casaco.

Se Baz estivesse aqui, tenho certeza de que ele faria uma lista de todos os feitiços que eu poderia usar nesse momento. Provavelmente, existe algo em francês que serviria à perfeição. Contudo, assim que a espada aparece em minha mão, cerro os dentes e deslizo-a na horizontal pelo banco dianteiro, arrancando a cabeça do duende que se virava para mim – e o apoio de cabeça do banco também. *Voilà*.

Ele continua dirigindo por um segundo, depois o volante fica maluco. Graças à magia, não há barreiras entre nós – eu solto meu cinto de segurança e mergulho por cima do banco (e do lugar onde a cabeça do duende ficava) para agarrar o

volante. O pé dele ainda deve estar no acelerador; já estamos fora da estrada e acelerando.

Tento nos levar de volta à estrada. Na verdade, eu não sei dirigir – puxo o volante para a esquerda, e a lateral do táxi bate contra uma cerca de madeira. O airbag se abre na minha cara e eu voo para trás, o carro ainda batendo em alguma coisa, provavelmente mais cerca. Eu nunca pensei que morreria *assim...*

O táxi para antes que eu invente algum jeito de me salvar.

Metade de mim está no piso do carro, e eu bati a cabeça na janela, depois do banco. Quando eu contar tudo isso a Penny, vou pular a parte em que soltei o cinto de segurança.

Estico o braço acima da cabeça e puxo a maçaneta da porta. A porta se abre, e eu caio para fora do táxi de costas na grama. Parece que atravessamos a cerca e derrapamos para dentro de um campo. O motor ainda está funcionando. Fico de pé, gemendo, depois estendo a mão pela janela do motorista e desligo o carro.

Lá dentro está um espetáculo. Sangue por todo o airbag. E pelo cadáver. E em cima de mim.

Abro o casaco do duende, mas não encontro nada além de um pacote de chicletes e um estilete. Isso não parece trabalho do Insípidum – não havia nenhuma comichão, nenhum sinal da presença dele no ar. Respirei fundo para ter certeza.

Provavelmente, só outra tentativa de vingança, então. Os duendes estavam atrás de mim desde que ajudei a Irmandade a expulsá-los de Essex. (Eles estavam devorando bêbados em banheiros de clubes, e o Mago estava preocupado com a perda de gírias regionais.) Acho que o duende que for bem-sucedido em acabar comigo poderá ser rei.

Esse aqui não vai arranjar uma coroa. Minha lâmina ficou presa no assento ao lado dele, então eu a puxo para fora e deixo-a desaparecer de novo no meu quadril. Em seguida, me recordo da mochila e também a apanho, limpando o sangue na calça de corrida cinza antes de abrir a mochila para apanhar minha varinha. Não posso simplesmente deixar essa

bagunça aqui, e não acho que valha a pena guardar algo que sirva como evidência.

Seguro a varinha sobre o táxi e sinto a magia subir à flor da pele.

– Me ajude aqui – murmuro. – ***Saia, saia, mancha maldita!***

Eu já vi Penélope usar esse feitiço para se livrar de coisas indescritíveis. Comigo, porém, tudo o que ele faz é retirar um pouco do sangue da minha calça. Bom, já é alguma coisa.

A magia está se acumulando em meu braço – tão espessa, que meus dedos tremem.

– Vamos lá – digo, apontando. – ***Leve isso embora!***

Faíscas saltam da varinha e das pontas dos meus dedos.

– Porra, vamos, *vamos...* – Eu chacoalho o pulso e aponto de novo. Noto a cabeça do duende caída na grama perto dos meus pés, de volta ao seu verde verdadeiro. Duendes são demônios lindos. (Mas a maioria dos demônios está razoavelmente em forma.) – Suponho que você tenha comido o taxista –

digo, chutando a cabeça na direção do táxi. Meu braço parece estar queimando.

– ***Some daqui!*** – grito.

Sinto uma descarga quente subir do chão até a ponta de meus dedos, e o carro desaparece. E a cerca desaparece. E a estrada...



Uma hora depois, suado e ainda coberto de sangue seco de duende e daquele pó que sai dos airbags, eu finalmente vejo os prédios da escola à minha frente. (Foi só um pedaço daquela estrada de terra que desapareceu, e nem era uma boa estrada para começo de conversa. Só tive que achar o caminho até a estrada principal e então segui-la até aqui.)

Todos os Normais pensam que Watford é um internato extremamente exclusivo. O que não deixa de ser. O terreno é coberto de feitiços de glamour. Ebb me contou uma vez que nós sempre lançamos novos feitiços na escola conforme os desenvolvemos. Então há camadas e mais camadas

de proteção. Se você é um Normal, toda essa magia faz seus olhos arderem.

Eu vou até o alto portão de ferro – A ESCOLA WATFORD está escrito no topo dele – e pouso minha mão sobre as barras para permitir que elas sintam minha magia.

E aquilo já era o suficiente. As portas se abririam para qualquer um que fosse um mago. Há até uma inscrição acima do portão: A MAGIA NOS SEPARA DO MUNDO; NÃO PERMITAM QUE NADA NOS SEPARE UNS DOS OUTROS.

– É um belo pensamento – disse o Mago quando apelou à Irmandade por defesas mais rígidas –, mas não podemos aceitar ordens de segurança de um portão de seiscentos anos. Não espero que as pessoas que vão até a minha casa obedeçam qualquer coisa que esteja bordada nas almofadas.

Eu estava nessa reunião da Irmandade com Penélope e Agatha. (O Mago nos queria ali para mostrar o que estava em risco. "As crianças! O futuro do nosso mundo!") Eu não escutei o debate todo. Minha mente divagou, pensando sobre onde o Mago

morava de verdade e se eu algum dia seria convidado para lá. Era difícil imaginá-lo numa casa, ainda mais com almofadas. Ele tinha seus aposentos em Watford, mas ficava fora por semanas. Quando eu era mais novo, achava que o Mago vivia nas florestas quando estava longe, comendo nozes e frutas selvagens e dormindo em tocas de texugo.

A segurança no portão de Watford e ao longo do muro exterior ficou mais rígida a cada ano.

Um dos Homens do Mago – o irmão de Penélope, Premal – está estacionado próximo à entrada. Ele provavelmente está furioso com esse posto. O resto da equipe do Mago deve estar lá em cima, no escritório dele, planejando a próxima ofensiva, e Premal está aqui embaixo, checando os alunos do primeiro ano. Ele para em frente a mim.

– Tudo bem, Prem?

– Parece que eu é que deveria te fazer essa pergunta...

Olho para baixo, para minha camiseta sangrenta.

– Duende – digo.

Premal assente e aponta sua varinha para mim, murmurando um feitiço de limpeza. Ele é tão poderoso quanto Penny. Pode lançar feitiços praticamente só formando as palavras, sem emitir som.

Detesto quando lançam feitiços de limpeza em mim; faz com que me sinta uma criança.

– Obrigado – digo mesmo assim, e começo a me afastar.

Premal me impede com seu braço.

– Só um minuto aí – diz ele, erguendo a varinha até a minha testa. – Medidas especiais hoje. O Mago diz que o Insípidum está andando por aí com a sua cara.

Eu me encolho, mas tento não me afastar da varinha dele.

– Pensei que isso deveria ser um segredo.

– Certo – disse ele. – Um segredo que gente como eu precisa saber se vamos proteger vocês.

– Se eu fosse o Insípidum – digo eu –, já poderia ter devorado você a essa altura.

– Talvez seja isso o que o Mago tem em mente – diz Premal. – Ao menos aí saberíamos com certeza que era ele mesmo. – Ele abaixa a varinha. – Você está limpo. Prossiga.

– Penélope já está aqui?

Ele dá de ombros.

– Não sou o guardião da minha irmã.

Por um segundo, eu penso que ele está dizendo isso com ênfase, com magia, lançando um feitiço – mas ele me dá as costas e se apoia contra o portão.



Não tem ninguém no Grande Gramado. Eu devo ser um dos primeiros alunos a voltar. Começo a correr, só porque posso, incomodando um bando de andorinhas escondido na grama. Elas explodem ao meu redor, chilreando, e eu continuo correndo. Pelo Gramado, pela ponte levadiça, passando por outra muralha e atravessando mais dois portões.

Watford está aqui desde os anos 1500. Ela é montada como uma cidade murada – campos e florestas no exterior das muralhas, prédios e pátios

no interior. À noite, a ponte levadiça é erguida e nada passa pelo fosso e pelos portões internos.

Não paro de correr até estar no topo da Casa dos Mímicos, tombando contra minha porta. Saco a Espada dos Magos e a utilizo para fazer um corte em meu polegar, pressionando-o na pedra. Há um feitiço para isso, para se reapresentar ao quarto após tantos meses distante – mas o sangue é mais rápido e mais certeiro, e Baz não está por aqui para sentir o cheiro. Enfio o polegar na boca e abro a porta, sorrindo.

Meu quarto. Será nosso quarto de novo em alguns dias, mas por enquanto é meu. Vou até as janelas e abro uma delas. O ar fresco tem um cheiro ainda mais doce agora que estou aqui dentro. Abro a outra janela, ainda sugando o polegar, e observo montinhos de poeira girarem na brisa e na luz do sol, para depois caírem outra vez em minha cama.

O colchão é velho – recheado com plumas e preservado com feitiços –, e eu afundo. *Merlin*. Por Merlin, Morgana e Matusalém, é bom estar de volta. É sempre tão bom estar de volta.

A primeira vez que eu voltei a Watford, no meu segundo ano, subi na minha cama na mesma hora e chorei como um bebê. Ainda estava chorando quando Baz entrou.

– Por que você *já está* chorando? – rosnou ele. – Está arruinando meus planos de te fazer chorar.

Agora fecho os olhos e absorvo o máximo de ar que sou capaz.

Plumas. Poeira. Lavanda.

Água do fosso.

Mais aquele cheiro levemente acre que Baz diz vir dos licarenos, os lobos-sereios. (Não deixe o Baz começar a falar sobre os licarenos; às vezes, ele se debruça para fora de nossa janela e cospe no fosso, só para espezinhá-los.)

Se ele já estivesse aqui, eu mal sentiria o cheiro de qualquer coisa por causa do seu sabonete chique... Agora respiro fundo, tentando captar um traço de cedro.

A porta dá uma sacudida e eu me levanto subitamente, levando a mão ao quadril e conjurando de novo a Espada dos Magos. Já é a

terceira vez hoje; talvez eu devesse mantê-la comigo. Esse encantamento é o único feitiço que eu sempre acerto, talvez por não ser como os outros. É mais como uma promessa: *"Na justiça. Na coragem. Na defesa dos fracos. Diante dos poderosos. Por meio da magia, da sabedoria e do bem."*

Ela não *precisa* aparecer.

A Espada dos Magos é minha, mas não pertence a ninguém. Ela não vem, a menos que confie em você.

O punho se materializa em minha mão e eu levo a espada ao meu ombro no instante em que Penélope abre a porta com um empurrão.

Deixo a espada cair.

– Você não deveria ser capaz de fazer isso – digo.

Ela encolhe os ombros e se joga na cama de Baz.

Posso sentir meu rosto sorrindo.

– Você não deveria nem ser capaz de passar pela porta da frente.

Penélope torna a encolher os ombros e empurra o travesseiro de Baz para cima sob sua cabeça.

– Se Baz descobrir que você tocou na cama dele, vai te matar – aviso.

– Ele que tente.

Giro meu pulso de uma maneira muito específica, e a espada desaparece.

– Você está horrível – diz ela.

– Dei de cara com um duende na vinda para cá.

– Será que eles não podiam simplesmente *votar* em quem vai ser o próximo rei? – Sua voz era despreocupada, mas notei que ela estava me examinando. Na última vez que ela me viu, eu estava uma pilha de feitiços e trapos. Na última vez que eu vi Penny, tudo estava se desmantelando...

Nós tínhamos acabado de escapar do Insípidum, fugido de volta para Watford, e emergido na Capela Branca no meio da cerimônia de final de ano – a pobre Elspeth recebia um prêmio por oito anos de presença perfeita. Eu ainda sangrava (através dos meus poros, e ninguém sabia por quê). Penny chorava. A família dela estava lá – porque a família de todo mundo estava lá –, e a mãe dela começou a gritar com o Mago. "Olhe para eles! Isso é culpa *sua*!" E então o irmão dela, Premal, se colocou entre os dois e começou a responder aos gritos também. As

pessoas acharam que o Insípidum devia estar logo atrás de nós dois, e fugiram da Capela com as varinhas nas mãos. Foi o meu típico caos de final de ano multiplicado por *cem*, e a sensação era pior do que apenas caótica. A sensação era de final.

Aí a mãe de Penélope enfeitiçou a família toda embora, até mesmo Premal. (Provavelmente só até o carro deles, mas ainda assim foi bem dramático.)

Não conversei com Penny desde então.

Parte de mim quer agarrá-la agora mesmo e apalpá-la da cabeça aos pés, só para ter certeza de que ela está inteira – mas Penny odeia ceninhas tanto quanto sua mãe as adora. "Não diga 'olá', Simon", ela me disse. "Porque aí teremos que dizer adeus, e eu não suporto despedidas."

Meu uniforme está estendido no pé da cama, e eu começo a guardá-lo, peça por peça. Novas calças cinzentas. Nova gravata listrada de verde e púrpura...

Penélope suspira audivelmente atrás de mim. Eu volto para minha cama e me jogo, de frente para ela, tentando não sorrir de orelha a orelha.

A cara dela está espremida em um muxoxo.

– O que é que já está te incomodando? – pergunto.

– *Trixie* – ela bufa. Trixie é sua colega de quarto. Penny diz que trocaria Trixie por uma dúzia de vampiros conspiradores do mal. Num piscar de olhos.

– O que foi que ela fez?

– Voltou.

– E você esperava o quê?

Penny ajusta o travesseiro de Baz.

– Todo ano ela volta mais maníaca do que era no ano anterior. Primeiro ela transformou o cabelo em uma nuvem de dente-de-leão, depois chorou quando o vento a levou embora.

Eu gargalho.

– Em defesa de Trixie – digo –, ela é meio fada. E a maioria das fadas é um pouco maníaca.

– Ah, e ela bem sabe disso. Juro que ela usa isso como desculpa. Não vou conseguir sobreviver outro ano com ela. Não dá pra garantir que eu não vou

transformar a cabeça dela num dente-de-leão com um feitiço e soprar.

Contenho outra gargalhada e faço um grande esforço para não abrir um sorriso imenso para ela. Grandes cobras! Como é bom vê-la.

– É o seu último ano – digo. – Você vai conseguir.

Os olhos de Penny ficam sérios.

– É o *nosso* último ano – diz ela. – Adivinhe só o que você vai estar fazendo no próximo verão?

– O quê?

– Matando tempo comigo.

Eu liberto meu sorriso.

– Caçando o Insípidum?

– Foda-se o Insípidum – diz ela.

Nós dois rimos, e eu meio que faço uma careta, porque o Insípidum é igualzinho a mim – uma versão de mim aos onze anos. (Se a Penny não o tivesse visto também, eu acharia que tinha alucinado a coisa toda.)

Estremeço.

Penny repara nisso.

– Você está magro demais – diz ela.

– É o moletom.

– Então troque de roupa. – Ela já se trocou. Está usando sua saia cinza pregueada do uniforme e um suéter vermelho. – Vá logo – diz ela –, está quase na hora do chá.

Sorrio novamente e pulo da cama, apanhando uma calça jeans e uma blusa de moletom roxa onde se lê WATFORD LACROSSE. (Agatha joga.)

Penny agarra meu braço quando eu passo pela cama de Baz a caminho do banheiro.

– É bom te ver – cochicha ela.

Eu sorrio. De novo. Penny faz minhas bochechas doerem.

– Não faça uma cena – cochicho de volta.

2 “Sem nunca saber a quem pedir ajuda.”

4.



Magro demais. Ele está magro demais. E algo pior... arranhado.

Simon sempre fica melhor depois de alguns meses do rosbife de Watford. (E do pudim Yorkshire, e do chá com excesso de leite, e das linguiças gordinhas, e dos sanduíches de scone com manteiga.) Ele tem ombros largos e nariz achatado, e quando fica magro demais, sua pele simplesmente pende de seus malares.

Estou acostumada a vê-lo magro desse jeito, todo outono. Mas hoje está pior.

O rosto dele parece ressecado. Seus olhos têm um contorno vermelho e a pele ao redor deles está áspera e manchada. Suas mãos também estão

vermelhas e, quando ele fecha os punhos, os nós dos dedos ficam brancos.

Até seu sorriso está horrível. Grande demais, vermelho demais para seu rosto.

Não consigo olhá-lo nos olhos. Agarro a manga de sua camisa quando ele se aproxima e fico aliviada por ele continuar andando. Se não continuasse, talvez eu não o soltasse. Talvez eu o agarrasse e o segurasse e nos enfeitiçasse para o mais longe possível de Watford. Poderíamos voltar depois que tudo tivesse acabado. Deixe que o Mago, os Pitches, o Insípidum e todo o resto travem as guerras nas quais depositaram seus corações.

Simon e eu poderíamos arrumar um apartamento em Anchorage. Ou Casablanca. Ou Praga.

Eu leria e escreveria. Ele dormiria e comeria. E nós dois viveríamos para ver o final dos dezenove anos. Talvez até o dos vinte.

Eu faria isso. Eu o levaria para longe – se não acreditasse que ele é o único que pode fazer alguma diferença por aqui.

Se eu roubasse Simon e o mantivesse a salvo...

Não tenho certeza de que haveria um Mundo dos Bruxos para o qual retornar.

5.

Simon

Temos o refeitório praticamente só para nós.

Penélope senta-se na mesa com os pés em uma cadeira. (Porque ela gosta de fingir que não está nem aí.)

Há algumas crianças mais novas, do primeiro e segundo anos, do outro lado do salão, tomando chá com os pais. Noto que eles, tanto as crianças quanto os adultos, estão todos tentando dar uma olhada em mim. As crianças vão se acostumar comigo depois de algumas semanas, mas essa vai ser a única chance de seus pais encherem os olhos.

A maioria dos bruxos sabe quem eu sou. A maioria deles sabia que eu estava vindo antes que eu mesmo soubesse; há uma profecia a meu respeito – algumas, na verdade –, sobre um mago superpoderoso que vai aparecer e arrumar tudo.

E surgirá alguém para acabar conosco.
E alguém que o arruinará.
Que o maior poder entre os poderes reine,
Que ele salve a todos nós.

O Maior Mago. O Escolhido. O Poder dos Poderes.

Parece estranho acreditar que esse cara deveria ser eu. Porém, também não posso negar. Digo, ninguém mais tem um poder como o meu. Nem sempre consigo controlá-lo ou direcioná-lo, mas ele está lá.

Acho que quando apareci em Watford as pessoas tinham meio que desistido das antigas profecias. Ou imaginado que o Maior Mago tinha surgido e desaparecido sem que ninguém reparasse.

Não acredito que *alguém* esperasse que o Escolhido viesse do mundo Normal – da mundanidade.

Nunca havia nascido um mago de pais Normais.

No entanto, isso deve ter acontecido comigo, porque bruxos não abandonam seus filhos. "Não existem órfãos mágicos", diz Penny. A magia é preciosa demais.

O Mago não me contou nada disso quando veio me buscar pela primeira vez. Eu não sabia que era o primeiro Normal a ter magia, ou que era o mais poderoso bruxo de que já se tinha ouvido falar. Ou que muitos bruxos – especialmente os inimigos do Mago – pensavam que ele tivesse me inventado, como algum tipo de golpe político. Um cavalo de troia de onze anos de idade com jeans folgado e cabeça raspada.

Quando cheguei a Watford pela primeira vez, algumas das Famílias Antigas queriam que eu fizesse o circuito, que conhecesse todo mundo que valia a pena conhecer, para que eles pudessem dar uma olhada em mim pessoalmente. Conferir meus dentes. Mas o Mago não aceitou. Ele diz que a maioria dos bruxos está tão envolvida em suas próprias tramas mesquinhas e lutas pelo poder, que perdem a perspectiva, a visão geral. "Não verei você se tornar o peão de ninguém, Simon".

Agora fico contente por ele ter sido tão protetor. Seria legal conhecer mais bruxos e me sentir mais como parte de uma comunidade, mas eu fiz meus

próprios amigos – e os fiz quando éramos jovens, quando nenhum deles se impressionava muito com meu Grande Destino.

No máximo, meu status de celebridade tem sido uma desvantagem para fazer amizades em Watford. Todos sabem que as coisas tendem a explodir ao meu redor. (Embora *ninguém* tenha explodido ainda – o que já é alguma coisa.)

Eu ignoro as encaradas das outras mesas e ajudo Penélope a pegar nosso chá.

Apesar de frequentarmos um internato exclusivo – com sua própria catedral e seu próprio fosso –, ninguém é mimado em Watford. Nós mesmos cuidamos da faxina e, depois do quarto ano, lavamos nossa própria roupa. Temos permissão de usar a magia para essas tarefas, mas eu normalmente não o faço. A Cozinheira Pritchard cuida da cozinha com alguns ajudantes, e todos nós nos revezamos servindo as refeições. Nos fins de semana, cada um se serve.

Penélope pega um prato de sanduíches de queijo e uma montanha de scones quentinhos para nós; eu

acabo com metade de um bloco de manteiga. (Como meus scones com grandes nacos de manteiga, de modo que ela derrete por fora, mas ainda mantém um pedacinho gelado no meio.) Penny me observa como se eu fosse levemente asqueroso, mas também como se tivesse sentido minha falta.

– Conte-me sobre o seu verão – peço, entre mordidas.

– Foi bom – diz ela. – Bom mesmo.

– É? – Migalhas voam da minha boca.

– Meu pai e eu fomos até Chicago. Ele pesquisou um pouco em um laboratório de lá, e Micah e eu ajudamos. – Ela relaxa assim que menciona o nome do namorado. – O espanhol de Micah é incrível. Ele me ensinou tantos feitiços novos... Acho que se eu estudar um pouco mais a linguagem, vou ser capaz de lançá-los como uma nativa.

– E como ele está?

Penélope cora e dá uma mordida no sanduíche para não precisar responder logo de cara. Faz apenas alguns meses desde que a vi, mas ela está diferente. Mais adulta.

As garotas não precisam usar saias em Watford, mas tanto Penélope quanto Agatha gostam de usar. Penny veste saias pregueadas que vão até o joelho, geralmente com meias que chegam até o joelho, quadriculadas nas cores da escola. Os sapatos dela são daquele tipo preto com fivelas, como Alice usa no País das Maravilhas.

Penny sempre pareceu mais nova do que é – tudo nela é arredondado e de menina, ela tem bochechas gordinhas e pernas roliças e covinhas nos joelhos –, e o uniforme faz com que pareça ainda mais jovem.

E no entanto... ela mudou neste verão. Está começando a parecer uma mulher em roupas de menina.

– Micah está bem – diz ela finalmente, empurrando o cabelo escuro para trás das orelhas. – Foi o maior tempo que passamos juntos desde que ele esteve aqui.

– Então a emoção não acabou?

Ela ri.

– Não. No máximo, tudo pareceu... real. Pela primeira vez.

Não sei o que dizer, então tento sorrir para ela.

– Argh – diz ela. – Fecha essa boca.

Eu fecho.

– Mas e você? – pergunta Penny. Posso ver que ela estava esperando para me interrogar e que não consegue esperar mais. Dá uma espiada ao nosso redor e se inclina para a frente. – Pode me dizer o que aconteceu?

– O que aconteceu quando?

– Neste verão.

Dou de ombros.

– Não aconteceu nada.

Ela se recosta, suspirando.

– Simon, não é culpa minha eu ter ido para a América. Tentei ficar.

– Não – digo. – Quero dizer, não há *nada para contar*. Você foi embora. Todo mundo foi embora. Eu voltei a viver na Assistência Social. Liverpool, dessa vez.

– Você quer dizer que o Mago simplesmente... te mandou embora? Depois de tudo? – Penélope parece confusa. Eu não a culpo.

Eu tinha acabado de escapar de um sequestro, e a primeira coisa que o Mago fez foi me mandar embora.

Pensei, quando Penny e eu contamos ao Mago o que havia ocorrido, que ele iria querer partir atrás do Insípidum imediatamente. Nós sabíamos onde o monstro estava; finalmente sabíamos qual era a aparência dele!

O Insípidum vem atacando Watford há tanto tempo quanto eu estou aqui. Ele envia criaturas sombrias. Esconde-se de nós. Deixa uma trilha de pontos mortos na atmosfera mágica. E finalmente nós tínhamos uma *pista*.

Eu queria encontrá-lo. Eu queria puni-lo. Eu queria acabar com isso de uma vez por todas, lutando ao lado do Mago.

Penélope pigarreia. Devo parecer tão perdido quanto me sinto.

– Você já falou com a Agatha? – pergunta ela.

– Agatha? – Passo manteiga em outro scone. Eles já esfriaram, e a manteiga não derrete. Penny ergue a mão direita e a grande pedra púrpura em seu dedo

cintila sob a luz do sol: ***"Quanto mais quente, melhor!"***.

É um desperdício de magia. Ela desperdiça magia comigo constantemente. A manteiga derrete no scone agora fumegante, e eu o jogo de uma mão para a outra.

– Você sabe que a Agatha não tem permissão para falar comigo durante o verão.

– Pensei que talvez ela fosse dar um jeito dessa vez – diz Penélope. – Medidas especiais para tentar se explicar.

Desisto do scone pelando e o deposito no prato.

– Ela não desobedeceria ao Mago. Ou aos pais dela.

Penny apenas me observa. Agatha também é amiga dela, mas Penélope a julga com muito mais rigidez do que eu. Não é função minha julgar a Agatha; minha função é ser seu namorado.

Penny suspira e desvia o olhar, chutando a cadeira.

– Então é isso? Nada? Nenhum progresso? Só outro verão? O que nós deveríamos fazer agora?

Normalmente sou eu que chuto coisas, mas andei chutando paredes – e qualquer um que me olhasse meio diferente – o verão todo. Dou de ombros.

– Voltar para a escola, acho.



Penélope não quer ir para seu quarto.

Ela disse que a namorada da Trixie também voltou cedo, e elas não têm nenhuma noção de limites pessoais.

– Por acaso já te contei que a Trixie furou as orelhas esse verão? Ela tá usando uns sinos grandes e barulhentos bem na parte pontuda.

Às vezes eu acho que as diatribes da Penny a respeito de Trixie são quase especistas. Eu digo isso a ela.

– Fácil pra você dizer isso – responde ela, toda estirada na cama de Baz outra vez. – Você não mora com uma fada.

– Eu moro com um vampiro! – argumento.

– Não confirmado.

– Está dizendo que você não acredita que Baz seja um vampiro?

– Eu sei que ele é um vampiro – diz ela. – Mas isso ainda não foi confirmado. Nós nunca realmente chegamos a vê-lo bebendo sangue.

Estou sentado no parapeito da janela e debruçado de leve sobre o fosso, segurando-me no trinco da janela aberta. Eu zombo:

– Nós o vimos coberto de sangue. Encontramos pilhas de ratos murchos com marcas de presas lá nas Catacumbas... Eu já te disse que as bochechas dele ficam bem cheias quando ele tem um pesadelo? Como se sua boca estivesse se enchendo de dentes extras?

– Evidência circunstancial – diz Penny. – E ainda não sei por que você chegaria perto de um vampiro que tem terrores noturnos.

– Eu moro com ele! Tenho que ficar esperto.

Ela revira os olhos.

– Baz jamais vai te ferir no seu quarto.

Ela tem razão. Ele não pode. Nossos quartos são enfeitiçados contra traições – é o Anátema do Colega

de Quarto. Se Baz fizer qualquer coisa para me machucar dentro do nosso dormitório, será lançado para fora da escola. O pai da Agatha, Dr. Wellbelove, disse que isso aconteceu uma vez quando ele estava na escola. Algum moleque deu um soco em seu colega de quarto, depois foi sugado por uma janela e aterrissou do lado de fora do portão da escola. Ele nunca mais se abriu para esse aluno.

Você recebe avisos quando é novo: durante os primeiros dois anos, se tentar bater ou machucar seu colega de quarto, suas mãos ficam rígidas e frias. Eu joguei um livro em Baz no nosso primeiro ano, e levou três dias para a minha mão descongelar.

Baz nunca violou o Anátema. Nem quando éramos pequenos.

– Quem é que sabe do que ele é capaz enquanto dorme? – digo.

– Você sabe – diz Penny –, de tanto vigiá-lo.

– Eu moro com uma criatura sombria, tenho razão de ser paranoico!

– Trocaria a minha fada pelo seu vampiro num piscar de olhos. Não existe anátema para impedir

que alguém seja mortalmente irritante.

Penny e eu voltamos ao refeitório para buscar o jantar – batata doce assada, linguiça e pãezinhos brancos crocantes –, depois trazemos tudo para o meu quarto. Nós nunca podemos ficar assim juntos quando Baz está por aqui. Ele deduraria Penny.

Parece uma festa. Só nós dois, nada pra fazer. Ninguém de quem se esconder ou com quem lutar. Penélope diz que vai ser assim algum dia, quando tivermos nosso apartamento juntos... Mas isso não vai acontecer. Ela vai para a América assim que a guerra tiver terminado. Talvez até antes disso.

E eu vou morar junto com a Agatha.

Agatha e eu vamos resolver seja lá o que isso for; sempre nos resolvemos. Fazemos sentido juntos. Provavelmente vamos nos casar depois de terminar a escola – foi quando os pais dela se casaram. Sei que ela quer morar no interior... Não tenho como pagar por algo assim, mas ela tem dinheiro, e vai encontrar um trabalho que a faça feliz. E o pai dela vai me ajudar a encontrar trabalho, se eu pedir.

É gostoso pensar nisso: viver o bastante para ter que descobrir o que fazer da vida.

Assim que Penélope termina de jantar, esfrega as mãos uma na outra.

– Certo – diz ela.

Eu emito um grunhido.

– Ainda não.

– Como assim, "ainda não"?

– Quero dizer, não vamos começar com as estratégias, ainda não. Nós acabamos de chegar aqui. Ainda estou me ajeitando.

Ela olha para o quarto a sua volta.

– O que é que você tem para ajeitar, Simon? Já guardou suas duas calças de moletom.

– Estou desfrutando da paz e do silêncio.

Estendo a mão para o prato dela e acabo com suas linguiças.

– Não existe paz – diz ela. – Apenas silêncio. E ele me deixa nervosa. Precisamos de um plano.

– Existe paz, *sim*. Baz ainda não está aqui e, veja só – eu gesticulo com o garfo dela ao nosso redor –, não há nada nos atacando.

– Diz o cara que acaba de ser atacado por um duende. *Simon* – diz ela –, só porque estivemos fora por dois meses não significa que a guerra tirou férias.

– Você fala como o Mago – digo, de boca cheia.

– Ainda não posso acreditar que ele te ignorou por todo o verão.

– Ele provavelmente está ocupado demais com "a guerra".

Penny suspira e dobra as mãos. Ela está esperando que eu seja razoável.

Vou fazê-la esperar.

A guerra.

Não faz sentido falar sobre *a guerra*. Ela vai chegar aqui muito em breve. Não se trata sequer de uma guerra: são duas ou três – a guerra civil que está se formando, as hostilidades com as criaturas sombrias que sempre estiveram presentes e esse sei-lá-o-quê com o Insípidum –, e tudo isso vai bater à minha porta em algum momento oportuno...

– Certo – repete Penny. E eu devo parecer bem triste, porque em seguida ela diz: – Acho que a

guerra ainda vai estar aí amanhã.

Limpo o prato dela, e Penny se ajeita confortavelmente na cama de Baz. Eu nem a azucrino por isso. Deito na minha própria cama, escutando-a falar sobre aviões e supermercados americanos e a grande família de Micah.

Ela adormece enquanto me conta sobre uma canção que ouviu, uma música que ela acha que vai ser um feitiço algum dia, embora eu não consiga pensar em qualquer utilidade para "Call me maybe".

– Penélope?

Ela não responde. Eu me debruço para fora da cama e bato com meu travesseiro nas pernas dela – nossas camas ficam assim próximas; Baz nem precisaria sair da cama para me matar. Ou vice-versa, acho.

– *Penny*.

– Que foi? – diz ela, no travesseiro de Baz.

– Você tem que voltar pro seu quarto.

– Não quero voltar.

– Mas precisa. O Mago vai te dar uma suspensão se você for pega aqui.

– Deixe. Estou mesmo precisando de tempo livre.

Saio da cama e fico de pé perto dela. O cabelo escuro está espalhado pela fronha, e seus óculos estão amassados contra a bochecha. A saia subiu e suas coxas nuas parecem macias e lisas.

Eu a belisco. Ela dá um pulo.

– Venha – digo –, eu te levo.

Penny endireita os óculos e ajeita a camisa.

– Não. Não quero que veja como eu consigo passar pelas defesas.

– Porque não é algo que você gostaria de compartilhar com o seu melhor amigo?

– Porque é divertido ver você tentar descobrir.

Eu abro a porta e espio a escadaria. Não vejo nem ouço ninguém.

– Ótimo – digo, mantendo a porta aberta. – Boa noite.

Penny passa por mim.

– Boa noite, Simon. Te vejo amanhã.

Eu sorrio. Não posso evitar – é simplesmente bom demais estar de volta.

– Te vejo amanhã.

Assim que fico sozinho, visto meu pijama da escola – Baz traz o dele de casa, mas eu gosto do da escola. Eu não durmo de pijama quando estou nos abrigos para jovens, nunca dormi. Me faz sentir, não sei... vulnerável. Eu me troco e rastejo para a cama, suspirando.

Essas noites em Watford antes de Baz chegar são as únicas da minha vida em que durmo de verdade.



Não sei que horas são quando eu acordo. O quarto está escuro e há um facho de luar atravessando minha cama.

Pensei ter visto uma mulher de pé junto à janela, e a princípio acho que é Penny. Depois a silhueta se move e eu acho que é Baz.

Em seguida, concluo que estou sonhando, e volto a dormir.

6.



Tem tanta coisa que eu quero te contar.
Mas nosso tempo é curto.
E minha voz é baixa.

7.

Simon

O sol mal acaba de nascer. Ouço a porta se abrir com um rangido e puxo as cobertas por cima da cabeça.

– Vá embora – digo, esperando que Penny comece a falar comigo mesmo assim. Ela é boa em me fazer esquecer de imediato o quanto senti sua falta durante o verão.

Alguém pigarreia.

Abro meus olhos e vejo o Mago de pé perto da porta, parecendo divertido – ao menos superficialmente. Escondido logo abaixo há algo sombrio.

– Senhor. – Eu me sento. – Me desculpe.

– Não se desculpe, Simon. Você não deve ter me ouvido bater.

– Não... Só deixe eu, eu vou, hã... me vestir.

– Não se incomode – diz ele, caminhando até a janela e deixando um amplo espaço entre a cama de Baz e seu corpo. Até o Mago tem medo de vampiros. Ele não chamaria de "medo", contudo. Chamaria de "cautela" ou "prudência".

– Me desculpe por não estar aqui para lhe dar as boas-vindas ontem – diz ele. – Como foi a sua viagem?

Eu afasto as cobertas e me sento na beirada da cama. Ainda estou de pijamas, mas pelo menos estou sentado.

– Foi boa – digo. – Quero dizer, acho que... não exatamente boa. Meu taxista era um duende.

– Outro duende? – Ele se vira da janela para mim, as mãos juntas atrás das costas. – Persistentes, não? Ele estava sozinho?

– Sim, senhor. Tentou fugir comigo.

Ele balança a cabeça.

– Nunca pensam em atacar em pares. Que feitiço você usou?

– Usei minha espada, senhor. – Eu mordo o lábio.

– Bom – diz ele.

– E **Some daqui** para limpar tudo.

O Mago arqueia a sobrancelha.

– Excelente, Simon. – Ele olha para meu pijama e para meus pés descalços, depois parece examinar meu rosto. – E como foi esse verão? Algo a relatar? Alguma coisa fora do normal?

– Eu teria entrado em contato, senhor.

Eu *posso* entrar em contato com ele, se for preciso. Tenho o número do seu celular. Também poderia enviar um pássaro.

O Mago assente.

– Bom. – Ele me olha por mais alguns segundos, depois torna a se voltar para a janela, como se tivesse observado em mim tudo o que necessitava. A luz do sol bate em seu espesso cabelo castanho e, por um minuto, ele lembra um corsário ainda mais do que o habitual.

Está de uniforme: calça justa verde-escura, botas de couro de cano alto, uma túnica verde com correias e bolsinhos – e uma espada pendurada em uma bainha tecida em seu cinto de utilidades. Ao

contrário da minha, a lâmina dele é plenamente visível.

A mãe de Penny, Professora Bunce, diz que os magos anteriores usavam capa com capuz cerimonial. E que outros diretores de escola usavam túnicas e borlas. O Mago, diz ela, criou seu próprio uniforme. Ela chama o traje de fantasia.

Eu acho que a Professora Bunce deve odiar o Mago mais do que qualquer um que não seja efetivamente inimigo dele. As únicas vezes em que eu ouço o pai da Penny falar em voz alta é quando a mãe dela dispara a falar do Mago; ele coloca a mão no braço dela e diz: "O que é isso, Mitali...". Aí ela diz: "Me desculpe, Simon, sei que o Mago é seu pai adotivo...".

Porém, ele não é, não de verdade. O Mago nunca se apresentou para mim dessa maneira. Como família. Ele sempre me tratou como um aliado, mesmo quando eu era pequeno. Na primeira vez que me trouxe para Watford, levou-me até seu escritório e me contou tudo. Sobre o Insípidum

Insidioso. Sobre a magia faltando. Sobre os buracos na atmosfera como pontos mortos.

Eu ainda estava tentando enfiar na cabeça que a magia era *real*, e lá estava ele me contando que algo estava matando a magia – devorando-a, acabando com ela – e que apenas eu podia ajudar:

– *Você é jovem demais para ouvir isso, Simon. Onze anos é jovem demais. Mas não é justo esconder isso por mais tempo. O Insípidum Insidioso é a maior ameaça que o Mundo dos Bruxos já enfrentou. Ele é poderoso, pervasivo. Lutar contra ele é como lutar contra o sono quando já se passou do ponto da exaustão. Mas lutar contra ele nós devemos. Queremos proteger você; juro fazê-lo com minha própria vida. Porém, você deve aprender a se proteger sozinho, Simon, e quanto antes, melhor. Ele é a nossa maior ameaça. E você é a nossa maior esperança.*

Eu estava estupefato demais para responder ou fazer qualquer pergunta. Jovem demais. Só queria ver o Mago fazer aquele truque de novo, aquele em que ele fazia um mapa se abrir sozinho.

Passei aquele primeiro ano em Watford dizendo para mim mesmo que estivera sonhando. E o ano seguinte dizendo a mim mesmo que não...

Eu já tinha sido atacado por ogros, desfeito um círculo de monólitos e crescido quase treze centímetros antes de pensar em fazer a pergunta central:

Por que eu?

Por que *eu* tinha que combater o Insípidum?

O Mago deu uma dúzia de respostas diferentes a essa pergunta ao longo dos anos:

Porque eu fui escolhido. Porque eu fui profetizado. Porque o Insípidum não me deixa em paz.

Contudo, nenhuma dessas respostas é verdadeira. Penélope deu a única resposta que me serviu...

– Porque você pode, Simon. E alguém precisa fazê-lo.

O Mago observa algo da minha janela. Penso em convidá-lo a se sentar. Então tento lembrar se eu já o vi sentado.

Mudo de posição e a cama range. Ele se vira para mim, parecendo preocupado.

– Senhor?

– Simon.

– O Insípidum, o senhor o encontrou? O que foi que eu perdi?

O Mago esfrega o queixo no vão entre o polegar e o indicador, depois balança a cabeça rapidamente de um lado para o outro.

– Nada. Não estamos mais próximos de encontrá-lo, e outros assuntos precisaram de minha atenção imediata.

– Como é que algo pode ser mais importante do que o Insípidum? – deixo escapar.

– Não mais importante – diz ele. – Apenas mais urgente. São as Famílias Antigas: elas estão me testando. – Ele fecha a mão direita em um punho. – Metade de Gales parou de pagar seus dízimos. Os Pitches estão pagando três membros da Irmandade para se manterem afastados das reuniões, de modo que não temos quórum. E têm ocorrido escaramuças na estrada para Londres o verão todo.

– Escaramuças?

– Armadilhas, lutas. Testes. Tudo é um teste, Simon. Você sabe que as Famílias Antigas tomariam as rédeas se julgassem por um instante que eu estou distraído. Elas reverteriam tudo o que conquistamos.

– Elas pensam que podem lutar contra o Insípidum sem nós?

– Acho que elas são tão míopes, que não se importam – diz ele, olhando para mim. – Elas só querem poder, e querem agora.

– Bem, eu não me importo com elas – digo. – Se o Insípidum tomar nossa magia, não teremos nada para disputar. Deveríamos estar combatendo o Insípidum.

– E *vamos combater* – diz ele –, quando o momento certo chegar. Quando soubermos como vencê-lo. Porém, até lá, minha prioridade imediata é manter você a salvo. Simon... – Ele cruza os braços. – Estive consultando outros membros da Irmandade, aqueles em quem posso confiar. Pensamos que talvez nossos esforços para proteger você tenham saído pela culatra. Apesar dos feitiços e da

vigilância, o Insípidum parece ter mais sorte em alcançá-lo quando você está aqui em Watford. Ele te levou embora em junho sem disparar nenhuma das nossas defesas.

É embaraçoso ouvi-lo dizer isso. Parece que *sou eu* quem está falhando, não o Mago ou os feitiços de proteção. Supostamente, sou o único que pode lutar contra o Insípidum. Mas eu finalmente tive uma chance de enfrentá-lo, e o máximo que consegui fazer foi fugir. E acho que nem isso eu teria conseguido, se não fosse pela Penélope.

O Mago cerra os maxilares. Ele tem um daqueles queixos que se achata no meio – com uma covinha pronunciada, como se tivesse sido marcado por uma faca. Eu morro de inveja dessa covinha.

– Nós resolvemos – diz ele, lentamente – que você estaria mais seguro em algum outro lugar que não Watford.

Não tenho certeza de onde ele está querendo chegar.

– Senhor?

– A Irmandade arranjou um lugar para você. E um tutor particular. Não posso falar sobre os detalhes agora, mas vou levá-lo até lá pessoalmente. Partiremos em breve; preciso estar de volta ao anoitecer.

– O senhor quer que eu deixe Watford?

Ele estreitou os olhos. O Mago detesta se repetir.

– Sim. Você não vai precisar levar muita coisa. Suas botas e seu casaco, quaisquer artefatos que queira guardar...

– Senhor, não posso ir embora de Watford. Nossas aulas começam nesta semana.

Ele inclina a cabeça.

– Simon. Você não é uma criança. Não há mais nada para você aprender em Watford.

Talvez ele esteja certo. Sou um péssimo aluno; este ano não seria decisivo pra mim, mas ainda assim...

– Não posso deixar Watford. É o meu último ano.

O Mago esfrega sua barba. Seus olhos se estreitam até restar apenas uma ranhura.

– Simplesmente não posso – repito.

Tento pensar em por que não, mas tudo o que me vem é *não*. Não posso deixar Watford. Estive esperando o verão todo para chegar aqui. Estive esperando por toda minha vida. Estou sempre em Watford ou desejando estar em Watford, e no ano que vem isso vai mudar – tem que mudar – mas *ainda não*.

– Não – digo. – Não posso.

– Simon – a voz dele é severa –, isso não é uma *sugestão*. Sua vida está em risco. E todo o Mundo dos Bruxos depende de você.

Eu sinto vontade de contestar essa declaração: *Baz* não depende de mim. Nenhum dos bruxos partidários da Casa Pitch acredita que eu seja o salvador deles...

Cerro meus dentes com tanta força, que praticamente sinto o formato deles. Balanço a cabeça.

O Mago cruza os braços e franze o cenho para mim como se eu fosse uma criança se recusando a escutar.

– Nunca lhe ocorreu, Simon, que o Insípidum só o ataca quando você está aqui?

– E isso só te ocorreu agora? – Engulo em seco. – Senhor – acrescento, tarde demais.

– Não entendo isso! – diz ele, elevando a voz. – Você jamais questionou minhas ordens antes.

– O senhor nunca me pediu para deixar Watford antes!

O rosto dele é duro.

– Simon, estamos em guerra. Eu preciso relembrá-lo disso?

– Não, senhor.

– E todos fazemos sacrifícios na guerra.

– Mas nós *sempre* estivemos em guerra – digo. – Desde que estou aqui. Não podemos simplesmente parar de viver porque estamos em guerra.

– Não podemos, é? – Ele finalmente perdeu a paciência. Sua mão vai ao punho da espada em um movimento brusco. – Olhe para mim, Simon. Já me viu me dar ao luxo de uma vida normal? Onde está minha esposa? Meus filhos? Onde está a minha casa no interior com minha poltrona confortável e um

cocker spaniel gordo para trazer minhas pantufas? Quando é que saio de férias? Quando é que tiro uma folga? Quando é que faço *qualquer coisa* além de me preparar para a batalha que nos espera? Não podemos ignorar nossas responsabilidades porque estamos entediados com elas.

Minha cabeça pende como se ele a tivesse empurrado.

– Não estou entediado – resmungo.

– Fale alto.

Eu ergo a cabeça.

– Não estou entediado, senhor.

Nossos olhares se cruzam.

– Vista-se. Junte suas coisas...

Eu sinto cada músculo do meu corpo se retesar. Cada junta travando no lugar.

– Não.

Eu *não posso*. Acabo de chegar aqui. E esse verão foi o pior até agora. Só aguentei porque estava vindo para Watford no final, mas não consigo aguentar mais. Não tenho essa força. Minhas reservas estão

vazias, e o Mago sequer me diz para onde ele quer que eu vá. E Penny? E Agatha?

Balanço a cabeça. Ouço o Mago respirar profundamente e, quando olho para cima, há uma névoa vermelha entre nós.

Cacete. Não.

Ele se afasta de mim.

– Simon – diz ele. A varinha já está em sua mão. – ***Fique frio!***

Eu me atrapalho todo com minha própria varinha e começo a lançar feitiços.

– ***Cabeça fria! Engole o choro! Fique firme! Aguenta aí!***

Entretanto, feitiços precisam de magia, e usar minha magia neste momento só a atrai para a superfície – o vermelho entre nós fica mais espesso. Eu fecho os olhos e tento desaparecer. Não pensar em nada. Desabo na cama, e minha varinha cai no chão.

Quando consigo pensar de novo, o Mago está debruçado sobre mim, a varinha em minha testa. Sai fumaça de algum lugar – acho que dos meus lençóis.

– Me desculpe – murmuro. – Eu não queria...

– Eu sei – diz ele, mas ainda parece assustado. O Mago afasta o cabelo da minha testa com uma das mãos, depois roça os nós dos dedos pela minha bochecha.

– Por favor, não me faça ir embora – imploro.

O Mago olha nos meus olhos e através deles. Posso vê-lo deliberando e então cedendo.

– Vou conversar com a Irmandade – diz ele. – Talvez ainda tenhamos tempo... – Ele espreme os lábios. Seu bigode é fininho como um lápis, logo acima dos lábios; Baz e Agatha gostam de tirar sarro disso. – Mas não é apenas com a *sua* segurança que estamos preocupados, Simon...

Ele ainda está inclinado sobre mim. Sinto como se não houvesse nada entre nós para respirar a não ser fumaça.

– Vou falar com a Irmandade – diz ele. Aperta meu ombro e fica de pé. – Você precisa da enfermeira?

– Não, senhor.

– Me chame se algo mudar. Ou se você vir algo de estranho, qualquer sinal do Insípidum, ou algo...

fora do normal.

Eu assinto.

O Mago sai do quarto, a palma da mão repousando no punho da espada – o que significa que ele está pensando – e fecha a porta com firmeza atrás de si.

Eu rolo e me certifico de que minha cama não está em chamas, adormecendo novamente logo em seguida.

8.



E a névoa é tão densa.

9.

Simon

Penny está sentada diante de minha escrivaninha quando eu acordo de novo. Está lendo um livro da grossura do seu braço.

– Já passa do meio-dia – diz ela. – Você virou um preguiçoso total no abrigo para jovens; vou escrever uma carta para o *The Telegraph*.

– Você não pode simplesmente ir entrando no meu quarto sem bater – falo, sentando e esfregando os olhos. – Mesmo que tenha uma chave mágica.

– Não é uma chave, e eu bati, sim. Você é que dorme feito um cadáver.

Eu passo por ela a caminho do banheiro e ela fareja, depois fecha o livro.

– Simon. Você perdeu o controle?

– Mais ou menos. É uma longa história.

– Você foi *atacado?*

– Não. – Eu fecho a porta do banheiro e elevo a voz. – Te conto mais tarde.

Penny vai ficar doida quando eu contar a ela que o Mago quer me mandar embora.

Olho para o espelho e tento decidir se devo ou não tomar banho. Meu cabelo está amassado de um lado e arrepiado em cima – eu sempre começo a suar quando perco o controle desse jeito. Eu me sinto todo pegajoso. Analiso meu queixo no espelho, torcendo para precisar fazer a barba, mas não preciso; nunca preciso. Cultivaria um bigode igual ao do Mago se pudesse, e não estaria nem aí se o Baz zombasse de mim por isso.

Eu tiro minha camisa e esfrego a cruz dourada em volta do meu pescoço. Não sou religioso – ela é um talismã. Vem sendo passada adiante na família de Agatha há anos, uma proteção contra vampiros. Era preta e manchada quando o Dr. Wellbelove me deu, mas eu a esfreguei até ficar dourada. Às vezes, eu a mordisco. (O que provavelmente é algo ruim de fazer a uma relíquia medieval.) Não preciso usá-la durante todo o verão, na verdade, mas uma vez que

você se acostuma a usar uma gargantilha anti-vampiros, parece estúpido tirá-la.

Todas as outras crianças na Assistência Social acham que sou religioso. (E acham que fumo um maço de cigarros por dia, porque eu meio que estou sempre cheirando a fumaça.)

Olho de novo para o espelho. Penny tem razão. Estou magro demais. Minhas costelas estão proeminentes. Dá pra ver os músculos na minha barriga, e não porque eu sou malhado – é porque eu não comi de verdade por três meses. Também trago verrugas no corpo todo, o que faz com que eu pareça sofrer de varíola mesmo quando *não estou* malnutrido.

– Vou tomar um banho! – grito.

– Vai logo, senão perdemos o almoço! – Escuto Penny se movimentando pelo quarto enquanto vou para debaixo do chuveiro; em seguida, ela fala comigo de novo bem junto à porta: – Agatha já está de volta.

Eu abro o registro.

– Simon, você me ouviu? Agatha está de volta!

Eu escutei.



O que sugerem as regras de etiqueta quando você vai conversar com a sua namorada depois de três meses – e da última vez que você a viu ela estava mãos dadas com a sua nêmese?

(As duas mãos. De frente um para o outro. Como se estivessem prestes a começar a cantar.)

As coisas ficaram problemáticas com Agatha no ano passado antes mesmo de eu flagrá-la com Baz na Floresta. Ela estava distante e quieta, e quando eu me feri, em março (alguém mexeu na minha varinha), ela só revirou os olhos. Como se a culpa fosse minha.

Agatha é a única garota que já namorei. Estamos juntos há três anos, desde que tínhamos quinze. No entanto, eu a desejei muito antes disso. Sempre a desejei, desde a primeira vez que a vi – atravessando o Grande Gramado, seu cabelo comprido e pálido ondulando ao vento. Lembro-me de vê-la e pensar que eu nunca tinha visto nada tão bonito. E se você

fosse bonito e gracioso daquele jeito, nada podia realmente lhe tocar. Seria como ser um leão ou um unicórnio. Ninguém podia realmente lhe tocar, porque você não estaria sequer no *mesmo plano* que as outras pessoas.

Até sentar perto da Agatha lhe faz sentir meio que intocável. Exaltado. É como se sentar no sol.

Então imagine como é namorá-la – como se você estivesse carregando essa luz por aí o tempo todo.

Tem uma foto de nós dois juntos no último solstício de inverno. Ela está usando um vestido branco e longo, e a mãe dela trançou visco em seu cabelo dourado claro. Também estou de branco, e me sentia muito brega, mas, na foto, até que saí bem. De pé, perto da Agatha, vestindo um terno que o pai dela me emprestou... Me pareço mesmo com quem eu deveria ser.



Hoje o refeitório está com metade da lotação. O ano letivo começa amanhã. As pessoas estão

sentadas nas mesas ou de pé em círculos frouxos, conversando.

O almoço é composto de pãezinhos de presunto e queijo. Penélope pega um prato de manteiga para mim, e eu sorrio. Eu comeria manteiga com uma colher, se fosse aceitável. (Fiz isso durante meu primeiro ano – mesmo sendo inaceitável – sempre que eu era o primeiro a descer para o café da manhã.)

Procuro por Agatha no salão, mas não a vejo. Ela não deve ter vindo para o almoço. Não posso acreditar que ela esteve no refeitório e não se sentou conosco, mesmo levando em conta tudo o que houve.

Rhys e Gareth, os meninos que moram no quarto embaixo do meu, já estão na nossa mesa, na ponta mais distante.

– Tudo bem, Simon? – pergunta Rhys. Gareth está gritando com alguém do outro lado do salão.

– Beleza, galera? – respondo.

Rhys cumprimenta Penny com um gesto de cabeça. Penélope nunca teve tempo para a maioria

de nossos colegas de classe, de modo que eles também não têm tempo para ela. Eu ficaria incomodado se todos me ignorassem assim, mas ela parece apreciar a ausência de distrações.

Às vezes, quando estou andando pelo refeitório, só dando "oi" para as pessoas, ela me arrasta pela manga para que eu me apresse.

– Você tem amigos demais – diz ela.

– Tenho razoável certeza de que isso não é possível. E, aliás, eu não os chamaria de "amigos".

– O dia tem apenas 24 horas, Simon. Duas ou três pessoas é o máximo que a gente tem tempo para administrar.

– A sua família imediata é maior do que isso, Penny.

– Eu sei. É uma luta.

Uma vez eu comecei a fazer uma lista de todas as pessoas com quem eu realmente me importo. Quando cheguei ao número sete, Penélope disse que eu precisava reduzir a minha lista ou parar imediatamente de fazer amigos.

– Minha mãe diz que você nunca deve ter mais gente em sua vida do que conseguiria defender de um rakhasa faminto.

– Não sei o que é isso – falei para ela –, mas não estou preocupado; sou bom de briga.

Eu gosto de ter pessoas. Pessoas próximas, como Penny e Agatha e o Mago e Ebb, a pastora de cabras, e a Senhorita Possivelfa e o Dr. Wellbelove. E pessoas apenas amistosas, como Rhys e Gareth. Se eu seguisse as regras de Penny, jamais encontraria gente suficiente para uma partida de futebol.

Ela acena frouxamente para os meninos, depois se senta entre mim e eles, voltando-se para mim para isolar a nossa conversa.

– Eu vi Agatha com os pais dela mais cedo, nos Claustros – diz ela.

Os Claustros são a maior e mais antiga casa das meninas, um prédio baixo e comprido do outro lado do terreno. Eles têm apenas uma porta, e todas as janelas consistem em pequenas vidraças. (A escola deve ter ficado ultraparanoica quando começou a permitir a presença das meninas nos anos 1600.)

– Você viu quem? – pergunto.

– *Agatha.*

– Ah.

– Posso ir buscá-la, se você quiser – ela oferece.

– E desde quando você manda recados por mim?

– Pensei que talvez você não quisesse conversar com ela pela primeira vez na frente de todo mundo – diz ela. – Depois do que aconteceu.

Eu encolho os ombros.

– Vai ficar tudo bem. Agatha e eu estamos bem.

Penny parece surpresa, depois em dúvida; em seguida, ela balança a cabeça, desistindo.

– Enfim – diz ela, arrancando um teco de seu sanduíche –, deveríamos procurar o Mago depois do almoço.

– Por quê?

– "Por quê?" Tá se fingindo de burro hoje porque pensa que eu vou achar bonitinho?

– Sim?

Ela revira os olhos.

– Precisamos procurar o Mago e fazer com que ele nos conte o que aconteceu durante o verão. O que

ele descobriu sobre o Insípidum.

– Não descobriu nada. Já falei com ele.

Ela para no meio de uma mordida.

– Quando?

– Ele veio ao meu quarto hoje de manhã.

– E quando você ia me contar isso?

Dou de ombros e enfio os últimos cinco centímetros do meu sanduíche na boca.

– Quando você me desse uma chance.

Penny revirou os olhos de novo. (Penny revira muito os olhos.)

– Ele não tinha nada a dizer?

– Sobre o Insípidum, não. Ele... – Olho para baixo, para o meu prato, depois rapidamente à nossa volta. – ... ele diz que as Famílias Antigas estão causando.

Ela consente.

– Minha mãe diz que elas estão tentando organizar um voto de não confiança contra ele.

– Elas podem fazer isso?

– Estão tentando. E têm ocorrido duelos o verão todo. O amigo de Premal, Sam, entrou em um com

um dos primos Grimms depois de um casamento, e agora está em julgamento.

– Quem está sendo julgado?

– O Grimm.

– Pelo quê?

– Feitiços proibidos – diz ela. – Palavras banidas.

– O Mago acha que eu deveria partir – digo.

– O quê? Partir para onde?

– Ele acha que eu deveria deixar Watford.

Os olhos de Penny se arregalam.

– Para lutar com o Insípidum?

– Não. – Eu balanço a cabeça. – Apenas... ir embora. Ele acha que eu estaria mais seguro em outro lugar. Crê que todo mundo aqui estaria mais seguro se eu partisse.

Os olhos dela estavam cada vez maiores.

– Para onde você iria, Simon?

– Ele não disse. Algum lugar secreto.

– Como um esconderijo? – pergunta ela.

– Acho que sim.

– Mas e a escola?

– Ele não acha que seja importante neste momento.

Penny ri, desdenhosa. Ela acha que o Mago subestima a educação, no mínimo. Especialmente os clássicos. Quando ele cortou o programa de linguística, ela escreveu uma severa carta aos docentes.

– Então ele quer que você faça o quê?

– Que eu vá embora. Fique a salvo. Treine.

Ela cruza os braços.

– Em uma montanha. Com ninjas. Como o Batman.

Eu rio, mas ela não me acompanha. Inclina-se adiante.

– Você não pode simplesmente ir embora, Simon. Ele não pode te enfiar num buraco a vida toda.

– Eu não vou – falei. – Disse a ele que não.

Ela fica boquiaberta.

– Você disse *não* para ele?

– Eu... bem, não posso simplesmente largar Watford. É nosso último ano.

– Eu concordo... você disse *não* para ele?

– Disse a ele que não queria ir! Não quero me esconder e esperar que o Insípidum me encontre. Isso não parece um plano.

– E o que o Mago disse?

– Não muito. Eu fiquei chateado e comecei a...

– *Eu sabia!* Seu quarto estava cheirando a fogueira de acampamento. Ah, minha nossa! Você *perdeu o controle* com o Mago?

– Não. Eu recuei.

– É mesmo? – Ela parece impressionada. – Muito bem, Simon.

– Mas acho que o assustei.

– Isso também me assustaria.

– Penny, eu...

– O quê?

– Você acha que ele tem razão?

– Acabei de dizer que não acho.

– Não. Digo... sobre eu ser um perigo para Watford. Um perigo para... – Olho para a mesa do primeiro ano. Todos eles recusaram os sanduíches e estão comendo grandes tigelas de rocambole de geleia. – ... todo mundo.

Penny volta a tirar pedaços de seu sanduíche.

– É claro que não.

– *Penélope.*

Ela suspira.

– Você recuou, não foi? Hoje cedo? Quando foi que você feriu alguém além de si mesmo?

– Fumaça e espelhos, Penny. Devo fazer uma lista? Vou começar com as decapitações. Começo com *ontem*.

– Mas isso foram batalhas, e elas não contam.

– Pois eu acho que contam.

Ela tornou a cruzar os braços.

– Elas contam, mas é diferente.

– Nem é só isso – digo. – É que... eu sou um alvo, não sou? O Insípidum só me ataca quando estou em Watford, e ele só ataca Watford quando estou aqui.

– Isso não é culpa sua.

– E daí?

– Bem, você não pode evitar.

– Posso, sim – digo. – Eu poderia ir embora.

– *Não.*

– Belo argumento, Pen. – Espalho manteiga pelo meu terceiro sanduíche de presunto e queijo. Minhas mãos estão tremendo.

– Não. Simon. Você não pode simplesmente ir embora. Não deveria. Olha, se você é um alvo, então eu sou a pessoa em maior risco. Sou eu quem passa mais tempo com você.

– *Eu sei.*

– Não, quero dizer, olhe para mim, eu estou bem.

Eu olho para ela.

– Estou *bem*, Simon. Até o Baz está bem, e ele está constantemente colado em você.

– Sinto que você está passando por cima de todas as vezes que quase morreu só porque estava comigo. O Insípidum me sequestrou alguns meses atrás, e você foi arrastada junto.

– Graças a Morgana eu fui.

Ela está olhando nos meus olhos, e eu tento não me desviar. De vez em quando eu fico feliz por Penny usar óculos; o contato visual dela é tão feroz, que é bom ter um amortecimento.

– Eu disse não ao Mago – repito.

– Bom – diz ela. – Continue dizendo não.

– *Vovó!* – O grito de uma menininha rasga nossa conversa, e eu já estou murmurando o encantamento para invocar minha espada. Do outro lado do salão, a menina – do segundo ou terceiro ano – corre na direção de uma figura tremeluzente junto à porta.

– Ah... – diz Penélope, aturdida.

A silhueta surge e desaparece, como o holograma da Princesa Leia. Quando a menina chega à figura, que parece uma senhora num terno branco, ela se abaixa e a pega no colo. Elas se aninham na entrada. Então a figura desaparece por completo. A menina fica de pé, tremendo, e alguns amigos correm até lá, saltitando.

– Que bacana! – diz Penélope. Ela se vira para mim e vê minha espada. – Grandes cobras, Simon, guarde isso!

Eu continuo com a espada.

– O que foi *aquilo?*

– Você não sabe?

– *Penélope.*

– Ela recebeu uma Visita. Menina sortuda.

– O quê? – Recolho a lâmina na bainha. – Que tipo de visita?

– Simon, o *Véu* está se erguendo. Eu sei que você sabe sobre isso. Nós estudamos a respeito em História Mágica.

Faço uma careta e volto a me sentar, decidindo se terminei ou não meu almoço.

– *E na Vigésima Volta* – diz Penny –, *quando o ano se desvanece e noite e dia sentam-se em paz em lados opostos da mesa, o Véu se levantará. E qualquer um que tenha luz a lançar pode atravessá-lo, embora não possa se demorar. Saúde-os com júbilo e com confiança, pois suas bocas, apesar de mortas, falam a verdade.* – Ela está usando seu tom de citação, portanto eu sei que isso vem de algum texto antigo.

– Você não tá ajudando – digo.

– O Véu está se erguendo – diz ela outra vez. – A cada vinte anos, os mortos podem falar com os vivos se tiverem algo que realmente precise ser dito.

– Ah... – digo. – Devo ter ouvido falar a respeito. Pensei que fosse um mito.

– Era de se imaginar que, depois de sete anos, você fosse parar de dizer isso em voz alta.

– Bem, como é que eu iria saber? Não existe um livro assim, existe? *Todas as coisas mágicas que são verdades verdadeiras e todas as que são bobagens, exatamente como você pensava*.

– Você é o único bruxo que não foi criado com magia. Você é o único que leria um livro desses.

– Papai Noel não é real – digo –, mas a Fada do Dente é. Essas coisas não fazem nenhum sentido.

– Bem, o Véu é totalmente real – diz Penny. – É o que impede as almas de caminharem por aí.

– Mas ele está se erguendo agora? – Sinto vontade de sacar minha espada novamente.

– O equinócio de outono está chegando – diz ela –, quando o dia e a noite têm a mesma duração. O Véu se afina, depois se levanta, meio como a neblina. E as pessoas voltam para nos contar coisas.

– Todos nós?

– Bem que eu queria. As pessoas só retornam se tiverem algo importante a dizer. Algo verdadeiro. É como se elas voltassem para testemunhar.

– Isso parece... dramático.

– Minha mãe diz que a minha tia voltou vinte anos atrás para contar a eles sobre um tesouro escondido. Minha mãe está meio que torcendo para que ela volte este ano e nos conte mais.

– Que tipo de tesouro?

– Livros.

– É claro. – Resolvo terminar meu sanduíche. E o ovo cozido de Penny.

– Mas às vezes é escandaloso – diz ela. – As pessoas retornam para revelar casos amorosos. Assassinatos. A teoria é que você tem uma chance maior de cruzar o Véu se a sua mensagem oferecer justiça.

– Como alguém pode saber disso?

– É só uma teoria – diz Penny. – Mas se a Tia Beryl vier falar comigo, vou perguntar o máximo de coisas antes que ela desapareça de novo.

Olho para o outro lado do salão.

– Eu me pergunto o que terá dito a avó daquela menina.

Penny ri e empilha seus pratos.

– Provavelmente contou sua receita secreta de balas.

– Então esses Visitantes... eles não são zumbis? – Não custa ter certeza sobre essas coisas.

– Não, Simon. São inofensivos. A menos que você tenha medo da verdade.

10.



Eu deveria fazê-lo ir embora. Eu poderia.

Ele não é mais uma criança, mas ainda aceitaria uma ordem.

Eu prometi cuidar dele.

Como se mantém uma promessa dessas? Tomar conta de uma criança, quando a criança é o maior poder que você conhece...

E o que *significa* cuidar do poder? Você o utiliza? O conserva? O mantém longe das mãos erradas?

Pensava que seria mais útil ao Simon, especialmente agora. Que eu o ajudaria a assumir seu poder. A *controlá-lo*.

Deve haver um feitiço para ele... Palavras mágicas que o fortificariam. Um ritual que tornaria o poder, em si, manejável. Ainda não encontrei tal feitiço,

mas isso não significa que ele não esteja por aí. Que ele não exista.

E se eu o encontrar...

Será suficiente estabilizar seu poder, se eu não conseguir estabilizar o menino?

Isso não está nas profecias; não há nada lá sobre crianças teimosas.

Eu poderia esconder Simon do próprio Insípidum.

Eu poderia escondê-lo de tudo o que ele não está preparado para enfrentar.

Eu poderia... Eu *deveria*! Deveria ordenar que ele fosse embora – ele ainda obedeceria. Ainda me daria ouvidos.

Mas e se ele não der?

Simon Snow, será que eu te perderia por completo?

11.



Me escute.

Ele foi o primeiro de sua família em Watford, o primeiro com poder suficiente para passar pelas provas. Ele veio sozinho, o caminho todo desde Gales, de trem.

David.

Nós o chamávamos de Davy. (Bem, alguns de nós o chamávamos simplesmente de estúpido.)

E ele não tinha nenhum amigo – acho que ele nunca teve nenhum amigo. Acho que nem a *mim* ele considerava como amiga, não no começo.

Basicamente, eu era a única que o escutava.

– O Mundo dos Bruxos – dizia ele. – Que mundo, me responda, *que mundo?* Isso não é uma escola;

escolas educam as pessoas. *Escolas deveriam elevar as pessoas*. Você me entende?

– *Eu* estou recebendo educação – falei.

– Está, não é? – Seus olhos azuis cintilaram. Havia sempre um fogo em seus olhos. – Você recebe poder. Recebe a senha secreta. Porque o seu pai tinha a senha, assim como seu avô. Você está no clube.

– Assim como você, Davy.

– Só porque eu era poderoso demais para eles me renegarem.

– Certo – falei. – Então agora você faz parte do clube.

– Que sorte a minha.

– Não consigo saber se você fala a sério...

– Que sorte a minha – repetiu ele. – E azar de todo o resto do mundo. Este lugar não foi feito para compartilhar conhecimento. Foi feito para manter o conhecimento nas mãos dos mais ricos.

– Dos mais poderosos, você quer dizer.

– É a mesma coisa – cuspiu ele. Ele sempre cuspia. Seus olhos estavam sempre cintilando, e sua boca estava sempre cuspindo.

– Então você não quer estar aqui? – perguntei.

– Você sabia que a Igreja costumava rezar a missa em latim porque não confiavam em dar a palavra de Deus à congregação?

– Você está falando da cristandade? Não sei nada sobre cristandade.

– Por que *nós* estamos aqui, Lucy, quando tantos outros são recusados?

– Porque somos os mais poderosos. É importante que aprendamos como administrar e usar nossa magia.

– E isso é assim tão importante? Não seria *mais importante* ensinar aos menos poderosos? Ajudá-los a tirar o máximo do que eles possuem? Deveríamos ensinar apenas os poetas a ler?

– Não entendo o que você quer. Você está *aqui*, Davy. Em Watford.

– Eu estou aqui. E talvez, se eu conhecer as pessoas certas – se me ajoelhar e me humilhar diante de cada Pitch e cada Grimm, eles me ensinem os feitiços mais complicados. Talvez eles me concedam um lugar à mesa. E então poderei passar

minha vida como eles, me certificando de que ninguém tire isso de mim.

– Não é isso o que vou fazer com a minha magia.

Ele parou de cuspir por um segundo para me fitar, olhos estreitados.

– O que você vai fazer, Lucy?

– Ver o mundo.

– O Mundo dos Bruxos?

– Não, *o mundo.*



Eu tenho tanto para te contar.

Mas o tempo é curto. E o Véu é espesso.

E é preciso magia para falar, uma alma cheia de magia.

12.

Simon

Por um acaso, *estou* sozinho quando encontro Agatha.

Estou deitado no Gramado, pensando na primeira vez que vim aqui – a relva era tão bonita, que achei que não tivéssemos permissão para caminhar sobre ela.

Agatha está usando jeans e uma camisa branca esvoaçante. Ela sobe a colina na minha direção lentamente, bloqueando o sol; então forma-se um halo por apenas um segundo ao redor de seu cabelo loiro.

Ela sorri, mas posso ver que está nervosa. Fico imaginando se ela esteve procurando por mim. Sento-me, e ela também se senta ao meu lado na grama.

– Oi – digo.

– Olá, Simon.

– Como foi o seu verão?

Ela me dá um olhar como se não acreditasse no quão besta é essa pergunta, mas também como se estivesse aliviada por bater papo à toa.

– Bom – diz ela. – Sossegado.

– Você viajou? – pergunto.

– Só para competições.

Agatha pratica salto de obstáculos com cavalos. Em nível de competição. Acho que ela quer competir pela Grã Bretanha um dia. Ou talvez correr? Não sei absolutamente nada sobre cavalos. Certa vez, ela tentou me colocar em um cavalo, e eu amarelei.

– Simon, não é possível que esteja com medo desse cavalo. Você já matou dragões.

– Bem, eu não tenho medo de matar o bicho, né? Mas você quer que eu monte nele.

– Deu sorte? – pergunto agora.

– Um pouco – diz ela. – Foi mais habilidade mesmo.

– Ah. – Eu concordo com um gesto. – Certo. Desculpe.

Eu meio que odeio conversar com Agatha sobre essas coisas de cavalo – e não porque tenho medo deles. É só mais uma coisa que nunca vou entender direito. Todas essas merdas elegantes. Regatas e jantares de gala e, sei lá, jogos de polo. A mãe de Agatha tem chapéus que parecem bolos de casamento.

É demais. Eu já tenho o suficiente para lidar tentando entender o que significa ser um bruxo – nunca vou conseguir passar por alguém bem-nascido.

Talvez Agatha ficasse melhor com Baz, afinal de contas...

Se ele não fosse mau.

Devo estar com uma aparência furiosa, porque ela pigarreia, desconfortável.

– Quer que eu vá embora?

– Não – digo. – Não, estou contente em te ver.

– Você nem chegou a olhar para mim – diz ela.

Então eu olho.

Ela é linda.

E eu a quero. Eu quero que tudo fique bem.

– Olha, Simon. Sei o que você viu...

Eu a interrompo.

– Eu não vi nada.

– Bem, *eu te vi* – diz ela. Sua voz ganha um tom cortante. – E a Penélope, e...

– Não, quero dizer... – Eu a interrompo de novo; não estou fazendo isso direito. – Eu *vi* você. Na Floresta. E eu vi... ele. Mas tá tudo certo. Eu sei que você não... bem, sei que você *não faria isso*, Agatha. E não importa, de qualquer maneira. Isso aconteceu há meses.

Os olhos dela estão arregalados e confusos.

Agatha tem lindos olhos castanhos. Quase dourados. E lindos cílios longos. E a pele ao redor de seus olhos brilha como se ela fosse uma fada. (Ela não é uma fada. Fadas que podem falar com magia são bem-vindas em Watford, se puderem encontrar a escola, mas nenhuma jamais escolheu vir.)

– Mas, Simon, nós temos que... Tipo, não deveríamos *conversar* sobre isso?

– Eu preferiria apenas seguir em frente – digo. – Não é importante. E é só... Agatha, é tão bom ver

você. – Estendo minha mão para segurar a dela.

Ela me deixa segurá-la.

– Também é bom te ver, Simon.

Eu sorrio.

Ela quase sorri de volta.

13.

Agatha

É bom vê-lo; é *sempre* bom vê-lo.

É sempre um alívio enorme.

Penso nisso às vezes, em como será quando ele não voltar.

Algum dia, Simon não vai voltar.

Todo mundo sabe disso – acho que até o Mago sabe disso. (Penélope sabe, mas não acredita.)

É só que... É *impossível* para ele sobreviver a isso. Tem gente demais que o quer morto. Muitas coisas piores do que gente. Coisas sombrias. Criaturas. Seja lá o que o Insípidum Insidioso for. Todos eles o querem morto, e ele não pode continuar sobrevivendo; foram muitas as vezes que ele escapou por pouco.

Ninguém é tão forte assim.

Ninguém é tão sortudo assim.

Algum dia ele não vai voltar, e eu serei uma das primeiras pessoas a quem vão avisar. Já pensei em tudo, porque sei que, seja lá como eu reagir, não será o bastante.

Simon é o Escolhido. E ele escolheu a mim. E apesar de eu o amar – nós crescemos juntos, ele passa todos os Natais na minha casa, eu o amo *mesmo* –, não é o suficiente. Seja lá o que eu sentir, não é o bastante; não *será* o bastante quando eu o perder.

E se for como daquela vez em que nosso collie foi atropelado por um carro? Chorei, mas só porque sabia que devia, não porque não conseguia evitar...

Eu pensava que talvez estivesse contendo meus sentimentos por Simon, como algum tipo de autodefesa. Tipo, para me proteger da dor de perdê-lo, da dor de talvez perder tudo – porque, se o Simon se for, que chance qualquer um de nós tem?

(Que chance nós temos, *de verdade*? Simon não é a solução para os nossos problemas; ele é apenas um adiamento na execução.)

Mas não é isso; não é autodefesa.

Eu simplesmente não amo Simon o bastante.

Eu não o amo do jeito certo.

Talvez eu não tenha esse tipo de amor em mim – talvez eu seja defeituosa.

E se esse for o caso, eu poderia muito bem continuar ao lado de Simon, não? Se é isso o que ele quer de mim? Se é onde todos esperam que eu esteja?

Se é o único lugar em que posso fazer alguma diferença?

14.

Simon

Passo mais ou menos uma hora com Agatha, mas não falamos muito. Não conto a ela sobre o Mago.

(E se Agatha concordar com o Mago? E se ela também quiser que eu vá? Eu iria querer que ela fosse, caso estivesse correndo perigo em Watford. Diabos, ela *está* em perigo aqui. Por minha causa.)

Quando volto para meu quarto, Penny já está lá, esparramada na cama de Baz com um livro.

– Então você e Agatha conversaram? – pergunta ela.

– Conversamos.

– Ela explicou? Sobre o Baz?

– Eu disse a ela para não explicar.

Penny solta seu livro.

– Você não quer saber por que a sua namorada estava se pegando com seu inimigo jurado?

– Não sei de nada sobre "jurado" – digo. – Nunca fiz um juramento.

– Tenho certeza de que Baz fez.

– Bom, eles não estavam se pegando.

Penny chacoalha a cabeça.

– Se eu flagrasse Micah de mãos dadas com Baz, iria querer uma explicação.

– Eu também.

– *Simon.*

– Penny. É claro que você iria querer uma explicação. Isso é você. Você gosta de exigir explicações e depois dizer a todo mundo que as explicações deles são uma merda.

– Não digo, não.

– Diz, sim. Mas eu... olha, eu simplesmente não me importo. Ficou para trás. Agatha e eu estamos bem.

– Eu me pergunto se ficou para trás para o Baz.

– Foda-se o Baz, ele vai fazer o que puder para me irritar.

E ele vai começar assim que aparecer. O que pode ser a qualquer momento...

Quase todo mundo já está aqui. Ninguém quer perder o piquenique de boas-vindas no Grande Gramado esta noite. É sempre um negócio sério. Jogos. Fogos de Artifício. Magia espetaculosa.

Talvez Baz perca o piquenique; isso jamais aconteceu, mas é um pensamento agradável.



Penny e eu encontramos Agatha no Gramado.

Não estou vendo o Baz, mas há tantas pessoas aqui, que seria fácil para ele me evitar, se assim quisesse. (Baz normalmente se *certifica* de que eu o veja.)

Os pequeninos já estão brincando e comendo bolo, alguns deles usando seus uniformes de Watford pela primeira vez. Os chapéus escorregando, as gravatas tortas. Há corridas e cantoria. Eu fico um pouco embargado durante a música da escola; tem um verso que fala sobre "esses anos dourados em Watford/esses anos mágicos, cintilantes" – e me faz pensar de novo em

como é isso. Todo dia que eu viver nesse ano será o último dia desse tipo.

O último dia do piquenique de volta à escola.

O último primeiro dia de volta.

Eu ajo como um porco, mas Penny e Agatha não ligam, e os sanduíches de ovos e agrião estão matadores. Mais frango assado. Torta de lombo. Bolos temperados com cobertura azeda de limão. E canecas de leite frio e refresco de framboesa.

Fico me preparando para Baz aparecer e estragar tudo. Fico olhando por cima do ombro. (Talvez isso seja parte de seu plano – estragar a noite ao me fazer imaginar como ele vai arruiná-la.) Acho que Agatha também está preocupada em vê-lo.

Uma coisa com a qual *não* estou preocupado é com um ataque do Insípidum. Ele enviou macacos voadores para atacar o piquenique no início do quarto ano letivo, e o Insípidum nunca tenta a mesma coisa duas vezes. (Acho que ele poderia enviar alguma *outra coisa* que não fosse macacos voadores...)

Depois que o sol se põe, os pequeninos voltam todos para seus quartos, e o pessoal do sétimo e oitavo anos fica no Gramado. Nós três encontramos um lugar, e Penny transforma sua jaqueta em um cobertor verde para nos deitarmos em cima. O que Agatha diz ser um desperdício de magia, uma vez que há cobertores perfeitamente bons lá dentro.

– Sua jaqueta vai ficar manchada de grama – diz ela.

– Ela já é verde – diz Penélope, ignorando-a.

A noite está quente, e Penélope e Agatha são ambas boas em Astronomia. Nós deitamos de costas, e elas apontam para as estrelas.

– Eu deveria pegar minha bola de cristal e ler a sorte de vocês – diz Penélope, e Agatha e eu soltamos um gemido.

– Vou te poupar o trabalho – digo. – Você vai me ver banhado em sangue, mas não conseguirá dizer de quem é. E vai ver Agatha linda e banhada de luz.

Penélope faz bico, mas não por muito tempo. A noite está boa demais para trombas. Encontro a mão

de Agatha no cobertor e, quando eu aperto, ela aperta de volta.

Esse dia, essa noite, tudo parece tão certo. Magicamente certo. Como um portento. (Eu não acreditava em portentos – não sou supersticioso. Mas aí tivemos um capítulo sobre isso em Ciência Mágica, e Penny disse que não acreditar em portentos era como não acreditar em feijões com torrada.)

Após cerca de uma hora, alguém atravessa o Véu, bem ali no Gramado. É a irmã falecida de alguém; ela voltou para dizer a ele que não foi culpa dele...

Guardo minha espada por conta própria dessa vez, sem que Penny precise me dizer.

– É incrível – diz ela. – Duas Visitas em um dia, e o Véu está só começando a se abrir...

Quando o fantasma parte, todos começam a se abraçar. (Acho que os alunos do sétimo ano estão distribuindo vinho de dente-de-leão e Breezers Bacardi. Mas nós três não somos monitores de classe, então não é problema nosso.) Alguém começa a cantar a canção da escola novamente, e nós

nos juntamos. Agatha canta, apesar de ter vergonha de sua voz.

Estou feliz.

Estou feliz *mesmo*.

Estou em casa.



Desperto poucas horas depois, e acho que Baz deve ter voltado.

Não consigo vê-lo – não consigo ver nada –, mas tem *alguém* no quarto comigo.

– Penny?

Talvez seja o Mago de novo. Ou o Insípidum! Ou aquela coisa que sonhei ter visto na janela na noite passada, e da qual estou me lembrando só agora...

Nunca fora atacado no meu quarto antes – seria a primeira vez.

Eu me sento e acendo as luzes sem nem tentar. Isso acontece às vezes com pequenos feitiços quando estou estressado. Não deveria acontecer. Penny acha que deve ser como telepatia, pulando as palavras para ir direto ao objetivo.

Ainda não vejo nada, embora pense ter ouvido um farfalhar e algo parecido com um gemido. As duas janelas estão abertas. Eu me levanto e olho para fora, fechando-as em seguida. Verifico debaixo das camas. Arrisco um **Pique esconde, um dois três!** – depois um **Quem não se escondeu, não se esconde mais!**, que faz com que minhas roupas saiam voando do armário. Amanhã eu guardo tudo.

Volto para a cama, estremecendo. Está frio. E eu ainda não me sinto sozinho.

15.

Simon

Baz não está no nosso quarto quando eu acordo.

Procuro por ele no refeitório durante o café da manhã, mas ele também não está lá.

Seu nome é chamado durante minha primeira aula – Grego, com o Minotauro. (O nome do nosso professor é Professor Minos; nós o chamamos de Minotauro porque ele é meio homem, meio touro.)

Ele chama pelo nome de Baz quatro vezes.

– Tyrannus Pitch? Tyrannus Basilton Grimm-Pitch?

Agatha e eu olhamos ao nosso redor na sala, depois um para o outro.

Baz também deveria estar na aula de Ciências Políticas comigo. Penny me faz cursar Ciências Políticas; ela acha que eu posso acabar sendo um líder algum dia, depois de derrotar o Insípidum.

Ficaria feliz em passar meus dias ajudando Ebb a pastorear as cabras caso sobrevivesse ao Insípidum, mas Ciências Políticas é até interessante, então eu frequento todo ano.

Baz também frequenta. Provavelmente porque ele espera reivindicar o trono algum dia...

A família de Baz mandava em tudo antes de o Mago assumir o poder.

Bruxos não possuem reis e rainhas, mas os Pitches são a coisa mais próxima que temos da realeza – eles provavelmente teriam se coroado em algum momento se esperassem que algum dia alguém fosse desafiar sua autoridade.

A mãe de Baz era a diretora de Watford antes do Mago, o que fazia dela a pessoa mais importante em magia. (Há um salão perto do escritório do Mago com retratos dos diretores anteriores; é como uma árvore genealógica dos Pitches.) Foi a morte dela, na verdade, que mudou tudo – que levou o Mago ao poder.

Quando o Insípidum matou a Diretora Pitch ao enviar vampiros para Watford, todos viram que o

Mundo dos Bruxos *precisava* mudar. Nós não podíamos simplesmente seguir como éramos, permitindo que o Insípidum e as criaturas sombrias nos apanhassem um por um.

Era necessário nos organizarmos.

Era necessário pensar sobre defesa.

O Mago foi eleito Mago, líder da Irmandade, em uma sessão de emergência, e também o elegeram diretor substituto de Watford. (Tecnicamente, este ainda é o título dele.) De imediato, ele iniciou suas reformas.

Se ele tem sido bem-sucedido ou não, depende de para quem você pergunta...

O Insípidum ainda está por aí.

Mas ninguém morreu nos terrenos da escola desde que o Mago assumiu. E eu ainda estou vivo, então acho que estou inclinado a dizer que ele tem feito um bom trabalho.

Alguns anos atrás, precisávamos escrever ensaios para Ciências Políticas sobre a ascendência do Mago. O ensaio de Baz praticamente clamava por

uma revolta. (O que exigiu colhões, pensei. Exigir que seu diretor renuncie em um trabalho de escola.)

Baz sempre fez um joguinho esquisito: expressando publicamente a política de sua família – que é basicamente "Fora com o Mago! Pacífica e legalmente!" –, como se não tivesse nada a esconder, enquanto sua família na verdade lidera uma guerra clandestina e perigosa contra nós.

Se você perguntar aos Pitches por que eles odeiam o Mago, eles começam a falar sobre "os costumes antigos", "nossa herança mágica" e "liberdade intelectual".

Porém, todo mundo sabe que eles só querem estar no comando de novo. Querem que Watford volte a ser como antigamente – um lugar apenas para os mais ricos e mais poderosos.

O Mago *eliminou* as taxas financeiras da escola ao assumir o poder, e acabou com as apresentações orais e julgamentos de poder para admissão. Agora, qualquer um que possa falar com magia pode frequentar Watford, independentemente de força ou habilidade – mesmo que a pessoa seja meio troll

pelo lado materno ou mais sereia do que bruxa. A escola teve que construir outro dormitório, a Casa da Fraternidade, só para ter espaço para todo mundo.

– *Não dá para escolher demais as buchas de canhão* – é o ponto de vista de Baz sobre as reformas.

Ele simplesmente odeia ser tratado como qualquer outro aluno, em lugar de ser tratado como o herdeiro presumível. Se a mãe dele ainda fosse a diretora, ele provavelmente conseguiria um quarto só seu – e qualquer outra coisa que quisesse...

Eu não devia pensar assim. É terrível que a mãe dele tenha morrido. Só porque eu nunca tive pais, não significa que não possa compreender o quanto tal perda pode ser dolorosa.

Baz não aparece na aula de Ciências Políticas, então fico de olho no seu melhor amigo, Niall. Niall nem pisca quando o nome de Baz é chamado, mas olha para mim, como se tentando dizer que sabe que estou de olho neles e está pouco se fodendo pra isso.

Eu o encurralo depois da aula.

– Onde ele está?

– Seu pau? Não vi. Já perguntou pra Ebb?

(Francamente. Não sei por que pastores de cabra ouvem tanta merda e levam nome de pervertidos. Os vaqueiros parecem se livrar sem nada disso.)

– Onde está o Baz? – pergunto.

Niall tenta passar por mim, mas isso é impossível quando eu me imponho. Não que eu seja grande, sou apenas ousado. E quando as pessoas olham para mim, têm a tendência de ver tudo o que eu já matei.

Niall para e levanta a mochila no ombro. Ele é um moleque pálido e magro com olhos castanhos que ele deixa de um azul turvo com um feitiço. Desperdício de magia. Ele zomba:

– E o que isso te interessa, Snow?

– Ele é meu colega de quarto.

– Achei que você iria gostar da solidão.

– E estou gostando.

– E daí?

Saio do caminho de Niall.

– Se ele está planejando algo, vou descobrir – digo. – Sempre descubro.

– Tomei nota.

– Tô falando sério! – grito atrás dele.

– Também tomei nota da sua sinceridade!

Quando chega a hora do jantar, estou tão inquieto, que despedaço meu pudim Yorkshire em fiapos enquanto como. (Pudim Yorkshire. Rosbife. Molho. É o que temos para o jantar todo ano no primeiro dia de aula. Jamais me esquecerei do meu primeiro jantar em Watford – meus olhos quase saltaram das órbitas quando a Cozinheira Pritchard surgiu com as bandejas de rosbife. Naquele momento, não me importava se a magia era real. Porque rosbife e pudim Yorkshire são reais pra cacete, tão reais quanto a chuva.)

– Ele pode estar de férias ou algo assim – diz Penny.

– Por que ele ainda estaria de férias?

– A família dele viaja – sugere Agatha.

"É mesmo?", tenho vontade de dizer. É sobre isso que vocês conversam *quando estão sozinhos na floresta? O amor que ambos sentem por viagens?* Arranco um teco de pão e derrubo meu leite. Penny faz uma careta.

– Ele não perderia aulas – digo, apanhando meu copo. Penny limpa o leite com um feitiço. – Importa-se demais com os estudos.

Ninguém discute comigo. Baz sempre foi o primeiro em nossa classe. Penny costumava ser uma boa competição para ele, mas ser minha parceira acabou afetando suas notas. "Eu não sou sua parceira", ela gosta de dizer. "Sou sua temível aliada".

– Talvez – sugere ela – a família dele tenha resolvido parar de fingir que estamos todos em paz. O oitavo ano é opcional mesmo. Antigamente, muitas pessoas saíam depois do sétimo. Talvez os Pitches tenham decidido levar isso a sério.

– Partir para a guerra – digo.

– Exatamente.

– Contra o Mago e eu? Ou contra o Insípidum?

– Não sei – diz Penny. – Eu sempre pensei que os Pitches fossem simplesmente se sentar e assistir enquanto os dois lados se destroem.

– Obrigado.

– Você sabe o que eu quero dizer, Simon – as Famílias Antigas não querem que o Insípidum vença. Mas não se incomodam se ele der uma surra no Mago. Elas esperarão para atacar quando acharem que o Mago está fraco.

– Quando acharem que *eu* estou fraco.

– Dá no mesmo.

Agatha fita fixamente a mesa onde Baz normalmente se senta. Niall e Dev, outro dos amigos de Baz – seu primo ou coisa assim – estão sentados perto um do outro, conversando, suas cabeças muito próximas.

– Não creio que Baz tenha largado a escola – diz ela.

Penny, sentada à nossa frente, inclina-se para entrar na linha de visão de Agatha.

– Você sabe de alguma coisa? O que Baz te contou?

Agatha baixa o olhar para seu prato.

– Não me contou coisa alguma.

– Ele deve ter te contado algo – diz Penny. – Foi você que falou com ele por último.

Eu cerro os dentes.

– *Penélope* – digo, sem descerrar os maxilares.

– Não estou nem aí se vocês dois concordaram em seguir em frente. – Ela agita a mão para Agatha e eu. – Isso é importante. Agatha, você conhece Baz melhor do que nós. O que ele te disse?

– Ela não o conhece melhor do que eu – argumento. – Eu moro com ele.

– Certo, Simon, o que foi que ele contou *para você?*

– Nada que me levasse a pensar que ele largaria a escola e abriria mão de um ano inteiro me fazendo sofrer!

– Ele nem precisa estar aqui para fazer isso – Agatha resmunga.

Isso me deixa bravo, apesar de eu ter pensado a mesma coisa ontem mesmo.

– Acabei – digo. – Vou subir para o meu quarto. Para desfrutar da solidão.

Penny suspira.

– Acalme-se, Simon. Não nos castigue só porque está se sentindo confuso. *Nós* não fizemos nada. – Ela dá uma olhada de relance para Agatha e inclina a cabeça. – Bem, *eu* não fiz nada...

Agatha também se levanta.

– Tenho tarefas a fazer.

Vamos juntos até a porta; em seguida, ela faz a curva para os Claustros.

– Agatha! – chamo.

Mas só quando ela já está longe demais para ouvir.



Tenho o quarto só para mim, e não posso nem desfrutar, porque a cama vazia de Baz me parece nada menos que sinistra agora.

Invoco a Espada dos Magos e pratico minhas posições do lado dele no quarto. Ele detesta isso.

16.

Simon

Baz não aparece para o café na manhã seguinte. Ou na próxima.

Ele não vai para as aulas.

O time de futebol começa a praticar, e outra pessoa assume o lugar dele.

Depois de uma semana, os professores param de dizer seu nome durante a chamada.

Eu sigo Niall e Dev por alguns dias, mas eles não parecem ter escondido Baz em um celeiro...

Sei que deveria estar feliz por Baz estar longe – é o que eu sempre disse que queria, me ver livre dele –, mas parece tão... *errado*. As pessoas não desaparecem assim.

Baz não desapareceria assim.

Baz é... indelével. Ele é uma mancha de graxa em forma humana. (Humana na maior parte.)

Três semanas de ano letivo e eu me flagro passando perto do campo, esperando vê-lo praticando futebol e, quando não vejo, dou uma guinada brusca para as colinas atrás da escola.

Ouço Ebb gritar para mim antes de vê-la.

– Oi, Simon. Olá!

Ela está sentada um pouco mais acima de mim na relva, com uma cabra aninhada em seu colo.

Ebb passa a maior parte do tempo ao ar livre, nas colinas, quando não está frio ou chovendo. Às vezes, ela deixa as cabras vagarem pelo terreno da escola – diz que elas cuidam das ervas daninhas e das plantas predatórias. As plantas predatórias de Watford podem te derrubar se tiverem uma chance; elas são mágicas. As cabras, entretanto, não são. Uma vez eu perguntei a Ebb se a magia machuca as cabras quando elas comem as plantas.

– Elas são cabras, Simon – respondeu ela. – Podem comer de tudo.

Quando me aproximo, vejo que os olhos de Ebb estão avermelhados. Ela os enxuga com a manga do suéter. É um suéter antigo de Watford, o vermelho

desbotado para um cor-de-rosa com manchas marrons ao redor do pescoço e dos pulsos.

Se fosse outra pessoa, eu me preocuparia. Mas Ebb é meio que chorona. Ela é como o Bisonho, se o Bisonho andasse com cabras o tempo todo em vez de deixar que o Pooh e o Leitão o animassem.

Isso dá nos nervos da Penélope, todo esse chororô, mas eu não ligo. O negócio com Ebb é que ela nunca diz a ninguém para manter a cabeça erguida ou olhar para o lado bom. É bastante reconfortante.

Eu me jogo ao lado dela na grama e passo a mão pelas costas da cabra.

– O que você está fazendo aqui em cima? – pergunta Ebb. – Não deveria estar praticando futebol?

– Eu não estou no time.

Ela afaga a cabra atrás das orelhas.

– E desde quando você deixa que isso te impeça?

– Eu...

Ebb funga.

– Você está bem? – pergunto.

– Argh. Claro. – Ela balança a cabeça, e seu cabelo voa ao redor das orelhas. Ele é sujo, loiro e sempre cortado numa linha definida acima da mandíbula e na testa. – É só a época do ano – diz ela.

– Outono?

– A volta às aulas. Me lembra dos meus dias de escola. Não dá pra voltar atrás, Simon, nunca dá pra voltar... – Ela esfrega o nariz no punho da blusa de novo, depois esfrega o punho no pelo da cabra.

Eu não aponto para o fato de que Ebb nunca deixou Watford de verdade. Não quero tirar sarro dela – para mim, parece um acordo muito bom. Passar a vida toda aqui.

– Nem todo mundo voltou – digo.

Sua face se inclina.

– Nós perdemos alguém?

O irmão de Ebb morreu quando eles eram jovens. É um dos motivos de ela ser tão melancólica; ela nunca superou. Não quero fazer com que chore outra vez...

– Não – digo. – Quero dizer, Baz. Basil não voltou.

– Ah – diz ela. – Jovem Mestre Pitch. Certamente ele vai voltar. A mãe dele dava muito valor aos estudos.

– Foi o que eu disse!

– Bem, você o conhece melhor – diz ela.

– Eu também disse isso!

Ebb consente e afaga a cabra.

– E pensar que vocês costumavam estar sempre se atracando.

Ela olha para mim, em dúvida. Seus olhos são estreitos e azuis, de um azul brilhante – ainda mais brilhante, de certo modo, devido ao fato de seu rosto ser tão sujo.

– Ebb – insisto –, ele tentou me matar.

– Mas não foi bem-sucedido. – Ela dá de ombros. – E não recentemente.

– Tentou me matar três vezes! Que eu saiba! Não importa se funcionou ou não.

– Importa um pouco – diz ela. – Além disso, qual era a idade dele na primeira tentativa? Onze anos? Doze? Isso nem conta.

– Para mim, conta – respondo.

– Conta?

Eu bufo.

– Sim, Ebb. Conta. Ele me odiava antes mesmo de me conhecer.

– Exatamente – diz ela.

– Exatamente! – digo eu.

– Só tô falando que faz bastante tempo desde que precisei lançar um feitiço para separar vocês – diz ela.

– Bem, não faz sentido brigar o tempo todo – comento. – Não leva a lugar algum. E machuca. Suspeito que estejamos segurando a onda.

– Para quê? – pergunta ela.

– O final.

– O final do ano?

– O final do final – digo. – A grande luta.

– Então você está segurando a onda, e aí ele não voltou para o final?

– Exatamente!

– Bem, eu não perderia as esperanças – diz Ebb. – Acho que ele vai voltar. A mãe dele sempre deu valor

a uma boa educação. Sinto saudades dela nessa época do ano...

Ela enxuga os olhos na manga. Eu suspiro. De vez em quando, com Ebb, é melhor simplesmente desfrutar do silêncio. E das cabras.



Três semanas se passam. Quatro, cinco, seis.

Eu paro de procurar por Baz nos lugares onde ele deveria estar.

Sempre que eu ouço alguém na escadaria do lado de fora do nosso quarto, sei que é a Penny. Até deixo que ela passe a noite aqui às vezes e durma na cama dele; não parece existir nenhum perigo imediato de Baz entrar de repente e botar fogo nela por causa disso. (O Anátema do Colega de Quarto não impede que você machuque *qualquer* outra pessoa em seu quarto.)

Eu aborreço Niall mais algumas vezes, mas ele não dá nem pistas de saber onde Baz está. No máximo, parece que Niall está torcendo para que eu encontre alguma resposta.

Sinto que deveria conversar com o Mago a respeito. A respeito de Baz. Mas eu não *quero* falar com o Mago. Tenho medo de que ele ainda esteja planejando me mandar embora.

Penny me diz que é inútil evitá-lo.

– Não é como se você fosse desaparecer do radar do Mago.

Mas talvez eu tenha desaparecido... E isso também me incomoda.

O Mago sempre passa muito tempo longe, mas ele mal esteve presente em Watford neste ano letivo. E sempre que ele está aqui, está cercado por seus Homens.

Normalmente, ele estaria conferindo como eu estou. Me chamando para o seu escritório. Me passando tarefas, pedindo ajuda. Às vezes, acho que o Mago realmente precisa da minha ajuda – ele pode confiar mais em mim do que em qualquer outra pessoa –, mas às vezes acho que ele está apenas me testando. Para descobrir minha constituição. Para me manter em ordem.

Certo dia estou sentado durante a aula quando vejo o Mago caminhando sozinho na direção da Torre Chorona. Assim que a aula termina, eu parto para lá.

É um prédio alto de tijolos vermelhos – um dos mais antigos de Watford, quase tão antigo quanto a Capela. É chamada de Torre Chorona porque há trepadeiras que crescem todo verão e descem do topo – e porque o prédio começou a se inclinar para a frente ao longo dos anos, quase como se estivesse desabando em luto. Ebb diz para não me preocupar, porque ele não vai cair; os feitiços ainda são muito fortes.

O refeitório fica no piso térreo da Torre, ocupando-o por inteiro, e acima dele ficam salas de aula, de reuniões e de invocações; o escritório e o santuário do Mago ficam no topo.

Ele entra e sai de acordo com suas necessidades. O Mago tem que ficar de olho em todo o mundo mágico – no do Reino Unido, pelo menos –, e caçar o Insípidum consome muito de seu tempo.

O Insípidum não ataca apenas a mim. Isso nem é o pior que ele faz. (Se fosse, os outros bruxos provavelmente já teriam me jogado para ele a essa altura.)

Quando o Insípidum apareceu pela primeira vez, quase vinte anos atrás, buracos começaram a surgir na atmosfera mágica. Parece que ele pode sugar a magia de um lugar, provavelmente para usar contra nós.

Se você for a um desses pontos mortos, é como entrar em um quarto sem ar. Não existe nada lá para você, nenhuma magia – até mesmo eu fico sem nada.

A maioria dos bruxos não consegue suportar. Estão tão habituados à magia, a sentir a magia, que ficam loucos sem ela. Foi assim que o monstro ganhou seu nome. Um dos primeiros bruxos a enfrentá-lo descreveu o ataque como uma "insipidez insidiosa, uma mundanidade que se arrasta para dentro da sua própria alma".

Os pontos mortos permanecem mortos. Você recupera a *sua* magia de volta se sair dali, mas a

magia nunca mais volta para aquele lugar.

Muitos bruxos tiveram que abandonar seus lares, pois o Insípidum retirou a magia de lá.

Seria um desastre se o Insípidum um dia viesse a Watford.

Até o momento, ele normalmente envia alguém – ou *alguma outra coisa*, alguma criatura sombria – atrás de mim.

É fácil para o Insípidum encontrar aliados. Todas as criaturas sombrias deste mundo e seus vizinhos também adorariam ver os bruxos caírem. Os vampiros, os lobisomens, os demônios e banshees, as mantícoras, os *duendes* – todos eles são ressentidos conosco. Nós controlamos a magia, e eles não conseguem fazê-lo. E mais, nós os mantemos sob controle. Se as coisas sombrias tivessem liberdade para fazer o que quisessem, o mundo Normal seria um caos. Eles tratariam as pessoas normais como gado. Nós, os bruxos, precisamos que os Normais levem suas vidas normais, relativamente inalteradas pela magia.

Nossos feitiços dependem de eles poderem falar livremente.

Isso explica por que as criaturas sombrias nos odeiam.

Contudo, ainda não sei por que o Insípidum me escolheu como alvo, especificamente. Porque sou o bruxo mais poderoso, suponho. Porque sou sua maior ameaça.

O Mago diz que ele mesmo seguiu meu poder como um farol quando chegou o momento de me trazer para Watford.

Talvez também tenha sido assim que o Insípidum me encontrou.

Eu subo uma escadaria curva até o topo da Torre Chorona, onde ela se abre em um saguão redondo. O brasão da escola está disposto em mármore no piso, polido até parecer molhado. E o teto abobadado tem um mural do próprio Merlim invocando a magia através das mãos apontadas para o céu, a boca aberta. Ele lembra o cara que apresenta *QI*.[3]

Há duas portas. O escritório do Mago fica depois da porta alta em forma de arco, à esquerda. E seu

santuário, seus aposentos, depois da porta menor, à direita.

Eu bato na porta de seu escritório primeiro, mas ninguém responde. Cogito bater na porta de seus aposentos, mas isso parece íntimo demais. Talvez eu apenas deixe um recado.

Abro a porta do escritório do Mago – ela tem uma proteção, mas as proteções foram ajustadas para me receber bem –; em seguida, entro devagar, caso eu o esteja perturbando...

Está escuro. As cortinas estão fechadas. As paredes normalmente são forradas de livros, mas um punhado foi retirado e está organizado em pilhas ao redor da escrivaninha dele.

Eu não acendo a luz. Queria ter trazido papel ou alguma coisa assim – não quero remexer a mesa do Mago. Não é o tipo de escrivaninha que tem bilhetinhos em Post-it e um bloco de ENQUANTO VOCÊ ESTAVA AUSENTE.

Pego uma pesada caneta-tinteiro. Há algumas folhas de papel na mesa, listas de datas. Eu viro uma e escrevo:

Senhor, eu gostaria de falar com o senhor quando tiver um momento.

Sobre tudo. Sobre o meu colega de quarto.

E então eu acrescento:

(T. Basilton Grimm-Pitch)

Aí desejo não ter feito isso, porque é claro que o Mago sabe quem é meu colega de quarto, e agora parece que assinei com o nome dele. Assim, eu *tenho* que assinar com o meu:

Simon

– Simon – alguém diz, e eu me assusto, derrubando a caneta.

A Senhorita Possivelfa está de pé à porta, mas não entra no escritório.

A Senhorita Possivelfa é nossa professora de Palavras Mágicas e reitora dos alunos. Ela é minha professora favorita. Não é exatamente amistosa, mas acho que realmente se importa, e às vezes parece

mais humana do que o Mago. (Embora ela não seja exatamente humana, creio eu...) É muito mais provável que ela repare se você está se sentindo doente ou triste, ou se o seu polegar está pendurado por um fio.

– Senhorita Possivelfa – digo. – O Mago não está.

– Estou vendo. Você tem algum assunto a tratar aqui?

– Pensei que ele pudesse estar aqui. Tem algumas coisas que eu queria falar com ele.

– Ele estava aqui de manhã, mas já saiu de novo. – A Senhorita Possivelfa é alta e larga, com uma grossa trança prateada descendo pelas costas. Ela é impossivelmente graciosa e impossivelmente eloquente, e se ela fala diretamente com você, a voz dela meio que faz cócegas nos seus ouvidos. – Você pode conversar comigo – diz ela.

E mesmo assim ela não entra; não deve ter permissão para cruzar os feitiços de proteção.

– Bem – digo. – Em parte, é sobre o Baz. Basil. Ele ainda não voltou para a escola.

– Eu notei – diz ela.

– A senhorita sabe se ele vai voltar?

Ela baixa o olhar para sua varinha, um cajado de caminhada, e gira o cabo em um círculo.

– Não tenho certeza.

– A senhorita falou com os pais dele? – pergunto.

Ela olha para mim.

– Isso é confidencial.

Eu assinto e chuto a lateral da escrivaninha do Mago – aí percebo o que estou fazendo e dou um passo para trás, passando a mão em meus cabelos com os dedos.

A Senhorita Possivelfa limpa a garganta com delicadeza; mesmo do outro lado da sala, um arrepio sobe pela minha nuca.

– O que eu *posso* te dizer – continua ela – é que é política da escola entrar em contato com os pais dos alunos quando a criança não volta para o ano letivo...

– Então você conversou com os Pitches?

Ela estreita seus olhos castanho-escuros.

– O que você espera descobrir, Simon?

Eu baixo a mão, frustrado.

– A verdade. Ele se foi? Ele está doente? A guerra começou?

– A verdade...

Fico esperando que ela pisque. Até bruxos piscam.

– A verdade – diz ela – é que não tenho resposta para nenhuma dessas questões. Os pais dele foram contatados. Estão cientes de que ele não se encontra na escola, mas não têm o que fazer. O Sr. Pitch já é maior de idade, como você. Tecnicamente, é um adulto. Se ele não frequentar esta escola, não sou responsável por seu bem-estar.

– Mas vocês não podem simplesmente ignorar quando um estudante não retorna para a escola! E se ele estiver planejando alguma coisa?

– Então essa é uma preocupação para a Irmandade, não para a reitora dos alunos.

– Se o Baz estiver organizando uma insurgência – pressiono –, isso é uma preocupação de todos nós.

Ela me observa. Eu empino o queixo e me mantenho firme. (Esse é meu movimento padrão

quando não sei mais o que fazer.) (Porque se tem uma coisa em que eu sou bom...)

A Senhorita Possivelfa fecha os olhos, mas não como se precisasse piscar – é mais como se ela estivesse cedendo. *Bom*.

Ela torna a olhar para mim.

– Simon, você sabe que me importo com você e que sou sempre honesta. Mas eu não sei onde o Basilton está. Talvez ele *esteja* planejando algo horroroso; espero que não, pelo seu bem e pelo dele. Tudo o que sei é que quando falei com seu pai, ele não pareceu surpreso, apenas desconfortável; sabia que o filho não estava aqui, e não soou nada feliz. Francamente, Simon? Ele soou como um homem que não sabe mais a quem pedir ajuda.

Solto o ar com força pelo nariz e assinto com um gesto.

– Isso é tudo o que eu sei – diz ela. – Se eu descobrir mais alguma coisa, te conto, se puder.

Concordo mais uma vez.

– Agora, talvez você deva ir almoçar.

– Obrigado, Senhorita Possivelfa.

Enquanto passo por ela na entrada, ela tenta dar tapinhas conciliatórios em meu braço – mas eu sigo andando, e é esquisito. Ouço a pesada porta de carvalho se fechar atrás de nós.

Eu não vou almoçar. Faço uma caminhada que se transforma em uma corrida que se transforma em um ataque a uma árvore na fronteira da floresta.

Não posso acreditar que minha espada vem quando eu chamo por ela.

3 QI: Quite Interesting, programa de trívia apresentado por Stephen Fry. (N.T.)

17.

Simon

Paro de procurar por Baz em qualquer lugar onde ele devesse estar...

Mas não paro de procurar por ele.

Faço caminhadas pela Floresta Oscilante à noite. Penny vê a expressão em meu rosto e não tenta se juntar a mim. Agatha está sempre distante, fazendo suas tarefas; ela deve estar levando a sério este ano – talvez o pai dela tenha lhe prometido um cavalo novo ou algo do tipo.

Eu amava a Floresta, eu a achava tranquilizante.

Percebo depois de algumas noites que não estou apenas andando sem rumo; estou cobrindo a Floresta como se a vasculhasse. Como a vasculhamos no ano em que Elspeth desapareceu – todos nós de mãos dadas, caminhando lado a lado, marcando partes da floresta conforme íamos

cobrindo o terreno. Agora estou marcando em minha cabeça, lançando feitiços de luz e agitando minha espada para lá e para cá para retirar galhos. Vou derrubar a porra da floresta toda se continuar desse jeito.

Não encontro nada. E assusto as fadinhas. E uma dríade aparece para me dizer que eu sou basicamente um apocalipse ambulante em formato de homem.

– O que você busca? – pergunta a ninfa, flutuando sobre o chão apesar de eu já ter dito a ela que isso me dá calafrios. Ela tem cabelo semelhante ao musgo e está vestida como uma daquelas garotas de mangá, com botas vitorianas e sombrinha.

– Baz – digo. – Meu colega de quarto.

– O morto? Com os olhos bonitos?

– Sim. – Baz *está mesmo* morto? Nunca pensei nele desse jeito. Digo, ele é um vampiro, acho. – Espere aí, você está dizendo que ele está morto? Tipo, morto mesmo?

– Todos os comedores de sangue estão mortos.

– Você já o viu comer sangue de fato?

Ela me encara. Minha espada está fincada no chão, ao lado dos meus pés.

– O que você busca, Escolhido? – Ela soa irritada agora. Deixa que sua sombrinha verde repouse no ombro.

– Meu colega de quarto, Baz. O comedor de sangue.

– Ele não está aqui – diz ela.

– Tem certeza?

– Mais certeza do que você.

Eu suspiro e cravo minha espada mais fundo no chão.

– Bem, eu não tenho nenhuma certeza.

– Você está queimando muita boa vontade aqui, bruxo.

– Quantas vezes preciso salvar a Floresta para conquistar vocês?

– É inútil salvar a floresta se você vai simplesmente derrubá-la depois.

– Estou procurando. Pelo meu colega de quarto.

– Seu inimigo – ela rebate. Sua pele é de um marrom acinzentado, com sulcos e ondulações

como casca de árvore, e seus olhos brilham como aqueles cogumelos que nascem no fundo das florestas.

– Não importa o que ele é – digo –, você sabe de quem estou falando. Como pode ter tanta certeza de que ele não está aqui?

A dríade inclina a cabeça para trás, como se escutasse as árvores atrás dela. Cada movimento seu soa como uma brisa soprando entre galhos.

– Ele não está aqui – diz ela. – A menos que esteja se escondendo.

– Bem, é óbvio que ele está se escondendo! Ele está se escondendo em algum lugar, cacete.

– Se *nós* não conseguimos vê-lo aqui, bruxo, então você também não o verá.

Eu apanho minha espada e prendo-a no quadril.

– Mas você vai me dizer, caso ouça alguma coisa?

– Provavelmente não.

– Você é impossível.

– Eu sou improvável.

– Isso é importante – digo. – Uma pessoa muito perigosa sumiu.

– Perigosa, mas não para mim – sibila ela. – Nem para minhas irmãs. Nós não sangramos. Não fazemos joguinhos de quem é mais e maior.

– Talvez você tenha se esquecido de que Pitch é a Casa do Fogo. – Eu gesticulo para a floresta atrás dela, toda inflamável.

A cabeça da ninfa se ergue de repente. Seu sorriso desaparece. Ela passa a sombrinha para o outro ombro.

– Tudo bem – ela assovia.

– Tudo bem?

– Se virmos o seu belo comedor de sangue, diremos a ele que você o procura.

– Não. Está. Ajudando.

– Podemos dizer para o ouro que anda, então.

– O ouro que anda... Sou eu?

Ela franze o nariz e balança o cabelo musgoso. Flores desabrocham nele.

– Quem, então?

– O seu ouro que anda. O dele. Seu pistilo e seu estigma.

– Pist... Você quer dizer a Agatha?

– Irmã cabelos dourados.

– Você vai contar a Agatha se vir o Baz?

– Sim. – Ela gira a sombrinha. – Nós a achamos tranquila.

Suspiro e esfrego as costas da mão na testa.

– Eu já salvei vocês pelo menos três vezes. Esta floresta toda. Você sabe disso, né?

– O que você *busca*, Escolhido?

– Nada. – Jogo as mãos para cima e me viro para partir, chutando a muda mais próxima. – Nada!

Nada de bom acontece na Floresta Oscilante.



Eu caminho pela floresta.

Caminho pelos campos.

Cubro o terreno da escola entre as aulas, cutucando prédios vazios, abrindo portas fechadas há muito.

Às vezes, Watford parece tão grande por dentro quanto os terrenos murados e as terras fora dos muros somados.

Há salas secretas. Corredores secretos. Alas totalmente escondidas que só se revelam se você conhecer o feitiço certo ou tiver o artefato correto.

Existe um andar extra entre o primeiro e o segundo andar dos Claustros. (Penny chama isso de "conteúdo bônus".) É um eco do piso acima. Todas as mesmas coisas acontecem lá, só que um dia depois.

Há um fosso debaixo do fosso.

E tocas nas colinas.

Existem três portões escondidos, e eu só consegui abrir um deles.

De vez em quando, sinto que passei minha vida toda procurando pelo mapa ou a chave que fará toda Watford – todo o Mundo dos Bruxos – fazer sentido.

Entretanto, tudo o que encontro são peças do quebra-cabeça. É como se eu estivesse em um quarto escuro e só houvesse luz o suficiente para ver um de seus cantos de cada vez.

Passei a maior parte do meu quinto ano vagando pelas Catacumbas debaixo da Capela Branca, procurando por Baz. A Capela fica no centro de

Watford; é o prédio mais antigo. Ninguém sabe se Watford começou como uma escola ou alguma outra coisa. Talvez seja uma abadia mágica. Ou um povoado bruxo – é nisso que eu gostaria de acreditar. Imagine só, uma cidade murada com bruxos vivendo juntos, praticamente de conhecimento público. Uma comunidade mágica.

As Catacumbas ficam debaixo da Capela, e mais além. Provavelmente, há vários modos de descer, mas eu só conheço um.

No nosso quinto ano, eu sempre via Baz ir escondido para a Capela depois do jantar. Pensava que podia ser algum complô – uma conspiração.

Eu o seguia até a Capela, pelas portas principais, altas e em arco, nunca trancadas... Para trás do altar, atrás do santuário e do Canto dos Poetas... Pela porta secreta e descendo para as Catacumbas.

As Catacumbas são bem horripilantes. Agatha nunca descia lá comigo, e Penélope só foi comigo no começo, quando ainda acreditava que Baz podia estar aprontando alguma.

Ela parou durante nosso quinto ano. Parou também de ir comigo às partidas de futebol de Baz. E parou de esperar comigo no corredor do lado de fora da sacada onde Baz tem aulas de violino.

Eu, porém, não conseguia desistir. Não quando todas as minhas pistas estavam justamente começando a se encaixar...

O sangue nos punhos das camisas de Baz. O fato de que ele era capaz de enxergar no escuro. (Ele voltava para o nosso quarto à noite e se trocava para dormir sem nunca acender a luz.) Foi quando eu encontrei uma pilha de ratos mortos no porão da Capela, todos murchos e secos como limões espremidos.

Estava sozinho quando finalmente o confrontei. No fundo das Catacumbas, dentro da Tumba das Crianças. *Le Tombeau des Enfants*. Baz estava sentado no canto, crânios empilhados como laranjas nas paredes em torno dele.

– Você me encontrou – ele falou.

Eu já estava com a espada na mão.

– Sabia que encontraria.

– E agora? – Ele nem se levantou. Só espanou um pouco de poeira de sua calça cinza e se recostou contra os ossos.

– Agora você me conta o que está aprontando – retruquei.

Com isso, ele riu. Baz estava sempre rindo para mim naquele ano, mas dessa vez soou mais desanimado do que o usual. Havia tochas tingindo a sala cinzenta de laranja, mas sua pele continuava branca como giz.

Ajustei minha posição, apartando os pés na largura dos quadris, endireitando os ombros.

– Elas morreram numa infestação da peste – disse ele.

– Quem?

Baz ergueu a mão, e eu recuei rapidamente.

Ele arqueou uma sobrancelha e fez um floreio com o braço para a sala ao nosso redor.

– Elas – disse. – *Les enfants.*

Uma mecha de cabelo preto caiu sobre sua testa.

– É por isso que você está aqui? Para rastrear uma peste?

Baz me encarou. Ele tinha 16 anos, nós dois tínhamos, mas ele fazia com que me sentisse com cinco anos. Sempre me fizera sentir como uma criança, como se eu nunca fosse alcançá-lo. Como se ele tivesse nascido sabendo de tudo sobre o Mundo dos Bruxos – é o mundo *dele*. Está em seu DNA.

– Sim, Snow – disse ele. – Estou aqui para encontrar uma peste. Vou enfiá-la num tubo de ensaio fumegante e infectar toda Metrópolis.

Apertei minha espada.

Ele parecia entediado.

– O que você está fazendo aqui? – exigi saber, balançando a espada no ar.

– Estou sentado – disse ele.

– *Não*. Nada disso. Eu finalmente te peguei, depois de todos esses meses. Você vai me dizer o que está planejando.

– A maioria dos alunos morreu – disse ele.

– Pare. Pare de me distrair.

– Eles enviaram para casa os que ainda estavam sãos. Meu tata-tatara-tio era o diretor; ficou para trás para ajudar a cuidar dos doentes e moribundos. Seu

crânio também está aqui embaixo. Talvez você possa me ajudar a procurar por ele. Me disseram que eu tenho uma testa aristocrática igual à dele.

– Não estou ouvindo.

– A magia não os ajudou – disse Baz.

Cerrei os maxilares.

– Eles ainda não tinham um feitiço para a peste – prosseguiu ele. – Não havia nenhuma palavra que tivesse poder suficiente, o tipo certo de poder.

Eu dei um passo adiante.

– O que você está fazendo aqui?

Ele começou a cantar para si mesmo.

– *Rodando em volta da rosa/um punhado de buquês...*[4]

– Responda, Baz.

– *Cinzas, cinzas...*

Golpeei e atingi com a espada a pilha de ossos ao lado dele, fazendo com que crânios se soltassem e saíssem rolando.

Ele fez uma expressão de desprezo e se sentou, apanhando os crânios com sua varinha. ***"Do jeitinho***

que estava!". Eles giraram no ar e rolaram de volta aos seus lugares.

– Demonstre um pouco de respeito, Snow – disse ele, cortante; depois se encolheu e voltou a se recostar na parede. – O que você quer de mim?

– Quero saber o que você está aprontando.

– É isso o que estou aprontando.

– Sentado em uma porra de uma tumba com um punhado de ossos.

– Não são apenas ossos. Eles são *alunos*. E professores. Todos que morrem em Watford são enterrados aqui.

– E daí?

– *E daí?* – ele repetiu.

Eu rosnei.

– Olha aqui, Snow... – Ele se levantou. Era mais alto do que eu – sempre tinha sido mais alto do que eu. Mesmo depois do verão em que eu cresci sete centímetros e meio, juro que aquele sortudo desgraçado cresceu dez. – Você anda me seguindo, me procurando. E agora me encontrou. Não é culpa

minha se você ainda não encontrou o que está procurando.

– Eu sei o que você é – rosnei.

Os olhos dele sustentaram os meus.

– Seu colega de quarto?

Chacoalhei a cabeça e apertei o punho da espada.

Baz adiantou-se, colocando-se ao meu alcance.

– Me diz – cuspiu ele.

Eu não pude.

– Me diz, Snow. – Ele se aproximou ainda mais. – *O que é que eu sou?*

Rosnei novamente e levantei a espada alguns centímetros.

– Vampiro! – gritei. Baz deve ter sentido a força da minha respiração em seu rosto.

Ele começou a gargalhar.

– Sério? Acha que sou um *vampiro*? Bem, Aleister Crowley, o que você vai fazer a respeito *disso*?

Ele tirou um frasco de bebida do casaco e tomou um gole. Eu não sabia que ele andava bebendo – minha espada se abaixou um pouco. Tentei me

lembrar de continuar pronto para a batalha e tornei a levantá-la.

– Uma estaca no coração? – perguntou ele, voltando para o canto e pousando um braço sobre uma pilha de crânios. – Decapitação, talvez? Isso só funciona se você mantiver minha cabeça separada do corpo, e mesmo assim eu ainda poderia caminhar; meu corpo não vai parar até encontrar a cabeça... É melhor usar fogo, Snow, é a única solução.

Eu queria fatiá-lo ao meio. Naquele momento, bem ali. De uma porra de vez por todas.

No entanto, ficava pensando em Penélope. "Como você sabe que ele é um vampiro, Simon? Você já o viu tomar sangue? Ele já te ameaçou? Ele tentou te colocar sob servidão?"

Talvez ele tivesse. Talvez por isso eu seguira Baz por seis meses.

E agora o tinha nas mãos.

– Faça alguma coisa – provocou ele. – Salve o dia, Snow. Ou a noite. Rápido, antes que eu... hummm... Que coisa horrível eu devo fazer? É tarde demais

para todos aqui embaixo, só tem *você* aqui para ser ferido, né? E eu não acho que estou no clima para sugar seu sangue. E se eu te Transformasse por acidente? Aí estaria empacado com a sua cara piedosa para sempre. – Baz balança a cabeça e toma outro gole de seu frasco. – Não creio que a vida de não morto vá aprimorá-lo, Snow. Apenas estragaria a sua compleição. – Ele gargalhou de novo. Sem humor algum. E fechou os olhos como se estivesse exausto.

E provavelmente estava. Eu estava. Vínhamos brincando de gato e rato nas Catacumbas toda noite por semanas.

Baixei minha espada, mas a mantive desembainhada; em seguida, abandonei minha pose.

– Não preciso fazer coisa alguma – falei. – Eu sei o que você é. Agora só preciso esperar que você cometa algum deslize.

Ele fez uma careta sem nem abrir os olhos.

– Sério, Snow? É esse o seu plano? Esperar que eu mate alguém? Você é o pior Escolhido que alguém já

escolheu.

– Foda-se – falei. O que sempre significava que eu perdi a discussão. Comecei a me retirar da tumba. Eu precisava conversar sobre isso tudo com Penélope; precisava me reagrupar.

– Se eu soubesse que era assim tão fácil me livrar de você – Baz gritou enquanto eu ia embora –, teria deixado que me apanhasse há semanas!

Fui para a superfície, torcendo para que ele não pudesse se transformar em um morcego e voar atrás de mim. (Penny disse que isso é um mito. Ainda assim...)

Eu podia ouvi-lo cantando, mesmo depois de ter andado uns dez minutos.

– *Cinzas, cinzas. Todos nós caímos.*



Eu não retornara às Catacumbas desde aquela noite...

Espero até ter certeza de que todos estão na cama, dormindo (tomara) – e então me esgueiro para a Capela Branca.

Dois bustos guardam a entrada secreta no Canto dos Poetas – os mais famosos poetas bruxos modernos, Marx e Wodehouse. Tenho um pouco de corda de nylon, e amarro uma das pontas ao redor do pescoço de Groucho.

A porta em si, um painel na parede, está sempre trancada, e não existe chave. Mas tudo o que você precisa fazer para abri-la é possuir um desejo verdadeiro de entrar. A maioria das pessoas simplesmente não tem.

As portas se escancaram para mim. E se fecham após minha passagem. O ar fica mais frio de imediato. Acendo uma tocha pequena e escolho meu primeiro caminho.

Lá embaixo, nos túneis tortuosos das Catacumbas, eu uso cada feitiço revelador que conheço, e cada feitiço de descobrimento. (**Quem não se escondeu, não se esconde mais! Está na hora do show! Scooby-Doo, cadê você?**) Eu chamo Baz pelo seu nome completo – isso deixa o feitiço mais difícil de resistir.

Palavras mágicas são complicadas. Às vezes, para revelar algo escondido, você precisa usar a linguagem da época em que o objeto foi ocultado. E às vezes uma frase antiga para de funcionar quando o resto do mundo enjoa de utilizá-la.

Eu nunca fui bom com as palavras.

Em parte, é por isso que sou um bruxo tão inútil.

– *Palavras são muito poderosas* – a Senhorita Possivelfa disse durante nossa primeira aula de Palavras Mágicas. Ninguém mais estava prestando atenção; ela não estava dizendo nada que eles já não soubessem. Eu, porém, estava tentando memorizar tudo.

– *E elas se tornam mais poderosas* – prosseguiu ela – *quanto mais são ditas e lidas e escritas em combinações específicas e consistentes. O segredo para lançar um feitiço é explorar esse poder. Não apenas dizer as palavras, mas invocar seu significado.*

O que quer dizer que você precisa de um bom vocabulário para praticar magia. E precisa ser capaz de improvisar. E ser corajoso o bastante para falar

em voz alta. E ter um bom ouvido para um fraseado sólido.

E você tem que realmente *compreender* o que está dizendo – como as palavras se traduzem em magia.

Você não pode simplesmente agitar sua varinha e repetir qualquer coisa que ouviu alguém dizendo na esquina; essa é uma boa maneira de acidentalmente separar alguém de seus colhões.

Nada disso me vem naturalmente. Palavras. Linguagem. Fala.

Eu não me lembro de quando aprendi a falar, mas sei que tentaram me enviar a especialistas. Pelo visto, isso acontece com crianças na Assistência Social, ou crianças com pais que nunca falam com elas – elas simplesmente não aprendem como falar.

Eu visitava um consultor e um terapeuta da fala.

– *Use as suas palavras, Simon.*

Enjoei de ouvir isso. Era tão mais fácil simplesmente tomar o que eu queria em vez de pedir. Ou bater em quem estava me machucando, mesmo que me batessem de volta.

Eu mal falei no primeiro mês que passei em Watford. Era fácil não falar; ninguém mais por aqui consegue ficar quieto.

A Senhorita Possivelfa e alguns outros professores notaram e começaram a me dar aulas particulares. Lições para falar em voz alta. De vez em quando, o Mago acompanhava uma delas, esfregando a barba e olhando pela janela. "*Use as suas palavras!*" – eu me imaginava gritando para ele. E então o imaginava dizendo que tinha sido um engano me levar até ali.

Enfim, eu ainda não sou bom com as palavras, e sou uma merda com minha varinha, então me viro com memorização. E, sinceramente, isso ajuda, acredite se quiser. Quando em dúvida, simplesmente faço o que a Penny me manda fazer.

Abro caminho cuidadosamente pelas Catacumbas, fazendo meu melhor com os feitiços que funcionam para mim.

Encontro passagens secretas dentro de passagens secretas. Encontro um baú de tesouro que está roncando profundamente. Encontro a pintura de

uma garota com cabelo loiro e lágrimas escorrendo pelo rosto, escorrendo de verdade, como um *gif* esculpido na parede. Uma versão mais jovem de mim teria ficado para descobrir a história dela. Uma versão mais jovem de mim teria transformado isso numa aventura.

Continuo a procurar por Baz.

Ou por uma pista.

Toda noite eu volto quando chego ao fundo do poço.

4 Reza a lenda que esta canção folclórica é inspirada na Grande Peste de Londres, que ocorreu entre 1665 e 1666, com estimativa de cem mil mortos (um quarto da população de Londres na época). Em inglês: *Ring around the rosie/a pocket full of posies/Ashes, ashes*. E o verso que completa a música e faz a ligação com a peste, e não aparece aqui: *We all fall down* (Todos nós caímos). (N.T.)

18.

Lucy

Você sabia que essas paredes têm mil anos de idade?

Há espíritos movendo-se através delas, falando em línguas que ninguém mais compreende. Mas não importa, acho. Ninguém os escuta.

As paredes são as mesmas de quando eu caminhava por elas. A Capela. A Torre. A ponte levadiça.

Os lobos são novos. As feras písceas. Eu me pergunto onde será que Davy os encontrou. Que feitiço lançou para trazê-los para cá? E o que ele acha que vão evitar?

– Paranoico – Mit sempre disse. – Ele acha que todo mundo o persegue.

– Acho que algumas pessoas podem de fato estar atrás dele – argumentei.

– Isso porque ele é um cretino rancoroso – disse ela.

– Ele se importa demais.

– Com ele mesmo? Também acho.

– Com tudo – falei. – Ele não consegue abrir mão de nada.

– Você vem dando ouvidos a ele há tempo demais, Lucy.

– Sinto pena dele... E se você o escutasse, perceberia que o que ele diz faz sentido. Por que fadas e centauros com legado bruxo não podem vir para Watford? E por que meu irmão teve que ficar em casa? Só porque ele não é poderoso?

– Seu irmão é um idiota – disse ela. – Tudo que importa pra ele é o Def Leppard.

– Você sabe como minha mãe ficou chateada quando ele foi rejeitado. Ele tem uma varinha e nem sabe como utilizá-la. Meus pais quase se divorciaram por causa disso.

– Eu sei. – Mitali se abrandou. – Me desculpe. Mas a escola tem um tamanho limitado. Não podemos abrigar todo mundo.

– Poderíamos ampliá-la, é o que Davy diz. Ou poderíamos construir uma nova escola. Imagine isso, escolas por todo o país, para qualquer um que tenha magia.

Ela franziu a testa.

– Mas o ponto principal de Watford é que ela é a melhor. A melhor educação para os melhores bruxos.

– *Esse* é o ponto principal de Watford? Então Davy está certo. Ela é elitista.

Mit suspirou.

– Davy diz que estamos ficando mais fracos – falei. – Enquanto sociedade. Que as coisas sombrias e selvagens vão acabar com a gente e deixar que a terra retome sua magia.

– Ele te diz que elas moram debaixo da sua cama?

– Estou falando sério – pontuei.

– Eu sei – respondeu ela, cabisbaixa. – Queria que não estivesse. O que Davy espera que você faça? O

que ele espera de nós?

Eu me inclinei para junto dela e murmurei a resposta:

– *Revolução.*



Eu tenho vagado.

Tentando encontrar o caminho até você.

As paredes são as mesmas. E a Capela. E a Torre.

As gravatas são mais finas. As saias são mais curtas. Mas as cores são as mesmas...

Não posso deixar de sentir orgulho de Davy – você vai achar graça, vindo de mim, mas eu não consigo *deixar* de sentir orgulho dele.

Ele conseguiu. Sua revolução.

Ele abriu essas portas para toda criança abençoada com magia.

19.

Simon

Já é quase Dia das Bruxas quando eu finalmente falo com o Mago.

Ele mesmo me chama. Um melro entra voando na aula de Grego e larga um bilhete em minha mesa. O Mago com frequência tem um ou dois passarinhos voando ao seu redor. Melros, em geral. E cambaxirras e pardais. (Como a Branca de Neve.) Ele prefere lançar o feitiço **Um passarinho me contou** do que usar o celular.

Quando a aula termina, dirijo-me a um prédio na parte mais distante do terreno da escola, bem junto à muralha exterior. Ali há estábulos que foram convertidos em uma garagem e galpões.

Os Homens dele estão do lado de fora – Penny diz que gostaria um pouco mais dos Homens do Mago se houvesse algumas mulheres entre eles –,

reunidos em torno de um grande caminhão verde que eu jamais vira antes, algo como um caminhão militar com paredes de lona. Um deles segura uma caixa metálica. Eles se revezam estendendo as mãos para ela e observando as mãos passarem direto pelo objeto.

– Simon – diz o Mago, saindo do estábulo. Ele passa o braço ao redor dos meus ombros e me leva para longe do caminhão. – Aí está você.

– Eu teria vindo imediatamente, senhor, mas estava na aula. E o Minotauro disse que o senhor teria enviado um pássaro maior caso fosse uma emergência.

O Mago enruga a testa.

– O feitiço não funciona com pássaros maiores.

– Eu sei, senhor. Me desculpe. Ele não quis ouvir.

– Bem. – Ele aperta meu ombro. – Não era uma emergência. Eu só queria vê-lo. Conferir como está. A Senhorita Possivelfa me contou sobre o ataque, os insetos. Ela disse que foi o Insípidum.

Energúmenos. Na aula de Palavras Mágicas. Um enxame deles. Eu nunca tinha visto um enxame de

energúmenos antes.

Nós os chamamos de insetos porque eles são do tamanho de marimbondos, mas energúmenos são mais próximos dos pássaros. Um deles pode matar um cachorro, uma cabra ou um grifo. Dois ou três podem derrubar um bruxo. Eles se enfiam na sua orelha e zunem tão alto, que você não consegue pensar. Primeiro, você perde sua sanidade – em seguida, alcançam seu cérebro, e daí você perde todo o resto.

Energúmenos não atacam pessoas, não de modo geral. Mas eles entraram pela janela da sala de aula na semana passada e me cercaram como uma nuvem alaranjada conversadeira. A pior parte foi aquela sensação seca de sucção que sempre acompanha os ataques do Insípidum.

Todo mundo que estava na aula fugiu.

– A sensação era a mesma do Insípidum, senhor. Mas por que ele enviaria energúmenos? Eles mal podem ser considerados uma ameaça.

– Não para você, certamente. – O Mago esfrega sua barba. – Talvez ele apenas queira nos lembrar de

que está por aí. Com o que você os atingiu?

– ***Mortinho da silva.***

– Muito bem, Simon.

– Eu... acho que eu também matei outras coisas. Ebb encontrou faisões no gramado. E Rhys tinha um periquito...

O Mago dá uma olhada para o melro voando acima de seu ombro e aperta meu braço.

– Você fez o que precisava fazer. E ninguém se feriu. Chegou a falar com a enfermeira?

– Estou bem, senhor. – Eu me aproximo um passo. – Senhor. Eu esperava... digo. O senhor fez algum progresso? Com o Insípidum? Vejo os Homens indo e vindo. Mas eu não... eu poderia ajudar. Penélope e eu. Nós poderíamos ajudar.

A mão dele escorrega de meu ombro e ele a pousa em seu quadril.

– Não há nada para relatar nesse *front*. Nenhuma novidade, nenhum ataque. Apenas o constante aumento dos buracos. Eu quase desejo que o Insípidum *mostre* de novo sua cara – Eu estremeço à lembrança daquele rosto; o Mago prossegue – para

lembrar àqueles tolos retrógrados o que estamos enfrentando.

Eu olho por cima do ombro dele para o caminhão. Os Homens ficaram carregando caixas por todo o tempo em que conversamos.

– Senhor, o senhor recebeu meu bilhete?

Ele estreita os olhos.

– Sobre o garoto Pitch desaparecido.

– Sobre o meu colega de quarto. Ele ainda não voltou.

O Mago esfrega a barba com a parte de trás da luva de couro.

– Você está correto em se preocupar, creio eu. As Famílias Antigas estão cerrando fileiras, chamando seus filhos para casa, trancando os portões. Estão se preparando para tomar alguma atitude contra nós.

– Seus filhos?

Ele começou a listar nomes – garotos que eu conheço, mas não muito bem. Alunos do sexto, sétimo e oitavo anos.

– Mas certamente – digo – as Famílias sabem que o Insípidum vai acabar conosco se não nos

mantivermos unidos. Ele está mais poderoso do que nunca.

– Talvez isso faça parte do plano delas – diz o Mago. – Parei de tentar entender essa gente. Eles se importam mais com sua própria riqueza e poder do que com nosso mundo. Às vezes, acho que eles sacrificariam qualquer coisa para me ver cair...

– Como eu posso ajudar, senhor?

– Sendo cuidadoso, Simon. – Ele coloca sua mão em meu braço novamente e se vira para me encarar. – Estou partindo de novo em algumas horas. Mas eu esperava, à luz desse novo ataque, que pudesse convencê-lo a levar minhas palavras a sério. *Saia daqui, Simon*. Deixe-me levá-lo para o abrigo de que lhe falei; é o mais distante do perigo que posso alojá-lo.

Eu dou um passo para trás.

– Mas eram só energúmenos, senhor.

– Dessa vez.

– Não. *Senhor*. Eu já lhe disse... Estou bem aqui. Estou perfeitamente seguro.

– Você nunca está seguro! – diz ele, e o diz com tanta ferocidade, que quase soa como uma ameaça. – Segurança, estabilidade, é tudo uma ilusão. É um deus falso, Simon. É como se agarrar a um bote afundando em vez de aprender a nadar.

– Então eu posso muito bem ficar aqui! – digo. Alto demais. Um dos Homens do Mago, Stephen, olha para mim. Baixo o tom de voz. – Se nenhum lugar é seguro, posso muito bem ficar aqui. Com meus amigos. Ou posso muito bem lutar. *Eu poderia ajudar o senhor*.

Nossos olhares se encontram. Então eu vejo o dele se encher de desapontamento e dó.

– Sei que você poderia, Simon. Mas a situação é muito delicada neste momento...

Ele não precisa terminar. Sei o que ele quer dizer.

O Mago não precisa de uma bomba.

Não se envia bombas em missões de reconhecimento. Elas não são convidadas para reuniões de estratégia. As pessoas esperam até ficarem sem nenhuma outra opção, e então as soltam.

Eu assinto.

Em seguida, viro de costas para ele e caminho de volta para o centro do terreno da escola.

Posso sentir seus Homens me vigiando. Eles são apenas um ou dois anos mais velhos do que eu. Odeio o fato de que eles pensam ser ainda mais velhos – que eles se sintam tão importantes. Odeio suas calças verde-escuras e as estrelas douradas em suas mangas.

– Simon! – grita o Mago.

Eu estampo uma expressão neutra no rosto e só então me volto.

O Mago pousa uma mão sobre os olhos para protegê-los do sol. E me dá um raro sorriso. Pequeno.

– O Insípidum pode estar mais poderoso do que nunca, mas você também está mais poderoso do que nunca. Lembre-se disso.

Eu concordo e observo-o voltar para a garagem.

Estou atrasado para encontrar Penélope.

20.

Penélope

Estamos estudando nas colinas, apesar de estar frio, porque Simon não gosta de praticar onde alguém possa vê-lo.

Ele está com seu casaco de lã cinza e com um cachecol da escola listrado em tons de verde, e eu deveria ter colocado uma calça, pois o vento está atravessando minhas meias cinza como se não fossem nada.

Já é quase Samhaim – o Véu se fechará em breve, e nem sombra da minha tia Beryl.

– ***As coisas são como são!*** – diz Simon, apontando a varinha para uma pedra repousada sobre um toco de árvore. A pedra estremece, depois desmorona em uma pilha de poeira. – Não sei dizer se o feitiço está

funcionando – diz ele –, ou se estou só destruindo coisas.

Todo aluno do oitavo ano tem a tarefa de criar um novo feitiço até o final do ano – seja encontrando um novo desvio de linguagem que ganhou poder ou um feitiço antigo que foi esquecido, e então descobrir como aplicá-lo.

Os melhores feitiços novos são práticos e duradouros. Bordões normalmente são uma porcaria; os mundanos se cansam de dizê-los, depois seguem a vida. (Os feitiços se estragam assim, expiram exatamente quando estamos pegando o jeito.) Música é arriscado pelo mesmo motivo.

Quase nunca um aluno de Watford cria um feitiço que realmente pega.

Mas minha mãe estava apenas no sétimo ano quando criou **Vocês vão ter que me engolir** – e ainda é um feitiço incrivelmente poderoso em combate, especialmente para mulheres. (Acho que minha mãe tem um pouquinho de vergonha disso. De ter um

feitiço ensinado nas oficinas de Magia Ofensiva do Mago.)

Simon vem tentando uma nova frase toda semana desde o começo do ano letivo. Seu coração não está nisso, e eu não o culpo. Até feitiços testados e aprovados tropeçam na varinha dele. E às vezes, quando ele trabalha com metáforas, elas se tornam cruelmente literais. Como a vez em que ele lançou **Procurando pelo em ovo** na Agatha durante nosso sexto ano a fim de ajudá-la, e em vez disso deixou-a coberta de pelos de cachorro. Acho que aquela foi a última vez que Simon apontou sua varinha para uma pessoa. E a última vez que Agatha tocou em bebida.

Ele espana a sujeira do toco e se senta, enfiando a varinha no bolso.

– Baz não é o único desaparecido.

– Como assim? – Aponto minha varinha para algumas peças de xadrez que coloquei no chão. – ***O jogo começou!***

O bispo cai.

Tento de novo.

– ***O jogo está valendo!***

Nada ocorre.

– Essa frase tem que servir para alguma coisa – digo. – É Shakespeare *mais* Sherlock Holmes.

– O Mago me disse que as Famílias Antigas têm tirado seus filhos da escola – diz Simon. – Dois meninos do sétimo ano não voltaram. E Marcus, primo de Baz, se foi. Ele está só no sexto ano.

– Qual deles é o Marcus?

– Em forma. Mechas loiras no cabelo. Joga no meio de campo.

Eu dou de ombros e me abaixo para apanhar as peças de xadrez. Estou sendo bem literal no momento, porque já tentei de tudo com essa frase. Sinto que ela poderia ser um bom feitiço de início – um catalisador...

– São só meninos que não voltaram? – pergunto.

– Humm – diz Simon. – Não sei. O Mago não disse.

– Ele é tão sexista. – Eu balanço a cabeça. – Marcus... não é aquele que ficou preso no elevador de carga no nosso segundo ano?

– É.

– Ele se juntou ao lado negro, é? Bem, estou tremendo de medo.

– O Mago acha que as Famílias estão se preparando para alguma grande ofensiva.

– O que ele quer que a gente faça a respeito?

– Ele não quer – diz Simon.

Eu guardo as peças no bolso.

– Como assim?

– Bem, ele ainda quer que eu vá embora...

Eu devo estar franzindo a testa, porque Simon ergue as sobrancelhas e diz:

– Eu *sei*, Penny. Não estou indo para lugar nenhum. Mas, se eu ficar aqui, então ele quer que eu fique na moita. Quer que *nós* fiquemos na moita. Diz que seus homens estão trabalhando nisso, e que é delicado.

– Humm. – Sento-me perto de Simon no toco da árvore. Tenho que admitir, eu meio que adoro a ideia de ficar na moita, de deixar o Mago fazer seus negócios doidos sem nós, pelo menos uma vez. Mas não quero que me *digam* para ficar na moita. E

Simon também não. – Você acha que Baz está com esses outros garotos? – pergunto.

– Faz sentido, né?

Eu não digo nada. Realmente odeio conversar com Simon sobre Baz. É como conversar com o Chapeleiro Maluco sobre chá. Odeio encorajá-lo.

Ele tira um pouco de musgo do toco com o calcanhar.

Eu me encosto nele, porque estou com frio e ele está sempre quentinho. E porque eu gosto de relembrá-lo de que não tenho medo dele.

– Faz sentido – diz Simon.

21.



Livros. Artefatos. Joias encantadas. Móveis encantados. Patas de macaco, pés de coelho, gnosis de gnomos...

Nós tomamos tudo. Mesmo que eu saiba que é inútil para mim.

Esse exercício tem mais do que um objetivo: é bom para mostrar às Famílias Antigas que ainda mando neste show.

Nesta escola.

Neste reino.

E não há nenhum deles que possa fazer melhor.

Eles me chamam de fracasso porque o Insípidum ainda está por aí, roubando nossa magia, limpando nossa terra – mas quem entre eles poderia se colocar como uma ameaça?

Talvez Natasha Grimm-Pitch pudesse ter colocado o Insípidum no lugar dele – mas ela se foi há muito tempo, e nenhum dos amigos e parentes dela tem sequer uma fração de seu talento.

Mando meus Homens para tomar os tesouros de meus inimigos, pilhar suas bibliotecas. Mostro-lhes que até uma criança de cara rosada no meu uniforme tem mais poder do que eles nesse novo mundo. E mostro a eles o que seus nomes valem: nada.

E ainda assim...

Não encontro o que procuro. Não encontro nenhuma resposta verdadeira. Ainda não posso *consertá-lo*.

O Maior Mago é nossa única esperança.

Porém, nosso maior mago é defeituoso. Trincado. Quebrado.

Simon Snow é esse mago; eu sei disso.

Nada como ele jamais caminhou pela nossa terra.

No entanto, Simon Snow – meu Simon – ainda não pode suportar esse poder. Ainda não sabe como controlá-lo. Ele é o único receptáculo

suficientemente grande para conter o poder, mas ele é *trincado*. Ele é *avariado*. Ele é...

Só um menino.

Deve haver algum jeito – um feitiço, um amuleto, uma lembrança – que possa ajudá-lo. Somos bruxos! As únicas criaturas mágicas que podem manejar e *moldar* poder. Em algum lugar em nosso mundo existe uma resposta para Simon. (Um ritual. Uma receita. Uma rima.)

Não é assim que as profecias funcionam...

Não é assim que as histórias se desenrolam...

De maneira incompleta.

Se existe uma rachadura em Simon, então existe uma maneira de consertá-lo.

E eu vou encontrá-la.

22.

Simon

Vou reprovar em Grego, eu acho. E tô perdido em Ciências Políticas;

Agatha e eu tivemos uma briga sobre ir para a casa dela nas férias do meio do ano letivo: eu não quero sair de Watford, e não acho que ela queira mesmo que eu vá para casa com ela. Mas ela quer que eu queira. Ou algo assim.

Eu paro de usar minha cruz e guardo-a em uma caixa debaixo da cama...

Meu pescoço parece mais leve, mas minha cabeça parece cheia de pedras. Ajudaria se eu conseguisse *dormir*, mas não consigo, e, na verdade, não preciso dormir – meio que vou empurrando com a barriga, sobrevivendo de sonecas e magia.

Tenho expulsado Penny do meu quarto com frequência, para ela não perceber como passo as

minhas noites.

– Mas ninguém está usando a cama de Baz – argumenta ela.

– E ninguém está usando a *sua* cama – digo.

– Trixie e Keris juntam as camas quando eu não estou lá. Provavelmente tem pó de pirlimpimpim em todo canto.

– Não é problema meu, Penny.

– Todos os meus problemas são problemas seus, Simon.

– Por quê?

– Porque todos os *seus* problemas são problemas meus!

– Vá pro seu quarto.

– Simon, por favor.

– Vá. Você vai ser expulsa.

– Só se eu for flagrada.

– *Vá.*

Quando Penny finalmente sai, eu também saio.

Eu desisti das Catacumbas; passo agora a rondar as muralhas.

Não espero de fato encontrar Baz por aqui – onde ele se esconderia? Porém, ao menos sinto que poderei vê-lo se aproximando.

Além disso, eu gosto do vento. E das estrelas. Nunca posso ver as estrelas no verão: não importa em qual cidade eu vá parar, sempre há luzes demais.

Há uma torre de vigia com um pequeno refúgio lá dentro, com um banco e um teto. Eu observo os Homens do Mago indo e vindo a noite toda em seu caminhão militar. De vez em quando, pego no sono.



– Você parece cansado – diz Penny, no café da manhã. (Ovos fritos. Cogumelos fritos. Feijão cozido e pudim negro.) – E também... – Ela se debruça por cima da mesa. – ... tem uma folha no seu cabelo.

– Humm. – Eu continuo destruindo meu café da manhã. Terei tempo para uma segunda porção antes das aulas, se correr.

Penny estende a mão para o meu cabelo de novo, depois dá uma olhada de canto de olho para Agatha e recolhe a mão. Agatha sempre sentiu ciúme de

Penny e eu, mesmo eu dizendo inúmeras vezes que não tem nada a ver. (E *realmente* não tem nada a ver.)

Contudo, Agatha parece estar nos ignorando. De novo. Ainda. Não passamos nenhum tempo sozinhos desde nossa discussão. Francamente, foi um alívio. É uma pessoa a menos me perguntando se estou bem. Eu coloco minha mão na perna dela e aperto; ela se vira para mim, sorrindo com a metade inferior do rosto.

– Certo – diz Penny. – Vamos nos reunir à noite no quarto de Simon. Depois do jantar.

– Reunir para quê? – pergunto.

– Estratégia! – cochicha Penny.

Agatha desperta.

– Estratégia a respeito de quê?

– De tudo – diz Penélope. – Do Insípidum. Das Famílias Antigas. Sobre o que os Homens do Mago estão querendo de fato. Estou cansada de ficar na moita. Vocês não sentem que estão sendo deixados de escanteio?

– Não – diz Agatha. – Sinto é que deveríamos agradecer por ter um pouco de paz.

Penny suspira.

– Foi o que eu pensei também, mas estou preocupada. Talvez estejamos sendo enganadas para nos acalmar. E de propósito.

Agatha balança a cabeça.

– Você está preocupada por alguém *querer* que fiquemos felizes e confortáveis.

– Sim! – diz Penélope, espetando o garfo no ar.

– Que horror – diz Agatha.

– Nós deveríamos estar por dentro do plano – diz Penélope. – Seja lá qual for. Sempre estivemos por dentro do plano, mesmo quando éramos pequenos. E somos adultos agora. Por que o Mago está nos pondo de escanteio?

– Você acha que o Mago está querendo nos enganar? – pergunta Agatha. – Ou é o Insípidum que está fazendo isso? Ou talvez seja o Baz? – Ela está sendo sarcástica, mas Penny não repara, ou finge não reparar.

– *Sim* – diz Penny, espetando o ar de novo, como se estivesse se certificando de que ele está morto. – Todas as alternativas!

Espero que Agatha discuta um pouco mais, mas ela só balança a cabeça – chacoalha o cabelo da cor de palha de milho – e deposita um pouco dos ovos sobre sua torrada.

Isso é algo de que gosto em Agatha. E em Penny. Ambas comem quando há comida por perto. Nós três já fomos presos em porões e sequestrados por águias vezes o bastante para saber que se você pode, você come.

Coloco minha mão de volta na perna de Agatha. Ela não parece feliz nem confortável. Está franzindo a testa e seus olhos estão espremidos, e não creio que ela esteja usando maquiagem.

– Você parece cansada – digo, me sentindo mal por ter notado só agora.

Ela se recosta em mim um instante, depois volta a se endireitar.

– Estou ótima, Simon.

– Vocês dois parecem cansados – declara Penny. – Talvez estejam com síndrome de estresse pós-traumático. Talvez vocês não estejam *habituados* a tanta paz e tranquilidade.

Volto a apertar a perna de Agatha, depois me levanto para pegar um pouco mais de ovos e torrada e cogumelos para nós.

– *Nos enganando* – ouço Penny dizer.

23.

Penélope

Foi difícil trazer os dois aqui para cima, e Agatha ainda está reclamando.

– Penélope, este é um dormitório *masculino*. Nós seremos *expulsas*.

– Bem, o estrago já está feito – digo, sentada na escrivaninha de Simon. – A probabilidade de você ser apanhada é a mesma, saindo daqui agora ou mais tarde, então pode muito bem ficar.

– Você não vai ser apanhada – diz Simon, desabando em sua cama. – Penny vem aqui escondida o tempo todo.

Agatha não fica *nada* feliz em ouvir isso. (Eu a ignoro; se ela é tonta o suficiente para acreditar que Simon e eu temos sentimentos um pelo outro

depois de tantos anos, não vou desperdiçar meu tempo tentando convencê-la do contrário.) Ela se senta deliberadamente o mais distante que pode de nós dois, embora isso signifique se sentar na cama de Baz.

Aí percebe o que fez e parece que quer se levantar de novo. Seus olhos dardejam pelo quarto como se o próprio Baz fosse sair do banheiro. Simon parece tão paranoico quanto ela.

Francamente. Esses dois.

– Ainda não sei o porquê desta reunião – diz Agatha.

– Para agregar nosso conhecimento – digo, procurando por materiais à nossa volta. – Isso seria muito mais fácil se eu tivesse uma lousa...

Eu levanto minha varinha e lanço um **Viu o que eu falei?** e então começo a escrever no ar – *O que sabemos:*

– Nada – diz Agatha. – Reunião encerrada.

Eu a ignoro.

– Do meu ponto de vista, há três coisas com que sempre temos que nos preocupar.

1., escrevo, *O Insípidum*.

– O que sabemos sobre o Insípidum?

– Que ele tem a minha aparência – diz Simon, tentando me acompanhar. Agatha não parece surpreendida por essa informação; Simon deve ter contado a ela o que aconteceu. – E que ele quer algo de mim – prossegue Simon. – Que ele me persegue.

– E nós sabemos que ele anda quieto – digo. – Desde junho, nada além dos energúmenos.

Agatha cruza os braços.

– Mas o Insípidum ainda está por aí devorando magia, não é?

– Sim – admito. – Mas não tanta. Eu vi meu pai no fim de semana e ele disse que os buracos estão se espalhando muito mais devagar do que o habitual.

Acrescento isso às minhas anotações no ar.

– Nós não sabemos se ele devora a magia – diz Simon. – Não sabemos *o que* o Insípidum faz com a magia.

– Vamos nos ater ao que sabemos... – digo, e escrevo: *2. A guerra com as Famílias Antigas*.

– Não chamaria isso de "guerra" – diz Agatha.

– Mas tem havido conflitos, né? – diz Simon. – E duelos.

Agatha bufa.

– Bem, não se pode entrar na casa de alguém e exigir que abram o sótão para buscas sem esperar que haja alguns duelos.

Simon e eu nos voltamos para olhar para ela.

– O que você quer dizer? – pergunto.

– O Mago – diz Agatha. – Ouvi minha mãe falando com uma amiga do clube. Ele tem pilhado as casas dos bruxos, procurando por magia sombria.

– Ele vasculhou a sua casa? – pergunto.

– Ele não faria isso – diz Agatha. – Meu pai faz parte da Irmandade.

– Que tipo de magia sombria? – indaga Simon.

– Qualquer coisa que possa ser usada como arma, provavelmente – diz Agatha.

Acrescento isso às minhas anotações: *Batidas, magia sombria, duelos*.

– E nós sabemos que as Famílias Antigas mantiveram alguns de seus filhos fora de Watford – completa Simon.

– O que pode ser mera coincidência – digo. – Nós deveríamos investigar. Talvez os meninos que faltam simplesmente foram para a universidade.

– Ou talvez estejam cansados de serem tratados como vilões – diz Agatha.

– Ou talvez – diz Simon – estejam se unindo a um exército.

Acrescento às minhas anotações: *Aliados dos Pitches largando a escola*.

– E o Baz? – Simon está ficando inquieto.

Agatha desliza a mão sobre o colchão.

– Nós vamos chegar lá – digo. – Vamos continuar focados no que sabemos.

Ele continua forçando a barra.

– A Senhorita Possivelfa acha que ele está desaparecido. Ela disse que o pai dele soava assustado.

Eu suspiro e acrescento uma terceira coluna. *3. Baz.* Mas não há nada para escrever debaixo dela.

– Ainda não acho que seja uma *guerra* – insiste Agatha. – É apenas política, exatamente como no mundo Normal. O Mago tem poder, e as Famílias

Antigas o querem de volta. Elas vão reclamar, choramingar, fazer acordos, festas e...

– Não é só política. – Simon se inclina na direção dela, dedo em riste. – É uma questão de certo e errado.

Agatha revira os olhos.

– Mas isso é o que o outro lado diz também.

– É o que Baz diz? – pergunta ele.

Eu tento interromper.

– *Simon.*

– Não é só política – repete ele. – É certo. E errado. São as nossas *vidas*. Se as Famílias Antigas conseguissem que as coisas fossem do seu jeito, eu nem estaria aqui. Jamais teriam me deixado entrar em Watford.

– Mas isso não é pessoal, Simon – diz Agatha. – É porque você é um Normal.

– Como é que eu sou um Normal? – Ele joga as mãos para cima. – Sou o bruxo mais poderoso que alguém já viu.

– Você sabe o que eu quero dizer – afirma Agatha, e está sendo sincera, acho. – Nunca houve um

Normal em Watford.

Ela tem razão, mas eu me pergunto quem ela está parafraseando.

– Eu fui profetizado – diz Simon, e isso soa tão pateticamente defensivo, que eu tento pensar em um jeito de mudar de assunto.

Simon *foi* profetizado.

Ou alguém foi. Várias e várias vezes.

O mago mais poderoso a caminhar pela terra estava chegando, e ele (ou ela) deveria chegar aqui justamente no momento de maior necessidade do Mundo dos Bruxos.

E Simon *chegou*.

O Insípidum estava devorando nossa magia, o Mago e as Famílias Antigas estavam se esganando – e então Simon chegou. Ele assumiu seu poder e acendeu o firmamento mágico como uma tempestade elétrica.

A maioria dos bruxos consegue se lembrar exatamente de onde estava naquele dia. (Eu não. Mas só tinha onze anos.) Minha mãe estava dando uma palestra. Ela disse que a sensação foi a de tocar

um fio vivo e sentir a eletricidade te balançar por dentro. Magia crua, escaldante, abrasadora...

E é assim que a magia de Simon ainda parece. Eu nunca falei para ele, mas é medonho. Ficar perto dele quando perde o controle é como tomar um choque. Seus músculos ficam cansados depois e seu cabelo cheira a fumaça.

Às vezes o poder de Simon seduz outros bruxos; eles podem senti-lo e querem ficar por perto. No entanto, qualquer um que realmente tenha estado próximo de Simon já não sente a sedução há muito tempo.

Certa vez, ele perdeu o controle enquanto protegia Agatha e eu de um clã de piorentos – eles são como texugos, mas piores –, e Agatha sofreu de contrações e tiques por uma semana. Ela disse a Simon que estava com gripe, só para ele não se sentir mal. A tolerância dela ao poder de Simon é menor do que a minha; talvez porque ela tem menos poder do que eu; talvez porque a magia deles seja incompatível.

Isso pode acontecer de vez em quando, mesmo quando duas pessoas estão apaixonadas. Existe uma história antiga, uma tragédia romântica, sobre dois amantes cuja magia enlouqueceu um ao outro...

Eu não acho que Simon e Agatha estejam apaixonados.

Mas não é minha função dizer isso a eles. (Além disso, eu já tentei.)

Enfim, minha mãe diz que quando o Mago trouxe Simon para Watford, foi como se ele estivesse chamando o blefe de todo o Mundo dos Bruxos. *Aqui está aquele salvador de que vocês vêm falando há mil anos*.

Até as pessoas que não acreditavam nisso não podiam admitir em voz alta. E ninguém podia negar o poder de Simon.

Mas eles *tentaram* mantê-lo longe de Watford. O Mago teve que fazer de Simon seu herdeiro para colocá-lo na escola – e para inseri-lo no Livro da Magia.

Ainda existem muitas pessoas que não aceitam Simon, mesmo entre os aliados do Mago. "É preciso

mais do que magia para ser um bruxo", é o que Baz sempre diz.

Soa como besteira elitista, mas, de certa forma, é verdade: os unicórnios têm magia. Os vampiros têm um pouco. Dragões, lorpas, lobisbundos – todos eles possuem magia.

Entretanto, você não é um mago a menos que possa *controlar* a magia, a menos que você possa falar a língua dela. E Simon... bem... Simon.

Nesse momento, ele se levanta e vai até a janela, escancarando-a e sentando-se no parapeito. Sua varinha o atrapalha, de modo que ele a retira do bolso de trás e a joga na cama.

4., escrevo no ar, *O Mago*.

– Então a gente sabe que os Homens do Mago estão fazendo buscas... – digo. – E, Simon, você não disse que eles estavam descarregando coisas lá atrás, nos estábulos? Nós poderíamos dar uma checada por lá.

Ele me ignora, olhando pela janela.

– Agatha – digo –, o que mais você escutou em casa?

– Não sei – diz ela, franzindo a testa e remexendo em sua saia. – Meu pai teve muitas reuniões de emergência com a Irmandade. Mamãe diz que eles não podem mais se reunir lá em casa. Ela acha que nossos vizinhos Normais estão ficando desconfiados.

– Certo – digo –, talvez devêssemos passar às perguntas agora. O que *não* sabemos? Eu começo uma nova coluna no ar, mas Agatha se levanta para sair.

– Eu preciso mesmo estudar.

Tento impedi-la.

– Agatha, espere, você vai ser apanhada se sair sozinha!

Mas ela já está fechando a porta.

Simon exala audivelmente e passa as mãos pelo cabelo, fazendo-o ficar eriçado em nacos encaracolados cor de bronze.

– Vou dar uma volta – diz ele, marchando para a porta e deixando a varinha em cima da cama.

Uma parte de mim deseja que ele vá atrás de Agatha, mas não acho que ele vá.

Suspiro, depois me sento na cama dele e olho para nossas listas magras. Antes de partir, sopro minhas palavras pela janela com um **Sem deixar rastros!**.

24.



Não sei pelo que estou esperando.

Que ele me veja aqui de pé na muralha, meu cabelo esvoaçando ao vento e meu vestido inflado ao meu redor...

E que o quê?

Que isso vá significar algo para ele?

Que ele vá me ver aqui em cima, esperando por ele nas muralhas, e realmente *me veja* pela primeira vez – *Eis aí a resposta*, ele vai pensar. E então vai soltar minhas fitas e amarrá-las ao redor do braço ou da coxa. E, Morgana, o que isso significaria?

Algo.

Algo novo.

Eu sei que Basil, sei lá... *ele pensa* em mim. Ou ao menos pensava. Que ele me observava.

Especialmente quando eu estava com Simon.

Eu sei que ele odiava meu lance com Simon. E que queria isso. E ele faria qualquer coisa para se intrometer entre nós.

Baz estava sempre lá, interrompendo cada dança. Me levando para longe de Simon, depois me provocando. Desaparecendo. Saindo às escondidas.

Eu acompanhei a brincadeira às vezes – talvez devesse ser grata por Baz nunca ter denunciado meu blefe.

Porque talvez não fosse um blefe. Talvez eu *tivesse* ido embora com Baz. Eu o segui até a Floresta naquele dia; ainda não sei o que estava pensando.

Digo, eu *sei* quem Baz é. Sei o que ele é.

Não posso terminar tudo com Simon por causa de um vampiro conservador – meus pais me deserdariam. E nem sei no que isso acarretaria. Eu teria que ser má? Colocar veneno nas bebidas das pessoas? Lançar feitiços sombrios? Ou seria apenas me sentar junto de um garoto diferente em uma mesa diferente? Ser linda do outro lado do salão.

Eu seria ouro onde ele é negro. Ambos pálidos como a neve.

Talvez eu não precisasse ser má – mas Baz não esperaria que eu fosse boa, sempre *tão boa*.

E talvez eu vivesse para sempre.

Eu caminho pelas muralhas à noite em um vestido branco e um casaco de tricô até os joelhos. O tempo está virando. Eu sinto o rosado em minhas bochechas.

Talvez ele me veja aqui em cima antes que eu o veja.

Talvez ele me queira.

E eu também saberei o que quero.

25.



Eu fico tentando.
Eu fico chamando.
Eu sei que você mora aqui.

26.

Simon

Logo que a vejo de pé nas muralhas, penso que ela é um fantasma. Uma Visitante.

Ela está pálida e usa um vestido branco esvoaçante, e seu cabelo branco está solto e voando ao redor da cabeça... Mas todos os outros que vieram através do Véu usavam os mesmos trajes da ocasião de sua morte, e não a roupa estereotipada de fantasmas.

Eu não reconheço a dama branca das muralhas como Agatha até ela se assustar e se virar para mim. Ela deve ter me ouvido invocar minha espada. Imediatamente torno a guardá-la quando vejo que é ela.

– Ah – digo. – Oi. Pensei que você estivesse estudando.

Não estou mais com raiva dela, agora que estamos de pé no ar frio e que tive tempo de esfriar a cabeça.

– Eu *estava* estudando – diz ela. – Aí senti vontade de dar uma volta.

– Eu também. – Estou mentindo de novo.

Eu juro que normalmente não minto e escondo segredos dos meus amigos desse jeito. É só que... Não posso contar a eles que estou aqui fora procurando por Baz. Digo, não quero jamais conversar com Agatha sobre Baz, por motivos óbvios, e a Penélope simplesmente não quer ouvir.

Depois do nosso quinto ano, Penny decidiu que eu não tinha permissão para conversar sobre Baz, *a não ser que ele apresente um perigo claro e imediato...*

– *Você não pode choramingar toda vez que ele te dá nos nervos, Simon. Isso significaria choramingos o tempo todo.*

– *E por que eu não posso?* – perguntei. – *Você reclama sobre sua colega de quarto.*

– *Não constantemente.*

– *Com frequência suficiente.*

– Que tal isso: você pode falar comigo sobre o Baz quando ele apresentar um perigo real e imediato. E além disso: até, mas não acima, de dez por cento de nossa conversação total.

– Não vou fazer contas toda vez que conversar com você sobre o Baz.

– Então erre para menos e não reclame sobre ele constantemente.

Ela ainda não tinha paciência para isso, apesar de eu estar totalmente correto sobre o Baz naquele ano – ele *estava aprontando*, sim. Indo além de seu comportamento esquivo habitual, sendo um vampiro.

Naquela primavera, Baz tentou roubar minha voz. Essa é a pior coisa que se pode fazer a um bruxo – talvez até pior do que assassinato; um bruxo não pode praticar magia sem palavras. (Não normalmente, pelo menos.)

Aconteceu no Gramado. Eu havia flagrado Baz saindo furtivamente pela ponte levadiça no crepúsculo, e então o segui. Eu o acompanhei até os portões principais, onde ele parou e se virou para

mim, todo casual, com as mãos nos bolsos – como se soubesse o tempo todo que eu estava atrás dele.

Estava prestes a começar algo com ele quando Philippa apareceu atrás de mim e chamou "Oi, Simon!" em sua vozinha aguda. Porém, assim que disse meu nome, ela não conseguiu mais parar. Guinchou monstruosamente, como se uma vida de palavras estivesse sendo arrancada dela.

Sei que foi o Baz quem tinha feito isso.

Sei que ele tinha feito *algo*.

Vi nos olhos dele quando Philippa ficou muda.

Philippa foi mandada para casa. O Mago me disse que ela recuperaria a voz, que aquilo não era permanente. Mas ela jamais retornou para Watford.

Eu me pergunto se Baz ainda se sente culpado. Eu me pergunto se ele chegou a se sentir culpado.

E agora ele também se foi.

Quando eu noto Agatha de novo, ela está tremendo. Desabotoo meu casaco de lã cinza, deslizando os botões de chifre pelos laços de cordão.

– Aqui – digo, tirando o casaco.

– Não – diz ela. – Estou bem.

Ofereço o casaco para ela mesmo assim.

– Não, está tudo bem. Não... *Simon*. Fique com o seu casaco.

Meus braços descaem. Não parece correto vestir o casaco de novo, então eu o dobro sobre um dos braços. Não sei mais o que dizer.

Este já é o maior período que passamos juntos sozinhos, Agatha e eu, desde o começo do ano letivo. Sequer a beijei desde que voltamos. Provavelmente, deveria beijá-la...

Estendo minha mão e seguro a dela – mas devo ter me movido depressa demais, porque ela parece surpresa. Sua mão se abre de supetão, e algo cai. Eu me ajoelho, apanhando o objeto antes que ele seja soprado para longe.

É um lenço.

Sei que é o lenço de Baz antes mesmo de ver suas iniciais bordadas no canto, junto ao brasão dos Pitches (chamas, a lua e três falcões).

Sei que é dele porque Baz é a única pessoa que já conheci que carrega lenços à moda antiga. Ele soltou

um na minha cama, sarcasticamente, quando estávamos no primeiro ano, na primeira vez que me fez chorar.

Agatha tenta retirar o tecido da minha mão, mas não o solto. Eu o afasto dela.

– O que é isso? – pergunto, levantando o lenço. (Nós dois sabemos o que é isso.) – Você está... *esperando* por ele? Vai encontrá-lo aqui? Ele está vindo?

Os olhos dela estão arregalados e brilhantes.

– Não. É claro que não.

– Como você pode dizer "é claro que não" se está aqui em cima, obviamente pensando nele, segurando seu lenço?

Ela cruza os braços.

– Você não sabe em que eu estou pensando.

– Tem razão, não sei, Agatha. *Não sei mesmo*. É pra cá que você vem toda noite? Quando diz para nós que vai estudar?

– Simon...

– ***Me responda!*** – As palavras saem como uma ordem. Saem ensopadas de magia, o que nem

deveria ser possível. Não são palavras mágicas, não é um feitiço. O feitiço para forçar honestidade é **A verdade, toda a verdade, nada além da verdade**, mas eu nunca o utilizei; é um feitiço avançado e restrito. Contudo, posso ver a compulsão no rosto de Agatha.

– Não – eu digo, forçando magia em minha voz. – ***Você não é obrigada!***

A expressão em seu rosto passa de compulsão para nojo. Ela se afasta de mim.

– Eu não pretendia fazer isso – digo. – *Agatha.* Eu não queria. Mas você... – Jogo meus braços para cima. – O que você está fazendo aqui?

– E se eu *estiver* esperando por Baz? – ela cospe, como se soubesse que iria me deixar paralisado de choque. Funciona.

– E por que esperaria?

Ela se vira para a muralha de pedra.

– Não sei, Simon.

– Você *está* esperando por ele?

O vento move seu cabelo, fazendo com que chicoteie atrás dela.

– Não – diz ela. – Não esperando. Não tenho motivo algum para acreditar que ele venha.

– Mas você quer que ele venha.

Ela encolhe os ombros.

– Qual o problema com você, Agatha? – Estou tentando controlar meu mau gênio. – Ele é um monstro. Um monstro de verdade.

– Somos todos monstros. Ela quer dizer que *eu* sou.

Tento abafar a raiva que sobe pelas minhas pernas.

– Você me traiu? Com Baz? Está com *ele* agora?

– *Não.*

– Você quer estar?

Ela suspira e se inclina adiante, apoiando-se nas pedras ásperas.

– Não sei.

– Não quer me dizer mais nada? Tipo, "me desculpe"? Você não quer consertar isso?

Ela olha para trás, para mim.

– Consertar o quê, Simon? Nossa relação? – Ela se vira de frente para mim novamente. – Qual é a nossa

relação? Só eu aqui, disponível, para quando você precisa de uma acompanhante para o baile? E chorar de júbilo a cada vez que você retornar dos mortos? Porque eu ainda faria isso por você. Ainda posso fazer isso tudo. Mesmo que não estejamos juntos.

Seu queixo perfeito e rosado está empinado e trêmulo. Seus braços ainda estão cruzados.

– Você é a minha garota, Agatha – digo.

– Não. Penélope é a sua garota.

– Você é minha...

Os braços dela se soltam.

– O quê, Simon? O que eu sou?

Eu enfio as mãos no meu cabelo e ranjo os dentes.

– Você é o meu futuro!

O rosto de Agatha está contorcido e coberto de lágrimas. Ainda assim, lindo.

– Eu deveria querer isso? – ela pergunta.

– *Eu quero.*

– Você só quer um final feliz.

– Por Merlin, Agatha, você não quer?

– Não! Não quero! Eu quero ser o *agora mesmo* de alguém, Simon, não *o felizes para sempre*. Não quero ser o prêmio no final. Aquilo que você conquista se derrotar todos os chefões.

– Você está distorcendo tudo. Está tornando tudo muito feio.

Ela dá de ombros de novo.

– Talvez.

– Agatha... – Estendo minha mão para ela. A que não está segurando o lenço de Baz. – Nós podemos dar um jeito nisso.

– Provavelmente – diz ela. – Mas eu não quero dar um jeito.

Não consigo pensar em mais nada para dizer.

Agatha não pode me deixar. Ela não pode me trocar *por ele*. Ah, ele adoraria isso – adoraria me superar nisso. Porra! Ele nem mesmo está aqui para me superar.

– Eu te amo, Agatha – digo, acreditando que isso possa funcionar. Essas palavras são praticamente mágicas em si mesmas. Eu as digo outra vez: – Eu *te amo*.

Agatha fecha os olhos para não me ver. Ela desvia o rosto.

– Eu também te amo, Simon. Acho que esse é o motivo de eu ter compactuado com isso por tanto tempo.

– Você não está falando sério – digo.

– Falo, sim. Por favor, não brigue comigo.

– Você não pode me deixar para ficar com *ele*.

Ela olha para mim mais uma vez.

– Não estou deixando você para ficar com o Baz, Simon. Ele se foi. Simplesmente não quero mais ficar com você. Não quero cavalgar em direção ao pôr do sol com você... Esse não é o meu final feliz, não é nada feliz para mim.



Eu não discuto com ela.

Não fico lá fora nas muralhas.

Minhas bochechas estão quentes e coçando, o que é sempre um mau sinal.

Corro até a escadaria, passando por Agatha, e desço por ela tão rapidamente, que perco alguns

degraus e continuo saltando até o próximo patamar.

E aí eu simplesmente flutuo escada abaixo. Caindo, sem cair de fato.

Nunca fiz isso antes; é esquisito.

Tomo nota para contar a Penny, depois para não contar, mas corro para os Claustros de qualquer modo, porque não quero voltar para o meu quarto vazio, e a ponte levadiça está levantada, e não sei mais para onde ir.

Fico debaixo da janela de Penny e penso em como poderia apenas ligar para ela, se o Mago não tivesse banido celulares em Watford dois anos atrás.

Ainda me sinto quente.

Eu tento soltar um pouco da magia chacoalhando o corpo, e algumas faíscas caem nas folhas secas debaixo de mim. Eu as pisoteio até apagar o fogo.

Pergunto-me se Agatha ainda está em cima das muralhas – não posso acreditar que ela disse o que disse. Por um instante, me pergunto se ela não está possuída. Mas seus olhos não estavam negros. (Será que estavam? Estava escuro demais para ver.)

Ela não pode me deixar assim. Ela não pode *me deixar*.

Nós estávamos acertados. Estávamos resolvidos.

Nós éramos a conclusão. (Se é que eu vou ter uma conclusão.) (Você *precisa* fingir que vai ter uma conclusão. Precisa seguir em frente como se fosse ter; senão, não consegue seguir em frente.)

Os pais de Agatha gostam de mim. Talvez até me amem. O pai dela me chama de "filho". Não como "Eu penso em você como meu filho", mas tipo "Como vai, filho?". Como se eu fosse um filho. O tipo de cara que poderia ser o filho de alguém.

E a mãe dela diz que sou lindo. Isso é tudo o que a mãe dela diz. "Você está lindo, Simon."

O que ela diria para Baz? "Você está lindo, Basil. Por favor, não mate minha família toda com essas presas horrendas".

O pai de Agatha, Dr. Wellbelove, odeia os Pitches. Ele diz que são cruéis e elitistas. Que eles tentaram impedir que seu avô entrasse em Watford porque tinha a língua presa.

Mas que inferno, cacete, eu não posso... Eu só... Eu não posso.

Eu me recosto contra uma árvore e coloco as mãos nas coxas, deixando minha cabeça pender adiante e minha magia me percorrer. Quando olho para minhas pernas, é como se eu não tivesse limites. Como se minhas bordas estivessem borradas.

Eu tenho que dar um jeito nisso. Com Agatha.

Vou dizer qualquer coisa que ela quiser que eu diga.

Vou matar o Baz para que ele não seja uma opção.

Vou dizer a ela, vou fazê-la mudar de ideia – *como ela pode dizer que não existem finais felizes?* Isso é tudo pelo que eu trabalhei. O final feliz é quando as coisas vão começar para mim.

Eu *tenho* de dar um jeito nisso.

– Tudo bem aí, Simon? – É o Rhys. Está subindo a trilha da biblioteca em sua cadeira de rodas.

Eu ergo a cabeça.

– Tudo bem. Oi. – Eu não estou bem. Meu rosto está corado e acho que estou chorando. Será que

minhas bordas parecem borradas para ele? Ele passa apressadamente por mim.

Deixo Rhys ter uma vantagem, depois o acompanho de volta para a Casa dos Mímicos.

Eu deveria dormir até isso passar...

Vou me certificar de ter controlado meu poder – de que não vou botar fogo na cama –, aí vou dormir até passar.

E amanhã, vou dar um jeito nisso.

27.

Simon

Dessa vez, não estou dormindo quando ouço os ruídos.

Estou só deitado em minha cama, pensando em Baz.

O que ele falou para Agatha? O que ele prometeu?

Talvez não tenha precisado falar nada. Talvez ele só precisasse ser ele mesmo. Mais esperto do que eu. Mais bonito. Mais rico. Mais entendedor de cavalos – cacete, ele poderia ir a todas as competições dela, usando os ternos corretos, os sapatos corretos. Ele saberia qual gravata combinaria com cada mês do ano.

Se não fosse um vampiro, Baz seria perfeito, porra.

Perfeito, porra. Eu rolo e enfio a cabeça no travesseiro.

Há um estalo e então um vento frio. Tento ignorá-lo. Já tive essa sensação antes. *Não tem ninguém aqui.* Ninguém na janela, ninguém na porta. O frio rasteja por baixo das minhas cobertas e eu as puxo para cima, deitando-me de costas...

E vejo uma mulher de pé perto da cama.

Eu a reconheço. É a mesma pessoa que estava na janela naquela noite. E eu agora a reconheço como uma Visitante; vi vários deles. Ela veio de trás do Véu.

– *Você não é ele* – ela me diz. Sua voz é gelada; gelada mesmo, como se surgisse em meus ossos e friamente subisse até minha pele; e pesarosa.

Sinto vontade de invocar minha espada, mas não o faço.

– Quem é você? – pergunto.

– *Eu fico voltando. Essa é a casa dele. É para onde sou chamada. Mas só tem você aqui...*

Ela é alta e veste trajes formais, como os de um advogado ou os de um professor, e seu cabelo escuro está puxado em um coque volumoso. Apesar de ela ser translúcida, posso ver que seus trajes são

vermelhos, que a sua pele é morena escura e seus olhos são cinza. Eu a reconheço do retrato do lado de fora do escritório do Mago...

Natasha Pitch, a última diretora de Watford.

– *Onde ele está?* – ela pergunta. – *Onde está o meu filho?*

– Eu não sei – respondo.

– *Você o machucou?*

– Não.

– *Não se pode mentir para os mortos.*

– Eu não quero mentir.

Ela olha para a cama dele, vazia, e sua tristeza é tão potente que, naquele momento, eu faria qualquer coisa para trazê-lo de volta para ela. (Eu faria qualquer coisa para trazê-lo de volta.)

– *O Véu está se fechando. Vinte anos se passarão antes que eu possa ver meu filho de novo.* – Ela se vira para mim e se força a continuar. Está começando a desaparecer. Todos eles desaparecem; Penélope diz que não podem ficar por muito tempo, no máximo dois minutos.

– *Você vai ter que servir.*

– Servir para quê? – Ela é tão fria, que eu mal posso suportar tê-la tão perto de mim.

Ela estende a mão e me segura pelos ombros – suas mãos são como gelo; seu hálito, um calafrio doloroso sobre meu rosto.

– *Diga ao meu filho* – diz ela, feroz. – *Diga a ele que o meu assassino caminha: Nicodemus sabe. Diga a Basilton para encontrar Nico e me trazer paz. Você compreende?*

– Sim – digo. – Encontrar Nico...

– *Nicodemus. Diga a ele.*

– Eu vou dizer. Vou dizer a ele.

A expressão dela descai.

– *Meu filho* – diz ela, lágrimas geladas se acumulando em seus olhos. – *Dê isso a ele.*

Ela se inclina adiante e imprime um beijo em minha têmpora. Ninguém nunca me beijou ali. Ninguém nunca me beijou em lugar nenhum além da boca.

– *Meu filho* – diz ela, e soa como um sussurro, mas acho que é um grito; acho que ela está simplesmente desaparecendo.

Permaneço deitado na cama, tremendo, depois que ela se vai. O quarto está tão frio... Eu deveria acender a lareira, mas não quero abrir os olhos.



Eu devo ter adormecido, porque o frio me acorda de novo, uma nova onda de frio, no meio da noite. Ele pende como uma nuvem de geada acima da minha cama, para se infiltrar em mim, me tocando, me aninhando.

– *Meu filho, meu filho* – escuto.

Não há silhueta alguma dessa vez, só esse frio onipresente. E a voz está mais aguda e mais delgada, um lamento no vento.

– *Meu filho, meu filho. Meu botão de rosa. Eu nunca teria te deixado. Ele me disse que nós éramos estrelas.*

– Eu vou dizer a ele – digo. Eu grito: – Eu vou dizer a ele!

Só quero que ela vá embora.

– *Simon, Simon... meu botão de rosa.*

Fecho os olhos e puxo as cobertas para cima. Mas o frio está sobre mim, está em mim.

– Eu vou dizer a ele!

Se Baz algum dia voltar, eu direi.

28.

Simon

Pela manhã, mal posso esperar para vazar logo do meu quarto. Saio correndo pela porta, minha gravata pendurada no pescoço e o suéter jogado em cima do ombro.

Não tenho planos de voltar. Nunca. Não tem lugar pra mim ali, com todos os fantasmas. Que a mãe de Baz fique ali com a cama vazia dele; estou farto de olhar para ela.

Tenho que contar a Penny o que aconteceu. Ela vai ficar desapontada por eu não ter enchido o fantasma de perguntas. *"Sinto muito pelo seu filho desaparecido, Sra. Pitch, mas já que o Baz não está aqui, a gente podia aproveitar esse tempo para aprimorar a ciência mágica..."*.

Penny já está com chá e torradas em nossa mesa quando eu chego lá. Eu pego um prato de arenque

com ovos mexidos.

– Precisamos conversar – digo, desabando numa cadeira de frente para ela.

– Que bom – diz ela. – Pensei que você fosse me fazer te bater para extrair alguma coisa.

– Você já sabe? Como é que você sabe?

– Bem, eu sei que *alguma coisa* aconteceu. Agatha está sentada sozinha, e ela nem olha pra mim.

– Agatha? – Eu ergo a cabeça. Agatha está sentada sozinha do outro lado do refeitório, lendo um livro enquanto come seu cereal.

– E então? – pergunta Penny. – Por acaso é porque eu dormi no seu quarto? Porque posso falar com ela sobre isso.

– Não – digo. – Não... nós terminamos.

Penny está prestes a dar uma mordida na torrada, mas recua.

– Vocês terminaram? Por quê?

– Não sei... Acho que ela está apaixonada por Baz. – O que me lembra. Estou usando a mesma calça de ontem. Enfio a mão no bolso e sinto o lenço dele.

– Ah – diz Penélope. – Acho que posso entender. Digo...

Aproximo meu rosto do dela.

– Você pode *entender?* Como é que você pode entender? Minha namorada se apaixonando pelo meu inimigo jurado? Minha namorada, que é boa, se apaixonando por meu inimigo, que é completamente mau?

– Bem, a relação de vocês já teve... anos melhores, Simon. Você e Agatha pareciam estar só seguindo a maré.

– E "a maré" inclui me trair com Baz?

– E ela te traiu mesmo?

– Não sei.

Penny suspira. Como se sentisse pena de mim. Ela é insuportavelmente condescendente às vezes.

– Agatha não está realmente apaixonada por Baz. Só está procurando por algo que cole. É romântico estar apaixonada por um vampiro morto.

– *Morto?*

– Você sabe o que eu quero dizer – diz Penny. – Desaparecido. Desaparecido há tempos.

Será que Baz estava morto? Sua mãe não saberia se ele estivesse? Não o teria visto atrás do Véu? Talvez a morte seja um lugar bem grande. (Teria de ser.) Talvez ela estivesse procurando por Baz aqui porque ainda não o viu do outro lado.

Eu espeto meus ovos algumas vezes, depois largo o garfo.

Durante todo esse tempo, nunca considerei seriamente que Baz pudesse estar morto. Escondido, sim... tramando. Talvez até sequestrado ou ferido, mas não... morto.

Ele prometeu fazer da minha vida um inferno.

Quando as portas do refeitório se escancaram, é quase como se eu estivesse fazendo isso acontecer, como se eu tivesse feito uma invocação. O ar frio jorra para dentro do salão. Está claro lá fora, no pátio, e a princípio, tudo o que podemos ver é a silhueta de uma pessoa.

Isso aconteceu tantas vezes desde que as aulas começaram, que ninguém está assustado, nem mesmo os menores.

Quando a silhueta dá um passo adiante, eu o reconheço de pronto.

Alto. Cabelo preto jogado para trás da testa. Lábios torcidos em um sorriso de desprezo... Eu conheço aquele rosto tão bem quanto o meu.

Baz.

Eu me levanto rápido demais, derrubando minha cadeira. Do outro lado do salão, uma caneca cai no chão e se espatifa – eu olho para lá e vejo que Agatha também está de pé.

Baz caminha em nossa direção.

Baz.



LIVRO DOIS

29.

Baz

É desnecessariamente grandioso usar um **Abre-te Sésamo** nas portas, mas eu uso mesmo assim, pois sei que todos estarão no refeitório, e posso muito bem fazer uma entrada espetacular.

Eu quis assim. Quis ser a única pessoa a dar a notícia de que estou de volta.

Snow é o primeiro a reagir – ele se levanta subitamente, fazendo voar alguns móveis. É difícil não revirar os olhos com isso. (É meio difícil não encará-lo. Ele está magro. E tenso. Normalmente, já estaria de volta ao peso massacrante a essa altura.)

Dev e Niall, por sorte, agem como se eu tivesse chegado oito minutos atrasado para o café da manhã, em vez de oito semanas. Dev cutuca Niall, que me dá uma olhada entediada e depois afasta a

chaleira do meu lugar, que eles mantiveram vazio. Bons homens.

Eu caminho até a mesa com as comidas e faço um prato. Finjo não estar ferozmente faminto. (Sinto que vou estar sempre faminto a partir de agora.)

Snow ainda está de pé. Sua parceira intrometida está puxando sua manga, tentando fazê-lo se sentar. Ele deveria escutá-la. Espere, o que é isso?... Onde está Wellbelove nessa linda exibição?

Eu examino o salão sem virar a cabeça. Ali está ela, sentada do outro lado do salão – problemas no paraíso? –, olhando fixamente para mim. Todos estão me olhando fixamente. Mas posso ver que Wellbelove espera algo extra de mim, então forneço isso a ela. Um olhar longo e frio. Ela que faça com isso o que quiser; é o que vai acontecer de qualquer modo.

Eu me ajeito na mesa, e Dev me serve uma xícara de chá.

– Baz – diz ele, com um sorrisinho.

– Cavalheiros – digo. – O que foi que eu perdi?

30.

Baz

Snow se levanta novamente quando eu entro na aula de Grego. Sigo para meu lugar sem olhar na direção dele.

– Chega, Snow, eu não sou a Rainha.

Ele não responde – deve estar chegando perto de uma explosão.

Snow explode como ninguém. *Mas! Eu! Digo! Hum! É só que!* Não é de se espantar que ele nunca consiga cuspir um feitiço.

O Minotauro cruza os braços e funga quando me vê.

– Sr. Pitch – diz ele. – Vejo que resolveu se juntar a nós.

– Resolvi, senhor.

– Teremos que discutir seus planos para alcançar o resto da classe.

– É claro, senhor. Embora eu creia que o senhor vai ver que eu ainda estou bem adiantado em relação ao resto da classe; minha mãe sempre insistiu em tarefas de verão em Grego e Latim. – É bom mencionar minha mãe com os professores mais antigos. Todos eles ainda se lembram dela; posso ver as cabeças deles baixarem de leve em uma reverência.

O Minotauro trabalhava no terreno da escola quando minha mãe era a diretora; as criaturas não tinham permissão de fazer parte da equipe de professores naquela época. Eu o desafio a se ater a isso contra mim.

Eu desafio todos eles, cacete.

– Veremos – diz ele, estreitando seus olhos bovinos.

Não estou mentindo. Grego não será problema – e vai dar tudo certo para mim em Latim, Palavras Mágicas e Elocução. Ciências Políticas podem ser um inferno, dependendo do quanto eles já cobriram. O mesmo para História e Astrologia.

Terei que me matar para chegar ao primeiro lugar de novo, e não imagino que o técnico Mac vá me deixar voltar para o time de futebol...

Poderiam me dar uma colher de chá caso lhes dissesse que fui sequestrado.

Eu nunca vou dizer a *ninguém* que fui sequestrado.

Sequestrado. E pela porra dos lorpas, nada mais, nada menos.

Lorpas são como trolls, só que ainda mais horrorosos. Eles são grandes e imbecis, e estão sempre com frio. Eles andam por aí embrulhados em cobertores e roupões, se os tiverem, e se não tiverem, cobrem-se de folhas, lama e jornais velhos. Em geral, moram debaixo de pontes. Porque *gostam* de morar debaixo de pontes. E são espertos o bastante para te acertar na cabeça com um porrete e te arrastar para o pardieiro deles, se enxergarem alguma vantagem nisso.

Tia Fiona ficou chocada quando me encontrou no antro dos lorpas. Ela me repreendeu por todo o caminho até em casa, e por todo o caminho até

Watford. Ela me fez sentar no banco traseiro do seu MG. (Um '67. Glorioso.) "O banco da frente é para gente que nunca foi sequestrada pela porra dos lorpas. Jesus Cristo, Baz." (Tia Fiona gosta de praguejar como um Normal. Ela acha que é punk.)

Eu podia ver que estava meio enojada de mim, e meio aliviada por eu ainda estar vivo.

Fiquei enfiado debaixo daquela ponte por seis semanas, dentro de um caixão – e eu nem acho que os lorpas estivessem *tentando* me torturar. Acho que pensaram que aquilo era um tratamento humano para um vampiro. Modo de dizer. Eles até levavam sangue para mim. (Eu decidi não pensar em onde eles estavam arranjando o sangue.) Eles *não* me levavam comida. A maioria das pessoas não percebe que os vampiros precisam das duas coisas. Bem, a maioria das pessoas não sabe porra nenhuma sobre vampiros...

Eu não sei porra nenhuma sobre vampiros. Veja, eu não recebi um panfleto de instruções quando fui mordido.

Os lorpas me mantiveram no caixão por seis semanas, e quase todo dia jogavam um pouco de sangue para mim. (Em um copo plástico de 900 ml com um canudinho dobrável.) Posso ficar mais tempo sem comer do que a maioria das pessoas, mas estava bem arruinado quando Fiona chegou lá.

Felizmente, minha tia é muito fodona. Ela acabou com os lorpas antes mesmo de encontrar meu caixão; aí ela me bombardeou com magia curadora. ***"Passarinho que acorda cedo bebe água limpa!"***, ela ficava murmurando. E ***"Prontas melhoras!"***.

(O que me lembrou do dia em que fui Transformado – Fiona e meu pai me atingindo com magia curadora que sarou as marcas de mordidas e hematomas, mas não tocou nas mudanças que já ocorriam dentro de mim.)

Eu ainda estava fraco quando Fiona me ajudou a sair do caixão.

– Tudo bem? – perguntou ela.

– Fome. Sede.

Ela chutou um lorpa morto – eles parecem pedras enormes quando morrem, grandes montes de lama

e matéria cinzenta.

– Pode beber um desses?

Fiz uma expressão de desprezo.

– Não.

Sangue de lorpa é salobro e tem gosto pantanoso, definitivamente não potável. Provavelmente, o motivo pelo qual alguém os enviou atrás de mim.

– Vou te levar até o McDonald's – ela disse.

– Leve-me para a escola.

Fiona me trouxe três Big Macs, e eu engoli o primeiro em duas mordidas – e ele subiu de volta logo em seguida. Ela encostou o carro para me deixar vomitar no acostamento.

– Você está um desastre, Basil. Vou te levar pra casa.

– É setembro, me leve para a escola.

– É outubro, e eu vou te levar pra casa para descansar.

– É outubro? Leve-me para a escola, Fiona. Agora. – Enxuguei a boca na camisa. Ainda estava com a roupa branca de jogar tênis. Os lorpas tinham me pegado do lado de fora do clube; minhas roupas

estavam manchadas de tudo que é imaginável, e agora tinham vômito nelas.

Fiona balançou a cabeça.

– A escola não importa agora, rapaz. Estamos no meio de uma guerra.

– Estamos sempre no meio de uma guerra. Leve-me de volta para Watford; nem ferrando que vou deixar Penélope Bunce terminar nosso último ano como primeira da classe.

– Baz, tudo está diferente agora. Você foi sequestrado. E mantido cativo em troca de resgate.

Eu me recostei no carro.

– É por isso que os lorpas não me mataram? Porque você pagou o resgate?

– Nem fodendo, os Pitches nunca pagaram resgates e não vamos começar agora.

– Eu sou o único herdeiro vivo!

– Foi exatamente o que o seu pai disse. Ele queria pagar. Eu disse a ele que eu sabia que minha irmã tinha chegado ao fundo do poço quando se casou com um Grimm, mas que eu não permitiria que ele acabasse com o nosso orgulho. Sem ofensa, Basil. –

Ela me entregou outro Big Mac. – Tente de novo. Mais devagar.

Dei uma mordida no sanduíche.

– Por que eles me sequestraram? – perguntei, a boca cheia de três camadas de pão e dois hambúrgueres de carne.

– Disseram que queriam dinheiro. Aí queriam varinhas.

– O que lorpas iriam querer com varinhas?

– Não iriam! A questão é quem os contratou. Ou quem os conquistou... Não sei como se convence um lorpa a fazer o que você quer; talvez seja só entregar-lhes bolsas de água quente. Ficavam ligando para nós do seu celular, até que a bateria acabou. Seu pai acha que eles te pegaram, e só depois tentaram descobrir o que fazer com você. Mas tudo isso cheira ao Mago para mim. Para ele, não é o bastante ter nos humilhado; ele quer tudo o que nos tornou poderosos.

– Você acha que o *Mago* mandou me sequestrar? O diretor da minha escola?

– Acho que o Mago é capaz de qualquer coisa – disse ela. – Você não?

Eu não achava. Mas Fiona joga a culpa de tudo no Mago. Assim, é difícil levá-la a sério, mesmo depois de ela ter acabado de assassinar alguém para salvar a minha vida.

Naquele momento, o que eu mais pensava era em me deitar.

– Ah. Aqui – disse Fiona. Ela apanhou minha varinha (marfim polido com uma bainha de couro) de sua bolsa gigantesca e enfiou-a no bolso da minha bermuda. Eu a retirei. – Então... Obviamente, você *não vai* voltar para aquela escola, bem nas garras daquele desgraçado.

– Vou, sim.

– *Basilton.* – Nome completo, todas as três sílabas. Ela estava falando sério.

– Ele não vai me incomodar na escola – argumentei –, não com todo mundo vendo.

– Baz, temos que levar isso a sério. Ele atacou nossa família *de novo*, diretamente.

– Estou falando sério. Sou mais valioso como espião do que como soldado, de qualquer modo; é o que as Famílias sempre disseram.

– Era o que dizíamos quando você era criança. Você é um homem agora.

– Sou um *estudante* – falei. – O que acha que minha mãe diria se soubesse que vocês estão me retirando da escola?

Fiona bufou e balançou a cabeça. Ainda estávamos no acostamento. Ela abriu a porta do carro para mim.

– Entre, seu vira-lata manipulador.

– Só se você for me levar para Watford.

– Vou te levar para casa antes. Seu pai e Daphne querem te ver.

– Aí, para Watford.

Ela me puxou para o carro.

– Jesus. Sim. Se ainda quiser ir.

É claro que eu queria ir para Watford...

... depois de ver meu pai. Depois de a minha madrasta chorar em cima de mim. Depois de eu

dormir por doze horas debaixo de uma nova inundação de feitiços de cura.

Eu fiquei de cama por uma quinzena.

Todos eles tentaram me convencer a ficar mais um pouco.

Até Vera, minha antiga babá, foi trazida para me cobrir de culpa. (Vera é uma Normal. Ela racionaliza toda nossa esquisitice fingindo que nós somos da Máfia. Papai a enfeitiça de inocência sempre que as coisas passam dos limites para ela.)

Contudo, depois de duas semanas, me levantei da cama, fiz as malas, saí e me sentei no banco do carona do carro de Fiona.

– Eu vou roubar esse carro se for preciso! – gritei na entrada da garagem. – Ou vou roubar um ônibus!

De modo algum eu deixaria de voltar para a escola: é meu último ano. Último ano na torre. Último ano no campo de futebol. Último ano para atormentar Snow antes que nosso antagonismo se transforme em algo mais permanente e menos divertido.

Meu último ano em Watford, o último lugar em que vi minha mãe...

Ah, eu ia voltar, sim.

Tia Fiona saiu pisando forte em suas botas pretas da Doc Marten e abriu minha porta.

– Banco de trás – disse ela. – O banco da frente é para gente que nunca foi sequestrada pela porra dos lorpas.



Posso sentir Simon Snow me encarando por toda a aula de Grego – *sentir* mesmo. Ele está tão irritado, que sua magia vaza pra todo lado.

Às vezes, quando ele fica desse jeito, fico tentado a puxá-lo de lado. *Respira fundo, Snow. Libera. Pelo menos um pouco. Antes que vá começar outro incêndio. Seja lá o que for que esteja te preocupando, isso não vai ajudar.*

Mas eu nunca faço isso. Puxá-lo de lado. Ou acalmá-lo. Em vez disso, só o cutuco até ele perder o controle.

Isso é o que Snow faz de melhor. Ele não planeja nem ataca – ele simplesmente *perde o controle*, e quando o faz, acaba com tudo em seu caminho.

Ele é quase que meio lorpa. O Mago lhe dá luvas e cobertores, e Snow perde o controle na direção em que o Mago apontar. Eu já vi isso. Provavelmente vi isso mais vezes do que qualquer um, exceto Bunce...

O jeito como Snow fica com as bordas borradas. Como o motor de um jato. O modo como faíscas estalam e se iluminam em sua aura. A luz reflete em seu cabelo, e suas pupilas se contraem até seus olhos ficarem de um azul espesso. Ele normalmente está segurando sua espada, então é ali que a chama começa – chicoteando ao redor de suas mãos e pulsos, subindo pela espada em flamas. Ele surta. Seu cérebro se desliga, acho, mais ou menos no instante em que ele começa a atacar. Em algum momento, o poder se despeja dele em ondas. Ondas acachapantes, obliterantes. É mais poder do que o resto de nós tem acesso. Mais poder do que conseguimos imaginar. Derramando-se como se ele fosse um copo deixado debaixo de uma cachoeira.

Eu já vi acontecer bem de perto, estando bem do lado dele. Se o Snow sabe que você está lá, ele te protege. Não sei como faz isso e nem *por quê*. É bem a cara dele, realmente, usar o pouco controle que tem para proteger as outras pessoas.

O Minotauro está na maior lengalenga agora. Conjugando verbos que eu sei desde que tinha onze anos.

Posso sentir os olhos de Snow na minha nuca. Posso sentir o cheiro de sua magia. Fumacento. Pegajoso. Como madeira verde em uma fogueira. As pessoas sentadas ao nosso redor estão ficando estúpidas e bêbadas com sua magia. Eu vejo Bunce tentar se livrar do efeito – ela está olhando feio para ele. Ele está olhando feio para mim.

Viro a cabeça apenas o suficiente para ele ver meu lábio se curvar.

31.

Simon

Retorno para nosso quarto assim que as aulas do dia terminam, mas Baz não está lá. Suas roupas estão no guarda-roupa. Sua cama está arrumada. Seus potes e vidros estão de volta na pia do banheiro.

Eu abro as janelas, apesar de estar congelando lá fora; estive superaquecendo o dia todo. Penélope teve praticamente que me segurar durante o café da manhã. Eu queria correr até o Baz e exigir saber onde ele esteve. Eu queria... Acho que só queria me certificar de que era ele mesmo. Digo... obviamente, é ele.

Baz está de volta.

Baz está *vivo*. Ou tão vivo quanto é possível estar.

Ele parecia péssimo hoje, ainda mais pálido do que o habitual. Está mais magro também, e tem algo

estranho no jeito como ele se move – um arrastar. Como se ele tivesse pedras de pesos diferentes presas a cada membro.

Eu só quero acabar com ele, derrubá-lo e descobrir tudo. Qual o problema com ele. Onde é que ele estava...

Espero em nosso quarto até a hora do jantar, mas Baz não volta. Aí ele me ignora no refeitório.

Ele também ignora Agatha. (Ela o encara tanto quanto eu – mas não creio que ela esteja tão preocupada com a possibilidade de ele ter voltado para matá-la.) Ela está sozinha numa mesa, e eu não consigo me decidir se isso me deixa triste ou bravo. Se a própria Agatha me deixa triste ou bravo. Ou até mesmo o que eu deveria estar sentindo em relação a ela. Eu não consigo *pensar* neste momento.

– Estava pensando que podíamos estudar na biblioteca essa noite – diz Penny durante o jantar, como se eu não estivesse literalmente fumegando.

– Vou ter que conversar com ele em algum momento – digo.

– Não vai, não – diz ela. – E quando é que vocês dois conversam, afinal?

– Eu tenho que enfrentar o Baz.

Ela se debruça por cima da torta de queijo.

– É com isso que estou preocupada, Simon. Você precisa esfriar a cabeça antes.

– Já esfriei.

– Simon. Você nunca está frio.

– Isso magoa, Penny.

– Não deveria. É um dos motivos pelos quais eu te amo.

– Eu só... Eu preciso saber onde ele andou...

– Bem, ele não vai te contar.

– Talvez me conte algo sem intenção, no processo de não me contar. O que está *aprontando*, afinal? Ele parece ter estado em alguma prisão de filme de terror americano.

– Talvez estivesse doente.

Raios, eu não tinha pensado nisso. Todo cenário imaginado por mim contava com Baz escondido, tramando em algum canto. Talvez ele estivesse doente *e* tramando...

– Não importa qual seja a verdade – diz Penny –, arrumar briga com ele não vai ajudar em nada.

– Eu não vou arrumar briga.

– Simon, é o que você faz. Todo ano. Assim que o vê. E eu acho que você *não deveria* desta vez. Algo está acontecendo. Algo maior do que Baz. O Mago praticamente desapareceu, e Premal está em uma tarefa secreta há semanas. Minha mãe diz que ele parou de responder às mensagens de texto dela.

– Ela está preocupada com ele?

– Está sempre preocupada com Premal.

– Você está preocupada com ele?

Penny baixa os olhos.

– Sim.

– Me desculpe. Será que deveríamos tentar encontrá-lo?

Ela volta a olhar para mim, severa.

– Minha mãe diz que não. Diz que precisamos esperar e prestar atenção. Acho que ela e meu pai estão fazendo perguntas disfarçadamente, e não quer que a gente chame atenção para eles. E é por isso que preciso que você esfrie a cabeça. Apenas...

mantenha os olhos abertos. Observe. Não derrube os móveis nem mate nada.

– Você sempre fala isso – suspiro. – Mas quando é entre eles ou nós, você sempre quer que eu mate alguma coisa.

– Eu nunca quero que você *mate*, Simon.

– Eu nunca sinto que tenho uma escolha.

– Eu sei. – Ela sorri para mim. Triste. – Não mate Baz essa noite.

– Não matarei.

Mas provavelmente vou ter que matá-lo algum dia, e nós dois sabemos disso.



Penélope me deixa voltar para o meu quarto depois do jantar, e não tenta me seguir – ela está presa com Trixie e a namorada dela, agora que Baz está de volta.

– Os gays têm uma vantagem injusta! – reclama ela.

– Só no que diz respeito a visitar seus colegas de quarto – digo.

Ela tem a decência de não argumentar.

Quando chego ao topo da escadaria, estou nervoso. Ainda não sei o que vou dizer a ele.

– *Nada* – ouço Penny declarar em minha mente. – *Faça seu dever de casa, vá para a cama.*

Como se algum dia fosse fácil assim.

Dividir o quarto com a pessoa que você mais odeia é como dividir o quarto com uma sirene. Você não pode ignorar a pessoa, e nunca consegue se acostumar a ela. Nunca deixa de ser doloroso.

Baz e eu passamos sete anos fazendo caretas e rosnando um para o outro. (Ele com as caretas, eu com os rosnados.) Ambos ficamos longe do quarto o máximo que conseguimos quando sabemos que o outro está lá, e quando não podemos mais nos evitar, fazemos o máximo para não haver contato visual. Eu não converso *com* ele. Não falo *na frente* dele. Nunca permito que ele veja nada que possa contar para aquela vaca da tia dele, Fiona.

Eu procuro não xingar mulheres de vaca, mas Fiona, a tia de Baz, uma vez prendeu meus pés no

chão com um feitiço. Eu sei que foi ela; escutei quando ela disse ***"Criando raiz!"***.

E eu a flagrei duas vezes tentando entrar escondida no escritório do Mago.

– É o escritório da minha irmã – ela disse. – *Eu só tenho vontade de visitá-lo às vezes.*

Ela podia estar dizendo a verdade. Ou podia estar tentando depor o Mago.

E esse é o problema com todos os Pitches e seus aliados: é impossível distinguir quando estão aprontando de quando estão simplesmente sendo pessoas normais.

Houve alguns anos em que eu pensei que talvez pudesse descobrir qual era o plano deles se prestasse bastante atenção ao Baz. (Quinto ano.) E anos em que resolvi que morar com ele era doloroso o bastante, que eu não precisava, além disso, ficar de olho nele o tempo todo. (Ano passado.)

Nos primeiros dias, não havia qualquer estratégia ou decisão. Apenas nós dois brigando pelos corredores e chutando um ao outro duas ou três vezes por ano.

Eu implorava ao Mago por um novo colega de quarto, mas não é assim que funciona. O Cadinho colocou Baz e eu juntos no primeiro dia de aula.

Todos os alunos do primeiro ano passam por isso. O Mago acende uma fogueira no pátio, os alunos dos últimos anos ajudam, e os pequeninos fazem um círculo ao redor da fogueira. O Mago coloca o Cadinho – é um cadinho de verdade, uma relíquia da fundação da escola – no meio da fogueira e recita o encantamento; a seguir, todos esperam até que o ferro lá dentro se derreta.

É a sensação mais esquisita quando a magia começa a agir em você. Eu estava com receio de que ela *não fosse* funcionar comigo, porque eu era um forasteiro. Todas as outras crianças começaram a se mover na direção umas das outras, e eu não sentia nada. Pensei em fingir, mas não queria ser pego e expulso.

E aí eu *senti* a magia, como um gancho em minha barriga.

Tropecei adiante e olhei ao redor, e Baz caminhava na minha direção. Parecendo tão

descolado. Como se estivesse vindo até mim porque queria, não porque houvesse um ímã místico em suas entranhas.

A magia não para até que você e seu novo colega de quarto se deem as mãos. Eu estendi a minha para Baz de imediato. Ele, porém, ficou ali pelo máximo de tempo que aguentou. Não sei como ele resistiu aos puxões; eu sentia como se meus intestinos fossem explodir e dar voltas em torno dele.

– Snow – disse ele.

– É – falei, agitando a mão. – Aqui.

– O Herdeiro do Mago.

Assenti, mas nem sabia o que isso significava na época. O Mago fez de mim seu herdeiro para eu ter um lugar assegurado em Watford. É por isso também que eu possuo a sua espada. É uma arma histórica – costumava ser presenteada ao Herdeiro do Mago, nos tempos em que o título de Mago era passado através das famílias em vez de apontado pela Irmandade.

O Mago também me deu uma varinha – de osso, com cabo de madeira, fora do pai dele –, de modo

que eu tivesse meu próprio instrumento mágico. Você precisa ter magia em si e um meio para extraí-la de si; é o requisito básico de Watford e uma exigência elementar para ser um bruxo. Todo bruxo herda algum artefato da família. Baz tem uma varinha, como eu; todos os Pitches trabalham com varinhas. Penny, no entanto, tem um anel. E Gareth tem uma fivela de cinto. (É bastante inconveniente – ele tem que arremeter para a frente com o quadril sempre que quer lançar um feitiço. Ele parece achar picaresco, mas só ele acha isso.)

Penélope crê que minha varinha de segunda mão é parte do motivo pelo qual meus feitiços são tão ruins – minha varinha não está presa a mim pelo sangue. Ela não sabe o que fazer comigo. Depois de sete anos no Mundo dos Bruxos, ainda procuro antes por minha espada; sei que ela virá quando eu chamar. Minha varinha vem; no entanto, metade do tempo ela se finge de morta.

A primeira vez que eu pedi um novo colega de quarto para o Mago foi alguns meses depois de começar a morar com Baz. O Mago não quis nem

ouvir – apesar de saber quem era o Baz, e saber melhor do que eu que os Pitches eram serpentes traiçoeiras.

– Ser emparelhado com seu colega de quarto é uma tradição sagrada em Watford – disse ele. Sua voz era gentil, porém firme. – O Cadinho colocou vocês juntos, Simon. Vocês devem cuidar um do outro, conhecer um ao outro tão bem quanto irmãos.

– É, mas, senhor... – Eu estava sentado naquela poltrona gigante de couro no escritório dele, aquela com três chifres presos no topo. – O Cadinho deve ter cometido um engano. Meu colega de quarto é um cretino total. Ele pode até ser do mal. Na semana passada, alguém fechou meu notebook com um feitiço, e eu *sei* que foi ele. Ele estava praticamente gargalhando.

O Mago apenas ficou sentado em sua escrivaninha, afagando a barba.

– O Cadinho emparelhou vocês dois, Simon. Você deve cuidar dele.

Ele continuou a responder sempre da mesma maneira até eu desistir de pedir. Me disse não até mesmo na vez em que havia *provas* de que Baz tentara me dar de comer a uma quimera.

Baz *admitiu*, depois argumentou que o fato de ter falhado era punição suficiente. E o Mago concordou com ele!

Às vezes o Mago não faz nenhum sentido para mim...

Apenas nos anos mais recentes que percebi que o Mago me faz ficar com Baz para mantê-lo sob controle. O que significa, espero – *acho* –, que o Mago confia em mim. Ele acredita que eu estou à altura do serviço.

Resolvo tomar um banho e me barbear enquanto Baz ainda está fora. Só me corto duas vezes, o que é melhor do que o usual. Quando saio, vestindo a calça de flanela do pijama e uma toalha ao redor do pescoço, Baz está perto de sua cama, tirando as coisas de dentro da mochila.

Sua cabeça se vira de súbito e seu rosto está todo contorcido. Pela sua aparência, é como se eu já

tivesse soltado os cachorros em cima dele.

– O que você está fazendo? – ele rosna, entredentes.

– Tomando um banho. Qual é o seu problema?

– Você – diz ele, jogando a mochila para baixo. – Sempre você.

– Oi, Baz. Bem-vindo de volta.

Ele desvia o olhar.

– Cadê o seu colar? – Sua voz é baixa.

– Meu o quê?

Não posso ver seu rosto por completo, mas parece que sua mandíbula está trabalhando.

– *Sua cruz.*

Minha mão voa até a garganta e então para os cortes em meu queixo. Minha cruz. Eu a retirei há semanas.

Corro até minha cama e a encontro, mas não a coloco. Em vez disso, dou a volta em Baz e continuo em seu espaço pessoal até que ele seja obrigado a olhar para mim. Ele olha. Seus dentes estão cerrados e sua cabeça está inclinada para trás e para o lado,

como se ele estivesse apenas *esperando* que eu fizesse o primeiro movimento.

Eu seguro a cruz entre as duas mãos, mostrando-a para ele. Quero que ele reconheça o que é, o que aquilo significa. Então a levanto sobre minha cabeça e deixo que repouse gentilmente ao redor do pescoço. Meus olhos estão travados com os de Baz, e ele não desvia o olhar, apesar de suas narinas se inflarem.

Quando a cruz está de novo ao redor do meu pescoço, as pálpebras dele se abaixam e ele endireita os ombros.

– Por onde você andou? – pergunto.

Os olhos dele voltam aos meus.

– Não é. Da sua. *Conta.*

Sinto minha magia crescer e tento contê-la.

– Você está horrível, sabe.

Ele parece ainda pior agora que posso vê-lo de perto. Há uma camada cinzenta sobre ele – até sobre seus olhos, que são sempre cinza.

Seus olhos são normalmente o tipo de cinza que ocorre quando se mistura azul escuro com verde

escuro. Um cinza de água profunda. Hoje, estão da cor de asfalto molhado.

Baz solta uma risada.

– Obrigado, Snow. Você também está mirrado e acabado.

Estou mesmo, e é culpa dele. Como é que eu poderia comer e dormir sabendo que ele estava por aí, tramando contra mim? E agora ele está aqui, e se não vai me dizer nada de útil, eu poderia muito bem esganá-lo por ter me feito passar por isso.

Ou... eu poderia fazer minhas lições.

Vou fazer minhas lições.

Eu tento. Eu me sento à escrivaninha e Baz se senta em sua cama. Em algum momento, ele sai sem dizer nada, e eu sei que está indo para as Catacumbas para caçar ratos. Ou para a Floresta para caçar esquilos.

E eu sei que uma vez ele matou e drenou um licareno, mas não sei o motivo – o corpo do bicho apareceu na margem do fosso. (Eu odeio os licarenos tanto quanto Baz. Eles não são

inteligentes, acho que não, mas ainda assim são maus.)

Vou para a cama depois que Baz sai, mas não adormeço. Ele só está de volta há um dia, e eu já sinto que preciso saber onde ele está a todo o momento. É o quinto ano, tudo de novo.

Quando ele finalmente retorna ao nosso quarto, cheirando a poeira e decomposição, eu fecho os olhos.

É nesse momento que me lembro da mãe dele.

32.

Baz

Eu quase subi ao escritório do Mago essa noite.

Só para tirar a tia Fiona do meu pé o mais rápido possível.

Ela me passou sermão por todo o caminho até Watford. Acha que o Mago vai tomar outra atitude em breve. Pensa que ele está procurando por algo específico. Aparentemente, ele tem visitado – pilhado – as residências de todas as Antigas Famílias nos últimos dois meses. Apenas encosta em sua Range Rover (1981, verde-bandeira, linda) e toma o chá delas enquanto seus Homens alegres vasculham as bibliotecas das famílias com encantamentos de busca.

– O Mago diz que um de nós está trabalhando com o Insípidum – disse Fiona –, que não há nada a esconder desde que não tenhamos nada a esconder.

Foi desnecessário que ela mencionasse que há *bastante coisa* a esconder em nossa casa. Não estamos trabalhando com o Insípidum – e por que algum bruxo trabalharia com o Insípidum? –, mas nossa casa está cheia de livros banidos e objetos sombrios. Até mesmo alguns de nossos livros de receita foram banidos. (Apesar de fazer alguns séculos, pelo menos, desde que os Pitches comeram fadas pela última vez.) (Não se consegue mais sequer *encontrar* fadas.) (E não é porque nós comemos todas elas.)

Fiona não mora conosco. Ela tem um apartamento em Londres e namora Normais. Jornalistas e bateristas. "Não sou uma traidora da raça", diz ela. "Eu jamais *me casaria* com um deles." Acho que ela sai com eles porque não parecem reais. Acho que é tudo por causa de minha mãe.

Papai diz que Fiona achava que minha mãe havia pendurado a lua no céu. (Pelo que ouço meu pai falar dela, minha mãe pode *de fato* ter pendurado a lua no céu. Ou talvez ela tenha sido colocada lá para seu bel-prazer.)

Fiona fazia um curso com um ervanário em Pequim quando minha mãe morreu. Ela veio para casa para o funeral e nunca mais voltou. Ficou com meu pai até ele se casar de novo, depois se mudou para Londres. Agora minha tia vive do dinheiro da família e de magia, e vive para vingar sua irmã.

É uma situação ruim.

Fiona é esperta – e poderosa –, mas minha mãe era a enxadrista da família. Minha mãe foi criada para a grandeza. (É o que todos dizem.)

Fiona é vingativa. É impaciente. E às vezes ela só quer chutar o balde – ainda que não esteja muito certa de onde está o balde ou qual seria a melhor maneira de chutá-lo.

Seu grande plano para descobrir a trama do Mago é me enviar para entrar furtivamente no escritório dele. Ela está obcecada com o escritório do Mago; era o escritório da minha mãe, e acho que Fiona pensa que pode roubá-lo de volta.

– *Entrar furtivamente no escritório e fazer o quê?* – perguntei a ela.

– *Dar uma olhada.*

– *O que você espera que eu encontre?*

– *Bem, eu não sei, né? Ele deve ter deixado um rastro em algum lugar. Verifique o computador dele.*

– *Ele nem mesmo está por lá para usar seu computador* – digo. – *Provavelmente, mantém tudo no celular.*

– *Então roube o celular dele.*

– *Roube* você – proferi. – *Eu tenho aula.*

Ela disse que em breve se reuniria com as Famílias Antigas – um consórcio composto por todos os que ficaram para trás na revolução do Mago.

(Meu pai também comparece a essas reuniões, mas seu coração não está nisso. Ele prefere conversar sobre gado mágico e catalogação de sementes. Os Grimms são fazendeiros. Minha mãe devia estar morrendo de amores para se casar com ele.)

Depois que minha mãe morreu, qualquer um que tivesse a coragem para se opor ao golpe militar do Mago foi rapidamente expulso da Irmandade. Ninguém das Famílias Antigas teve um assento na

Irmandade na última década – apesar de a maioria das reformas do Mago ter a nós como alvo.

Livros banidos, frases banidas. Regras sobre quando e onde podemos nos reunir. Taxas para cobrir todas as iniciativas do Mago; a mais notável delas visando cobrir as despesas para que cada bastardo de fauno, cada primo centauro e cada miserável e patético bruxo no Reino pudessem frequentar Watford. O Mundo dos Bruxos nunca tivera impostos antes. Impostos eram para os Normais; em vez disso, tínhamos critérios.

Não se pode culpar as Antigas Famílias por contra-atacar o Mago de todas as maneiras possíveis.

Enfim, eu disse a Fiona que faria o que ela queria. Que subiria ao escritório do Mago e daria uma olhada, ainda que fosse inútil.

– Pegue alguma coisa – disse ela, agarrando o volante.

Eu estava no banco de trás, então podia ver apenas uma parte de seu rosto no espelho retrovisor.

– Pegar o quê?

Ela deu de ombros.

– Não importa. Pegue alguma coisa.

– Não sou um ladrão – falei.

– Não é roubar – aquele escritório é *dela*; é seu. Pegue alguma coisa pra mim.

– Tudo bem – consenti.

No fim das contas, eu quase sempre faço o que Fiona quer. O modo como ela sente saudades da minha mãe a mantém viva para mim.



Esta noite, porém, estou exausto demais para fazer a vontade de Fiona.

E inquieto demais. Não consigo afastar a sensação de que estou sendo seguido, de que seja lá quem pagou aos lorpas para me pegar vai tentar de novo.

Quando acabo o que fui fazer nas Catacumbas, parece que estou arrastando meu próprio cadáver torre acima até nosso quarto.

Snow está dormindo quando eu entro.

Normalmente, tomo banho pela manhã; ele, à noite.

Já temos a dança toda ensaiada, depois de tantos anos. Nos movemos pelo quarto sem nos tocar ou conversar ou olhar um para o outro. (Ou, ao menos, sem olhar um para o outro enquanto o outro está prestando atenção.)

Mas nessa noite há teias de aranha no meu cabelo, e eu estava com tanta sede, que entrou sangue debaixo das minhas unhas enquanto eu me alimentava.

Isso não me acontece desde os catorze anos, desde que comecei a pegar o jeito. Eu normalmente consigo drenar um pônei de polo sem manchar os lábios.

Eu me movimento pelo quarto em silêncio. Por mais que goste de perturbar Snow, essa noite só preciso me limpar e dormir.

Jamais deveria ter tentado aguentar um dia inteiro de aula. Minha perna adormeceu e minha cabeça está me matando. Talvez seja bom que o técnico Mac não me aceite de volta ao time, já que

mal consigo dar conta de oito horas numa mesa. (Ele pareceu triste quando apareci no treino. E desconfiado. Disse que eu estava em período de experiência.)

Tomo uma ducha rápida e quieta e, quando me deito na cama, sinto cada osso do meu corpo suspirar, feliz.

Por Crowley, como senti falta dessa cama! Apesar de ser empoeirada e encaroçada, com plumas de ganso que escapam pela cobertura e espetam.

Meu quarto em casa é enorme. Toda a mobília em casa tem centenas de anos de idade, e eu não posso pendurar nada ou mudar nada de lugar porque está tudo registrado com o Fundo Nacional. De tantos em tantos anos, o jornal local vem fazer um artigo.

Minha cama aqui é pesada e coberta por dosséis e, se a pessoa olhar com atenção, vai encontrar 42 gárgulas esculpidas na borda. Havia um banquinho perto da cabeceira, porque a cama era alta demais para eu subir sozinho.

Essa cama, em Watford, é mais minha do que aquela jamais foi.

Eu rolo de lado, ficando de frente para Snow. Ele está dormindo, então não importa se eu o encarar. E é isso o que eu faço. Apesar de saber que não me faz nenhum bem.

Snow dorme em um nó: suas pernas dobradas e os punhos fechados, ombros encolhidos e altos, cabeça enfiada para baixo e seu cabelo cacheado esmagado contra a fronha. O pouco de luar que entra reflete em sua pele dourada.

Não havia luz alguma com os lorpas. Apenas uma noite interminável de dor, barulho e sangue.

Estou no mínimo meio morto, acho. Digo, normalmente, quando estou andando por aí e me sentindo bem – estou no mínimo meio morto.

Quando eu estava naquele caixão, eu me conduzi mais para lá.

Permiti me deslizar para longe...

Apenas para permanecer *são*. Apenas para conseguir *suportar*.

E quando eu me sentia escorregando para longe demais, segurava-me à única coisa de que sempre tive certeza...

Olhos azuis.

Cachos cor de bronze.

O fato de que Simon Snow é o bruxo vivo mais poderoso. De que nada pode machucá-lo, nem mesmo eu.

De que Simon Snow está *vivo*.

E de que eu estou desesperadamente apaixonado por ele.

33.

Baz

A palavra-chave nessa frase é “desesperadamente”.

Isso ficou evidente desde o momento em que eu percebi que seria a pessoa que mais sofreria caso algum dia fosse bem-sucedido em acabar com Snow.

Eu me dei conta em nosso quinto ano. Quando Snow me seguiu por aí como um cachorro preso aos meus calcanhares. Quando ele não me dava *um único* momento de conforto para analisar meus sentimentos – ou para bater uma (ou várias) e tentar me livrar deles. (O que eu acabei tentando naquele verão. Inutilmente.)

Queria nunca ter compreendido o que estava acontecendo. Que eu o amo.

Isso não passa de um tormento.

Dividir o quarto com a pessoa que você mais deseja é como dividir o quarto com um incêndio.

Ele te atrai constantemente. E você chega perto demais constantemente. E você sabe que isso não é bom – que não existe nada bom – que não há absolutamente nada que possa advir disso.

Mas você se aproxima mesmo assim.

E aí...

Bem. Aí você se queima.

Snow diz que eu sou obcecado por fogo. Eu argumentaria que é um efeito colateral inevitável de ser inflamável.

Digo, acho que no fim das contas todo mundo é inflamável – mas vampiros são como trapos encharcados de gasolina. Somos algodão-pólvora.

A piada cruel disso tudo é que eu venho de uma longa linhagem de bruxos do fogo – duas longas linhagens, os Grimms e os Pitches. Sou brilhante com fogo. Desde que não me aproxime demais.

Não...

A piada cruel disso tudo é que Simon Snow cheira a fumaça.

Snow geme – ele sofre de pesadelos, nós dois sofremos – e rola de costas, um braço se esticando por um momento antes que ele o deixe cair sobre sua cabeça. Seus cachos ridículos caem de novo no travesseiro. Snow usa o cabelo curto atrás e nas laterais, mas o topo é uma juba de cachos frouxos. De um castanho dourado. Agora está escuro, mas eu ainda posso ver a cor.

Eu também conheço a pele dele. Outro tom de ouro, mais claro. Snow nunca se bronzeia, mas ele tem sardas nos ombros e pintas espalhadas pelas costas e pelo peito, braços e pernas. Três pintas na bochecha direita, duas debaixo da orelha esquerda, uma em cima do olho esquerdo.

Não me faz bem algum saber de tudo isso.

Mas também não sei se faz mal. Não sei se *há* como piorar.

As janelas estão abertas; Snow dorme com elas abertas o ano todo, a menos que eu dê um chilique por causa disso. É mais fácil dormir com cobertores extras do que reclamar. Eu me acostumei com o peso deles sobre mim.

Estou cansado. E cheio. Posso sentir o sangue balançando em minha barriga – provavelmente vou precisar me levantar pra mijar.

Snow geme novamente e se vira de lado.

Estou em casa. Finalmente.

Adormeço.

34.

Baz

Snow não está nem aí se *me* acorda.

Ele gosta de ser a primeira pessoa a descer para o café da manhã, só Chomsky sabe por quê. São seis da manhã e ele já está se batendo pelo nosso quarto como se uma vaca tivesse acidentalmente subido aqui.

As janelas ainda estão abertas e a luz do sol está entrando. Eu fico bem sob a luz solar – este é outro mito. No entanto, não gosto dela. Arde um pouco, em especial assim logo cedo. Snow suspeita disso, acho, e abre as cortinas constantemente.

Acho que nós brigávamos mais por coisas desse tipo.

E aí eu quase o matei, e discutir sobre as cortinas de súbito pareceu ridículo.

Snow diria que tentei matá-lo no nosso terceiro ano. Com a quimera. Entretanto, naquele dia eu só estava tentando assustá-lo – queria vê-lo mijar nas calças e chorar. Em vez disso, ele disparou como uma bomba H.

Ele também diria que tentei atirá-lo escada abaixo no ano seguinte. Realmente, nós estávamos brigando no topo da escadaria, e eu consegui, por sorte, acertar um soco que o fez sair voando. Então, quando tia Fiona me perguntou se eu havia empurrado Simon Snow por um lance de escadas, eu disse:

– Empurrei sim, cacete.

Porém, no ano seguinte, o quinto ano, eu realmente tentei apagar o Snow.

Eu o odiava tanto naquela primavera. Odiava vê-lo – odiava o que o fato de vê-lo fazia comigo.

Quando Fiona me disse que tinha encontrado um jeito de "tirar o Herdeiro do Mago do nosso caminho", eu estava mais do que disposto a ajudar. Ela me deu o gravador portátil, uma coisa antiga com uma fita de verdade, e me avisou para não falar

quando ele estivesse ligado; ela me fez jurar sobre o túmulo da minha mãe.

Eu não sei o que esperava que fosse acontecer... Senti como se estivesse num filme de espionagem, escondendo-me junto aos portões e apertando o botão em meu bolso no momento em que pude ver Snow começando a perder a paciência.

Talvez eu tenha pensado que o estivesse aprisionando...

Talvez eu tenha pensado que aquilo o machucaria. Ou que o mataria.

Talvez eu não acreditasse que algo *pudesse* matá-lo.

Aí a Philippa-Porcaria-Stainton apareceu, correndo pelo gramado para se embaraçar. (Ela não deixava o Snow em paz naquele ano, apesar de ele claramente não estar interessado.) O gravador engoliu a voz dela em um guincho horrível, como um rato sendo sugado por um aspirador de pó. Eu apertei o botão para parar assim que a ouvi... mas já era tarde demais.

Snow sabia que eu tinha feito aquilo, mas não podia provar nada. E ninguém mais podia provar – eu não havia tocado em minha varinha. Eu não dissera uma só palavra.

Tia Fiona mal se incomodou com seu engano.

– *Philippa Stainton... Ela não é uma das nossas, é?*

Eu me lembro de devolver o gravador para minha tia, pensando na magia que ela devia ter derramado nele. Perguntando-me onde ela tinha conseguido tanta magia.

– *Não fique tão chateado, Basil* – disse Fiona, tomando o gravador de minha mão. – *Nós o pegamos na próxima.*

Alguns dias depois, na aula de Palavras Mágicas, a Senhorita Possivelfa garantiu a todos nós que Philippa ficaria bem. Mas ela nunca mais voltou para Watford.

Jamais me esquecerei do rosto de Philippa quando sua voz acabou.

Jamais me esquecerei do rosto de Snow.

Foi a última vez que eu tentei machucá-lo. De modo permanente.

Eu lanço maldições sobre o Snow. Eu o perturbo. Eu *penso* em matá-lo o tempo todo, e algum dia terei que tentar – mas até lá, qual é o sentido disso?

Eu vou perder.

Nesse dia. Quando Snow e eu realmente tivermos que lutar um contra o outro.

Eu posso ser imortal. (Talvez. Não sei para quem perguntar.) Mas sou o tipo de imortal que você ainda pode cortar ou incendiar.

Snow é... outra coisa.

Quando ele perde o controle, é mais um elemento da natureza do que um bruxo. Eu não creio que o nosso lado vá conseguir acabar com ele ou contê-lo, mas eu sei – eu *sei* – que tenho de fazer a minha parte.

Estamos em guerra.

O Insípidum pode muito bem ter matado minha mãe, mas o Mago vai acabar com toda a magia da minha família. Só para fazer de nós um exemplo. Ele já tomou a nossa influência. Drenou nossos cofres. Sujou nosso nome. Estamos todos só esperando pelo dia em que ele se resolva pela opção nuclear...

Snow é a opção nuclear. Com Snow sob sua influência, o Mago é onipotente. Ele pode nos forçar a fazer qualquer coisa... Pode nos fazer ir embora.

Eu não posso permitir que isso ocorra.

Este é o meu mundo, o Mundo dos Bruxos. Tenho que fazer a minha parte para lutar por ele. Mesmo que eu saiba que vou perder.

Snow agora está de pé diante do armário, tentando encontrar uma camisa limpa. Ele alonga um braço acima da cabeça e eu observo os músculos dançando em seus ombros.

Tudo o que eu faço é perder.

Eu me sento e afasto as cobertas. Snow se assusta e agarra uma camisa.

– Esqueceu que eu estou aqui? – pergunto. Caminho até meu guarda-roupa e coloco minha calça e a camisa sobre o braço. Não sei por que Snow se demora olhando para suas roupas como se tivesse alguma grande decisão a tomar. Ele usa uniforme todos os dias, até nos fins de semana.

Quando fecho a porta do guarda-roupa, ele está me olhando fixamente. Parece desconcertado. Não

sei o que eu fiz para deixá-lo assim, mas dou um sorrisinho de escárnio mesmo assim, só para espezinhá-lo.

Eu me visto no banheiro. Snow e eu nunca nos vestimos na frente um do outro; é uma extensão da nossa paranoia mútua. E dou graças às serpentes por isso – minha vida já é suficientemente dolorosa.

Quando estou vestido e pronto e de volta ao nosso quarto, Snow ainda está de pé junto a sua cama, camisa vestida, mas desabotoada, a gravata pendurada em torno do pescoço. Seu cabelo está na verdade pior do que quando ele acordou, como se ele estivesse enfiando as mãos entre os cachos.

Ele congela e olha para mim.

– Qual é o problema, Snow? O gato comeu a sua língua?

Ele se encolhe. **O gato comeu a sua língua** é um feitiço potente, e eu já o utilizei contra ele duas vezes quando estávamos no terceiro ano.

– Baz – pigarreia ele. – Eu...

– Sou uma desgraça para a magia?

Ele revira os olhos.

– Eu...

– Desembucha, Snow. É de se pensar que você esteja tentando lançar um feitiço. *Está?* Da próxima vez, use sua varinha. Isso ajuda.

Ele bagunça o cabelo de novo com uma das mãos.

– Será que você podia só...

Não há nada de marcante a respeito dos olhos de Snow. Eles são de tamanho e formato normais. Uma pequena bolsa embaixo. E seus cílios são curtos e castanho-escuros. Seus olhos não têm nem a cor marcante. São só azuis. Não azul-celeste. Não marinho. Não têm pontos amendoados ou violeta.

Ele pisca pra mim com aqueles olhos. Gaguejando. Eu me sinto corar. (Por Crowley, veja só o quanto eu bebi de sangue na noite passada. Sou capaz até de corar.)

– Não – interrompo, apanhando meus livros. – Eu *simplesmente* não posso.

Saio porta afora. Desço as escadas.

Ouço Snow rosnando atrás de mim.

Quando ele desce para o café da manhã, sua gravata ainda está dependurada. Bunce franze a

testa e puxa uma das pontas. Ele larga seu scone e limpa a mão na calça antes de dar um nó na gravata. Snow olha para mim nesse momento, mas eu já desviei o olhar.

35.

Simon

Penélope quer almoçar lá fora, no Gramado. Está um dia quente, diz ela, e o chão está seco, e talvez a gente não tenha outra chance para um piquenique assim até a primavera.

Acho que ela quer apenas me manter longe de Baz e Agatha – eles têm feito joguinhos um com o outro a semana inteira. Se revezando ao olhar para o outro lado do refeitório, depois rapidamente desviando o olhar. Baz sempre olha para mim também, para ter certeza de que eu estou olhando.

Todos ainda estão fofocando sobre onde ele andava. Os rumores mais populares são "cerimônia sombria de passagem que o deixou marcado demais para estar em público" e "Ibiza".

– Minha mãe virá para me levar à cidade essa noite – diz Penny. Estamos sentados, recostados em

um teixo gigante e retorcido, olhando para o Gramado em direções levemente diferentes. – Nós vamos jantar. Quer vir?

– Não, tá tudo bem, obrigado.

– Poderíamos ir àquele restaurante de lámen que você gosta. Minha mãe está bancando.

Eu balanço a cabeça.

– Sinto que preciso ficar de olho no Baz – digo. – Ainda não tenho ideia de onde ele esteve.

Penny suspira, mas não discute. Ela fita o gramado marrom.

– Sinto falta dos Visitantes. Eles eram tão mágicos...

Eu rio.

– Você sabe o que eu quero dizer – expõe ela. – Tia Beryl voltou para minha mãe e eu não vi.

– O que ela disse?

– A mesma coisa que da última vez! "Pare de procurar meus livros. Não tem nada lá para gente da sua laia".

– Espere, ela voltou para te dizer para *não* procurar os livros dela?

– Ela era uma erudita como minha mãe e meu pai. Não acha que alguém seja inteligente o bastante para tocar na pesquisa dela.

– Não posso acreditar que sua parenta voltou só pra insultar vocês.

– Minha mãe diz que sempre soube que a Tia Beryl levaria sua marra consigo para o inferno.

– Será que os fantasmas aparecem no lugar errado?

– Eu penso neles mais como almas...

– Almas, então. Será que elas se perdem?

– Não tenho certeza – diz Penny, virando-se para me encarar, arrancando um pedaço de seu sanduíche. – Eu sei que você pode confundi-los. Pode tentar esconder o alvo deles. Tipo, se você teme que uma alma vá voltar e contar um segredo seu, você pode tentar esconder a pessoa viva que ela fosse Visitar. Já houve até assassinatos. Se eu te matar, você não tem como receber um Visitante; *ergo*, não pode ouvir ou contar o meu segredo.

– Então os Visitantes podem ficar confusos...

– Sim, eles simplesmente aparecem onde acham que alguém deveria estar. Como uma pessoa de verdade faria. Madame Bellamy disse que viu o marido à espreita no fundo da sala de aula algumas vezes antes de ele de fato conseguir atravessar o Véu.

Exatamente como eu via a mãe de Baz na janela...

Eu deveria contar a Penny o que aconteceu. Eu sempre conto a Penny o que acontece.

– Venha – diz ela, ficando de pé e espanando a grama morta da parte de trás das meias. – Vamos nos atrasar para a aula.

Ela estende a mão por cima dos guardanapos e das embalagens de plástico e gira o pulso. ***"Um lugar para cada coisa, e cada coisa no seu lugar!"***. Eles desaparecem.

– Desperdício de magia – sentencio, por força do hábito, apanhando nossas mochilas.

Penny revira os olhos.

– Estou tão cansada de ouvir isso! Nós *devemos* usar magia. Para o que estamos economizando?

– Para que ela esteja lá quando precisarmos.

– Eu conheço a resposta oficial, Simon, muito obrigada. Na América, eles acreditam que quanto mais uma pessoa usa sua magia, mais poderosa ela fica.

– Igualzinho aos combustíveis fósseis.

Penny olha para mim, surpresa, e cai na risada.

– Não fique tão surpresa – digo. – Eu sei sobre os combustíveis fósseis.



Baz está em metade das minhas aulas. Nossa turma tem apenas cinquenta alunos; houve anos letivos no passado em que ele e eu tínhamos todas as aulas juntos, o dia inteiro.

Nós normalmente nos sentamos o mais distante possível um do outro, mas hoje, em Elocução, Madame Bellamy nos fez empurrar as carteiras para fora do caminho e trabalhar em pares. Baz acabou ficando bem atrás de mim.

Madame Bellamy não tem sido a mesma desde sua Visita; é como... bem, é como se ela tivesse visto um fantasma. Ela nos faz executar trabalhos

práticos enquanto vaga pela sala, parecendo perdida.

Nesse ponto, o oitavo ano, todos já estamos além da Elocução básica – falar em voz alta, enunciar as consoantes, projetar a voz. Agora, é tudo nuance. Como dar mais potência aos feitiços dizendo-os com fervor e intenção. Como fazer uma pausa logo antes de uma palavra-chave pode focar um feitiço.

Gareth é o meu parceiro hoje. E na maioria dos dias. Ele é medonho em Elocução. Ainda se arrasta por seus feitiços como se estivesse lendo um cartãozinho de anotações. Eles funcionam, mas pousam como balões de chumbo. Se Gareth tenta fazer algo levitar, o objeto se levanta aos trancos; se ele transforma algo, parece que a coisa está acontecendo em uma animação *stop-motion* barata.

Penélope diz que é doloroso assistir a Gareth – e não apenas por causa de sua ridícula fivela de cinto mágica.

Baz diz que Gareth jamais teria entrado em Watford nos velhos tempos.

A elocução de Baz é impecável. Em quatro línguas. (Embora eu suponha que apenas lhe dê crédito no que diz respeito a francês, grego e latim.) Posso ouvi-lo atrás de mim, disparando feitiços de resfriamento e aquecimento um atrás do outro. Sinto a mudança no ar em minha nuca.

– Vá mais devagar, Sr. Pitch – diz Madame Bellamy. – Não há necessidade de desperdiçar magia.

Escuto a irritação na voz de Baz quando ele começa a despejar os feitiços ainda mais depressa.

Algumas vezes é perturbador o quanto Baz e Penélope têm em comum. Eu mencionei isso a ela antes, e acrescentei: "*E além do mais*, as famílias dos dois odeiam o Mago".

– Minha família não é nada parecida com os Pitches! – argumentou ela. – Eles são especistas e racistas. Baz provavelmente acha que eu também não deveria estar em Watford.

– Ele é racista? – pergunto. – Ele não é de alguma raça também? A mãe dele parece meio que espanhola ou árabe no retrato.

– Árabe é uma língua, Simon. E todo mundo é de alguma raça. E Baz é a pessoa mais branca que eu já vi.

– Só porque ele é um vampiro – falei.

Porra, eu tenho que contar a Baz sobre a mãe dele. Ou tenho que contar a Penny sobre a mãe de Baz... Ou talvez até ao Mago. Se não foi o Insípidum quem matou a mãe de Baz, então *quem foi?*

Não posso manter um segredo assim tão grande. Não tenho espaço pra ele.



Penny entra escondida em meu quarto antes de partir naquela noite com a mãe. Ela é ridiculamente corajosa – é a única coisa ridícula nela –, e eu juro que piora quando se passa tempo demais entre uma emergência e outra. Fico tentado a fechar a porta na cara dela.

– Baz vai te entregar se ele te pegar aqui na nossa torre – digo. – E você vai receber *uma suspensão*.

Ela gesticula com desprezo.

– Ele está lá no campo de futebol, vendo o time treinar. Pitch em campo.

Ela empurra a porta e eu a impeço.

– Alguma outra pessoa vai te denunciar, então.

– Nada. Todos os meninos do nosso ano têm medo de mim. Acham que eu vou transformá-los em sapos.

– Existe um feitiço para isso?

– Sim, mas é extremamente cansativo, e eu teria que beijá-los para transformá-los de volta.

Eu suspiro e solto a porta, dando uma espiada na escadaria enquanto Penélope passa por mim e entra no quarto.

– Só estou aqui para te convencer a vir comigo – diz ela.

– Não vai funcionar.

– O que é isso, Simon. Minha mãe não vai me passar um sermão tão grande se você estiver por perto.

– Não, ela vai passar o sermão *em mim*. – Eu me sento na cama. Tenho alguns livros espalhados ali. E alguns velhos documentos da biblioteca.

– Certo. É um fardo compartilhado... Ei, você tá lendo *O Registro Mágico?*

O Registro é a coisa mais próxima de um jornal que os bruxos possuem. Ele registra nascimentos e mortes, elos e leis mágicas, mais minutas de cada reunião da Irmandade. Eu peguei escondido alguns volumes encadernados do início dos anos 2000 na biblioteca.

– Sim – digo –, ouvi dizer que é fascinante.

– Você ouviu isso de mim – diz ela –, e eu sei que você não estava escutando. Por que você está lendo *O Registro Mágico?*

Eu olho por cima dos livros.

– Você já ouviu falar de um bruxo chamado "Nico" ou "Nicodemus"?

– Tipo, na História?

– Não. Sei lá, talvez. Qualquer um. Talvez um político ou alguém que foi da Irmandade? Ou um professor?

Ela se apoia em minha cama.

– Isso é para o Mago? Você está em alguma missão?

– Não. – Eu balanço a cabeça. – Não, eu sequer o vi. Eu estava... É sobre o Baz. – Penny revira os olhos. – Eu estava pensando na mãe dele, em algo que ouvi, que talvez ela tivesse um inimigo.

– Os Pitches sempre tiveram mais inimigos do que amigos.

– Certo. Enfim, provavelmente não tem importância.

Penny não está muito interessada, mas como eu fiz uma pergunta, ela tenta responder.

– Um inimigo chamado Nico... – Porém, nesse momento algo toca no bolso de seu casaco. Seus olhos se arregalam e ela enfia a mão no bolso rapidamente.

Eu sinto meus olhos se arregalarem também.

– Você tem um *celular?*

– Simon...

– Penélope, você não pode andar com um celular em Watford!

Ela cruza os braços.

– Não vejo por que não.

– Por causa das regras. São um risco à segurança.

Ela franze a testa e retira o celular, um iPhone branco, novinho.

– Meus pais se sentem melhor se eu andar com ele.

– Como é que ele funciona aqui? – pergunto. – Supostamente, deveria haver feitiços...

Penélope verifica suas mensagens de texto.

– Minha mãe o enfeitiçou. Ela está aqui agora, nos portões... – Penny olha para mim. – Por favor, venha com a gente.

– Sua mãe seria uma supervilã assustadora.

Penny sorri.

– Vem jantar, Simon.

Eu balanço a cabeça de novo.

– Não, quero dar uma olhada nessas coisas antes que o Baz volte.

Ela finalmente cede e desce as escadas correndo, como se não desse a mínima para a possibilidade de ser flagrada. Eu vou até a janela para ver se consigo enxergar Baz no campo de futebol.

36.

Penélope

Minha mãe insistiu para que eu carregasse um celular comigo depois do que houve com o Insípidum.

Por algumas semanas nesse verão, ela encasquetou que eu não poderia voltar para Watford de jeito nenhum, e meu pai nem tentou convencê-la do contrário. Acho que talvez ele se sentisse responsável. Como se devesse ter compreendido quem é o Insípidum a essa altura.

Papai passou todo o mês de junho em seu laboratório, sem sair nem para comer. Minha mãe fez sua comida favorita, biryani, e deixou pratos fumegantes do lado de fora da porta.

– Aquele maluco! – ela ficava repetindo. – Mandando crianças para lutar contra o Insípidum!

– O Mago não nos mandou – eu tentei dizer a ela. – O Insípidum *nos levou*.

Aquilo, no entanto, só a deixava mais furiosa. Eu pensei que ela fosse querer descobrir como o Insípidum conseguiu fazer isso. (É impossível sequestrar alguém assim, teleportar uma pessoa para tão longe. A magia que isso exige... Nem o Simon tem o suficiente.) Porém mamãe se recusou a abordar o assunto de modo intelectual.

Aquilo me deixou muito contente por ela não saber os detalhes de cada enrascada em que Simon e eu nos metemos – e das quais nos livramos, devo acrescentar. Nós merecemos algum crédito por isso.

Mamãe provavelmente teria esfriado a cabeça muito antes, não fossem os pesadelos...

Eu não gritei quando tudo aconteceu de fato.

Num minuto, Simon e eu estávamos na Floresta Oscilante, boquiabertos ao flagrar Baz e Agatha – eu segurando o braço de Simon. No minuto seguinte, estávamos em uma clareira em Lancashire. Simon

reconheceu o local – ele tinha morado em um orfanato ali quando era pequeno, perto de Pendle Hill. Tem uma escultura sonora enorme que parece um furacão, e no início eu pensei que o barulho fosse o Insípidum.

Foi nesse instante que eu soube que estávamos em um ponto morto.

Papai estuda pontos mortos, então já estive em vários deles. São os buracos que começaram a aparecer na atmosfera mágica quando o Insípidum surgiu. Entrar num ponto morto era como perder um dos sentidos. Como abrir a boca e se dar conta de que você não consegue emitir qualquer ruído. A maioria dos bruxos não consegue lidar com isso. Começam a perder o controle imediatamente. Entretanto, papai me disse que ele nunca havia tido tanta magia quanto a maioria dos bruxos, de modo que não era tão aterrorizante para ele pensar em perdê-la.

Assim, Simon e eu aparecemos nessa clareira, e eu posso sentir de cara que é um ponto morto – mas

é *mais* do que isso. É pior. Há um assovio estranho no vento, e tudo é seco, seco e quente.

Talvez não seja um ponto morto, pensei, *talvez seja um ponto* moribundo.

– Lancashire – Simon disse para si mesmo.

E então... o Insípidum estava lá.

E eu sabia que era o Insípidum porque ele era a fonte de tudo. Do mesmo jeito que você sabe que é o sol que torna o dia brilhante. Todo o calor e a secura estavam vindo dele. Ou sendo sugados em sua direção.

E nenhum de nós, nem Simon nem eu, gritou ou tentou fugir, porque estávamos chocados demais para isso: ali estava o Insípidum – *e ele era igualzinho ao Simon*. Igualzinho ao Simon quando eu o conheci. Onze anos de idade, um jeans imundo e uma camiseta velha. O Insípidum estava até quicando aquela mesma bola vermelha de borracha que Simon nunca largava no nosso primeiro ano.

O menino jogou a bola para Simon, que a apanhou. E então Simon começou a gritar para o Insípidum:

– Pare! Pare! Mostre sua cara, seu covarde, mostre sua cara!

Estava tão quente e tão seco, e parecia que a vida estava sendo sugada de nós, sugada através de nossas peles.

Nós dois já havíamos sentido aquilo durante os ataques do Insípidum – aquela sensação de sucção arenosa, seca. Sabíamos qual era a sensação dele, nós o reconhecíamos. Mas nunca tínhamos visto o Insípidum antes. (Agora eu me pergunto se aquela foi a primeira vez que o Insípidum *conseguiu* se mostrar.)

Simon tinha certeza de que o Insípidum estava usando seu rosto só para provocá-lo. Ele ficava gritando com o monstro para que ele mostrasse sua cara de verdade.

O Insípidum, porém, apenas ria. Como uma criança pequena. Do jeito que crianças pequenas riem: depois que começam, não conseguem mais parar.

(Não posso dizer de fato por que eu penso assim ou o que isso significa, mas não acho que o

Insípidum tenha surgido daquela forma para fazer uma piada cruel. Acho que aquela é sua forma real. Que ele se parece com o Simon.)

A sucção era forte demais. Olhei para o meu braço e havia um fluido amarelo e sangue começando a vazar pelos meus poros.

Simon gritava. O Insípidum ria.

Eu estendi a mão e tomei a bola de Simon, jogando-a colina abaixo.

Com isso, o Insípidum parou de rir, e imediatamente disparou atrás da bola. No segundo em que ele nos deu as costas, a sucção parou.

Eu caí.

Simon me apanhou e me jogou sobre seu ombro (o que é incrível, considerando-se que eu peso mais ou menos o mesmo que ele). Ele seguiu adiante como um integrante da Marinha Real, e assim que saiu do ponto morto, passou-me para a frente de seu corpo – e grandes asas ósseas explodiram de suas costas. *Tipo* asas. Deformadas e com um excesso de penas, com juntas demais...

Não existe feitiço para aquilo. Não existem palavras. Simon só disse: ***"Eu queria poder voar!"*** e tornou as palavras mágicas.

(Eu não contei essa parte para ninguém. Bruxos não são gênios da lâmpada; não funcionamos com desejos. Se alguém descobrisse que Simon é capaz disso, o queimariam na fogueira.)

Estávamos ambos feridos, então tentei lançar feitiços de cura. Eu ficava pensando que o Insípidum fosse nos arrastar de volta assim que encontrasse sua bola. Mas talvez esse não fosse o tipo de truque que ele pudesse executar duas vezes num só dia.

Simon voou até onde pôde comigo atracada a ele – presa a ele com feitiços e rapidamente desaparecendo. Aí acho que ele percebeu como parecíamos dois doidos e pousou perto de uma cidade.

Iríamos pegar um trem, mas Simon não conseguiu recolher suas asas. Porque não eram *asas*. Eram ossos e penas e magia – e vontade.

Meus pesadelos são sobre isso. Escondidos numa vala do lado da estrada. Simon está exausto. E eu estou chorando. E tento juntar as asas e empurrá-las para dentro das costas dele, para podermos andar até a cidade e pegar um trem. As asas se desmantelam em minhas mãos. Simon está sangrando.

Em meus pesadelos, não consigo me lembrar do feitiço correto...

Mas naquele dia eu me lembrei. É um feitiço para crianças assustadas, para acabar com pegadinhas de mau gosto e devaneios. Pressionei minha mão nas costas de Simon e falei, meio sufocada: ***"Bobagem!"***

As asas se desintegraram em grumos de poeira e sangue nos ombros dele.

Simon surrupiou a carteira de alguém na estação ferroviária para podermos comprar passagens. Dormimos no trem, apoiados um no outro. E quando chegamos a Watford, foi no meio da cerimônia de fim de ano. Minha mãe e meu pai estavam lá, e eles me arrastaram para casa.

Quase não me deixaram voltar à escola nesse outono – tentaram me convencer a ficar na América. Mamãe e eu gritamos uma com a outra, e não conversamos direito desde então.

Eu disse aos meus pais que não podia perder meu último ano. Mas todos nós sabíamos que o que eu queria dizer era que eu não permitiria que Simon voltasse sem mim.

Eu disse que voltaria para Watford andando, que encontraria um jeito de voar.

Agora eles me fazem carregar um celular.

37.

Agatha

Watford é um lugar quieto se você não está namorando Simon Snow – e se você passou tantos anos com Simon Snow, que nunca se preocupou em fazer outras amizades.

Eu não tenho uma colega de quarto. A colega de quarto que o Cadinho me deu, Philippa, adoeceu no quinto ano e foi para casa.

Simon diz que Baz fez algo a ela. Papai diz que ela teve uma laringite súbita e traumática, "Uma tragédia para um bruxo".

– Isso seria uma tragédia para *qualquer um* – comentei. – Os Normais também falam.

Na verdade, não sinto saudades de Philippa. Ela tinha um ciúme mortal do fato de Simon gostar de

mim. E ela ria dos meus feitiços. Além do mais, sempre pintava as unhas sem abrir a janela.

Eu tenho amigas, amigas de verdade, lá em casa, mas não tenho permissão de contar a elas sobre Watford. Tampouco sou *capaz* de contar a elas – papai me enfeitiçou depois de me flagrar reclamando para minha melhor amiga, Minty, sobre minha varinha.

– *Eu só disse que é um saco ficar carregando a varinha para todo canto! Sequer mencionei que era mágica!*

– *Ah, pelo amor das serpentes, Agatha* – disse papai.

Minha mãe ficou furiosa.

– *Você tem que fazer isso, Welby.*

Então papai apontou sua varinha para mim:

– ***Nem um piotford!***

É um feitiço sério. Só membros da Irmandade têm permissão para usá-lo. Mas suponho que aquela era uma situação séria: se você contar aos Normais sobre a magia, eles terão de ser rastreados

e apagados. E se isso não for possível, você tem de se mudar.

Agora Minty (nós nos conhecemos na escola primária, e esse é o nome dela de verdade, não é o máximo?) pensa que eu frequento um internato super-religioso que não permite acesso à internet. O que é a pura verdade, no que me toca.

Magia é uma religião.

Porém não existe algo como "não praticante" – ou apenas cumprir as tarefas obrigatórias na Páscoa e no Natal. Sua vida toda tem que girar em torno de magia, o tempo todo. Se você nasceu com magia, está presa a guerras que nunca terminam, porque as pessoas sequer sabem quando elas começaram.

Eu não falo assim com meus pais.

Ou com Simon e Penny.

Nem um pio sobre meus sentimentos.



Baz está atravessando o pátio sozinho. Nós não conversamos desde que ele voltou.

Nós nunca conversamos de verdade, acho. Mesmo daquela vez, na Floresta. Simon surgiu antes que pudéssemos chegar a algum lugar, e aí Simon saiu de novo.

(Bem quando você acha que está tendo uma cena sem o Simon, ele surge para te relembrar que todo mundo é só um personagem coadjuvante na catástrofe dele.)

Assim que Simon e Penny desapareceram naquele dia, Baz soltou minhas mãos.

– *Mas que porra acabou de acontecer com o Snow?*

Essas foram as últimas palavras dele para mim.

Porém, ele ainda me observa no refeitório. Isso deixa Simon doido. Hoje de manhã, ele ficou de saco cheio e bateu o garfo na mesa com força, e quando eu olhei para Baz, ele piscou.

Eu corro para acompanhá-lo. O sol está se pondo, o que faz com que sua pele cinzenta pareça quase cálida. Eu sei que está incendiando meu cabelo.

– Basil – digo, fria, sorrindo como se seu nome fosse um segredo.

Ele vira a cabeça de leve para me ver.

– Wellbelove. – Ele parece cansado.

– Não conversamos desde que você voltou – digo.

– Nós conversamos antes disso?

Resolvo ser ousada.

– Não tanto quanto eu gostaria.

Ele suspira.

– Por Crowley, Wellbelove, deve haver um jeito melhor de chamar a atenção dos seus pais.

– O quê?

– Nada – diz ele, seguindo em frente.

– Baz, eu pensei... pensei que você pudesse precisar de alguém com quem conversar.

– Não, eu estou bem.

– Mas...

Ele para e suspira, esfregando os olhos.

– Olha... Agatha. Nós dois sabemos que seja lá qual for o motivo pelo qual você e o Snow estão brigando, logo vão se acertar e se unir em seu destino dourado. Não complique as coisas.

– Mas nós não estamos...

Baz havia recomeçado a caminhar. Está mancando um pouco. Talvez seja por isso que não

está jogando futebol. Eu continuo a segui-lo.

– Talvez eu não queira um destino dourado – digo.

– Quando você descobrir como driblar o destino, me avise. – Ele caminha o mais rápido que consegue com sua coxeadura, e eu decido não correr para acompanhá-lo. Isso seria deplorável.

– Talvez eu queira algo mais interessante! – grito.

– Eu não sou mais interessante! – responde ele, em outro grito, sem virar para trás. – Sou simplesmente *errado* para você. Aprenda a diferença.

Mordo meu lábio inferior e tento não cruzar os braços como uma criança de seis anos.

Como é que ele sabe que é errado para mim?

Por que todo mundo acha que sabe onde é o meu lugar?

38.

Baz

Snow tem olhado fixamente para mim o dia todo – faz semanas já –, e eu realmente não tô no clima. Talvez tia Fiona tenha razão; eu deveria ter ficado mais tempo em casa repousando. Eu me sinto uma merda.

Como se não conseguisse encher a barriga nem me aquecer – e, na noite passada, sofri algo como um ataque nas Catacumbas. É escuro pra cacete lá embaixo. E embora eu possa enxergar no escuro, me senti como se estivesse de volta naquela porra de caixão dos lorpas.

Eu não pude mais ficar no subterrâneo. Apanhei seis ratos, bati a cabeça deles no chão, amarrei os rabos em um nó, depois os trouxe para cima e os drenei no pátio, sob a luz das estrelas. Podia ter enviado um anúncio por escrito para a escola toda,

contando que sou um vampiro. Um vampiro que tem medo do escuro, pelo amor de Crowley!

Joguei as carcaças dos ratos para os licarenos. (Eles são piores do que ratos. Eu drenaria cada um deles, se o gosto não ficasse na boca por semanas. Como carne de caça e de peixe, ao mesmo tempo.)

Em seguida, dormi como um cadáver por nove horas, e ainda não foi o bastante. Estou morto em pé desde a hora do almoço, e não posso subir ao meu quarto para uma soneca. Snow provavelmente se sentaria diante de mim e observaria.

Ele está me seguindo por todo canto desde que eu voltei. Não fora persistente assim desde nosso quinto ano – ontem ele me seguiu até o banheiro masculino e fingiu que só precisava lavar as mãos.

Não tenho forças para isso.

Sinto-me com quinze anos de novo, como se fosse ceder caso ele se aproxime demais – e beijá-lo ou mordê-lo. A única razão para eu conseguir suportar aquele ano foi eu não ser capaz de decidir qual dessas opções iria finalmente pôr um fim ao meu sofrimento.

Provavelmente, Snow acabaria com o meu sofrimento se eu tentasse qualquer uma das duas.

Essas eram minhas fantasias no quinto ano: beijos, sangue e Snow livrando o mundo de mim.

Eu assisti o treino de futebol hoje à tarde, só para ter uma desculpa para me sentar, depois escapuli do time quando todo mundo foi jantar.

Wellbelove me pega no pátio e tenta me arrastar para o seu drama de donzela em perigo, mas eu não tenho tempo para o sofrimento. Ouço a Senhorita Possivelfa dizer que o Mago está voltando para Watford amanhã – e eu ainda não entrei escondido em seu escritório. (Provavelmente, porque é uma ideia idiota.) Mas se eu subir lá e pegar alguma coisa, isso ao menos vai tirar Fiona do meu pé por algum tempo.

Arrasto-me até a Torre Chorona e troco a escadaria em espiral pelo elevador dos funcionários para ir até o topo.

Passo diante da porta que leva aos aposentos do diretor. Quando minha mãe era a diretora, eu morava aqui com ela. Eu era só uma criança de colo.

Papai vinha na maioria dos fins de semana, e todos nós íamos para a casa em Hampshire nos verões.

Minha mãe me deixava brincar em seu escritório enquanto trabalhava. Ela vinha me apanhar na creche e eu espalhava meus bloquinhos Lego no tapete.

Quando chego ao escritório do diretor, a porta se abre com facilidade – o Mago nunca retirou as proteções que minha mãe lançou para permitir minha entrada. Também tenho acesso aos aposentos dele. (Entrei furtivamente uma vez e me vi vomitando no banheiro.) Se dependesse de Fiona, eu inspecionaria os aposentos toda noite, mas eu disse a ela que precisávamos guardar esse truque até que fosse realmente necessário. Até que pudéssemos utilizá-lo. E não apenas para deixar sacos fumegantes de bosta sobre a cama.

– *Além do mais, Fiona, não vou cagar numa sacola.*

– *Eu é que vou, seu besta; pode ser* meu *cocô.*

Meu estômago se contrai quando entro no escritório. Quando vejo a escrivaninha da minha mãe. Está escuro – as cortinas estão fechadas –,

então eu acendo um fogo na palma da mão e estendo-a à minha frente.

Minha madrasta fica apavorada quando eu faço isso.

– *Basilton, não! Você é inflamável.*

Mas, para mim, criar fogo é tão fácil quanto respirar; quase não consome magia, e sempre me sinto totalmente no controle. Posso fazer o fogo se contorcer entre meus dedos como uma cobra.

– *Igualzinho a Natasha* – meu pai sempre diz. – *Ele tem mais fogo que um demônio.*

(Embora papai tenha estabelecido um limite rígido quando me pegou fumando cigarros na garagem. *"Pelo amor de Crowley, Baz, você é inflamável"*.)

O escritório do diretor parece o mesmo de quando eu brincava aqui. Era de se pensar que o Mago tivesse jogado fora todas as coisas da minha mãe e pendurado cartazes do Che Guevara, mas não.

Há poeira na cadeira dele. Na cadeira de minha mãe. E uma grossa camada sobre o teclado do computador – acho que ele nem usa o computador.

Ele não é do tipo que senta e digita, o Mago. Está sempre andando por aí ou empunhando uma espada, ou fazendo algo para justificar sua fantasia de Robin Hood.

Abro a primeira gaveta de cima com minha varinha. Nada aqui... Material de escritório ressecado. Um carregador de celular.

Minha mãe guardava chá, barras de chocolate mentolado Aero e balas de cravo nessa gaveta. Eu me debruço para ver se consigo sentir o cheiro delas – consigo farejar coisas que outras pessoas não conseguem. (Posso farejar coisas que *nenhuma pessoa* consegue.) (Porque eu não sou uma pessoa.)

A gaveta cheira a madeira e couro. A sala cheira a couro e aço e floresta, como o próprio Mago. Abro as outras gavetas com minha varinha. Não há nenhuma armadilha. Nada pessoal. Nem sei o que pegar para Fiona. Um livro, talvez.

Seguro minha chama no alto junto das prateleiras de livros e penso em soprar, simplesmente botar fogo na sala. Mas então percebo que os livros estão todos fora de ordem. Obviamente fora de ordem.

Empilhados, em vez de ajeitados nas prateleiras – alguns deles caídos em pilhas no chão. Tenho vontade de colocá-los de volta, separando-os por assunto, do jeito que minha mãe fazia. (Sempre tive permissão para tocar nos livros dela. Eu tinha permissão para ler qualquer livro, desde que o devolvesse ao seu lugar e prometesse perguntar se algo me confundisse ou assustasse.)

Talvez eu devesse tirar vantagem do fato de que os livros estão desorganizados: ninguém vai reparar se um desaparecer – ou vários. Estendo a mão para um com um dragão gravado na lombada; a boca do dragão está aberta, e fogo escapa dali, formando o título: *Chamas e labaredas – A arte de queimar.*

Um facho de luz se amplia na prateleira diante de mim e eu me viro de supetão, fazendo com que o livro saia voando, as páginas se abrindo. Algo escapa quando o livro atinge o chão.

Snow está de pé perto da porta.

– O que você está fazendo aqui? – ele exige saber. Sua espada já está desembainhada.

Eu já vi essa espada em ação vezes suficientes; era de se pensar que eu estivesse apavorado – em vez disso, é tranquilizante. Já lidei com isso – com Snow – antes.

Eu devo estar realmente exaurido, porque digo a ele a verdade:

– Estou procurando por um dos livros da minha mãe.

– Você não deveria estar aqui – diz ele, as duas mãos na espada.

Eu ergo minha luz e me afasto das estantes.

– Não estou estragando nada. Só quero um livro.

– Por quê? – Ele olha para o livro caído entre nós e se adianta depressa, abandonando sua posição para alcançá-lo antes de mim. Eu me recosto contra as estantes e cruzo um tornozelo sobre o outro. Snow está agachado em cima do livro. Provavelmente, acha que se trata de uma pista, o detalhe que vai expor toda a minha conspiração.

Ele se levanta de novo, encarando um pedacinho de papel em sua mão. Parece estar chateado.

– Aqui – diz ele, suavemente, estendendo o papel para mim. – Eu... me desculpe.

Pego o papel, uma fotografia, e ele me observa. Fico tentado a enfiar a foto no bolso e olhar para ela mais tarde, mas a curiosidade me domina, e eu a levanto...

Sou eu.

Na creche, acho. (Watford tinha uma creche e uma escolinha maternal para os funcionários; foi onde os vampiros atacaram.)

Sou apenas um bebê na foto. Três ou quatro anos, vestindo um macacãozinho macio cinza com um shortinho e botinhas de couro branco. Minha pele é o que choca mais: um dourado avermelhado contrastando com minha camisa de colarinho branco e as meias brancas. Estou sorrindo para a câmera, e alguém está segurando meus dedos...

Eu reconheço a aliança da minha mãe. Reconheço sua mão áspera e grossa.

E então consigo me *lembrar* da mão dela. Pousada em minha perna quando ela queria que eu ficasse parado. Segurando sua varinha precisamente no ar.

Deslizando para dentro de uma gaveta da escrivaninha para pegar uma bala e jogá-la na boca.

– *Suas mãos arranham* – eu dizia, quando ela colocava uma em volta da minha bochecha.

– *São mãos de quem segura o fogo* – dizia ela. – *Lança-chamas.*

As mãos de minha mãe arranhando minha bochecha. Colocando meu cabelo atrás da orelha.

As mãos de minha mãe erguidas no alto – ateando fogo no ar da creche enquanto um monstro com pele de giz cravava os dentes em minha garganta.

– Baz... – diz Snow. Ele apanha o livro e o estende para mim.

Eu o seguro.

– Preciso te contar uma coisa – diz ele.

– O quê?

Desde quando Snow e eu temos alguma coisa para dizer um ao outro?

– Preciso conversar com você.

Eu empino o queixo.

– Converse, então.

– Aqui não. – Ele embainha a espada. – Não deveríamos estar aqui, e... o que eu tenho a te dizer é meio que particular.

Por um momento – nem sequer isso, um centésimo de segundo –, eu o imagino dizendo: "A verdade é que me sinto terrivelmente atraído por você". E então eu me imagino cuspindo na cara dele. E aí eu me imagino lambendo o rosto dele e o beijando. (Porque eu sou perturbado. Pode perguntar a qualquer um.)

Conjuro um **Faça um pedido!** para apagar a chama de minha mão, guardo a foto dentro do livro e o livro debaixo do braço.

– Para nossa sorte – digo –, temos nossa própria suíte no topo de um torreão. Isso é particular o bastante pra você?

Ele assente, envergonhado, e gesticula para eu ir à frente.

– Vamos – diz ele.

Eu vou.

39.

Simon

Eu acabo de pegar meu inimigo com a boca na botija invadindo o escritório do Mago. Poderia fazer com que ele fosse expulso por isso. *Finalmente.*

Em vez disso, dei a ele o que ele veio roubar, depois perguntei se podíamos conversar a sós – e tudo por causa de uma foto de bebê.

Mas a expressão no rosto de Baz naquela foto... Sorrindo só porque estava feliz, as bochechas como maçãs vermelhas.

E a expressão em seu rosto quando ele viu. Como se alguém tivesse soprado uma corneta e todas as suas muralhas tivessem caído.

Caminhamos até nosso quarto, e é esquisito: nós temos experiência em caminhar um com o outro, apesar de estarmos geralmente nos dirigindo no mesmo sentido. Mantemos nossa distância nas

escadas, depois nos afastamos ainda mais quando atravessamos os pátios. Eu tenho ímpetos de sacar minha espada de novo.

Ao chegarmos ao nosso quarto, Baz já está num completo mau humor. Ele bate a porta depois de entrarmos, deposita o livro em sua cama e cruza os braços.

– Certo, Snow. Estamos sozinhos. Seja lá o que tenha a dizer, diga.

Também cruzo os braços.

– Tudo bem – digo. – Apenas... sente-se, tá bem?

– Por que eu deveria me sentar?

– Porque você está me deixando desconfortável.

– Que bom – diz ele. – Você deveria ficar contente por eu não estar te fazendo sangrar.

– Pelo amor de Deus! – digo. Só praguejo como um Normal quando estou por um fio. – Será que você pode se acalmar? Isso é importante.

Baz chacoalha a cabeça, exasperado, mas senta-se no pé da cama, franzindo a testa para mim. Ele tem esses olhos caídos de cachorrinho, que sempre parecem estar espiando por baixo das pálpebras, até

quando seus olhos estão abertos. E seus lábios se curvam naturalmente para baixo nos cantos. É como se o rosto dele tivesse sido projetado para fazer beicinho.

Vou até minha mochila e apanho um caderno. Anotei o máximo que pude no dia seguinte à Visita da mãe de Baz; pensei que estivesse anotando tudo para compartilhar com o Mago.

Sento-me na cama, de frente para ele, que relutantemente se ajeita para se sentar diante de mim.

– Certo – digo. – Olha só. Eu não quero te contar isso. Nem sei se deveria contar. Mas é a sua mãe, e eu não acho certo esconder de você.

– O que tem a minha mãe? – Os braços dele se descruzam e ele se inclina adiante, agarrando meu caderno.

Puxo o caderno para longe.

– Estou te contando, tá? Só escute.

Os olhos dele se estreitam.

Eu estou estupidamente frustrado.

– Quando você estava distante... você esteve distante quando o Véu se ergueu.

Ele adivinha o que é de imediato; suas narinas inflam e seus olhos ficam um tanto selvagens. Ele é tão esperto, porra, não imagino como poderei superá-lo algum dia.

– Minha mãe... – diz ele.

– Ela estava procurando por você. Ela ficava voltando. Aqui. Onde você estava que ela não conseguiu te encontrar?

– Minha mãe atravessou o Véu?

– É. Ela disse que foi chamada para cá, para o nosso quarto, que *este* era o seu lugar. E ficou bastante aborrecida por você não estar aqui. Queria saber se eu tinha te machucado.

– Ela falou com você?

– É. Digo, *sim*. – Eu enfio as mãos nos cabelos. – Ela veio te procurar e me assustou pra cacete, perguntando se eu tinha te machucado. E aí ela disse que o Véu estava se fechando... – Eu olho para meu caderno.

Baz o tira de mim, examinando a página, faminto, depois joga o caderno de volta no meu peito.

– Você escreve como um animal. O que ela disse?

– Ela falou que... – Minha voz falha. – Que o assassino dela caminha. Que *você* deveria encontrar Nicodemus e dar paz à sua mãe.

– Dar paz à minha mãe?

Não sei mais o que dizer. O rosto de Baz está em agonia.

– Mas ela *matou* os vampiros – diz ele.

– Eu sei.

– Será que ela quer dizer o Insípidum?

– Eu não sei.

– Me diga de novo.

Eu baixo os olhos para minhas anotações.

– O assassino dela caminha, mas Nicodemus sabe. Encontre Nicodemus e dê paz a ela.

– Quem é Nicodemus? – Baz exige saber. Feroz e imperioso, exatamente como sua mãe.

– Ela não falou.

– O que mais? – pergunta ele. – Teve mais alguma coisa?

– Bem... ela me beijou. – Minha mão se ergue em um movimento brusco e eu roço as pontas dos dedos sobre minha testa. – Ela me disse que era pra você, para entregar pra você.

Ele cerra os punhos nas laterais do corpo.

– E depois?

– Depois ela foi embora – digo. – Ela voltou mais uma vez, naquela mesma noite, a última noite antes do Véu cair... – Baz parece querer me esganar. – E ela estava diferente, mais triste, como se estivesse chorando. – Eu olho para minhas anotações. – E não pude vê-la dessa vez: "Meu filho, meu botão de rosa". Disse isso algumas vezes, acho. E daí ela me chamou pelo nome e disse que jamais teria deixado você. E depois: "Ele disse que nós éramos estrelas".

– Quem disse? Nicodemus?

– Acho que sim, mas não sei.

Baz espreme os punhos, e sua voz sai como um rugido contido.

– Quem. *Diabos.* É Nicodemus?

– Eu não sei – digo. – Pensei que *você* saberia.

Ele sai da cama e começa a andar de um lado para o outro no quarto.

– Minha mãe retornou. Ela retornou para me ver. E em vez disso, você conversou com ela. Inacreditável.

– Bem, e onde é que *você* estava? Por que ela não conseguiu te encontrar?

– Eu estava indisposto! Não é da sua conta!

– Bem, espero que sua viagem secreta tenha valido a pena! – grito. – Porque a sua mãe voltou por sua causa! Veio várias e várias vezes, e você estava por aí, planejando a sua rebelião impossível!

Ele para de caminhar e me ataca, as mãos na direção do meu pescoço. E eu fico com mais medo por ele do que por mim, apesar de saber que ele quer me matar. Porque se ele me tocar, será expulso. O Anátema.

Eu me levanto num pulo e seguro seus pulsos. Estão gelados.

– Baz, você não quer me machucar. Não é? – Ele se esforça contra minhas mãos. Está ofegante de fúria. – Você não quer me *ferir* – digo, tentando empurrá-lo

para trás. – Não é mesmo? Me desculpa. Olha pra mim: *me desculpa*.

Seus olhos cinzentos recuperam o foco e ele dá um passo para trás, puxando os braços. Nós dois olhamos para o quarto ao nosso redor, esperando o Anátema dar sinal de vida.

Ouvimos uma batida na porta, e ambos damos um pulo.

– Simon? – escuto Penny chamar.

Baz arqueia uma sobrancelha, e eu posso praticamente ouvi-lo pensar: *Interessante.* Passo por ele com um empurrão e abro a porta.

– Penny, o que você...?

Ela andou chorando. E começa de novo – "Simon" – e corre para os meus braços. Eu lentamente coloco os braços em volta dela e olho para Baz, esperando que ele soe o alarme.

Ele balança a cabeça, como se aquilo tudo fosse informação demais.

– Vou deixar vocês sozinhos – diz ele, passando por nós e saindo pela porta. Odeio pensar em como ele usará isso contra Penélope ou contra mim, mas

no momento tenho Penny soluçando em minha camisa.

– Ei – digo, dando tapinhas em suas costas. Não sou muito bom em abraços, ela sabe disso, mas não deve estar se importando no momento. – Ei, qual é o problema?

Ela recua e enxuga o rosto na manga. Ainda está vestindo o casaco.

– Minha mãe... – O rosto dela está todo amassado. Ela o enxuga na manga de novo.

– Ela está bem?

– Não está machucada, ninguém está. Mas ela me contou que Premal foi lá ontem. – Penny fala depressa demais, ainda chorando. – Ele veio por causa do Mago, com mais dois de seus Homens, e eles queriam vasculhar nossa casa.

– O quê? Por quê?

– O Mago os mandou. Premal disse que é uma busca de rotina por magia proibida, mas mamãe disse que não existe busca de rotina, e ela estaria mortinha da silva antes de permitir que o Mago a tratasse como uma inimiga do Estado. E aí Premal

disse que não era um *pedido*. E mamãe disse que eles podiam voltar com uma ordem da Irmandade – Penny está tremendo em meus braços –, e Prem disse que estamos em guerra, e que o Mago é *o Mago*, e o que é que a mamãe tinha a esconder, afinal? E mamãe disse que aquele *não era o problema*. O problema eram as liberdades civis, e a liberdade, e não ter o seu filho de vinte anos aparecendo na sua porta como se fosse o Rolf em *A noviça rebelde*. E eu tenho certeza de que Premal ficou humilhado e não estava agindo como ele mesmo, ou talvez estivesse agindo *mais* como si mesmo do que o usual, porque ele disse que voltaria, e que era melhor que a mamãe mudasse de ideia. E mamãe disse que ele podia voltar como um nazista e um fascista, mas não como filho dela.

A voz de Penny fica entrecortada de novo e ela cobre o rosto com os braços, dando-me uma cotovelada no queixo.

Eu recuo a cabeça e a seguro pelos ombros.

– Ei – digo –, tenho certeza de que isso é só algo que saiu do controle. Vamos conversar com o Mago.

Ela se afasta de mim com um movimento brusco.

– Simon, não. Você não pode falar com ele sobre isso.

– Pen. É o Mago. Ele não vai ferir a sua família. Ele sabe que vocês são bons.

Ela balança a cabeça.

– Minha mãe me fez prometer que eu não contaria a você, Simon.

– Sem segredos – digo, subitamente na defensiva. – Nós temos um pacto.

– Eu sei! É por isso que estou aqui, mas você não pode contar ao Mago. Minha mãe está com medo, e minha mãe *não fica* com medo.

– Por que ela simplesmente não permitiu que vasculhassem a casa?

– E por que ela *deveria?*

– Porque – digo – se o Mago está fazendo isso, há um motivo. Ele não incomoda as pessoas à toa. Ele não tem tempo para isso.

– Mas... E se eles encontrassem alguma coisa?

– Na sua casa? Não encontrariam.

– Poderiam encontrar – diz ela. – Você conhece a minha mãe. "A informação quer ser livre". "Não existe pensamento ruim". Nossa biblioteca é praticamente tão grande quanto a de Watford, e mais diversificada. Se você quisesse encontrar algo perigoso por lá, tenho certeza de que conseguiria.

– Mas o Mago não *deseja* ferir a sua família.

– E quem é que ele *deseja* ferir, Simon?

– As pessoas que querem nos ferir! – digo. Eu praticamente grito. – As pessoas que querem me ferir!

Penny cruza os braços e olha para mim. Ela já quase parou de chorar.

– O Mago não é perfeito. Ele não está sempre certo.

– Ninguém está. Mas temos que confiar nele. Está fazendo o melhor que pode. – Assim que digo isso, sinto um quilo de culpa pousar em meu estômago. Eu deveria ter contado ao Mago sobre o fantasma. Eu deveria ter contado a Penny. Eu deveria ter contado aos dois antes de contar ao Baz. Eu poderia estar espionando para a facção errada.

– Preciso pensar a respeito disso – diz Penny. – Não é meu segredo para contar. Nem *seu*.

– Tudo bem – concordo.

– Tudo bem. – Mais algumas lágrimas surgem em seus olhos e ela torna a balançar a cabeça. – Eu deveria ir embora. Não posso acreditar que Baz ainda não voltou com o mestre da casa. Devem achar que ele está mentindo...

– Não acho que ele esteja te dedurando.

Ela funga.

– Claro que está. Eu não ligo. Tenho problemas maiores.

– Fique mais um pouco – digo. Se ela ficar, eu vou contar a ela sobre a mãe do Baz.

– Não. Podemos conversar sobre isso amanhã. Só precisava te contar.

– Sua família estará a salvo – digo. – Você não precisa se preocupar com isso. Prometo.

Penélope parece em dúvida, e eu meio que espero que ela aponte o quanto minhas palavras têm sido sem valor até agora. No entanto, ela apenas assente e me diz que a gente se vê no café da manhã.

40.

Baz

Eu poderia assistir a Bunce se ferrando por conta disso.

(Não achei que fosse possível alguém passar pelas barreiras de gênero dos dormitórios. É claro que seria a Bunce a dar um jeito. Ela é incessantemente diabólica.)

Contudo, eu nem ligo.

Sigo meu caminho rumo às Catacumbas e caço de modo insano.

A tumba de minha mãe fica aqui. Odeio pensar que ela pode estar me observando. Será que as almas podem ver através do Véu? Será que ela tem ciência de que me transformei em um deles?

Às vezes, eu me pergunto o que teria acontecido se ela tivesse sobrevivido.

Eu fui a única criança na creche a ser Transformada naquele dia. Os vampiros podiam ter me levado com eles se a minha mãe não os tivesse impedido.

Meu pai veio atrás de mim assim que ficou sabendo. E ele e Fiona fizeram tudo o que podiam para me curar – mas sabiam que eu estava mudado. Sabiam que a sede por sangue acabaria se manifestando.

E eles simplesmente... seguiram em frente, agindo como se nada tivesse ocorrido. Por Crowley, tiveram sorte por eu não ter começado a devorar pessoas assim que atingi a puberdade. Não creio que meu pai teria mencionado o fato, mesmo que me flagrasse drenando a empregada. "Basil, troque de roupa para o jantar. Você vai aborrecer sua madrasta".

Embora, sem sombra de dúvida, ele preferisse me flagrar *despindo* a empregada... (Definitivamente mais desapontado com minha viadagem do que com meu estado semimorto.)

Meu pai nunca reconhece que sou um vampiro – só no que diz respeito à minha inflamabilidade –, e eu sei que ele jamais vai me expulsar de casa por causa disso.

Minha mãe, contudo...

Ela teria me matado.

Teria me enfrentado, enfrentado o que eu sou, e feito o que era correto.

Minha mãe jamais permitiria a entrada de um vampiro em Watford. Ela *não permitiu*.

Eu termino minha caminhada na porta de sua tumba. Diante da pedra na parede que marca sua tumba.

Ela foi a pessoa mais jovem a liderar Watford – e um dos três diretores em toda a história a morrer defendendo a escola. Ela é mantida aqui, num lugar de honra, parte das fundações da escola.

Minha mãe retornou.

Ela retornou *por mim*.

O que significa o fato de que ela não pôde me encontrar?

Talvez fantasmas não consigam enxergar através de caixões.

Talvez ela não pudesse me ver porque não estou plenamente vivo. Será que eu vou poder *vê-la* quando Simon finalmente acabar comigo?

Ele vai... acabar comigo.

Snow vai fazer a coisa certa.



Eu permaneço nas Catacumbas até terminar de me alimentar. Até terminar de esbravejar. Até não aguentar mais olhar para aquela foto minha. (Saco de sangue, gordinho e sortudo.)

Até eu terminar de chorar.

Era de se pensar que isso é algo que se perderia na transformação, as lágrimas. Mas eu ainda mijo e eu ainda choro. Eu ainda verto água.

(Na verdade, não sei como isso tudo funciona, essa coisa de ser um vampiro; minha família não me deixa chegar perto de um médico mágico – não que eu contraia gripe ou precise de vacinas.)

As flores que depositei no exterior da tumba de minha mãe murcharam. Eu lanço **Águas de março**, e elas desabrocham de novo. Isso consome mais magia do que posso dispor no momento – flores e comida consomem vida –, e então desabo adiante contra a parede.

Ultimamente, quando estou cansado, não consigo manter a cabeça erguida. E minha perna esquerda não é a mesma desde os lorpas; ela adormece. Eu bato o pé com força contra o piso de pedra, e um pouco de sensibilidade retorna, subindo pelo meu calcanhar.

Se minha mãe voltou através do Véu, isso significa que ela não seguiu adiante por completo. Ela não está aqui – não pode me ver –, mas também não está no lugar que vem depois. Sua alma está presa nesse ponto intermediário.

Como é que eu poderia ajudar?

Encontrar esse tal Nicodemus? Será que ele mandou os vampiros?

Sempre me disseram que foi o Insípidum que mandou os vampiros. Até a Fiona acha que foi o

Insípidum que mandou os vampiros. O Insípidum manda tudo para Watford...

Minha perna está tão amortecida, que quando eu chego à nossa torre, tenho que subir com a perna direita e arrastar a esquerda atrás de mim por todo o caminho.

Bunce vazou de nosso quarto. Snow está na cama, e as janelas estão abertas. Ele tomou banho. Snow usa o sabonete que a escola fornece – ele cheira a hospital quando está limpo.

Não me dou ao trabalho de lavar o rosto ou trocar de roupa. Apenas tiro a roupa, ficando de camiseta e calça, e me deito na cama. Estou morto. Mortinho da silva, bati as botas, estou pronto para o descanso eterno.

Assim que me ajeito – olhos fechados, fazendo esforço para não chorar de novo –, Snow pigarreia. Acordado, então. Eu não vou chorar.

– Vou te ajudar – diz ele, tão baixinho, que só um vampiro conseguiria ouvir.

– Me ajudar com o quê?

– Vou te ajudar a descobrir o que foi que matou sua mãe.

– Por quê?

Ele rola para ficar de frente para minha cama. Mal posso enxerga-lo no escuro. Ele não pode me ver.

Ele dá de ombros.

– Porque eles atacaram Watford.

Eu rolo, ficando de costas.

– Porque ela era sua mãe – diz ele. – E eles a mataram na sua frente. E isso... isso é errado.

41.

Lucy

O Véu está se fechando, puxando todos nós de volta – mas ele não consegue enfiar suas garras em mim.

Não acho que tenha restado o suficiente de mim. Imagine isso, não ter vida suficiente em você para estar propriamente morta. Não o bastante para atravessar e nem o bastante para arrastar de volta.

Prefiro ficar aqui.

Prefiro continuar falando com você, mesmo que você não possa escutar. Mesmo que eu não possa ver você. (Houve um momento em que pensei que conseguiria; houve um momento em que pensei que você *tivesse ouvido*.)

Eu fico. E eu vago. Eu deslizo através de pisos que não me contêm. Eu sopro através de paredes que não me param. O mundo inteiro é cinza e cheio de sombras.

Eu conto a eles minha história.



LIVRO TRÊS

42.

Simon

Baz já está praticamente vestido quando eu acordo.

Está de pé perto das janelas – ele as fechou, embora já esteja quente demais aqui – e está dando o nó na gravata, olhando para seu reflexo.

Ele tem o cabelo comprido para um cara. Quando joga futebol, o cabelo cai em seus olhos e suas bochechas. Mas ele o alisa para trás depois do banho, então sempre se parece com um gângster pela manhã – ou com um vampiro de filme preto e branco, com aquele bico de viúva que ele tem.

Eu já me perguntei se Baz consegue disfarçar o fato de ser um vampiro por parecer tanto com um. Tipo, seria demais dar uma intimada nele por isso – algo como um soco no nariz, muito direto. (Baz tem um nariz estreito e longo. Do tipo que começa muito

no alto da cabeça da pessoa e praticamente se intromete nas sobrancelhas. Às vezes, quando estou olhando para ele, tenho vontade de estender a mão e puxá-lo para baixo uns dois centímetros. Não que isso fosse funcionar.) (O nariz dele também é um pouco torto perto da parte de baixo – eu que o deixei assim.)

Não sei em que pé estamos essa manhã.

Digo, prometi ajudá-lo a descobrir o que aconteceu com sua mãe. Será que devemos começar agora mesmo? Ou esse é o tipo de promessa que vai voltar para me assombrar daqui a anos, quando eu tiver me esquecido dela?

E, seja como for, ainda somos inimigos, certo? Ele ainda quer me matar?

Ele provavelmente não vai tentar me matar até eu ter ajudado com esse negócio da sua mãe – acho que isso é um pensamento reconfortante.

Baz dá um último puxão no nó de sua gravata e então se vira para mim, colocando o casaco.

– Você não vai se livrar.

Eu me sento.

– O quê?

– Você não vai fingir que a noite passada foi um sonho ou que não estava falando sério. Vai me ajudar a vingar a morte da minha mãe.

– Ninguém disse nada sobre *vingar*. – Afasto meus cobertores e me levanto, chacoalhando o cabelo com as duas mãos. (Fica amassado quando eu durmo.) – Eu disse que te ajudaria a descobrir quem a matou.

– Isso é me ajudar, Snow. Porque assim que eu souber, vou matar essa pessoa.

– Bem, não vou ajudar nessa parte.

– Já está ajudando – diz Baz, colocando a mochila sobre o ombro.

– O quê?

– A partir de agora – diz ele, apontando para o chão. – Estamos começando isso agora. É a nossa prioridade absoluta.

Ele se dirige até a porta.

Eu quero argumentar.

– Mas...?

Baz para, bufa e então se volta para mim.

– Mas e todo o resto? – pergunto.

– Que resto? – diz ele. – Aulas? Ainda podemos frequentar nossas aulas.

– Não – rosno. – Você *sabe* de que resto estou falando. – Eu penso nos últimos sete anos da minha vida. Em cada ameaça irrealizada dele, e em cada uma das que ele cumpriu. – Você quer que eu trabalhe nisso com você, mas... também quer me empurrar escada abaixo.

– Tudo bem. Prometo não te empurrar escada abaixo até decifrarmos isso.

– Tô falando sério. Não posso te ajudar se você estiver aprontando pra cima de mim o tempo todo.

Ele faz uma expressão de desprezo.

– Acha que isso é uma armadilha? Que eu trouxe minha mãe de volta dos mortos pra foder com você?

– Não.

– Trégua – diz ele.

– Trégua?

– Tenho uma certeza razoável de que você sabe o que significa "trégua", Snow. Nenhuma agressão até terminarmos com isso.

– Nenhuma agressão?

Ele revira os olhos.

– Nenhum *ato* de agressão.

Apanho minha varinha na mesa que fica entre as nossas camas e caminho até ele, erguendo-a com minha mão esquerda e estendendo a direita.

– Jure – ordeno. – Com magia.

Ele estreita os olhos para mim. Vejo a tensão em seu queixo.

– Tudo bem – diz ele, afastando a varinha com um tapa. – Mas não vou deixar você se aproximar de mim com isso aí.

Ele tira a própria varinha do bolso interior de seu casaco e a segura entre nós. Em seguida, toma minha mão na sua – ele está frio – e eu recuo, por reflexo. Ele segura com mais força.

– Trégua – diz Baz, olhando nos meus olhos.

– Trégua – digo, soando muito menos seguro.

– Até sabermos a verdade – adiciona ele.

Eu concordo.

Aí ele toca a varinha em nossas mãos juntas.

– ***Minha palavra de honra me protege!***

Sinto a magia de Baz afundar em minha mão. A magia de outra pessoa nunca é igual à sua – como a saliva de outra pessoa nunca tem o mesmo gosto da sua. (Se bem que acho que só posso dizer isso da Agatha.) A magia de Baz *queima*. Como se fosse um calor por fricção. Ela perdura nos músculos da minha mão.

Nós acabamos de fazer um juramento. Eu nunca tinha feito um juramento antes. Baz ainda poderia quebrá-lo – ainda poderia se voltar contra mim –, mas sua mão teria câimbras e ele perderia a voz por algumas semanas. Talvez isso seja parte de seu plano. Estamos ambos olhando para nossas mãos unidas. Ainda posso sentir a magia dele.

– Podemos conversar sobre isso depois das aulas – diz Baz. – Aqui mesmo.

Sua mão se solta, e eu puxo a minha de volta.

– Certo.



Eu chego tarde para o café da manhã, e Penélope não separou arenque nem torrada para mim.

Ela diz que não está com vontade de conversar, e eu também não estou, apesar de ter tanta coisa pra contar.

Agatha ainda não está se sentando com a gente. Eu sequer a vejo esta manhã – me pergunto se ela está em algum lugar com Baz. Deveria ter incluído isso à trégua: *E você também tem que deixar minha namorada em paz*.

Ex-namorada, acho. Enfim.

– Você teve mais notícias da sua mãe? – pergunto a Penny.

– Não – diz ela. – Baz vai me entregar?

– Não. O Mago voltou?

– Eu não o vi.

Ela come metade da quantidade habitual no café da manhã; eu como o dobro, só para manter a boca ocupada. Saio cedo para minha aula de Grego, porque sinto que decepcionei Penny – não posso ficar do lado dela e contra o Mago. Não sei se conta muito, mas eu também nunca poderia ficar do lado dele e contra ela.

Quando chego à sala de aula, Baz já está lá. Me ignorando. Ele me ignora a manhã toda. Eu o avisto no corredor algumas vezes, cochichando com Dev e Niall.

Quando chega a hora de nos encontrarmos no quarto, digo a Penny que vou deixar o chá de lado para poder estudar, e corro pelo pátio para retornar à Casa dos Mímicos.

Chego até a escadaria antes de começar a me perguntar se a reunião é uma armadilha – o que é pura paranoia. Baz não precisa *me atrair* até nosso quarto; estou lá todas as noites.

Não é como a vez em que ele tentou me dar de comer a uma quimera. Daquela vez, ele pediu para que nos encontrássemos na Floresta Oscilante. Disse que tinha informações sobre os meus pais, e que era arriscado demais revelar no terreno da escola.

Sabia que ele estava mentindo.

Eu disse a mim mesmo que iria para a Floresta só para ver o que ele estava aprontando e para lhe dar uma surra. No entanto, parte de mim ainda pensava

que talvez ele *realmente* soubesse algo sobre os meus pais – digo, *alguém* deve saber quem eles são. E ainda que Baz fosse apenas usar o que sabia contra mim, já seria alguma coisa.

Foi lindo pra cacete quando a quimera reparou em Baz primeiro, escondido entre as árvores, e foi atrás dele em vez de atrás de mim. Eu deveria ter deixado o monstro cuidar dele. Teria sido bem feito para o Baz...

Depois teve aquela vez em que estávamos no quarto ano e ele me deixou um bilhete com a letra de Agatha, dizendo para esperar por ela sob a sombra do teixo depois que escurecesse. Estava congelando e, é claro, ela não apareceu, e eu fiquei preso do lado de fora a noite toda, até a ponte levadiça ser baixada na manhã seguinte. Meu feitiço de calor não funcionou, e os demônios da neve ficavam arremessando castanhas na minha cabeça. Pensei em esmagá-los, mas eles são uma espécie mágica protegida. (Aquecimento global.) Ficava esperando que algo pior aparecesse. Por que Baz me torturaria com demônios da neve? Eles não passam

de bolas de neve semiconscientes com sobrancelhas e mãos. Eles nem sequer são *sombrios*. Porém, não veio mais nada, o que significava que o plano malévolo de Baz deu em porra nenhuma – ou que seu plano malévolo era me congelar só até eu estar quase morto na véspera de uma prova importante.

Aí, no ano passado, ele me disse que a Senhorita Possivelfa queria me ver e, quando cheguei ao escritório dela, ele havia prendido uma doninha lá. A Senhorita Possivelfa tinha certeza de que eu devia ser o responsável – apesar de ela gostar muito de mim.

Agora cheguei à nossa porta. Ainda tentando decidir se isso é uma armadilha. Chego à conclusão de que não importa – porque ainda que soubesse com certeza que *era* uma armadilha, eu entraria mesmo assim.

Quando abro a porta, Baz está empurrando uma lousa antiquada para a frente de nossas camas.

– De onde veio isso? – pergunto.

– De uma sala de aula.

– Sim, mas como você conseguiu trazê-la para cá?

– Ela voou.

– Não – digo –, sério mesmo.

Ele revira os olhos.

– Lancei um **Para o alto e avante** nela. Não foi muito trabalhoso.

– Por quê?

– Porque estamos resolvendo um mistério, Snow. Eu gosto de organizar meus pensamentos.

– É assim que você normalmente planeja a minha derrota?

– Sim. Com pedaços de giz multicoloridos. Pare de reclamar. – Baz abre a mochila com seus livros e tira de lá algumas maçãs e outras coisas embrulhadas em papel encerado. – Coma – diz ele, jogando um embrulho para mim.

É um pãozinho de bacon. Ele também tem um bule de chá.

– O que é isso tudo? – indago.

– Chá, é óbvio. Eu sei que você não consegue funcionar a menos que esteja se empanturrando.

Desembrulho o pãozinho e resolvo dar uma mordida.

– Obrigado.

– Não me agradeça – diz ele. – Soa errado.

– Não tão errado quanto você me trazer pãezinhos de bacon.

– Certo, de nada. Quando é que a Bunce vai chegar?

– E por que ela viria?

– Porque vocês fazem tudo juntos, não é? Quando você disse que ajudaria, eu estava contando que traria sua metade mais inteligente.

– Penélope não sabe de nada sobre isso – digo.

– Ela não sabe sobre a Visita?

– Não.

– Por que não? Pensei que você contasse tudo a ela.

– É só que... pareceu algo pessoal.

– E é algo pessoal – diz Baz.

– Certo. Então eu não contei a ela. Agora, por onde começamos?

A expressão dele se desmancha em uma tromba.

– Contava com Bunce para nos dizer por onde começar.

– Vamos começar com o que sabemos – digo. É por onde Penélope sempre começa.

– Certo. – Baz parece mesmo nervoso. Ele fica batucando na perna com o giz, deixando manchas brancas. "Nicodemus", ele escreve na lousa, em uma letra bonita e caída para o lado.

– Isso é o que não sabemos – digo. – A menos que você tenha descoberto alguma coisa.

Ele balança a cabeça.

– Não. Eu nunca ouvi falar dele. Dei uma conferida casual na biblioteca durante o almoço, mas creio que não vou encontrar nada em *O jardim dos versos infantis*.

A maioria dos livros mágicos foi retirada da biblioteca de Watford. O Mago quer que nos concentremos nos livros Normais para nos mantermos próximos da linguagem.

Antes das reformas do Mago, Watford era tão protetora de feitiços tradicionais, que ensinavam isso em vez de feitiços mais recentes e que funcionavam melhor. Houve até algumas iniciativas para tornar os livros e a cultura vitorianos mais

populares entre os Normais, só para soprar vida nova em feitiços antigos.

"A linguagem evolui", diz o Mago. "E nós também precisamos evoluir".

Baz volta-se de novo para a lousa. Seu cabelo está seco e caindo em mechas soltas sobre suas bochechas; ele enfia uma delas atrás da orelha e escreve uma data no quadro.

Doze de agosto de 2002.

Começo a perguntar o que aconteceu nesse dia, depois me dou conta.

– Você tinha só cinco anos – digo. – Lembra-se de alguma coisa?

Ele olha para mim, depois para a lousa.

– Um pouco.

43.

Baz

Um pouco.

Eu não me lembro de como o dia começou e nem de nenhuma das partes normais.

Só me lembro de algumas coisas daquele ano: uma ida ao zoológico. O dia em que meu pai tirou o bigode e eu não o reconheci.

Eu me lembro de ir para a creche, de modo geral.

Que nós tomávamos digestivos e leite todo dia. Do mural com coelhos no teto. Uma menininha que me mordia. Eu me lembro de que havia trens, e de que eu gostava do trem verde. De que havia bebês e, às vezes, se um dele estivesse chorando, a senhorita me deixava subir no berço e dizer: “Está tudo bem, bolinha, você vai ficar bem”. Porque era isso o que a minha mãe dizia quando eu chorava.

Não acho que houvesse muitos de nós lá. Só os filhos dos professores. Duas salas. Eu ainda ficava com os bebês.

Não me recordo especificamente de ir para lá no dia doze de agosto. Mas me lembro de quando os vampiros derrubaram a porta.

Nós, vampiros, somos incomumente fortes quando estamos caçando. Uma porta pesada de carvalho, esculpida com coelhos e texugos... isso não seria uma barreira para uma gangue de vampiros.

Não posso mensurar quantos deles entraram na creche naquele dia. Pareciam dúzias, mas isso não pode estar correto, porque eu fui a única criança a ser mordida. Eu me lembro de que um deles, um homem, me tirou do chão como se eu fosse um filhote de cachorro – pela parte de trás do meu macacãozinho. O babador subiu e me sufocou por um instante.

Pelo que me recordo, minha mãe estava logo atrás deles, chegando quase de imediato. Pude ouvi-la gritando feitiços antes de vê-la. Vi seu fogo azul antes de ver seu rosto.

Minha mãe podia invocar o fogo com um murmúrio. Ela podia queimar por horas sem se cansar.

Ela disparou riachos de fogo por cima da cabeça das crianças; o ar estava vivo com as chamas.

Eu me lembro de gente fugindo correndo. Eu me lembro de observar um dos vampiros se acender como fogos de artifício. Eu me lembro da expressão no rosto de minha mãe ao me ver, um lampejo de agonia antes que o homem que me segurava afundasse os dentes em meu pescoço.

E aí, *dor*.

E aí, nada...

Devo ter desmaiado.

Quando acordei, estava nos aposentos de minha mãe, e meu pai e a Senhorita Possivelfa lançavam feitiços de cura sobre mim.

Quando acordei, minha mãe tinha partido.

44.

Simon

Baz levanta a mão até a lousa e escreve “Vampiros”, e então, “Em uma missão para o Insípidum”, e então, “Uma morte”.

Não sei como ele consegue fazer isso – falar sobre vampiros sem reconhecer que é um deles. Fingindo que eu já não sei. Que ele não sabe que eu já sei.

– Bem, não foi apenas uma morte – digo. – Também morreram vampiros, não? Sua mãe matou todos eles? Quantos?

– É impossível dizer. – Ele cruza os braços. – Não havia nenhum resto mortal. – Ele se vira para a lousa. – Não *existe* nenhum resto nesse tipo de morte. Apenas cinzas.

– Então o Insípidum enviou vampiros para Watford...

– A primeira invasão na história da escola – diz ele.

– E a última – acrescento.

– Bem, ficou muito mais difícil, não foi? – diz Baz. – Pelo menos isso precisamos admitir sobre o Mago: a segurança desta escola é rígida feito pedra. Ele esconderia Watford atrás do Véu se pudesse.

– Houve *algum* ataque de vampiros desde então?

Baz dá de ombros.

– Não creio que vampiros ataquem bruxos normalmente. Meu pai diz que são como ursos. *Eles.*

– Como assim? – pergunto.

– Bem, eles caçam onde é mais fácil, entre os Normais, e não atacam bruxos a menos que estejam famintos ou com hidrofobia. É complicação demais.

– O que mais o seu pai falou sobre vampiros?

A voz de Baz é puro gelo:

– O assunto raramente surge.

– Bem, estou só dizendo – eu endireito os ombros e falo de modo deliberado – que ajudaria nessa situação específica se *soubéssemos* como vampiros funcionam.

O lábio dele se retorce.

– Quase certeza que eles bebem sangue e se transformam em morcegos, Snow.

– Eu estava me referindo ao aspecto cultural, tá bem?

– Claro, você sempre foca na cultura.

– Quer a minha ajuda ou não?

Ele suspira e escreve: "Vampiros: algo a se pensar" na lousa.

Eu enfio o último pedaço de pão na boca.

– Vampiros podem mesmo se transformar em morcegos?

– Por que você não pergunta para um? Seguindo em frente: o que mais nós sabemos?

Saio da cama e limpo as mãos na calça; então, pego um exemplar encadernado de *O Registro* na minha escrivaninha.

– Eu procurei a cobertura do ataque... – Abro o livro no lugar correto e o ofereço a ele. O retrato oficial de sua mãe ocupa metade da página. Também há uma foto da creche, queimada e enegrecida, e a manchete:

VAMPIROS NA CRECHE

Natasha Grimm-Pitch morre defendendo Watford de criaturas sombrias.

Alguma de nossas crianças está a salvo?

– Eu nunca tinha visto isso – diz Baz, pegando o livro. Ele se senta em minha cadeira e começa a ler a história em voz alta.

– "O ataque aconteceu dias antes do semestre de outono começar. Imaginem a carnificina que teria ocorrido em um dia típico de Watford... A Senhora Mary, administradora da creche, relatou que uma das feras atacou Grimm-Pitch por trás, travando as presas no pescoço dela depois que a diretora quase decapitou outro dos monstros, que ameaçava o próprio filho dela. 'Ela parecia uma das Fúrias', afirmou Mary. 'Como algo saído de um filme. O monstro a mordeu, e ela conseguiu soltar um **Tigre, tigre, brilho brasa**; e aí os dois pegaram fogo...'".

Baz para de ler. Ele parece abalado.

– Eu não sabia disso – diz ele, mais para o livro do que para mim. – Não sabia que ela tinha sido mordida.

– O que é o **Tigre, tigre...**? – Eu paro. Não confio em mim mesmo para dizer novos feitiços em voz alta.

– É um feitiço de imolação – diz ele. – Era popular com assassinos... e amantes rejeitados.

– Então ela se matou? De propósito?

Baz fecha os olhos, e sua cabeça pende para a frente, por cima do livro. Sinto que deveria fazer algo para reconfortá-lo, mas não há maneira de ser reconfortado por seu pior inimigo.

Só que... Inferno, eu *não sou* o pior inimigo dele, sou? Que inferno, que horror.

Ainda estou de pé perto dele e trombo em seu ombro com a mão – uma trombada reconfortante –, estendendo a mão para pegar o livro. Eu o apanho e sigo lendo em voz alta do ponto em que ele parou:

– "Seu filho de cinco anos, Tyrannus Basilton, ficou abalado, mas incólume. Seu pai, Malcolm Grimm, levou o menino para a casa da família em Hampshire para se recuperar. A Irmandade se encontra em uma reunião de emergência no momento em que escrevemos, a fim de discutir o

ataque a Watford, a escalada do problema com as criaturas sombrias e a indicação de um diretor interino."

"Houve pedidos para fechar a escola até que nossas disputas com as criaturas sombrias tenham sido resolvidas, e até sugestões para nos unirmos aos americanos e aos escandinavos e enviarmos nossos filhos para escolas Normais".

– Existem mais artigos a respeito disso – digo –, a respeito do que fazer com Watford. Li algo parecido há alguns meses. Muitas reuniões e debates e editoriais. Até o Mago assumir, em fevereiro.

Baz está fitando algum ponto além de mim; está olhando para o nada. Seu cabelo cai sobre os olhos, os braços cruzados, e ele está segurando os próprios cotovelos. Eu tento de novo esse negócio de reconfortar – chegando a de fato repousar minha mão em seu ombro dessa vez.

– Está tudo bem – digo.

Ele ri. Um latido seco.

– "Bem" é tudo o que esta situação não está.

– Não. Está tudo bem você não estar bem, quero dizer. Seja lá o que você esteja sentindo, tudo bem.

Ele se levanta e afasta minha mão.

– É isso o que seus amigos te dizem cada vez que você estoura outro pedaço da escola? Porque eles estão mentindo pra você. Não está tudo bem. E não vai ficar tudo bem. Até o momento, isso foi apenas um sinal de mais coisas ruins adiante. *Você* não vai ficar bem, vai, Snow?

Sinto uma onda vermelha subir pelas minhas costas e pelos meus ombros, e a contenho, deliberadamente me afastando dele.

– Isso não é sobre mim.

– Eu imaginaria que não – rosna ele –, mas já me enganei antes. Por aqui tudo é sempre sobre você.

Eu largo o livro na minha escrivaninha e sigo para a porta. Eu deveria saber que isso não iria funcionar. Ele é um cretino imperdoável, mesmo quando está sendo completamente patético.



– Pensei que estivesse estudando – diz Penélope.

O notebook dela está sobre a mesa de jantar, e há papéis espalhados ao seu redor. Há um bule de chá, mas tenho certeza de que já esfriou.

Coloco minha mão sobre o bule de chá e digo: ***"Quanto mais quente, melhor!"***. Ouço o chá ferver e uma rachadura descer da tampa.

– Eu estava ajudando Baz com um negócio – digo –, mas agora terminei. De uma vez por todas.

Ela franze o nariz ao ver o bule de chá trincado enquanto eu me sirvo uma xícara. Posso ver o que ela está pensando – *"Isso não deveria acontecer* "–, e então ela levanta a cabeça de súbito e franze o nariz para mim.

– Você estava ajudando Baz com um negócio?

– Sim. Foi um engano. – Eu me sento e tomo um pouco de chá. Queimo a língua.

– Por que você estava ajudando *Baz* com um negócio?

– É uma longa história.

– Tempo é o que eu mais tenho, Simon.

É nesse momento que ouvimos o primeiro grito. Eu me levanto, derrubando a mesa e quebrando o

bule de chá de maneira mais conclusiva.

Crianças vindas do pátio correm para dentro do refeitório. Estão todas gritando. Eu agarro uma aluna do primeiro ano que passa por mim correndo, praticamente erguendo-a pelo braço.

– O que foi?

– Dragão! – grita ela. – O Insípidum mandou um dragão!

A espada está em minhas mãos, e eu já sigo em disparada até a porta. Sei que Penny está logo atrás de mim.

Lá fora o pátio está vazio, mas há marcas calcinadas na fonte e uma faixa de terra enegrecida. E eu posso sentir o Insípidum no ar – aquela sensação de sucção vazia, a coceira seca que ele sempre evoca. A maioria dos alunos de Watford reconhece tal sensação a essa altura; é praticamente uma sirene.

Eu continuo correndo através do primeiro e segundo portões, e uma onda de calor me atinge nos arcos quando estou prestes a pisar na ponte levadiça. Uma muralha de hálito quente. Mantenho

o braço diante do rosto e sinto Penny agarrar a parte de trás da minha camisa. Ela coloca a mão com o anel por cima do meu ombro.

– ***Siga em frente, olhe para o lado!***

– O que é isso? – eu grito para ela.

– Feitiço de barreira. Só funciona se o dragão conhecer a música.

– E como é que o dragão iria conhecer essa música?

– Estou fazendo o que posso, Simon!

– Eu nem consigo enxergar o dragão! – grito. – Você o vê?

Não posso vê-lo, mas posso ouvi-lo, acho. Batendo as asas. Um rio de fogo se derrama no Gramado, e eu olho para cima – ele está mergulhando em nossa direção. Parece um T. Rex vermelho com olhos amarelos de gato e grandes asas escarlates emborrachadas.

Penny ainda está lançando feitiços por cima do meu ombro para tentar prendê-lo ao chão.

– E o que é que a gente vai fazer com ele no chão? – pergunto.

– Não seremos bombardeados com fogo! – grita ela.

Tento me lembrar da última vez que combati um dragão, mas eu tinha onze anos na época, e tenho certeza de que simplesmente o explodi. *Chegue mais perto*, penso para o monstro, *para eu poder explodir você.*

O dragão gira no ar sem disparar em nós, e eu penso por um minuto que um dos feitiços de Penny está funcionando. Então avisto seu alvo: um grupo de crianças, talvez alunos do terceiro ano, agachadas debaixo do teixo.

A Senhorita Possivelfa está com elas, e eu a vejo lançando feitiços sobre o dragão com seu cajado. Corro para a árvore, agarrando minha varinha no bolso de trás e gritando ***"Atenção, por favor!"*** o mais alto que posso para o enorme dragão.

Lanço o peso de minha magia no feitiço.

O dragão para no meio da manobra para me olhar, pendurado no ar por um instante, como se alguém tivesse apertado o pause. Aí ele lança a cabeça para trás e arremete em minha direção.

– Ah, droga – diz Penélope. Ela está a alguns metros de distância. Estendendo a mão para a escola, não para o dragão, ela grita: – ***Circulando! Sem novidades!***

– O que você tá fazendo? – grito, virando à direita para levar o dragão para longe dos prédios.

– Seu feitiço de atenção funcionou em todo mundo! – exclama Penny. – Estão todos saindo para assistir! ***Circulando! Sem novidades!*** – ela grita de novo quando chega aos portões. – ***Do jeitinho que estavam!***

Eu olho para trás e vejo crianças de pé na ponte levadiça e correndo para a beira das muralhas. O dragão está mergulhando de novo, e eu decido correr para ele. Uma faixa de fogo passa por cima da minha cabeça. Eu me jogo no chão no último segundo e rolo para longe; seus dentes rasgam o chão ao meu lado.

Ele se levanta fungando, no que me parece ser frustração, depois parte para cima de mim, estalando as mandíbulas. Bato com a espada em seu pescoço; a lâmina entra e fica presa. O dragão torna

a se levantar e eu o acompanho, me segurando na espada e usando o impulso para me balançar até encaixar na cabeça da fera, os joelhos encolhidos atrás de sua mandíbula.

Assim é melhor. Agora posso simplesmente esganá-lo.

O dragão se balança, tentando me deslocar, e eu tento retirar a espada de seu couro para poder apunhalar de novo, quando ouço Baz gritando meu nome. Eu levanto os olhos e o vejo correndo pelas muralhas.

Ele deve ter lançado algum feitiço em sua voz para fazê-la reverberar. (Me pergunto se teria sido **Escute aqui, mocinho** – nunca consegui usar esse.)

– Simon – ele grita –, não machuque o dragão!

Não machucá-lo? Que se dane. Volto a puxar minha espada.

– Simon! – Baz grita outra vez. – Pare! Não são criaturas sombrias!

Ele chega ao final das muralhas, mas, em vez de parar, salta para o topo da muralha, depois por cima do fosso – simplesmente corre e dá um pulo para

fora do prédio! E não cai! Flutua sobre o fosso e aterrissa do outro lado. É a coisa mais bonita que eu já vi.

O dragão deve achar isso também, porque para de lutar comigo e acompanha Baz com a cabeça.

Suas asas batem com menos fúria. Ele quase se espalha no ar, agachando-se na direção de Baz e soltando pequenas baforadas de fogo.

Baz corre até nós, depois fica de pé, as pernas separadas, a varinha na mão.

– Baz! – grito. – Não! Você é inflamável!

– Tudo é inflamável! – ele me responde aos gritos.

– *Baz!*

Entretanto, ele já está apontando para o dragão e lançando um feitiço:

– ***Sabiá lá na gaiola fez um buraquinho, voou voou voou voou.***

O primeiro verso é um feitiço comum contra infestações, ratos e coisas assim. Mas Baz continua. Ele está tentando lançar a cantiga de roda inteira. Como se fosse o próprio Houdini.

– ***E a menina que gostava tanto do bichinho, chorou chorou chorou chorou.***

Não há nada em nosso mundo mais poderoso do que uma cantiga de roda – o tipo de frase que as pessoas aprendem ainda crianças e depois fica na cabeça pra sempre. Um bruxo poderoso pode fazer um exército todo recuar com "Boi da Cara Preta".

– ***Sabiá fugiu pro terreiro, foi cantar no abacateiro.***

O dragão não está voando para casa, mas está fascinado por Baz. Ele pousa na frente dele e inclina a cabeça para o lado. Uma baforada de fogo agora é tudo que seria necessário para obliterá-lo.

Baz se mantém firme.

– ***E a menina vive a chamar, vem cá, sabiá, vem cá.***

Eu escorrego do pescoço da fera, puxando minha espada para fora com o peso do corpo enquanto caio.

– ***Sabiá lá na gaiola fez um buraquinho, voou voou voou voou.***

Eu me pergunto por que ninguém o ajuda – aí olho ao redor e vejo cada aluno e cada professor na

escola junto às janelas ou lá fora, nas muralhas. Todos ainda prestando atenção, bem como eu ordenei. Até Penny desistiu. Ou talvez ela esteja tão estupefata quanto eu. Baz continua.

– ***E a menina que gostava tanto do bichinho, chorou chorou chorou chorou.***

O dragão olha para trás, por cima do ombro, e eu acho que talvez esteja pensando em fugir. Mas daí ele bate o pé, frustrado, e escancara suas asas.

Baz eleva sua voz ainda mais. Há suor em sua testa e ao longo da base do cabelo; sua mão treme.

Quero ajudar, mas é muito provável que eu vá apenas estragar seu feitiço. Penso em dar um golpe no dragão enquanto ele está distraído, mas Baz me pedira para parar. Movo-me lentamente até estar de pé ao lado dele.

O dragão chacoalha a cabeça e de novo começa a se virar. Estou começando a achar que ele realmente quer ir embora. Que ele *quer* que o feitiço funcione.

– ***A menina diz, soluçando, sabiá, estou te esperando.***

O braço todo de Baz agora treme.

Eu coloco minha mão em seu ombro para estabilizá-lo. E então faço algo que nunca fiz antes – algo que provavelmente não tentaria com ninguém que eu temesse machucar.

Eu *empurro*.

Pego um pouco da magia que está sempre tentando escapar de mim e simplesmente a empurro para dentro de Baz.

Seu braço se endireita como uma vara, e sua voz se ergue no meio da frase – ***"te esperando!"***.

As asas do dragão estremecem, e ele recua.

Coloco um pouquinho mais de magia. Fico preocupado com a possibilidade de ter exagerado, mas Baz não cai e nem se encolhe. Seu ombro é duro e firme como rocha sob a palma da minha mão.

– ***Sabiá responde de lá, não chores que eu vou voltar!*** – ele estrondeia. As asas do dragão batem freneticamente e ele se lança de volta no ar, como um avião decolando de costas.

Paro de empurrar e fecho os olhos, deixando Baz usar minha magia conforme sua necessidade. Não

quero exagerar e vê-lo explodir como uma granada em minhas mãos.

Quando torno a abrir os olhos, o dragão é um pontinho vermelho no céu, e o som de aplausos ressoa das muralhas.

– ***Do jeitinho que estavam!*** – grita Baz, apontando sua varinha para a escola. A multidão começa a se dispersar de imediato. Só então Baz se afasta da minha mão e me encara.

Ele me olha como se eu fosse uma aberração total. (O que todos já sabíamos ser verdade.) Sua sobrancelha direita está arqueada tão alto, que parece ter se libertado do olho.

– Por que me ajudou? – pergunto.

– Trégua – diz ele, ainda alarmado. Em seguida, chacoalha a cabeça, exatamente como o dragão fez enquanto tentava se livrar do feitiço de Baz. – De qualquer modo, não estava ajudando você. – Ele levanta a mão para esfregar a nuca. – Estava ajudando o dragão. Você poderia tê-la matado.

– Estava atacando a escola.

– Não por querer. Dragões não atacam a menos que estejam sendo ameaçados. E sequer moram nesta parte da Inglaterra.

Penélope corre até mim como um trem de carga. Ela agarra minha mão e a coloca em seu ombro.

– Mostre para mim – diz ela. – Ligue a tomada.

Puxo minha mão de volta.

– O quê?

Ela a agarra de novo.

– Vi o que acabou de acontecer. – Ela coloca minha mão em seu ombro. – Quando foi que você aprendeu a fazer aquilo?

– Para – digo, e tento falar sério, olhando ao redor para ver se tem alguém que possa nos escutar. O Gramado está cheio de crianças, todas inspecionando as marcas calcinadas e agindo de modo geral como pessoas que quase morreram, mas escaparam. – Eu só estava dando apoio moral a ele.

– Um trabalho excelente, cavalheiros. – A Senhorita Possivelfa está de pé ao nosso lado; nem vi quando ela se aproximou. – Raramente vi uma cantiga de roda tão forte e cheia de nuances, Sr.

Pitch, e nunca numa situação que exigisse uma com tanto desespero.

Baz faz uma reverência com humildade. Perfeitamente. Seu cabelo cai para a frente.

– Sr. Snow – ela continua, voltando-se para mim –, talvez o senhor possa fornecer um relatório para o diretor quando ele retornar. E vamos trabalhar a moderação essa semana em Elocução.

Eu baixo a cabeça.

– Sim, senhorita.

– Do jeitinho que estavam – diz ela, sem magia alguma.

Penélope coloca minha mão em seu ombro outra vez. Eu a retiro.

Quando me viro para o castelo, vejo Agatha, a única que ainda nos observa das muralhas.

45.

Simon

– Você recebeu uma Visita! E nem me contou!

Penélope está de pé com as mãos nos quadris, e tenho certeza de que estaria lançando um mundo de dor sobre mim se Baz não tivesse confiscado sua varinha.

– Você contou pra *ele*? – Ela gesticula, apontando para Baz. – E não contou pra *mim*?

– Era a mãe *dele* – digo.

– Sim – diz ela –, mas ele nem estava aqui.

– Eu ia te contar, Penny, mas aí ele voltou, e tudo ficou complicado.

– Nós estamos te contando agora – diz Baz.

– "Nós"? – diz ela. – E desde quando vocês dois são um "nós"?

– Não somos um "nós"! – eu quase grito.

Baz joga as mãos para cima e cai em sua cama.

– Vocês são impossíveis.

– E desde *quando* – Penny diz para mim – você é uma tomada de poder em que outros bruxos podem simplesmente se plugar?

– Não sei – falo. – Nunca tinha tentado isso antes.

– Tente agora – diz ela, caindo na cama perto de mim.

– Penny, não, eu não quero te machucar.

Ela põe minha mão em seu ombro.

– Simon, imagine o que podemos fazer com o seu poder e os meus feitiços. Poderíamos acabar com o Insípidum até a hora do jantar, e aí começar a resolver a questão da fome e da paz mundial.

– Imagine o que o Mago vai fazer quando perceber que tem um gerador nuclear em seu quintal – Baz cantarola de sua cama.

Engulo em seco e olho para a parede. A mão de Penny cai. Tenho que admitir que não estou ansioso em contar ao Mago – nem para ninguém – o que fiz hoje. Já é ruim o bastante eu não conseguir controlar meu poder. Não quero que ele seja retirado totalmente das minhas mãos.

A mão de Penny cobre a minha na cama.

– Foi um feitiço especial? – ela pergunta baixinho.

– Não – respondo. – Eu só... empurrei.

– Me mostre.

Baz se levanta em um cotovelo para assistir. Eu sustento o olhar de Penny.

– Confio em você – ela diz.

– Isso não significa que eu não vá te ferir.

Penny dá de ombros.

– A dor é temporária.

– Isso não significa que eu não vá te *danificar*.

Ela torna a encolher os ombros.

– Vamos lá. Temos que descobrir como isso funciona.

– Nós nunca *temos* que fazer nada – digo. – Você só *quer*, sempre.

Ela aperta a minha mão.

– *Simon.*

Olho nos olhos dela; Penny não vai me deixar em paz até que eu faça isso. Tento me lembrar de como foi a sensação lá no Gramado. Como se eu estivesse

me abrindo, relaxando – só um pouquinho. Apenas me desprendendo um pouco...

Eu dou o menor *empurrão* possível.

– Grandes serpentes! – diz Penny, puxando sua mão da minha e saindo da cama com um pulo. – Cacete de um troll de nove dedos, Simon! – Ela está chacoalhando a mão e há lágrimas em seus olhos. – Stevie Nicks e Gracie Slick! *Puta que o pariu!*

Estou de pé.

– Me desculpe! Penny, me desculpe, deixa eu ver!

Baz cai na cama, gargalhando.

Penélope estende o braço. Ele parece vermelho e manchado.

– Me desculpe mesmo – digo, gentilmente pegando em seu pulso. – Quer ir até a enfermaria?

– Acho que não – diz ela. – Acho que está passando. – Seu braço está trêmulo. Baz sai da cama para dar uma olhada.

– Você sentiu como se eu tivesse te lançado um feitiço? – pergunto.

– Não – respondem os dois ao mesmo tempo.

– Foi mais como um choque – diz Penélope, depois olha para Baz. – E para você?

Ele apanha sua varinha.

– Não sei. Estava concentrado no dragão.

– Doeu? – ela pergunta para ele.

– Talvez você não tenha visto o que achou ter visto – diz Baz. – Talvez Snow *realmente* estivesse só me dando apoio moral.

– Certo. E talvez *você* seja o mago mais talentoso em cinco gerações.

– Talvez eu *seja* – diz ele, tocando sua varinha de marfim no braço dela. – ***Melhoras!***

– E qual foi a sensação *disso*? – pergunto a ela.

– Melhor – diz ela, relutante, puxando o braço para longe de nós. Ela franze a testa para Baz. – Quente.

Ele sorri, arqueando de novo aquela sobrancelha.

– Eu estava falando no quesito temperatura – diz ela. – Sua magia dá a sensação de uma queimadura de óleo, Basil.

Baz move a varinha, dando de ombros, e se volta para a lousa.

– É de família.

Como eu disse, a magia de cada um dá uma sensação diferente. A da Penélope parece espessa e faz vir um gosto de sálvia na boca. Eu gosto bastante.

– Então... – diz ela, seguindo Baz para a lousa. – Você recebeu uma Visita. Uma Visita de verdade: Natasha Grimm-Pitch esteve *aqui*.

Baz olha para trás por cima do ombro.

– Você parece impressionada, Bunce.

– E estou – diz Penélope. – Sua mãe foi uma heroína. Ela desenvolveu um feitiço para febre gnomática. E foi a diretora mais jovem da história de Watford.

Baz olha para Penny como se nunca a tivesse visto antes.

– *E* – prossegue Penny – ela defendeu seu pai em três duelos antes que ele aceitasse o pedido de casamento dela.

– Isso parece um costume bárbaro – digo.

– Era tradicional – diz Baz.

– Era brilhante – diz Penny. – Eu li as minutas.

– Onde? – Baz pergunta a ela.

– Temos as minutas em nossa biblioteca, lá em casa – diz ela. – Meu pai adora ritos matrimoniais. Qualquer tipo de magia familiar, na verdade. Ele e minha mãe se uniram em cinco dimensões.

– Isso é adorável – diz Baz, e eu fico apavorado, porque acho que ele está falando sério.

– Vou fazer o tempo parar quando pedir o Micah em casamento – diz ela.

– O americaninho? Com óculos de fundo de garrafa?

– Ele não é mais tão pequeno.

– Interessante. – Baz esfrega o queixo. – Minha mãe pendurou a lua.

– Ela foi uma lenda – sorri Penélope.

– Eu pensei que seus pais detestassem os Pitches – digo.

Ambos olham para mim como se eu tivesse acabado de enfiar minha mão na tigela de sopa.

– Isso é política – diz Penélope. – Estamos falando de *magia*.

– Obviamente – digo. – No que eu estava pensando...

– Obviamente – diz Baz –, você não estava pensando.

– O que está acontecendo agora? – pergunto. – O que nós estamos fazendo?

Penélope cruza os braços e espreme os olhos para a lousa.

– Nós – declara ela – vamos descobrir quem matou Natasha Grimm-Pitch.

– A lenda – diz Baz.

Penélope lança a ele um olhar suave, do tipo que normalmente reserva para mim.

– Para que ela possa descansar em paz.

46.

Baz

Penélope Bunce é uma bruxa feroz, não me importo em admitir.

Bem, não me importo em admitir, agora que ela está momentaneamente do meu lado.

Não é de se espantar que Snow a siga por aí como um cachorro congenitamente estúpido em uma guia muito curta. Tenho certeza de que não sabemos nada agora que já não soubéssemos antes, mas Bunce é tão afiada e confiante, que cada minuto com ela no quarto dá a impressão de progresso.

Além disso, ela consertou nossa janela, que agora já não range mais.

Posso ver que ela ainda me acha detestável e desagradável, mas Roma não foi construída com base na admiração mútua. Bunce tem uma ótima mente para história mágica – sua casa deve estar

lotada de livros proibidos –, e metade de suas opiniões faria com que ela fosse jogada nas masmorras se seu nome fosse Pitch em vez de Bunce.

(Deve haver mundanidade em algum ponto de sua ancestralidade; Bunce é o nome menos mágico no Reino. E você devia ver o pai dela, o *Professor Bunce*. Ele é um livro cheio de notas de rodapé que ganhou vida. É uma jaqueta feita apenas de remendos de cotovelo. Ele lecionou um capítulo especial sobre o Insípidum no semestre passado, e acho que não consegui acompanhá-lo até o final de uma frase uma única vez.)

Snow e Bunce me enviam para buscar o jantar – porque sou eu que tem intimidade com a Cozinheira Pritchard; ela é uma prima distante – e, quando eu volto, Bunce está com um pedaço de giz verde, acrescentando anotações às minhas próprias numa letra pequena e amontoada na lousa.

Nicodemus
- *Checar a biblioteca*
- *Perguntar para a mamãe? (Algum risco?)*

• *Perguntar ao Mago? Não.*

• *Google? Sim! (Mal não vai fazer, Simon.)*

Até as anotações dela são endereçadas ao Snow. São como o Gordo e o Magro, esses dois. Grudados. Humm... Eu me pergunto se a Wellbelove vai embarcar nessa também.

– Simon tem razão sobre os vampiros – diz Bunce, sem se virar da lousa.

A bandeja de jantar se entorta em minhas mãos. Eu me abaixo um pouco para corrigir a inclinação.

– Como é?

– Os vampiros – diz ela, virando-se e colocando as mãos nos quadris. Sua saia está coberta de pó de giz.

Snow larga um livro e vem apanhar a jarra de leite da bandeja. Ele a levanta na direção da boca, e eu chuto sua canela.

– Anátema! – diz ele.

– Não estou tentando te machucar; estou tentando te proteger da sua própria educação medonha. O quarto não vai me culpar dessa vez, seu grosso. Há copos bem aqui.

Ele coloca o leite na mesa entre as nossas camas, depois pega os copos e o lenço cheio de sanduíches.

– A Cozinheira Pritchard simplesmente *te deu* isso tudo? – Ele desembrulha uma pilha de brownies.

– Ela gosta de mim – digo.

– Pensei que ela gostasse de *mim* – diz ele. – Eu a salvei de um lagarto de cozinha!

– Sim, bem, ela gosta de mim por quem eu sou.

– *Vampiros* – diz Penélope. – Vocês estão escutando?

Dou um sorrisinho sarcástico. Puro hábito.

– Enfia um sanduíche aí, Bunce.

– Como é que podemos adivinhar quem enviou os vampiros ou o que os vampiros queriam – ela tagarela –, se não sabemos nada a respeito de vampiros?

– Vampiros querem sangue – diz Snow, com a bocarra cheia de rosbife.

– Mas isso eles podem conseguir em qualquer lugar – diz ela. – Podem conseguir com facilidade. No Soho. Depois da meia-noite. – Ela apanha um

sanduíche e se senta na cama de Snow, cruzando as pernas. Eu poderia ver tudo por baixo da saia, se quisesse. E se inclinasse um pouco a cabeça. – Não consigo pensar em nenhum lugar mais difícil para um vampiro arranjar sangue do que em Watford, no meio do dia.

Ela tem razão nisso.

– Então, por que tentar? – pergunta ela.

– Bem, o ano letivo ainda não havia começado – digo, apanhando uma maçã –, então não havia ninguém de guarda.

– Sim, mas é *Watford*. – Ela balança o cabelo comprido. – Mesmo naquela época, havia uma muralha de proteções contra criaturas sombrias.

– Não precisa fazer sentido – diz Snow. – O Insípidum enviou os vampiros. Assim como aquele dragão hoje. *Ele* também não queria estar aqui.

Eu não sabia que o Snow havia percebido isso, ou se havia acreditado em mim quando eu lhe avisei. Pensei que ele ia matar aquela mamãe dragão a sangue frio, na frente da escola toda.

Bem, não a sangue frio exatamente – ela *estava* nos atacando, afinal. Mas matar um dragão é algo sombrio, sombrio demais até para a minha família. Você não mata um dragão a menos que esteja querendo abrir uma passagem para o inferno.

– Mas se a diretora Grimm-Pitch estava falando sobre o Insípidum – diz Bunce –, então por que ela jogaria isso sobre os ombros de Baz? Será que ela espera que ele mate o Insípidum? E esse Nicodemus, quem é?

Snow franze a testa.

– Deveríamos parar de pensar nisso como um ataque isolado.

– É o único ataque de vampiros na história da escola – argumento.

– É, mas havia todo tipo de outras coisas rolando naquela época – argumenta ele. – O Mago diz que as criaturas sombrias achavam que estivéssemos ficando mais fracos. Elas estavam fazendo um ataque sério ao nosso reino.

– Quando foi que ele disse isso? – pergunta Penny.

– Está em *O Registro* – diz Snow. – O Mago fez um discurso para a Irmandade, antes mesmo da invasão a Watford. – Ele enfia o resto do sanduíche na boca e procura um livro atrás de Penny. Seu casaco e o suéter estão no chão, e sua camisa branca escapa da calça em um dos lados.

Ele encontra a página certa rapidamente e a mostra para nós. Eu fico de pé acima deles, despreparado para me sentar de fato na cama de Snow.

É a primeira página de *O Registro*. O discurso do Mago está impresso integralmente, e há uma tabela grande com datas e atrocidades descaradas – todos os ataques sobre os bruxos ao longo de um período de cinquenta anos. **NOSSO DOMÍNIO ESTÁ EM PERIGO?**, indaga a manchete.

– Espere um pouco aí... – Bunce apanha o livro dele e entrega seu sanduíche para Snow segurar; ele dá uma mordida. – Não há nada aqui sobre o Insípidum. – Ela folheia adiante até a história sobre a morte da minha mãe, depois acompanha a leitura com o dedo. – Aqui também, nada de Insípidum.

Ela fecha o livro e bate na capa com seu anel.

– ***Pente fino: Insípidum!***

O livro se abre e as páginas começam a passar adiante. Elas ganham velocidade no final; em seguida, o livro se fecha com um estrondo em seu colo.

– Nenhuma menção – diz Penny.

– Isso não faz sentido – digo. – O Insípidum já existia na época. O primeiro ponto morto apareceu no final dos anos 1990. Perto de Stonehenge. Nós estudamos isso em História Mágica.

– Eu sei – diz ela. – Minha mãe estava grávida de mim quando isso ocorreu. Ela e papai visitaram o local. – Bunce pega de volta o que sobrou de seu sanduíche e dá uma mordida. Ela olha para mim, mastigando, desconfiada. – Eu me pergunto como é que eles sabiam...

– Quem? – pergunto. – Sabiam o quê?

– Eu me pergunto como foi que eles descobriram que era o Insípidum por trás de tudo – diz Bunce –, por trás de cada ataque de criaturas sombrias e dos pontos mortos. Como é que eles saberiam que era

ele antes de saberem qual a sensação dele? É assim que nós o identificamos agora. Aquela *sensação*.

– Você sentiu o Insípidum? – pergunta Snow. – Naquele dia, na creche?

– Eu estava um tanto distraído – digo.

– O que eles te disseram? – pergunta Bunce.

– O que *quem* me disse?

– Sua família. Depois que sua mãe morreu.

– Não me disseram coisa alguma. O que havia para ser dito?

– Não te disseram que foram os vampiros?

– Não precisaram dizer. Eu estava lá.

– Você se lembra? – indaga ela. – Você viu os vampiros?

– Sim. – Eu devolvo a maçã à bandeja.

Snow pigarreia.

– Baz, quando foi que você ouviu pela primeira vez que tinha sido o Insípidum quem enviou os vampiros?

Eles estão imaginando meu pai me sentando numa poltrona de couro e dizendo: "Basilton, tem algo que preciso te contar...".

Ele nunca disse tais palavras.

Ninguém *conta* nada a ninguém na minha família. Você simplesmente sabe. Você aprende a saber.

Ninguém precisou me contar que nós conversamos sobre a minha mãe, mas não conversamos sobre a morte da minha mãe.

Ninguém teve que me contar que eu era um vampiro.

Eu me recordo de ser mordido, cresci com as mesmas histórias de horror que todo mundo ouviu – e aí, um dia, eu acordo desejando sangue. E ninguém precisou *me dizer* para não tirá-lo de outra pessoa.

– Eu ouvi isso na escola – digo. – Do mesmo jeito que vocês.

Ambos parecem surpresos.

– O que aconteceu com os vampiros? – pergunta Snow. – Não os que a sua mãe matou, os outros.

– O Mago expulsou a maioria deles da Inglaterra – digo. – Acho que foi a única vez que a minha família cooperou com as batidas dele.

– Mamãe diz que a guerra começou com as batidas em caça aos vampiros – diz Bunce.

– Qual guerra? – pergunta Snow.

– Todas elas – diz ela. Bunce se inclina sobre o colo de Snow para alcançar os brownies.

Eu pego um sanduíche e uma maçã e me levanto.

– Preciso de um pouco de ar.

Espero até estar lá embaixo nas Catacumbas para comer. Não gosto muito de fazer isso na frente dos outros.

47.

Simon

Penny está de volta à lousa, tomando notas.

Falar com papai nas férias de Natal. Tudo bem esperar até lá?

Pedir a ele para mandar anotações?

– Por que *todas* elas? – pergunto.

– Hein?

– Por que todas as guerras? Por que *todas* elas começaram com as batidas de caça aos vampiros?

– A guerra com as coisas sombrias começou lá – diz ela. – Isso deveria ser óbvio. Digo, bruxos e vampiros nunca se deram muito bem: nós precisamos dos Normais vivos, e eles precisam dos Normais mortos. Mas invadir Watford, isso foi um ato de guerra. E também foi o primeiro ataque real do Insípidum.

– Mas e a guerra com as Famílias Antigas?

– Bem, as reformas do Mago começaram nessa época – diz ela.

– Eu queria que houvesse uma só guerra – digo. – E um inimigo que eu pudesse compreender.

– Uau – diz Penny, finalmente dando as costas para a lousa –, o que você vai fazer agora que não tem mais o Baz?

– Eu ainda tenho o Baz.

– Não como inimigo.

– Estamos apenas dando uma trégua – digo.

– Uma trégua em que vocês compartilham magia.

– Penny. – Eu franzo a testa e volto a me deitar na cama. Estou acabado.

Sinto Penny subindo na cama perto de mim.

– Tente de novo – diz ela, pegando minha mão.

– Não.

– Por que você tentou com Baz?

– Eu não tentei – digo. – Só queria ajudá-lo, e não sabia como. Então coloquei minha mão nele e *pensei* em ajudá-lo.

– Foi bastante extraordinário.

– Você acha que todo mundo percebeu?

– Não... Talvez. Não sei. *Eu* não percebi, não com certeza, e eu era quem estava mais próxima. Mas eu vi como ele endireitou a postura quando você o tocou. E então o feitiço começou a funcionar. De jeito nenhum Baz é poderoso o suficiente para expulsar um dragão com uma cantiga... – Ela aperta minha mão. – Tente de novo.

Eu devolvo o apertão.

– Não. Vou te machucar.

– Você não machucou o Baz.

– Talvez eu tenha machucado, mas ele jamais admitiria.

– Talvez não o tenha machucado porque ele já está morto – diz ela.

– Baz não está morto.

– Bem, vivo ele não está.

– Eu... eu acho que está – digo. – Ele tem magia. Isso é vida.

– Pelo dente de Morgana, imagine se você *pudesse* fazer aquilo de novo. Se pudesse realmente controlar o seu poder, Simon.

– Era Baz quem controlava o meu poder.

– Foi como se você estivesse focado pela primeira vez. Direcionado. Você o usou como uma varinha.

Eu fecho os olhos.

– Eu não estava usando Baz.

48.

Baz

Quando eu retorno, Bunce já se foi. Posso ver que ela sentou-se na minha cama outra vez – está com o cheiro dela. Sangue e chocolate e ervas de cozinha. Brigo com ela por causa disso amanhã.

Snow tomou banho, o que deixa o quarto úmido, mas nossos papéis e as coisas do jantar ainda se encontram espalhados na mesa e no chão. É como ter dois colegas de quarto relaxados.

A lousa está organizada, contudo, completamente lotada com a letra espremida de Bunce e empurrada contra a parede.

Eu tiro meu casaco e o limpo com um feitiço, pendurando-o em meu guarda-roupa. Minha gravata está enfiada no bolso. Eu a retiro e a coloco em volta do cabide.

Comi meu sanduíche no porão, matando a sede com alguns ratos. Preciso sair para caçar na Floresta novamente; os ratos estão ficando mais raros e esparsos nas Catacumbas, ainda que eu evite pegar as fêmeas.

É um saco não caçar na Floresta. Preciso fazer isso durante o dia, pois o Mago ergue a ponte levadiça ao pôr do sol, e eu não posso lançar um **Voe como uma borboleta** por cima do fosso toda noite como fiz hoje; não possuo tanta magia.

Olho por cima do ombro para Snow – um montinho longo e coberto em sua cama.

Ele tem a magia.

Ele poderia fazer qualquer coisa.

Ainda estou zumbindo com a magia dele, e já se passaram horas desde que ele afastou sua mão. Snow lançara feitiços em mim antes, mas dessa vez foi diferente. Foi como ser atingido por um raio benevolente. Eu me senti calcinado, limpo. Sem fundo...

Não, isso não é o correto; não sem fundo. *Sem centro.* Como se eu fosse maior por dentro. Como se

eu pudesse lançar qualquer feitiço, cumprir qualquer promessa.

No início, foi como se Snow estivesse me dando magia. Enviando-a para mim. Porém, em seguida, a magia simplesmente *estava ali*. Era minha naquele momento; tudo o que era dele.

Certo. Tenho que parar de pensar nisso desse modo. Como se fosse um presente. Snow jamais teria se aberto para mim se não houvesse um dragão sobrevoando...

Eu me pergunto se poderia *tomar* a magia dele se tentasse, mas o pensamento revira meu estômago.

Troco de roupa no banheiro e escovo os dentes. Quando saio, vejo que Snow está sentado na cama.

– Baz?

– O quê? – Sento-me na minha própria cama, por cima das cobertas.

– Eu... você pode vir aqui?

– Não.

– Eu posso ir até aí, então.

Cruzo os braços e as pernas.

– Não pode, não.

Snow bufa, exasperado. *Bom*, eu penso.

– Só... Vem aqui – diz ele. – Tá bem? Tenho que tentar um negócio.

– Você consegue perceber o quanto está soando ridículo?

Ele se levanta. Está escuro em nosso quarto, mas a lua está no céu, e sempre posso vê-lo melhor do que ele a mim. Ele está usando a calça de flanela cinza do pijama da escola e sua cruz de ouro. Sua pele é tão cinzenta quanto a minha sob essa luz, e brilha como uma pérola.

– Você não pode se sentar na minha cama – digo, enquanto ele se senta na minha cama. – E Bunce também não. Minha cama está fedendo a intensidade e brownies.

– Aqui – diz ele, estendendo a mão.

– O que você quer de mim, Snow?

– Nada – diz ele. E está falando a verdade, o desgraçado. – Precisamos tentar de novo.

– Por quê?

– Para termos certeza de que não foi um acaso – diz ele.

– Mas *foi* um acaso. Você estava lutando contra um dragão e eu o ajudei; é como se fosse um acaso ao quadrado.

– Por Merlin, Baz, você não quer saber?

– Se eu posso usar você como um gerador?

– Não foi desse jeito – diz ele. – Eu deixei que você fizesse.

– Vai deixar que eu faça outra vez?

– Não.

– Então não importa se foi um acaso!

Snow ainda está sentado em minha cama.

– Tudo bem – diz ele. – Talvez.

– Talvez o quê?

– Talvez fizesse de novo – diz ele. – Se fosse uma situação como a de hoje. Se houvesse vidas em risco, e essa pudesse ser uma solução, uma opção melhor do que, sabe, *perder o controle*.

– E se eu voltasse isso contra você?

– Minha magia?

– Sim – digo. – E se eu tomasse a sua magia, lançasse-a contra você e acabasse com a disputa de Baz *versus* Simon, de uma vez por todas?

A boca de Snow está levemente entreaberta. Sua língua brilha, negra na escuridão.

– Por que você tem que ser tão vilanesco? – Ele soa enojado. – Por que você *já pensou* nisso?

– Pensei nisso enquanto ainda estava cantando para o dragão – revelo. – Você não?

– *Não.*

– E é por isso que eu vou vencê-lo – digo.

– Estamos em trégua – diz Snow.

– Eu ainda posso *pensar* de maneira antagonista. Penso coisas violentas a respeito de você constantemente.

Ele agarra minha mão. Tendo a puxá-la de volta, mas não quero parecer assustado – e também não quero *muito* puxá-la de volta. Maldito Snow. Estou pensando coisas violentas a respeito dele agora mesmo.

– Vou tentar agora – diz ele.

– Ótimo.

– Será que você deveria estar lançando um feitiço?

– Não sei – digo. – Essa experiência é sua.

– Então não lance – diz ele. – Não logo de cara. Mas me diga se doer.

– Não doeu da outra vez – resmungo.

– Não?

– Não.

– E qual foi a sensação?

– Pare de falar sobre sentir – digo, balançando a mão dele. – Manda. Ou dispara. Seja lá o que você quer fazer.

Snow lambe o lábio inferior e fecha um pouquinho os olhos. Será que era assim que ele estava hoje à tarde? *Crowley.*

Eu sinto sua magia.

No princípio, é um formigar nas pontas dos meus dedos, depois uma onda de estática subindo pelo braço. Tento não me contorcer.

– Tudo bem? – pergunta ele. Sua voz é suave.

– Ótimo. O que você tá fazendo?

– Não sei – ele murmura. – Abrindo? Acho?

A estática em meu braço se assenta numa pesada vibração, como faíscas elétricas pegando fogo. O desconforto desaparece, apesar de a sensação de

chamas lambendo ficar mais forte. Com isso eu sei trabalhar: isso é fogo.

– Ainda tudo bem? – ele indaga.

– Fantástico – digo.

– O que isso quer dizer? Isso quer dizer que você pode utilizá-la?

Eu rio, e o som sai mais bem-humorado do que eu pretendia.

– Snow. Acho que eu poderia lançar até um soneto neste instante.

– Me mostre – diz ele.

Estou tão cheio de poder, que sinto como se pudesse enxergar sem abrir os olhos. Como se pudesse virar uma supernova se quisesse e ter minha própria galáxia. É assim que é ser Simon Snow? Ter o infinito no bolso da camisa?

Eu falo claramente:

– ***Brilha, brilha, estrelinha.***

Quando chego ao final da frase seguinte, o quarto ao nosso redor sumiu e as estrelas parecem próximas o bastante para tocá-las.

– ***Quero ver você brilhar.***

Simon agarra minha outra mão e meu peito se abre mais.

– Por Merlin e Morgana – diz ele. – Estamos no espaço?

– Não sei – respondo.

– Isso é um feitiço? – ele pergunta.

– Não sei.

Ambos olhamos ao redor. Não *acho* que estejamos no espaço; posso respirar tranquilamente. E não sinto como se estivesse flutuando, embora esteja à beira da histeria. Tanto poder. Tantas estrelas. Na minha boca, o sabor é de fumaça.

– Você está se contendo, um pouco que seja? – pergunto a ele.

– Não conscientemente – diz Snow. – É demais?

– Não. É como se você tivesse completado o circuito – digo, segurando sua outra mão. – Mas me sinto meio bêbado.

– Bêbado de poder? – pergunta ele.

Eu gargalho.

– Merda, Snow! Pare de falar. Isso é embaraçoso.

– Você quer que eu retire um pouco de poder?

– Não. Quero olhar as estrelas.

– Estou retirando – diz ele.

E aí ele retira. É como a maré vazante, se a maré fosse feita de heroína e fogo.

Eu chacoalho a cabeça. Eu não solto as mãos de Snow.

– Tudo bem? – pergunta ele.

– Sim. E com você?

– Ótimo.

Agora estamos apenas sentados em minha cama, de mãos dadas, Simon Snow e eu. Não consigo olhar nos olhos dele, então fito sua cruz.

– Sua mãe... – diz ele. – Quando ela voltou, ela disse um negócio sobre estrelas. "Ele disse que nós seríamos estrelas".

– Acho que isso é uma coincidência – digo.

– É. – Simon assente. – Você ficou com um restinho? Tipo, ela ficou com você? Minha magia?

– Residualmente? – pergunto.

– É.

Balanço a cabeça.

– Não. Uma sensação. Uma vibração. Não poder.

– Você pode fazer da sua ponta?

– O que você quer dizer?

– Ainda estamos nos tocando – diz ele. – Tente utilizá-la.

Fecho os olhos e tento ser aberto, tento ser um aspirador a vácuo ou um buraco negro. Nada acontece. Em seguida, tento atrair Snow. Sugá-lo com minha própria magia... Ainda nada.

Abro os olhos.

– Não. Eu não consigo tomá-la de você. Nunca ouvi falar de um bruxo tomando a magia de outra pessoa. Consegue imaginar? Se houvesse um feitiço para isso? Nós nos despedaçaríamos.

– Nós já estamos nos despedaçando.

– Eu não posso tomá-la – repito.

– Você acha que te machucaria, minha magia?

– Acho que não.

– Então podemos fazer de novo.

– Acabamos de fazer, Snow.

Ele concorda. Eu me pergunto se ele se esqueceu de que está segurando minhas mãos. Ou se ele

esqueceu o que *significa* ficar de mãos dadas. Ou se ele se esqueceu totalmente de quem eu sou.

Penso de novo em puxar minhas mãos – mas Snow poderia acender fogueiras nas palmas nesse momento, e ainda assim eu não as retiraria. A sensação é de que ele já acendeu.

– Baz – diz ele, e não é inédito que ele diga meu nome, mas sei que ele evita isso. – Isso é estúpido. Se vamos trabalhar juntos, você não pode continuar fingindo que eu não sei.

– Não sabe o quê? – pergunto, retirando minhas mãos das dele.

– Não sei sobre você. Sobre o que você é.

– Sai da minha cama, Snow.

– Não vai mudar nada...

– Não?

– Bem, isso *facilitaria* as coisas – diz ele. – Como podemos discutir o que sabemos sobre vampiros quando você sequer admite ser um?

– *Sai da minha cama.*

Snow se levanta, mas não recua.

– Eu *sei*. Sei desde o nosso quinto ano. Como é que podemos te ajudar, se você ainda mantém todos esses segredos? Tipo, por que você voltou para a escola mais tarde nesse semestre? E o que aconteceu com você? E por que está mancando?

– Não é da sua conta – sibilo. – Nada disso é da sua conta.

– Tem razão, mas você disse que queria minha ajuda. Então você fez com que fosse da minha conta.

– Vou te contar tudo o que julgar ser relevante.

– Temos que descobrir quem enviou vampiros sanguessugas para matar sua mãe, e você é um vampiro sanguessuga. Não acha que isso seja relevante?

Como se eu pudesse simplesmente admitir isso. Em voz alta. Oficialmente. Como se todos os outros bruxos não fossem botar fogo em mim com muita alegria se soubessem que é verdade.

Como se o próprio Snow não tivesse tentado me expor todos os dias, por sete anos.

Eu travo meus maxilares.

Eu deveria sair. Voltar para as Catacumbas. Porém, a magia de Snow acabou comigo – não tenho certeza de que conseguiria ficar de pé nesse instante. Assim, apenas fecho os olhos.

– Chega de você por hoje – digo. – Fui atingido por raios duas vezes nas últimas doze horas; já chega de você.

49.

Simon

Agatha quer conversar comigo depois da aula de Palavras Mágicas.

Ela não me disse uma palavra desde que terminamos – mal olha para mim –, assim, quando ela se aproxima agora, minha resposta inicial é olhar para o chão e tentar caminhar ao redor dela. Agatha tem que segurar minha manga para chamar minha atenção, o que é esquisito para nós dois.

– Simon – diz ela. – Será que posso falar com você?

Ela parece tão nervosa; está mordendo o lábio inferior. Eu tenho que admitir, meu primeiro pensamento é de que Agatha sente minha falta. De que ela quer voltar comigo.

Vou dizer sim, é claro. Nem vou fazê-la pedir. Podemos voltar a ser exatamente como éramos.

Talvez até conte a ela o que está acontecendo com Baz, talvez ela possa ajudar.

A seguir, penso em Agatha no espaço reduzido de nosso quarto, perto o suficiente para Baz poder sentir o cheiro de sua pulsação – e decido que não vou contar tudo a ela, não logo de cara.

Porém, vou aceitá-la de volta.

Isso tudo tem sido uma merda. Ignorar um ao outro. Sentar separados. Agir como inimigos, quando sempre fomos amigos.

Vou aceitá-la de volta. Bem a tempo para o Natal.

Estive pensando muito sobre o Natal ultimamente. Eu sempre passo com os Wellbeloves. Desde que cheguei a Watford.

Acho que no começo deve ter sido um gesto filantrópico do pai dela, o Dr. Wellbelove. É exatamente o tipo de coisa que ele faria: abrir a casa para órfãos no Natal.

É como Agatha e eu ficamos amigos. Não sei se ela teria conversado comigo se não estivéssemos encalhados juntos na casa dela todo ano por duas semanas.

Não que Agatha seja metida...

Bem... Ela é um pouquinho metida. Acho que ela gosta de ser mais bonita do que todo mundo e de ter roupas mais bonitas e de ser mais sortuda.

Não posso culpá-la por isso.

No entanto, ela também não é muito sociável. Especialmente na escola. Ela estava realmente envolvida com dança antes de Watford, e ainda é bastante enredada com cavalos, e acho que ela é mais próxima de seus amigos Normais de verão do que de qualquer um por aqui.

Agatha não é como Penny. Ela não se importa naturalmente por política mágica. E ela não é como eu; ela não *precisa* se importar.

Não acredito que Agatha se importe muito com magia, ponto. Da última vez que conversamos sobre o futuro, ela estava pensando em se tornar veterinária.

O Dr. Wellbelove é muito ligado em igualdade Normal-magos, e em como não ajuda em nada aos magos pensar em nós mesmos como algo melhor do que os Normais. (“Eu entendo o que o Welby está

dizendo", diria a mãe de Penélope, "mas nós podemos fazer tudo o que os Normais podem, *mais* magia. Como isso não é melhor?")

O pai de Agatha nunca a pressionou para escolher uma carreira mágica. Acho que ela provavelmente poderia até namorar um Normal se quisesse. (A mãe dela talvez se incomodasse com isso; não é permitida a entrada de Normais no clube.)

Enfim, adoro ficar nos Wellbeloves, desde que eles não estejam dando um jantar elegante ou me arrastando pela temporada de eventos. Tudo na casa deles é novinho em folha e do melhor modelo. Eles têm uma TV que ocupa uma parede inteira, com alto-falantes gigantes escondidos atrás de uma pintura de cavalos, e todos os seus sofás são de couro.

A mãe de Agatha está sempre fora, e seu pai normalmente está na clínica. (Ele também é um médico Normal, mas seus pacientes são bruxos em sua maioria. Ele é especializado em transtornos Anormais.) Eles têm uma funcionária, tipo uma empregada, Helen, que cozinha para Agatha e serve

de motorista. Ninguém trata Helen como uma empregada, no entanto. Ela veste trajes comuns, não uniforme, e é obcecada por *Doctor Who*.

Todos eles são gentis comigo, inclusive Helen. A mãe de Agatha me dá roupas boas de Natal, e seu pai conversa comigo sobre meu futuro como se eu não fosse morrer em uma bola de fogo.

Eu simplesmente gosto deles, de verdade. E gosto do Natal. E estive pensando em como vai ser estranho me sentar à mesa de jantar e conversar com os pais de Agatha, sabendo que nós terminamos.

Agatha e eu ficamos na sala da aula de Palavras Mágicas depois que todo mundo sai.

Ela ainda está mordendo o lábio.

– Agatha... – digo.

– É sobre o Natal – diz ela.

Ela empurra o cabelo para trás das orelhas. Seu cabelo é perfeitamente liso, dividido ao meio, e emoldura naturalmente seu rosto. (Penny diz que é um feitiço. Agatha diz que *não é*. Penny diz que

feitiços de beleza não são nada de que se *envergonhar*.)

– Meu pai quer que você saiba que é claro que ainda é bem-vindo em nossa casa para o Natal – diz Agatha.

– Ah – digo. – Que bom.

– Mas eu acho que nós dois sabemos o quanto isso seria desconfortável – ela prossegue. Parece muito desconfortável só de tocar no assunto. – Para nós dois.

– Certo – digo. Seria desconfortável mesmo, acho.

– Isso arruinaria o Natal – diz ela.

Eu me controlo antes de soltar: "Arruinaria? Mesmo, Agatha? É uma casa grande, e eu ficaria na sala de TV o tempo todo".

– Certo – digo, em vez disso.

– Então eu disse a ele que você provavelmente ficaria com os Bunces.

Agatha sabe que eu não posso ficar com os Bunces. A mãe de Penélope só consegue me aguentar por dois ou três dias antes de começar a

me tratar como um cachorro dinamarquês que não pode evitar derrubar coisas com seu rabo.

A casa dos Bunces não é pequena, mas é cheia de gente – e pilhas e pilhas de coisas. Livros, jornais, brinquedos, louça. Não há jeito de não ficar no caminho. Seria preciso ser incorpóreo para não derrubar nada.

– Certo – digo para Agatha. – Tudo bem.

Ela olha para o chão.

– Tenho certeza de que os meus pais ainda vão te mandar presentes mesmo assim.

– Eu envio um cartão pra eles.

– Isso seria bacana – diz ela. – Obrigada. – Ela puxa a mochila por cima do ombro e dá um passo, afastando-se de mim. Depois para e joga o cabelo para longe do rosto. (É só um gesto; o cabelo dela nunca cai em seu rosto.) – Simon. Foi incrível como você derrotou aquele dragão. Você salvou a vida dele.

Dou de ombros.

– É, bem, foi o Baz que salvou, não foi? Eu teria cortado a garganta do bicho se tivesse encontrado

um jeito.

– Meu pai disse que o Insípidum mandou o dragão.

Dou de ombros de novo.

– Feliz Natal, Simon – diz Agatha. Em seguida, ela passa por mim e sai porta afora.

50.

Simon

– Vocês deviam me deixar ficar no seu quarto de uma vez – diz Penélope. – Facilitaria as coisas.

– *Não!* – Baz e eu exclamamos ao mesmo tempo.

– E onde é que você dormiria, na banheira? – pergunto.

A lousa ainda toma o espaço aberto no pé de nossas camas, e há pilhas de livros ao redor dela. Todos os livros úteis da biblioteca de Watford encontraram seu caminho até nosso quarto, graças a Baz e Penélope – e nenhum deles foi retirado da maneira adequada, tenho certeza.

Estamos trabalhando aqui todas as noites, apesar de não termos muita coisa para mostrar, além da bagunça.

– Não me importo em dormir na banheira – diz Penny. – Poderia lançar um feitiço para torná-la

fofinha.

– Não – diz Baz. – Já é ruim o bastante dividir um banheiro com o Snow.

– Penny, você tem um quarto perfeitamente bom – digo, ignorando a alfinetada.

– Simon, um quarto perfeitamente bom não tem a Trixie nele.

– Essa é a sua colega de quarto? – pergunta Baz. – A fada?

– Sim – responde Penélope.

Ele curva os lábios para cima e para baixo ao mesmo tempo.

– Imagine que você é uma fada – diz ele. – Eu sei que é um desgosto, mas imagine: você é uma fada, uma *pixie*, e você tem uma filha, e você a chama de *Trixie. Trixie, a pixie*.

– Eu acho bonitinho – digo.

– Você acha a *Trixie* bonitinha – diz Penny.

– Trixie é bonitinha. – Eu encolho os ombros.

– Snow – diz Baz. – Eu acabei de comer.

Reviro os olhos. Ele provavelmente acha que as fadas são uma espécie inferior. Semiconscientes,

como gnomos e trolls de internet.

– É como ser uma fada chamada Mada – ele prossegue.

– Ou um vampiro chamado Dampiro – digo.

– Dampiro nem é um nome de verdade, Snow. Você é terrível nessa brincadeira.

– Em defesa de Trixie – diz Penélope, e dá pra dizer que lhe dói dizer isso –, as pixies provavelmente não saem por aí se chamando de "pixies". Tipo, você pode ser um humano chamado Mano ou um menino chamado Nino, e ninguém ligaria.

– Aposto que o seu quarto é coberto de pó de pirlimpimpim – diz Baz, estremecendo.

– *Não dê* trela para Penny – digo. – Boa noite, Penny.

– Tudo bem – diz ela, levantando-se e apanhando o livro que estava lendo. É uma cópia encadernada de *O Registro*; todos nós adquirimos o hábito de ler todos eles, procurando por pistas. Estamos nos tornando especialistas em eventos ocorridos décadas atrás.

É tudo tão esquisito...

Não apenas estar trabalhando com Baz, mas tê-lo por perto o tempo todo quando estou com Penny.

Ele ainda não conversa conosco fora do quarto.

Baz diz que confundiria seus lacaios se o vissem em companhia do inimigo. Ele realmente os chamou assim, "meus lacaios". Talvez estivesse tirando sarro...

Nem sempre consigo identificar quando Baz está zombando de mim. Ele tem uma boca cruel. É como se estivesse escarnecendo, mesmo quando está feliz com algo. Na verdade, eu não sei se ele *de fato fica* feliz. É como se ele tivesse apenas duas emoções: furioso e sadicamente divertido.

(E tramando. Isso é uma emoção? Se for, então são três.)

(E enojado. Quatro.)

De qualquer modo, Penélope e eu ainda não contamos tudo ao Baz. Nunca conversamos sobre o Mago, por exemplo – vira briga imediatamente. Além disso, Penny não quer que ele saiba que a família dela pode estar se desentendendo com o

Mago. (Apesar de que Baz provavelmente fosse simpatizar com eles.)

Penny fica me recordando de que Baz ainda é meu inimigo. Que quando a trégua acabar, ele poderá muito bem usar tudo o que aprendeu contra mim.

Mas não tenho certeza de que sou *eu* que precisa se lembrar disso. Metade do tempo em que estamos juntos, fico só sentado em minha cama, lendo, enquanto Penélope e Baz comparam seus 10 feitiços favoritos dos anos 1800 ou debatem o valor mágico de *Hamlet* contra *Macbeth*.

Outro dia ele a levou para os Claustros quando ia para as Catacumbas. Quando voltou, relatou que não tinha pista alguma sobre como ela entra na Casa dos Mímicos. No dia seguinte, ela me contou que ele não deu nenhum sinal de reconhecer que estava a caminho de sugar o sangue de roedores.

– Você está indo para o mesmo lado que eu? – ela pergunta para ele, da porta.

– Não. Para mim, a noite já acabou – responde ele.

Estranho pra cacete.

– Vejo vocês no café da manhã – diz Penny, fechando a porta ao sair.

Se Baz não vai caçar essa noite, posso muito bem já tomar um banho e ir dormir. Temos a tendência de brigar com muito mais crueldade quando estamos a sós.

Estou pegando meu pijama, quando ele fala:

– E então, quais são seus planos para a semana que vem? Para os feriados?

Sinto meu maxilar se contrair.

– Provavelmente ir para casa com Penny por alguns dias, depois passar o resto das férias aqui.

– Não vai celebrar ao redor da lareira familiar dos Wellbeloves?

Eu fecho meu armário com força. Não conversamos sobre isso ainda. Eu e Baz. Sobre a Agatha.

Não sei se os dois estão se falando. Ou se encontrando. Agatha nem desce mais para jantar. Acho que ela está comendo no quarto.

– Não – digo, passando pela cama dele.

– Snow – diz ele.

– O quê?

– Você devia vir para Hampshire.

Eu paro e olho para ele.

– O quê? *Por quê?*

Baz pigarreia e cruza os braços, erguendo o queixo para enfatizar o quanto me despreza.

– Porque você jurou me ajudar a encontrar o assassino de minha mãe.

– Eu *estou* te ajudando.

– Bem, você será uma ajuda maior para mim lá do que aqui. A biblioteca de casa é grande demais para eu dar conta sozinho. E tenho um carro; nós poderíamos investigar de verdade. Nem internet você tem aqui.

– Está sugerindo que eu vá pra casa com você

– Sim.

– Para o Natal.

– Sim.

– Com a *sua* família.

Baz revira os olhos.

– Como se você tivesse uma...

– Você está maluco. – Volto a me dirigir ao banheiro.

– Por que é maluquice? – ele exige saber. – Sua ajuda seria útil, e não há nada aqui pra você. Achei que você fosse apreciar a companhia.

Eu paro na porta e torno a me virar.

– Sua família *me odeia*.

– Sim, e daí? Eu também.

– Eles querem me matar – digo.

– Eles não vão te matar, você será nosso hóspede. Posso até lançar um feitiço, se achar melhor. **Seja bem-vindo**.

– Não posso ficar na sua casa. Tá de brincadeira?

– Snow, temos morado no mesmo quarto por sete anos. Como é que você pode ter algum problema com isso?

– Você está maluco! – digo, fechando a porta.

Completamente doido.



– Sua mãe não *confia* em mim? – indago.

Estamos caminhando pelo corredor, e Penélope de imediato começa a fazer gestos para me silenciar.

– Ela *confia* em você. Ela confia totalmente em você. Sabe que você é honesto e franco, e que se ouvir algo que não deve, leva direto ao Mago.

– Eu não faria isso!

– Poderia fazer, Simon.

– Penny!

– *Sssshhh.*

– *Penny* – tento de novo, mais baixinho –, eu jamais faria nada para deixar sua mãe encrencada com o Mago. E não posso imaginar que ela tenha feito algo que a deixasse encrencada com o Mago.

– Ela mandou os Homens dele embora de novo – diz Penny. – Premal diz que o Mago em pessoa vai vir pra cá da próxima vez.

– Então eu deveria estar lá – digo. – Ele jamais a machucaria na minha frente.

Penny para de súbito.

– Simon. Você acha mesmo que há alguma chance de o Mago machucar minha mãe?

Eu paro também.

– Não. É claro que ele não faria isso.

Ela se inclina mais para perto.

– Mamãe está lançando um apelo para a Irmandade; ela acha que isso vai se resolver. Mas você *sabe* que preciso pesquisar a Tragédia Watford enquanto estou em casa, e de jeito nenhum minha mãe vai te deixar entrar na nossa biblioteca com tudo o que está acontecendo. Ela te chama de Mini-Mago.

– Por que ela não gosta de mim?

– Ela gosta de você – diz Penny, revirando os olhos. – É dele que ela não gosta.

– Sua mãe não gosta de mim, Penny.

– Ela só acha que você atrai problemas. E é verdade, Simon. É provável que literalmente.

– Sim, mas não posso evitar.

Penélope recomeça a andar.

– Você está ensinando o pai-nosso ao padre.

Não que eu me incomode em ficar sozinho em Watford – não me incomodo *muito*. Mas não tem ninguém aqui no dia de Natal. Terei que invadir a

cozinha para comer. Acho que eu poderia pedir a chave para a Cozinheira Pritchard...

Chegamos à minha aula seguinte, e eu bato de propósito meu ombro na parede junto à porta. (Quem diz que bater e esmagar coisas não faz você se sentir melhor, não bateu e esmagou o suficiente.)

– É assim que estamos chamando agora? – pergunto. – "A Tragédia Watford"?

Penny leva um segundo para retornar à conversa.

– Foi assim que chamaram na época – diz ela. – E por acaso importa o nome que damos ao fato?

– Não. É só que... estamos fazendo isso porque alguém morreu. A mãe do Baz morreu. "A Tragédia Watford" faz parecer que aconteceu com gente muito distante, que não importa para nós.

– Diga ao Mago que você vai ficar aqui para o Natal – diz ela. – Ele vai querer passar o Natal com você.

Isso me faz rir.

– O que foi? – pergunta Penny.

– Você consegue imaginar? – pergunto. – Natal com o Mago?

– Cantando músicas natalinas – gargalha ela.

– Soltando bombinhas.

– Assistindo ao discurso da Rainha.

– Consegue imaginar os *presentes*? – pergunto, rindo. – Ele provavelmente embrulharia uma maldição para mim, só para ver se eu conseguiria quebrá-la.

– Colocar uma venda em você, te largar no Inferno da Floresta, e mandar você voltar pra casa com o jantar.

– Hahaha! – Eu rio. – Exatamente como no nosso terceiro ano.

Penny espeta meu braço, e eu deslizo para longe, seguindo a parede.

– Fale com ele – diz ela. – Ele é um velho doido, mas gosta de você.



Baz é um dos últimos alunos a partir para as férias. Ele se demora, arrumando seu baú de couro. Está levando a maior parte de nossas anotações ali... Ainda não se resolveu se vai conversar com seus pais

a respeito disso tudo, mas vai descobrir tudo o que puder.

– Alguém tem que saber alguma coisa sobre o Nicodemus.

Estou deitado na cama, tentando me convencer de que vai ser legal ter o quarto só para mim, e tentando não observá-lo. Eu limpo a garganta.

– Tenha cuidado, ok? Digo, não sabemos quem é esse tal Nicodemus nem se ele é perigoso. Não queremos que saiba que estamos procurando por ele.

– Falarei apenas com gente em quem confio – diz Baz.

– Sim, mas essa é a questão, não? Não *sabemos* em quem confiar.

– Você confia na Penélope?

– Sim.

– Confia na mãe dela?

– Confio que ela não é má.

– Bem, eu confio na minha família. Não importa se você confia ou não.

– Só estou dizendo para você tomar cuidado.

– Pare de demonstrar preocupação pelo meu bem-estar, Snow. Está me deixando desconfortável. – Ele fecha a tampa de seu baú e trava as trancas. Então olha para mim, franzindo a testa, e decide algo. Eu conheço essa expressão. Coloco minha mão no punho da espada.

– Snow... – diz ele.

– O quê?

– Sinto que deveria te contar um negócio. Pelo bem da nossa trégua.

Eu olho para ele, esperando.

– Aquele dia em que você viu Wellbelove e eu na Floresta...

Fecho os olhos.

– Como é que isso pode ser pelo bem da nossa trégua?

Ele segue em frente.

– Naquele dia em que você me viu com Wellbelove na Floresta... não é o que você está pensando.

Abro os olhos.

– Você não estava tentando pegar minha namorada?

– Não.

– Cai fora – digo. – Você tentou ficar entre mim e Agatha desde o dia em que ela me escolheu, em vez de você.

– Ela nunca escolheu você em vez de a mim.

– Se liga, Baz.

Ele parece desconfortável; essa é nova.

– Não – prossegue ele. – O que estou dizendo é: nunca fui uma opção para Wellbelove.

Eu enterro a cabeça no travesseiro.

– Eu não deveria pensar assim, mas, pelo jeito, eu estava errado. Olha, o campo está livre pra você: ela terminou comigo.

– Ela *me interrompeu* – diz ele. – Aquele dia na Floresta.

Eu o ignoro.

– Ela interrompeu meu *jantar*. Ela me viu. Eu estava pedindo para que não contasse a ninguém.

– E precisava segurar as mãos dela pra isso.

– Essa parte eu fiz só pra te irritar. Sabia que você estava olhando.

– Bom, funcionou – digo.

– Você não está ouvindo. – Ele parece muito desconfortável agora. – Eu *nunca* vou ficar entre você e Wellbelove. Estava só tentando te irritar.

– Está dizendo que flertou com Agatha só pra me magoar?

– *Sim.*

– Nunca gostou dela?

– *Não.*

Eu cerro os dentes.

– E acha que quero ouvir isso?

– Bem, obviamente. Agora pode fazer as pazes com ela e ter o melhor Natal de todos os tempos.

– Você é um cretino! – digo, levantando de súbito e indo pra cima dele.

– O Anátema! – grita ele, e eu o escuto, mas quase planto meu punho em seu queixo mesmo assim.

Paro a milímetros disso.

– Ela sabe?

Ele dá de ombros.

– Você é um cretino *total* – digo novamente.

– Eu estava apenas flertando – diz Baz. – Não é como se tivesse tentado servi-la como alimento para uma quimera.

– Sim, mas ela *gosta* de você! Acho que gosta mais de você do que de mim.

Ele inclina a cabeça e torna a dar de ombros.

– E por que não gostaria?

– Vá se foder, Baz! Sério mesmo. – Estou tão perto, que praticamente cuspo na cara dele. – Ela andou carregando o seu lenço por aí por todo o tempo que você esteve sumido. Desde o ano passado.

– Que lenço?

Me dirijo até a gaveta onde o lenço está enfiado com minha varinha e algumas outras coisas, e em seguida o abano na cara dele.

– Este aqui.

Baz puxa o tecido da minha mão, e eu o puxo de volta, porque não quero que ele fique com o lenço. Não quero que ele fique com nada neste momento.

– Olha – diz ele –, eu vou parar. Vou deixar a Wellbelove em paz daqui em diante. Ela não

importa para mim.

– Isso só piora as coisas!

– Então eu *não vou* parar! – diz ele, como se fosse ele que devesse estar com raiva. – É melhor assim? Que se dane, vou me casar com ela e nós teremos os filhos mais lindos da história da magia, e vamos chamar todos eles de Simon só pra te irritar.

– Vá embora! – grito. – É sério. Se eu tiver que continuar olhando pra você, não vou dar a mínima para o Anátema. Se eu for expulso de Watford, ao menos terei finalmente acabado com você!

51.

Baz

Eu estava tentando fazer um favor para o Snow.

Um favor que não serve em nada – *nada* – aos meus interesses.

Eu deveria mesmo me casar com a Wellbelove. Meu pai adoraria.

Me casar com ela. Dar a ela as chaves para seja lá o que ela quiser. Depois encontrar mil homens exatamente iguais a Simon-Maldito-Snow e partir o coração de cada um deles de uma maneira diferente.

Wellbelove não é muito poderosa, mas é linda. E ela tem uma posição social muito boa; ela e minha madrasta poderiam cavalgar juntas.

Aí meu pai poderia parar de retorcer as mãos sobre como o nome Pitch vai morrer comigo. (Embora a linhagem Pitch *já tenha* morrido comigo; tenho uma certeza razoável de que vampiros não

podem ter bebês.) (Por Crowley, dá para imaginar bebês vampiros? Que pesadelo.) (E por que a Tia Fiona não passa adiante a merda do nome *dela*? Se minha mãe deu-me o dela, Fiona certamente poderia fornecer ao mundo mais alguns Pitches.)

Acho que se eu me casasse com uma garota de boa família, meu pai nem se importaria com o fato de eu ser bicha. Ou com quem tivesse gerado seus netos. Se a ideia de passar adiante o nome de minha mãe desse modo não me revirasse o estômago, eu até cogitaria.

Snow provavelmente encontraria uma maneira totalmente nova de me odiar se soubesse que eu penso com tanta frieza sobre amor, sexo e casamento. Sobre a sua Agatha perfeita.

Mas de que isso *importa*, se as minhas intenções nunca são boas? Minha estrada para o inferno não é pavimentada de boas intenções. Nem de más intenções. É apenas a minha estrada.

Vá em frente, Snow. Perdoe a sua namorada. Não estou mais em seu caminho. Fiquem juntinhos de mãos dadas em topos de colinas, droga, e assistam

ao sol se pôr nos cabelos um do outro – estou farto de ser um incômodo. *Estou farto. Trégua.*

Eu não esperava fazer as pazes com todo esse negócio de... *cooperação*. Não esperava convencer ou converter Snow. Mas pensei que estivéssemos progredindo. Tipo, talvez quando tudo isso terminasse, ele e eu estivéssemos em lados opostos nas trincheiras, mas não cuspindo um no outro. Não ansiosos pela luta.

Sei que Simon e eu sempre seremos inimigos...

Mas pensei que talvez chegássemos ao ponto em que não quiséssemos ser.

52.

Simon

Com Penny e Baz distantes, eu passo bastante tempo caminhando pelo terreno da escola. Resolvo procurar pela creche...

Baz acha que a Torre Chorona engoliu a creche depois que sua mãe morreu. Penny diz que isso às vezes pode acontecer quando um bruxo é apegado a um prédio, especialmente se eles lançaram alguma magia de sangue lá. Quando sangue bruxo é derramado, isso também fere o prédio. Forma-se uma espécie de cisto ao redor do local.

Penso no que poderia acontecer se eu morresse na Casa dos Mímicos – depois de todas as vezes em que eu derramei meu sangue para permitir que nosso quarto me reconhecesse.

Este é um dos motivos pelos quais Penny não gosta de juramentos e feitiços de sangue. “Se você é

fiel à sua palavra, palavras deveriam bastar".

Estou citando-a de novo. Eu venho tendo conversas com ela em minha cabeça o dia todo. Às vezes, Baz também se junta à conversa imaginária – geralmente para me dizer que sou um babaca... embora ele nunca use essa palavra, mesmo na minha cabeça. Vulgar demais.

Estou vagando pela Torre Chorona assim, conversando comigo mesmo e enfiando o nariz pelos cantos quando algo me chama atenção do outro lado da janela. Vejo uma fileira de cabras se movendo pela neve, atravessando a ponte levadiça. Uma figura que deve ser Ebb caminha atrás delas. Ebb. *Ebb...*

Ebb está em Watford desde que tinha onze anos – e hoje ela tem pelo menos trinta ou quarenta. Devia estar aqui quando a Diretora Pitch morreu. Ebb jamais partiu.

As cabras estão de volta em seu celeiro quando eu chego. Bato na porta – não quero dar um susto em Ebb; ela mora aqui, com as cabras.

Sei que é esquisito, mas, honestamente, é difícil imaginar Ebb morando perto de outras pessoas. Outros membros da equipe. Ela pode fazer o que quiser no celeiro. As cabras não se importam.

– Oi, Ebb! – digo, batendo mais um pouco. – Sou eu, Simon.

A porta se abre, e uma das cabras enfia o focinho por ali antes que a própria Ebb apareça.

– Simon! – diz ela, escancarando a porta e me pedindo para entrar com um gesto. – O que está fazendo aqui? Pensei que todo mundo tinha ido para casa.

– Só vim pra te desejar Feliz Natal – digo, seguindo-a para o interior do celeiro. Está mais quente ali dentro, mas não muito. Não é de se espantar a maneira como Ebb está vestida: seu suéter esmolambado de Watford por cima de outro suéter, com um longo cachecol listrado da escola e um gorro tricotado todo bagunçado. – Pelas serpentes vivas, Ebb! Tá um gelo aqui dentro.

– Não está tão ruim – diz ela. – Venha, vou aumentar o fogo.

Nós caminhamos no meio das cabras até o fundo do celeiro, que serve como a sala de estar de Ebb. Ela tem uma mesinha e um tapete – e um aparelho de TV, o único de Watford, até onde eu sei. Tudo está arranjado ao redor de um forno a lenha que não se conecta a nenhuma parede ou chaminé.

Essa é a melhor parte de visitar Ebb – ela não está nem aí para o desperdício de magia. Metade das coisas que saem de sua boca são feitiços, mas eu nunca a vi com a magia reduzida ou exaurida.

O forno está enfeitiçado, tenho certeza. E ela provavelmente usa magia para assistir a partidas de futebol.

"Por que ela não instala um chuveiro mágico?", perguntou Agatha da última vez que visitou Ebb comigo – o que deve ter sido há anos. Eu não sei onde Ebb se lava. Talvez ela simplesmente aplique um **Brilhando de limpo** toda manhã.

(Tive a mesma ideia aos 13 anos, mas Penny me passou um sermão dizendo que brilhar demais não era bom, na verdade, e que **Brilhando de limpo** só dava conta da sujeira que se podia ver.)

Ebb coloca alguns galhos no forno e cutuca o fogo.

– Bem, Feliz Natal pra você também – diz ela. – Você me pegou bem a tempo. Estou indo pra casa amanhã.

– Para ver sua família? – pergunto.

Ebb é do leste de Londres. Ela confirma.

– Precisa que alguém cuide das cabras?

– Nah, vou deixar que vaguem pelo terreno da escola. E você? Vai para a casa da Agatha?

– Não – digo. – Pensei em ficar por aqui. Como é meu último ano e tudo o mais, estou tentando absorver o máximo que posso de Watford.

– Você sempre pode voltar, Simon. Eu voltei. Quer um pouco de café? Temo que seja tudo o que eu tenho por aqui, café. Não, espere, eu tenho alguns biscoitos Rich Tea. Vamos comê-los antes que fiquem moles.

Eu viro um balde e me sento perto do fogo. Ebb remexe nos armários que prendeu no fundo do celeiro. Ela também tem algumas prateleiras presas aqui, cheias de animais de cerâmica empoeirados.

Quando eu estava no segundo ano, dei a Ebb um bodezinho delicado de presente de Natal; eu o encontrara durante o verão em uma venda de garagem. Ela ficou tão contente, que eu trouxe bricabraques para ela todo Natal por alguns anos. Cabras e ovelhas e burros.

Eu me sinto vergonhosamente de mãos vazias quando Ebb me entrega uma caneca lascada de café e uma pilha de biscoitos.

– Não sei o que eu faria por aqui – digo. – Não acho que Watford precise de dois pastores de cabras.

Um dos menores bodes se aproximou e está mordiscando meu joelho. Ofereço-lhe um biscoito na palma da mão, e ele aceita.

Ebb sorri e se acomoda em sua poltrona.

– A gente encontra alguma coisa pra você. Essa vaga nem existia quando a Diretora Pitch me contratou.

– A mãe de Baz – digo, afagando as orelhas do bode. Fazer Ebb falar sobre tudo isso pode ser mais fácil do que eu pensava.

– Ela mesma. *Essa* sim era uma bruxa poderosa.

– Você a conheceu bem?

Ebb dá uma mordida no biscoito.

– Bem, ela ensinava Palavras Mágicas quando eu estava na escola – diz ela, espanando migalhas de seu cachecol sujo. – E ela era a diretora. Então eu acho que a conheci assim. Nós certamente não andávamos com a mesma turma, sabe – se bem que depois que meu irmão Nicky morreu, minha família não andava com turma alguma.

O irmão de Ebb morreu quando ela estava na escola. Ela fala muito dele, apesar de isso a deixar exaltada e taciturna toda vez. Este é um dos motivos pelos quais Penny nunca se apegou a Ebb. "Ela é tão melancólica. Até as cabras parecem de bode".

Para mim, as cabras parecem estar bem. Algumas estão se remexendo ao redor da poltrona de Ebb, e o pequeno mendicante se ajeitou aos meus pés.

– Eu estava com medo de deixar Watford – Ebb prossegue –, e a Diretora Pitch disse que eu não precisava ir. Pensando agora, ela provavelmente tinha receio de que eu fosse arranjar meu próprio

tipo de encrenca. Eu sempre tive mais poder do que bom senso. Era um barril de pólvora; Nicky e eu éramos. A Diretora Pitch prestou um serviço à magia quando me deixou ficar e disse para não me preocupar com o que viria a seguir. "O poder não tem que ser um fardo", ela dizia. Se é pesado demais para o seu pescoço, coloque-o em algum outro lugar. Numa gaveta. Debaixo da cama. "Abra mão dele, Ebeneza", ela dizia. "Você nasceu com ele, mas ele não precisa ser o seu destino". Isso é algo que meu pai nunca me disse... Eu me pergunto se a Diretora Pitch teria sido tão compreensiva se eu fosse da família dela.

Estou rindo e tentando não cuspir biscoito molhado.

– Que foi? – diz ela. – Isso era pra ser uma história inspiradora.

– Seu nome é *Ebeneza*?

– É um nome perfeitamente adequado! Muito tradicional. – Ela ri também, e enfia um biscoito inteiro na boca, mandando-o pra baixo com um gole de café.

– Ela parece legal, a mãe do Baz.

– Bem, sim. Digo, ela era feroz como um leão. E mais sombria do que a maioria das pessoas ficava confortável em conviver – todos os Pitches são. Ela lutou contra as reformas com unhas e dentes. Mas amava Watford. Amava magia.

– Ebb... como foi que o seu irmão morreu? – Eu nunca lhe perguntei isso antes. Nunca quis chatear Ebb mais do que ela já se sentia chateada.

Ela imediatamente se coloca na ponta da poltrona e desvia o olhar.

– Bem, não é algo sobre o que se costuma conversar. Eu não deveria falar sobre ele, jamais... Enterraram o nome dele quando não pudemos enterrar seu corpo, até o apagaram do Livro. Mas era meu irmão gêmeo. Não me parece correto fingir que ele nunca existiu.

– Não sabia que ele era seu gêmeo.

– Era. Parceiros no crime.

– Deve sentir muita falta dele.

– Sinto, sim. – Ela funga. – Não nos falamos desde o dia em que ele fez a travessia; não importa o que as

pessoas digam.

– É claro que não – digo. – Ele está morto.

– Eu *sei* o que dizem.

– Francamente, Ebb. Nunca ouvi ninguém falar do seu irmão além de você mesma.

Ela me encara por um segundo, as costas rígidas; depois, parece voltar a si e se vira para o fogo, relaxando outra vez.

– Me desculpe, Simon. Eu só... Eu acho que as pessoas pensaram que eu iria com ele. Que eu não seria capaz de viver sem ele. Nicky queria que eu fosse.

– Ele queria que você também se matasse?

– Queria que eu fosse com ele para... – Ela olha ao redor, ansiosa, e sua voz cai para um sussurro. – Para os vampiros. Nicky disse que estaria esperando por mim, que sempre esperaria por mim.

O biscoito que estou segurando se parte.

– Os vampiros?

– Ninguém fala sobre ele, sério mesmo? Sobre mim?

– Não, Ebb. – *Para os vampiros?* O irmão da Ebb foi *para os vampiros*?

Ela parecia perdida.

– Nunca o mencionam, mesmo depois de tudo o que ele fez... Acho que é isso o que acontece quando te riscam do Livro. Eu estava lá para a cerimônia. A Diretora Pitch me deixou guardar as palavras.

Ela segura seu cajado – e apesar de ser apenas Ebb, estou tão perturbado, que tomo um susto. O bode repousando junto aos meus pés dá um pulo e se afasta. Ebb não repara. Está mais melancólica do que jamais a vi. Há lágrimas escorrendo em fios translúcidos por suas bochechas sujas.

Ela agita seu cajado acima do fogo, e as palavras se derramam para dentro das chamas, mas não se queimam:

Nicodemus Petty.

Estou tão chocado, que quase estendo a mão e as agarro. Nicodemus! Nicodemus, que foi para os vampiros!

– Nicky – murmura Ebb. – O único bruxo de todos os tempos a *escolher* morrer com os vampiros. – Ela

enxuga os olhos com a manga da blusa. – Me desculpe, Simon. Eu não deveria falar nele, mas não consigo evitar *pensar* nele nessa época do ano. Os feriados. E ele por aí, sozinho.

– Ele ainda está *vivo?*

Essa era a pergunta errada, ou talvez eu estivesse sendo intenso demais: Ebb enxuga uma nova leva de lágrimas.

– Ainda está por aí – diz ela. – Acho que eu saberia se ele tivesse partido. Eu sempre pude sentir, antes, quando ele estava encrencado.

– Onde ele está? – indago. Sinto que devo soar urgente demais, desesperado demais para saber.

Ebb se volta para o fogo.

– Já te disse, não falo com ele desde o dia em que ele se foi. Eu juro.

– Eu acredito em você – digo. – Me desculpe, sinto muito. Você deve... você deve sentir muita falta dele.

– Como sentiria falta de meu próprio coração – diz Ebb. Ela remexe o fogo com seu cajado e retira as letras, uma por uma.

– Ele estava com eles? – pergunto. – Os vampiros que mataram a mãe de Baz?

O queixo de Ebb se empina.

– Não – ela diz, defensiva. – Perguntei para a própria Senhorita Mary, antes de ela morrer. Ela me jurou que Nicky não estava lá naquele dia. Ele jamais faria algo assim. Nicky não queria matar ninguém. Só queria viver para sempre.

– Você estava aqui quando aconteceu? – pergunto. A expressão dela decai mais do que eu imaginava ser possível.

– Eu estava lá fora com as cabras. Não pude ajudá-la.

– O que aconteceu com a creche? – insisto, temeroso de que em um minuto Ebb estará chorando demais para responder a mais perguntas. – Para onde ela foi?

– Ela se escondeu – diz Ebb, soluçando forte. – Fora enfeitiçada para proteger as crianças, e falhou. Então os feitiços a esconderam. Recolheram-na nas paredes e no piso. Eu a encontrei no porão certa vez.

Depois no coração da Torre Chorona. E aí ela desapareceu.

Eu provavelmente deveria fazer mais perguntas para Ebb. Penny não pararia agora. Baz já estaria com a varinha na mão, exigindo saber de *tudo*.

Em vez disso, apenas me sento com Ebb e fito o fogo fixamente. Às vezes, eu a vejo enxugar os olhos com a ponta do cachecol. Como se estivesse esfregando sujeira de volta no rosto.

– Sinto muito – digo. – Não tinha a intenção de tocar em tantos assuntos dolorosos. Mas há tanta coisa sobre Watford que eu não sei...

– E o que qualquer de nós sabe a respeito de Watford? – Ebb suspira. – Nem as ninfas da Floresta conseguem se lembrar de uma época anterior à Capela Branca.

– Me desculpe.

Ebb se inclina em minha direção e pousa o braço ao redor dos meus ombros. Ela faz isso às vezes. Quando eu era pequeno, adorava. Eu me sentava mais perto dela, para ficar mais fácil de alcançar.

– Ah, vá – diz ela. – Você não tocou no assunto. Ele está sempre em minha mente. De certo modo, é bom conversar a respeito. Tirar um pouco do peso de meu coração, ainda que por um minuto.

Eu me levanto, e ela me segue até a porta. Em seguida, me dá alguns tapinhas nas costas.

– Feliz Natal, Simon – diz ela, passando o cachecol no rosto mais uma vez. – Se você ficar solitário, pode me chamar. Solte um disparo, sim? Eu vou sentir.

Minha nossa, Ebb deve ser tão poderosa quanto o Mago – *soltar um disparo?*

– Vou ficar bem – respondo. – Obrigado, Ebb. Feliz Natal.

Ela abre a porta para mim e eu tento não aparentar pressa para dar adeus – mas assim que ela fecha a porta, começo a correr para a minha casa. Pisoteio neve por todo o caminho até a torre, depois escavo em busca do dinheiro que guardo no fundo do guarda-roupa. Não é muito, mas vai me levar até Hampshire, creio eu.

Tento pegar carona até a estação ferroviária, mas ninguém me apanha. Tudo bem. Sigo correndo.

Chego à estação e compro minha passagem e um sanduíche.

Estou num trem, a uma hora de Watford e a uma hora de Winchester, quando me dou conta de que poderia simplesmente ter pegado emprestado um telefone e ligado.

53.

Baz

Gosto de praticar violino na biblioteca. Meus irmãos e irmãs ainda não têm permissão para vir aqui, e há uma parede de vidraças com moldura de chumbo que dá para os jardins.

Gosto de praticar violino, ponto. Sou bom nisso. E distrai todas as partes do cérebro que só atrapalham. Consigo pensar com mais clareza quando estou tocando. Meu avô também tocava. Ele podia lançar feitiços com seu arco.

Esqueci o violino aqui quando parti para a escola – estava meio pirado das ideias –, e agora estou um pouco enferrujado pela falta de prática. Tenho trabalhado numa canção Kishi Bashi que minha madrasta, Daphne, chama de "desnecessariamente taciturna".

– Basilton... *Sr. Pitch*.

Deixo o instrumento cair de meu queixo e me viro. Vera está de pé perto da porta.

– Me desculpe por interromper, mas seu amigo está aqui para vê-lo.

– Não estou esperando por ninguém.

– É um amigo da escola – diz ela. – Ele está usando uniforme.

Eu largo o violino e ajeito minha camisa.

Acho que pode ser Niall. Ele vem até aqui às vezes. Embora normalmente envie um SMS antes... Não geralmente: sempre. E ele não estaria de uniforme. Ninguém estaria; não em plenas férias.

Acelero o passo, praticamente trotando pela sala de estar e a de jantar, varinha em mãos. Daphne está à mesa com seu notebook. Ela ergue o olhar, curiosa. Eu desacelero.

Quando chego ao saguão, Simon Snow está ali de pé como um cão perdido.

Ou uma vítima de amnésia.

Está usando seu casaco de Watford e botas pesadas de couro, e está coberto de neve e lama. Vera deve ter-lhe dito para ficar sobre o tapete,

porque ele está bem no meio de uma poça das duas coisas.

Seu cabelo está uma bagunça e seu rosto está corado; ele parece estar prestes a perder o controle ali mesmo, sem nenhuma provocação.

Paro na entrada em arco para o saguão, recolho minha varinha na manga da camisa e enfio as mãos nos bolsos.

– Snow.

Ele levanta a cabeça de súbito.

– *Baz.*

– Estou tentando imaginar o que você está fazendo na minha porta... Rolou por uma ladeira íngreme e aterrissou aqui?

– *Baz...* – ele diz outra vez. E espero que consiga desembuchar. – Você... você tá usando uma calça jeans.

Eu inclino minha cabeça.

– Estou. E você tá vestindo metade do terreno até aqui.

– Tive que vir caminhando desde a estrada.

– Foi?

– O taxista ficou com medo de descer pela entrada da sua casa. Ele acha que aqui é mal-assombrado.

– E é.

Ele engole em seco. Snow tem o pescoço mais longo – e engole do jeito mais espalhafatoso – que já vi. Seu queixo se empina e o pomo de adão se levanta – é uma cena.

– Bem – digo eu, arqueando as sobrancelhas muito claramente. – Gentileza sua passar por aqui...

Snow solta um rosnado contido e se adianta, saindo do tapete, retornando em seguida.

– Vim falar com você.

Concordo com um meneio.

– Tudo bem.

– É que...

– Tudo bem – torno a dizer, dessa vez dando uma colher de chá pra ele. Não quero que ele fique tão frustrado a ponto de ir embora. (Não quero que Snow vá embora nunca.) – Mas você não pode entrar em casa desse jeito. Como *conseguiu* ficar assim?

– Já falei. Vim andando desde a estrada principal.

– Você poderia ter lançado um feitiço para continuar limpo.

Ele franze a testa para mim. Snow nunca lança feitiços em si mesmo – ou em outra pessoa – se puder evitar. Eu retiro minha varinha do punho da camisa e a aponto para ele. Ele se encolhe, mas não me manda parar. Lanço um **Brilhando de limpo!** em suas botas. A lama some em um rodopio e eu abro a porta da frente, lançando a bagunça pra fora com minha varinha.

Quando fecho a porta, Snow está retirando seu casaco ensopado. Ele está usando a calça da escola e o suéter vermelho, e suas pernas e cabelo ainda estão molhados. Torno a erguer a varinha.

– Estou bem – diz ele, me impedindo.

– Você vai ter que tirar suas botas – digo. – Elas ainda estão pingando.

Ele se agacha para desamarrá-las, a calça de lã molhada se esticando ridiculamente sobre as coxas...

E então Simon Snow está de pé em meu saguão, os pés metidos em meias vermelhas.

Todo o sangue que tenho em mim sobe para minhas orelhas e bochechas.

– Venha, Snow. Vamos... conversar.

54.

Simon

Acompanho Baz de uma sala gigante para a outra. A casa dele não é um castelo, acho, mas é bem próxima disso.

Passamos por uma sala de jantar que parece algo saído de *Downton Abbey*, e há uma mulher na mesa, trabalhando em um notebook prateado brilhante.

Ela pigarreia, e então Baz me apresenta.

– Mãe, você deve se lembrar do meu colega de quarto, Simon Snow.

Ela já deve ter me reconhecido, mas ainda parece chocada, o que me lembra de me questionar sobre o que diabos estou fazendo aqui. Na Casa dos Pitches, porra.

Algo em que eu deveria ter pensado no trem, ou no táxi, ou até mesmo caminhando os oito

quilômetros desde a estrada principal até a porta da frente da casa de Baz.

Eu nunca penso.

– Snow – diz Baz. – Você já conheceu minha madrasta, Daphne Grimm.

– É um prazer vê-la, Sra. Grimm – digo.

Ela ainda parece chocada.

– O prazer é meu, Sr. Snow. Está aqui em algum assunto oficial?

Não sei o que ela quer dizer; eu nunca tenho assuntos oficiais.

Baz balança a cabeça, tentando interromper seja lá qual for a expressão no rosto dela.

– Ele só está aqui de visita, mãe. Temos um projeto no qual estamos trabalhando juntos, um projeto de escola. E você não precisa chamá-lo assim. Pode chamá-lo apenas de Simon.

– *Você* não me chama de Simon – resmungo.

– Estaremos lá em cima, no meu quarto – diz Baz, me ignorando.

Sua madrasta pigarreia.

– Mandarei chamar quando o jantar estiver pronto.

– Obrigado – diz Baz, e volta a se mover, me levando para subir uma escadaria tão elegante, que há estátuas construídas nela: mulheres nuas segurando círculos de luz. Não consigo identificar se são luzes elétricas ou mágicas, mas faz sentido ter iluminação embutida em sua escadaria quando tudo mais em sua casa é de madeira escura ou vermelho-escuro, e as janelas ficam tão distantes, que o meio da casa parece o fundo do oceano.

Tento manter o passo com ele. Ainda não consigo acreditar que ele esteja usando jeans. Acho que ele não usaria o uniforme fora da escola, mas sempre imaginei Baz relaxando em casa em ternos e coletes – com, tipo, lenços de seda em volta do pescoço.

Quero dizer... o jeans dele parece realmente caro. Escuro. E justo da cintura até os tornozelos, sem parecer apertado.

Me pergunto por um momento se ele está me levando para uma armadilha. Ele não sabia que eu estava vindo, mas casas como essa não *vêm* com

armadilhas embutidas? Ele provavelmente vai puxar um cordão borlado de preto e me lançar no calabouço, assim que eu terminar de contar o que sei.

Chegamos a um longo corredor, e Baz abre uma porta alta em arco, levando a um quarto. O dele.

O quarto é outra piada de vampiro: as paredes têm painéis de tecido vermelho, e a cama dele é monstruosamente grande e decorada com gárgulas. (Tem *gárgulas*. Na *cama*.)

Ele fecha a porta depois de eu entrar e se senta num baú no pé da cama. Há gárgulas ali também.

– Tudo bem, Snow – diz ele. – O que diabos você está fazendo aqui?

– Você me convidou – digo. Que desculpa esfarrapada. O cúmulo de esfarrapada.

– É por isso que você está aqui? Para o Natal?

– Não. Estou aqui porque tenho algo pra te contar. Mas você me *convidou*, mesmo.

Ele balança a cabeça como se eu fosse um idiota.

– Apenas me conte. É sobre minha mãe?

– Eu descobri quem é Nicodemus.

Isso chama sua atenção. Ele torna a se levantar.

– *Quem?*

– Ele é o irmão de Ebb.

– Ebb, sua namorada?

– Ebb, a pastora de cabras.

– Ela não tem um irmão.

– Tem, sim – digo. – Gêmeo. Ele foi apagado do Livro quando se tornou um *vampiro*.

Eu juro que o rosto de Baz fica ainda mais pálido.

– O irmão de Ebb foi Transformado? Eles o riscaram do Livro por causa disso?

– Não, ele se juntou aos vampiros por conta própria. Voluntariamente.

– O quê? – Baz pergunta, com desprezo. – Não é assim que funciona, Snow.

Eu dou um passo para dentro do espaço dele.

– E como é que *funciona*, Baz?

– Você não se *junta a eles*, porra.

– Esse Nicodemus se juntou. Até tentou convencer Ebb a ir com ele.

– Ebb. A *pastora de cabras*. Ela tem um irmão chamado Nicodemus, de quem ninguém ouviu

falar...

– Eu te disse. Nós não ouvimos falar sobre ele porque ele foi *riscado*. É por isso que Ebb mora em Watford. Sua mãe deu a ela um emprego, de modo que ela não se juntasse ao irmão. Ambos são praticamente super-heróis, acho, e todos tinham medo de que eles se unissem e virassem supervampiros.

– Ebb conhecia minha mãe?

– Sim. Sua mãe deu um emprego a Ebb.

Baz está de pé, como se quisesse socar alguma coisa – ou drená-la até secar.

– Bem, e onde esse Nicodemus está agora? – indaga ele.

– Ebb não sabe. Ela não deveria falar com ele. Nem mesmo deveria falar sobre ele.

Baz solta outro sorrisinho de escárnio, depois me lembra de que ele realmente é um supervampiro, um supervilão:

– Não sabe, é? Bem – diz ele –, veremos.

Coloco minha mão sobre o peito dele. Não tenho que me aproximar mais para alcançá-lo.

– Não – digo, firme. – Ebb não sabe onde Nicodemus está. Nós não vamos falar com ela de novo.

Baz engole em seco e lambe o lábio inferior, rosa acinzentado.

– Vou falar com a pastora de cabras se eu achar que devo, Snow.

– Não se quiser a minha ajuda. – Mantenho minha mão em seu peito, pois sinto que ele ainda precisa ser contido, mas não posso acreditar que ele está permitindo que eu o faça.

A mão dele voa e se fecha ao redor do meu pulso. (Como se ele tivesse lido minha mente.) (Isso é coisa de vampiro?)

– Ótimo – diz ele, empurrando meu pulso para baixo. – Então *como* vamos encontrar Nicodemus?

– Eu não planejei. Vim para cá assim que deixei Ebb.

– Bem, o que a Penélope acha?

– Ainda não falei com ela.

– Onde ela está?

– Não sei... eu te disse, não conversei com ela. Vim direto pra cá.

Baz parece confuso.

– Você veio direto pra cá?

– Você preferiria que eu tivesse esperado para te contar depois das férias?

Ele estreita os olhos e umedece os lábios novamente. Pouso as mãos nos meus quadris, só para ter o que fazer com elas.

– E você? – pergunto. – Fez algum progresso?

Ele desvia o olhar.

– Não. Quero dizer, estive lendo muitos livros sobre vampiros.

Eu consigo me segurar para não soltar "autoajuda?". Em vez disso, pergunto:

– E o que você descobriu?

– Que eles estão todos mortos e são maus e gostam de matar bebês.

– Hmm – digo. – Alguma menção sobre batatas chips com sal e vinagre?

Baz come isso na cama quando acha que estou dormindo, depois espana as migalhas para o espaço

entre as nossas camas.

Ele me encara, expressão fechada, depois se afasta, indo até sua escrivaninha.

– Ninguém sabe nada sobre os vampiros – diz ele, mexendo com uma caneta. – Não de verdade. Talvez eu devesse apenas ir lá conversar com eles.

Ouve-se uma batida na porta, e ela se abre de repente.

– Você deveria bater! – Baz dispara, antes mesmo que a menina pise dentro do quarto. É a irmã dele, acho. Ela ainda é muito nova para Watford. Se parece com a madrasta de Baz, com cabelos escuros e bonita, mas não como Baz e sua mãe – eles foram desenhados em linhas mais fortes do que isso.

– Eu bati – retruca ela.

– Bem, você tem que esperar que eu diga "pode entrar".

– Mamãe disse que você tem que descer para o jantar.

– Ótimo – diz ele.

Ela fica ali.

– Vamos descer logo. Vá embora.

A menina revira os olhos e deixa a porta se fechar. Baz volta a pensar e mexer com a caneta.

– Bem, é melhor eu voltar. Mande uma mensagem se ouvir mais alguma coisa. Você pode tentar ligar, mas não acho que haja alguém atendendo ao telefone da escola durante as férias.

– O quê? – Ele me olha com cara feia.

– Disse que me mande uma mensagem se...

– Você não vai embora agora.

– Eu te disse tudo o que sei.

– Snow, você veio no último trem, depois caminhou por uma hora. Não comeu durante todo o dia, e seu cabelo ainda está molhado. Você não vai a lugar nenhum hoje.

– Bem, não posso ficar *aqui*.

– Você ainda não explodiu em chamas.

– Baz, escute...

Ele me interrompe com um gesto.

– Não.

55.

Baz

Snow estava um desastre no jantar.

O que talvez eu tivesse desfrutado, se não estivesse tão desesperado para que ele ficasse.

Tudo em seu prato parecia confundi-lo, e ele alternava entre encarar sua comida miseravelmente e devorar tudo à sua frente, pois estava claramente faminto.

Daphne se esforçou para fazer com que ele se sentisse confortável, e as crianças apenas o fitavam fixamente. Até elas já tinham ouvido falar do Herdeiro do Mago.

Meu pai parece achar que eu tenho algum plano sombrio em ação. (Acho que eu tenho mesmo um plano sombrio, mas desta vez não tem nada a ver com incapacitar Snow.) Ele – meu pai – me puxou de

lado após o jantar e perguntou se eu queria que ele chamasse as Famílias para ajudar em algo.

– Não – respondi. – Por favor, não faça isso. Snow só está aqui por causa de um projeto da escola.

Meu pai praticamente piscou pra mim.

Pensei em contar para ele. Que minha mãe tinha voltado, procurando por mim. Mas e se ele perguntar por que ela não voltou para ele? E se ele levar o assunto para as Famílias? Eles jamais compreenderiam por que eu estava trabalhando com Snow e Bunce. E, neste momento, Snow e Bunce parecem ser os melhores aliados que eu poderia ter. Completamente confiáveis, sem qualquer senso de autopreservação. Eu já vi esses dois desvendarem conspirações e vencerem monstros diversas vezes.

Snow ainda está jantando. Daphne fica oferecendo mais, por educação, e Snow continua aceitando.

Eu nunca de fato tinha me sentado à mesa *com* Snow. Eu me permito observá-lo e me permito desfrutar disso, ao menos por alguns minutos. Fico fazendo isso desde que tudo começou – me dando

ao luxo. (Como é mesmo aquele ditado sobre comer a sobremesa primeiro, quando se está no *Titanic*?)

As maneiras de Snow à mesa são atrozes – é como assistir a um cão selvagem comendo. Um cão selvagem cujo prato dá vontade de puxar para longe.

Depois do jantar, vamos para a biblioteca, e eu mostro a ele o que descobri a respeito de vampiros. Ele fica se afastando de mim, e eu finjo não reparar. Provavelmente, deveríamos chamar Bunce e ver o que ela acha disso tudo – vou sugerir isso amanhã.

Não há nada em nossa biblioteca a respeito de nenhum Nicodemus. Eu já procurei, mas procuro de novo. Fico na porta e lanço um **Pente fino: Nicodemus Petty!**. Nenhum dos livros sai voando das prateleiras.

Encontramos, contudo, algumas menções à família Petty, então é isso que lemos. É uma família antiga do East End – uma das grandes –, e, no espaço entre algumas gerações, sempre revelam um prodígio como Ebb. Se Snow não tivesse aparecido, Ebb poderia ser a bruxa mais poderosa de nosso

mundo – e pensar que ela desperdiça isso tudo em cabras e choramingos.

– Você acha que teria entrado no *Registro*? – pergunta Snow. – Quando Nicodemus foi para o outro lado?

– Não sei – digo. – Talvez não. Eles provavelmente quiseram manter tudo à surdina, e não parece que ele tenha ferido alguém.

– Qual o sentido de se transformar num vampiro – diz Snow – se você não está planejando ferir ninguém?

– Qual o sentido de se transformar num vampiro? – pergunto.

– Me diz você.

Eu engulo meu mau gênio e então engulo de novo, e continuo olhando para um livro.

Snow atravessa a sala e se senta à minha frente na mesinha, puxando uma cadeira acolchoada.

– Não – diz ele. – Estou falando sério. Por que Nicodemus faria isso?

– Está me pedindo para elaborar uma teoria?

Ele assente.

– Para se tornar mais forte – digo. – Fisicamente.

– Mais forte quanto? – pergunta Snow.

Eu dou de ombros.

– Você teria que perguntar para ele. Eu não tenho como comparar, porque eu não me lembro de ser normal.

– Que mais? – pergunta ele.

– Para se aprimorar... aprimorar seus sentidos.

– Tipo, para enxergar melhor?

– No escuro – digo. – E escutar melhor. E sentir cheiros de modo mais aguçado.

– Para viver pra sempre?

Eu balanço a cabeça.

– Não acho. Não acho que funcione assim. Mas ele jamais... ficaria doente.

Snow baixa as sobrancelhas.

– Mas se é assim, por que todo mundo não vai para o outro lado?

– Porque é a *morte* – digo.

– Claramente não é.

– Dizem que a sua alma morre.

– Isso é bobagem – diz ele.

– Como é que *você* sabe, Snow?

– *Observação.*

– Observação – repito. – Você não pode *observar* uma alma.

– Pode, sim, ao longo do tempo – diz ele. – Acho que eu saberia...

– É a *morte* – digo –, porque você precisa devorar vida para continuar vivo.

– Isso vale para todo mundo – diz ele. – Isso é comer.

– É morte – digo, recusando-me a elevar minha voz –, porque quando você está com fome, não consegue parar de pensar em comer outras pessoas.

Snow se recosta. Sua boca está aberta – porque ninguém nunca o ensinou a fechá-la. Ele cutuca o lábio inferior com a língua. Eu penso em lamber sangue daquele lábio.

– É morte – digo, olhando para baixo, para o meu livro –, porque você olha para outras pessoas, pessoas vivas, e elas parecem estar muito longe. Parecem algo diferente. O modo como os pássaros parecem algo diferente. E estão cheios de algo que

você não tem. Você pode tirar isso deles, mas ainda assim não vai ser seu. Eles estão cheios e... você está faminto. Você não está vivo. Está apenas faminto.

– Você precisa estar vivo para estar faminto – diz Snow. – Precisa estar vivo para mudar.

– Talvez *você* devesse escrever um livro sobre vampiros – digo.

– Talvez eu devesse. Aparentemente, sou o maior especialista mundial.

Quando olho para cima, Snow está me encarando diretamente.

Posso sentir a cruz ao redor do pescoço dele como estática em minhas glândulas salivares, mas ela nunca foi menos desencorajadora. Eu poderia derrubá-lo agora mesmo. (Beijá-lo? Matá-lo? Improvisar?)

– Você deveria perguntar aos seus pais – diz Snow.

– Se eu estou *vivo?*

Cacete! Eu não queria dizer isso assim. Ceder, ainda que só um pouquinho.

Snow fecha a boca. Engole. É ali que eu o morderia, bem na garganta.

– *Quis dizer* que você deveria perguntar se eles se lembram de Nicodemus. Talvez saibam onde ele está.

– Não vou perguntar aos meus pais sobre o único bruxo a fugir para se juntar aos vampiros – digo. – Você é um idiota *completo*?

– Ah, é – diz ele. – Acho que não tinha pensado sob esse ponto de vista.

– Você não pensou – eu digo. E então: – Ah. Ah, ah, *ah!*

Simon

Baz sobe os degraus correndo de novo, então eu corro atrás dele. Não vimos mais ninguém desde o jantar. Esta casa é tão grande, que poderia absorver uma multidão e ainda parecer vazia.

Estamos agora em uma ala diferente. Outro corredor comprido. Baz para diante de uma porta e começa a lançar feitiços para desarmar.

– Tão previsivelmente paranoica – resmunga ele.

– O que estamos fazendo? – pergunto.

– Procurando por Nicodemus.

– Acha que ele pode estar morando aqui?

– Não – diz ele. – Mas...

A porta se abre e adentramos outro quarto gótico assustador. Esse é como se representasse Gótico ao Longo dos Tempos, porque além das gárgulas há cartazes de astros do rock dos anos 1980 e 1990 usando quilos de delineador preto. E alguém até escreveu *Never Mind the Bollocks* em tinta spray amarela numa das paredes, arruinando o antigo papel de parede preto e branco.

– De quem é esse quarto? – pergunto.

Baz se agacha perto de uma estante de livros.

– Da minha tia Fiona.

Eu recuo até a porta.

– O que estamos fazendo aqui?

– Procurando por algo... – Um segundo depois, ele puxa um grande livro de *scrapbook* com "Lembrança da Magia" gravado na frente em dourado. – Arrá! Tenho certeza de que Fiona frequentou a escola com Ebb. Eu já a ouvi falar sobre ela. Muito mal, prometo. Mas ela nunca mencionou o irmão de Ebb...

Baz folheia as páginas. Eu me agacho perto dele.

– O que é isso?

– É um livro de lembranças – diz ele. – Eles costumavam distribui-los em Watford antes que o Mago assumisse. No baile de despedida. Tem fotos de cada ano e historinhas... – Ele abre o livro em uma página cheia de fotos. Isso me faz desejar que eu tivesse algo parecido. Não tenho uma foto sequer de mim ou de meus amigos. Agatha tem algumas, acho.

Baz voltou-se para a parte de trás do livro e está observando uma grande foto da classe, espremendo os olhos.

Debaixo da foto, alguém colou algumas outras.

– Olha – digo, apontando para a foto de uma garota sentada contra uma árvore: o teixo. Ela tem um cabelo escuro maluco com uma mecha loira, e está sorrindo, nariz franzido e língua entre os dentes. Há um garoto esquelético sentado perto dela, com o braço jogado ao redor de seus ombros. – Ebb – digo. Porque o cabelo loiro e liso é igual. E os malares afiados. Mas jamais vira Ebb parecendo tão

segura de si, e não consigo imaginá-la sorrindo daquele jeito. Debaixo da foto, alguém escreveu "Eu e Nickels", e no lugar do pingo no *i*, desenhou um coração.

– *Fiona!* – exclama Baz, fechando o livro com um estrondo.

Eu o pego dele e abro de novo, ajeitando-o no chão e recostando-me contra a cama. Há algumas páginas para cada ano que Fiona passou na escola – com grandes fotos da classe e páginas brancas nas quais se podiam colocar outras fotos e certificados. Não é difícil encontrar Fiona em cada foto posada com a classe – aquela mecha loira deve ser natural – e então encontrar Ebb e Nicodemus, sempre juntos em pé, parecendo quase exatamente iguais, mas completamente diferentes. Ebb se parece com Ebb, gentil e insegura, em todas as fotos. Nicodemus parece que está prestes a tramar um plano. Mesmo no primeiro ano.

Encontro outra foto de Nicodemus com a tia de Baz, dessa vez posando em fantasias antiquadas.

– Você sabia que Watford tinha um clube de teatro? – pergunto.

– Watford tinha muita coisa antes do Mago. – Baz toma o livro de mim e o devolve à prateleira. – Venha.

– Para onde estamos indo?

– Agora? Para a cama. Amanhã? Londres.

Devo estar cansado, porque nenhuma dessas declarações faz sentido para mim.

– Venha – diz Baz. – Vou levá-lo ao seu quarto.



Meu quarto se revela a coisa mais assustadora até então: há um dragão pintado na passagem em arco na porta, e seu rosto foi encantado para brilhar e seguir você no escuro.

Além disso, tem alguma coisa embaixo da cama.

Não sei *o que* exatamente, mas a coisa geme, estala e faz as travas da cama chacoalharem. Acabo na porta do quarto de Baz, dizendo a ele que vou voltar para Watford.

– O quê? – Ele está semiadormecido quando vem até a porta. E corado; deve ter saído para caçar depois que fui para a cama. Ou talvez mantenham suprimentos para ele por perto da casa.

– Estou indo embora – digo. – Aquele quarto é mal-assombrado.

– A casa toda é mal-assombrada, eu te disse.

– Estou indo embora.

– O que é isso, Simon. Você pode dormir no meu sofá. As fúrias não ficam por aqui.

– Por que não?

– Eu as assusto.

– Você *me* assusta – resmungo, e ele joga um dos travesseiros na minha cara. (O travesseiro tem o cheiro dele.)

Eu me dou conta, enquanto me acomodo em seu sofá, de que não estou falando sério. Sobre ele me assustar.

Eu costumava falar isso a sério. Normalmente falo.

Mas ele é a coisa mais familiar nesta casa, e eu durmo melhor escutando Baz respirar do que tenho

dormido desde que as férias de inverno começaram.

56.

Fiona

Tudo bem, Natasha, sei que eu não deveria ter contado nada pra ele.

Você não teria contado.

Ele desliza para dentro do meu apartamento procurando encrenca. *Sendo* uma encrenca a cada maldito momento em que está vivo.

– Me fale sobre o Nicodemus – diz ele, como se já soubesse de tudo o que precisa saber.

Ele tem ciência de que é o meu favorito, esse é o problema. Ele seria, mesmo que você tivesse uma ninhada de filhotes. Arrogante como Mick Jagger, esse aí. E esperto como ele só.

– Quem andou te falando sobre o Nicodemus? – pergunto.

Ele se senta em minha mesinha grotesca e começa a tomar meu chá, mergulhando meu último biscoito de lavanda nele.

– Ninguém – diz ele. *Mentiroso.* – Só ouvi falar que ele é como eu.

– Um fedelho maquinador?

– Você sabe o que eu quero dizer, Fiona.

– Belo terno, Basil, onde você vai?

– Dançar.

Ele está vestindo suas melhores roupas. Spencer Hart, se não me engano. Como se estivesse indo buscar seu BAFTA.

Eu me sento diante dele.

– Ele não se parece em nada com você – digo.

– Você deveria ter me contado – diz ele. – Que eu não era o único.

– Ele escolheu isso. Ele foi para o outro lado.

– E o que importa se eu escolhi ou não, Fiona? O resultado é o mesmo.

– De modo algum – digo a ele. – Ele deixou o nosso mundo. *Deixou*. Disse que iria evoluir.

Ele disse que seria mais do que mágico.

"Você é poderoso o bastante agora, Nicky."

"E o que é que dizemos sobre 'bastante', senhorita Pitch?"

Sua gravata da escola enfiada no bolso do casaco. Aquele sorriso frio e cruel.

– Ele nos traiu, Basil. – Eu sinto a raiva antiga, todos os sentimentos antigos, subindo por minha garganta.

– E ele foi riscado – diz meu sobrinho.

– Porque era um traidor – digo.

– Porque ele era um vampiro – diz Baz, e não posso evitar, aquela palavra ainda me faz encolher.

Não era para ser *eu*, Natasha. Contando a esse menino como trilhar seu caminho no mundo. Não sou boa nisso. Olha só pra mim. Trinta e sete anos, estalando minhas juntas, vestida num roupão, comendo biscoitos no café da manhã sempre que consigo me levantar... sou uma vergonha.

O que *você* diria a ele se estivesse aqui?

Não... deixa pra lá. Sei o que você diria – e você estaria *errada*.

Pelo menos nesse sentido eu fui melhor do que você. Fui fraca o bastante para dar uma chance ao seu filho. E olhe só pra ele agora: pode estar morto, mas não está perdido. Ele é sombrio como um poço e afiado como uma lâmina, e está cheio da sua magia. Ele é uma fogueira. Ele te deixaria orgulhosa, Tasha.

– Você não vai ser riscado, Basil – digo a ele. – É com isso que está preocupado? Ninguém sabe a seu respeito e, ainda que descubram, o que não vai acontecer, eles sabem que não podemos abrir mão de você. As Famílias estão finalmente prontas para contra-atacar o Mago. Está tudo acontecendo.

Ele lambe o lábio inferior e olha pela minha janelinha. O sol ainda está no céu, e sei que isso o incomoda, mesmo que ele não reclame. Solto a cortina, e minha cozinha cai nas sombras.

– Ele ainda está vivo? – pergunta Baz. – Nicodemus?

– Acho que sim. De certa forma. Nunca ouvi nada que sugerisse o contrário.

– E você *teria* ouvido?

Há um maço de cigarros na mesa. Eu acendo um com minha varinha e tiro alguns bons tragos, batendo as cinzas num pires.

– Você sabe que as Famílias usam minhas conexões em Londres...

– O que isso significa, Fiona?

– Converso com gente com quem mais ninguém quer papo. Indesejáveis. Não me preocupo em sujar as mãos de vez em quando.

E aí, irmã, ele arqueia uma das sobrancelhas para mim.

Solto um pouco de fumaça.

– Pfff. Não nesse sentido, seu pervertido.

– Então Nicodemus é um indesejável – conclui ele.

– Não temos permissão para falar sobre ele. É a lei dos bruxos.

– Você *me* deletaria com tanta facilidade?

– Ah, porra, Baz, você sabe que não. Do que você está falando?

– Não posso evitar certa curiosidade. – Ele se inclina em minha direção por cima da mesa. – Ele

está vivo? Ele caça? Ele envelheceu? Ele Transformou alguém?

– Nicodemus Petty não tem nenhuma resposta pra você, rapazinho. – Estou apontando meu cigarro para ele, então o apago antes que eu o incinere por acidente. – Ele é um gângster de merda, um bandidinho de terceira num filme do Guy Ritchie. Pensou que seria o überbruxo, mas acabou atirando dados na sala dos fundos de algum bar de vampiros em Covent Garden. Jogou toda a sua vida no lixo, e feriu todos que o amavam. *E* não há nada que você possa aprender com ele, Basil. Além de como ser um vampiro de merda.

A sobrancelha de Baz continua erguida. Ele bebe o resto do meu chá.

– Certo – diz ele. – Você deixou claro seu ponto de vista.

– Que bom. Vá pra casa e estude.

– Estou de férias.

– Vá pra casa e descubra como derrubar o Mago.

– Eu te disse. Estou indo dançar.

Olho de novo para o terno dele e para seus sapatos pretos brilhantes.

– Basil. Você encontrou um cara?

Ele sorri, e ele é todo feito de encrenca. Nós deveríamos tê-lo soltado no Tâmisa dentro de um saco com pedras. Deveríamos tê-lo deixado para as fadas.

– Algo assim.

57.

Agatha

Estou sentada no balcão da casa de Penélope, espalhando cobertura cor-de-rosa em outra bonequinha de biscoito de gengibre.

– Por que as bonequinhas de biscoito de gengibre têm que usar cor-de-rosa? – pergunta Penny.

– E por que as bonequinhas de biscoito de gengibre deveriam sentir que não devem usar rosa? – indago. – Eu gosto de cor-de-rosa.

– Só porque você foi condicionada a gostar de rosa pelas Barbies e Lego direcionados a gêneros específicos.

– Deixa disso, Penny. Nunca brinquei com Lego.

Passar algum tempo com Penny está sendo melhor do que eu poderia imaginar. Quando ela me encurralou no pátio antes de partirmos de férias,

pensei que fosse me dar uma bronca por abandonar Simon.

– Oi – dissera ela. – Ouvi falar que Simon não vai passar o Natal em sua casa.

– Porque não estamos mais namorando, Penélope. Feliz agora?

– De modo geral, sim – disse ela –, mas não porque vocês terminaram.

É impossível dar um basta numa conversa com a Penny. Você pode ser rude, pode ignorá-la – ela é inabalável.

– Agatha – disse ela –, você acha honestamente que quero *ficar* com o Simon?

Eu acho que Penny quer ser a pessoa mais importante na vida do Simon, então isso é um sim ou um não?

– Não sei, Penélope. Mas sei que você não quer que *eu* fique com ele.

– Porque vocês dois pareciam estar sofrendo horrores!

– Isso não era da sua conta!

– É claro que era! – disse ela. – Vocês são *meus amigos*.

Revirei os olhos de maneira muito óbvia, mas ela prosseguiu.

– Mas não é sobre isso que eu queria falar com você – falou Penny, direta. – Ouvi dizer que o Simon não vai mais para a sua casa no Natal. E ele não pode vir para a minha, pois minha mãe está furiosa com o Mago; mas pensei que talvez ainda pudéssemos passar um tempo juntas e fazer biscoitos e trocar presentes.

Nós sempre fazemos isso, todo ano, nós três.

– Sem o Simon?

– Certo, como eu disse, minha mãe está com a pulga atrás da orelha com o Simon.

– Mas nós nunca passamos tempo juntas sem o Simon – argumentei.

– Isso porque ele está sempre por perto – disse Penny. – Só porque vocês se separaram, não significa que nós não sejamos mais amigas, você e eu.

– Somos amigas?

– Por Nicks e Slick, espero que sim! – disse Penny. – Só tenho três amigos. Se *nós* não somos amigas, estou reduzida a dois.



– O que vocês estão fazendo, meninas? – A mãe de Penny vem para a cozinha carregando seu notebook, como se não pudesse deixá-lo pelo tempo de fazer uma xícara de chá. Seu cabelo está para cima em um coque desarrumado, e ela está vestindo o mesmo cardigã e tênis que usava quando cheguei aqui ontem. Minha mãe sequer deixaria o quarto vestida desse jeito.

A Professora Bunce ensina História da Idade Média em uma universidade Normal, e é uma historiadora mágica. Ela publicou toda uma prateleira de livros bruxos, mas não ganha nenhum dinheiro fazendo isso. Não existem bruxos o bastante para apoiar as artes e as ciências mágicas como carreiras. Meu pai ganha bem como médico mágico porque ele é um dos poucos com o treinamento adequado, e todo mundo precisa de

um médico. O pai de Penny ensinava Linguística numa universidade local, mas agora trabalha em tempo integral para a Irmandade, pesquisando o Insípidum. Ele tem até sua própria equipe de investigadores, que trabalha com ele no laboratório do andar de cima. Já estou aqui há quase dois dias e ainda não o vi.

– Ele só sai para pegar chá e sanduíches – disse Penny quando lhe perguntei a respeito. Ela também tem alguns irmãos mais novos; eu os reconheço de Watford. Há um acampado na sala de estar agora mesmo, assistindo o equivalente a três meses de *Eastenders*, e ao menos mais um lá em cima, preso à internet. Todos eles são terrivelmente independentes. Acho que eles nem têm horários de refeições. Apenas vagam até a cozinha em busca de tigelas de cereal e torradas com queijo.

– Estamos fazendo biscoitos de gengibre – diz Penny, em resposta à mãe. – Para o Simon.

– Dá um tempo, Penélope – diz a mãe dela, colocando o notebook no balcão e conferindo nossos biscoitos. – Você vai ver o Simon em uma ou

duas semanas, tenho certeza de que ele irá reconhecê-la. Ah, Agatha, francamente, será que as bonequinhas de gengibre *têm* que usar cor-de-rosa?

– Eu gosto de cor-de-rosa – digo.

– É bom ver vocês, meninas, passando algum tempo juntas – diz ela. – É bom ter uma vida que passe no teste de Bechdel.[5]

– Porque a nossa casa está fervilhando com as *suas* amigas – resmunga Penny.

– Não tenho amigas – diz a mãe dela. – Tenho colegas. E filhos. – Ela apanha uma das minhas bonecas de biscoito de gengibre e dá uma mordida.

– Bem, eu não estou evitando outras garotas – diz Penny. – Estou evitando outras *pessoas*.

– Eu tenho muitas amigas – digo. – Queria poder ir para a escola com elas. – Não pela primeira vez hoje, penso que estou desperdiçando um dia com minhas amigas de verdade, minhas amigas Normais, só para agradar Penélope.

– Bem, você vai estar com elas no ano que vem, na universidade – me diz a mãe dela. – O que você vai estudar, Agatha?

Dou de ombros. Ainda não sei. Não deveria ter que saber – só tenho dezoito anos. Não estou *destinada* a nada. E meus pais não me tratam como se eu tivesse que me elevar à grandeza. Se Penny não descobrir a cura do câncer e encontrar as fadas, acho que sua mãe ficará ligeiramente desapontada.

A Professora Bunce franze o cenho.

– Hmm. Tenho certeza de que você vai dar um jeito. – A chaleira clica e ela serve seu chá. – Querem uma xícara fresquinha, meninas? – Penny estende a dela, e sua mãe pega a minha xícara também. – Na idade de vocês, eu tinha amigas; tive uma melhor amiga, Lucy... – Ela ri, como se lembrasse de algo. – Éramos unha e carne.

– Ainda são amigas? – pergunto.

Ela coloca nossas canecas no balcão e olha para mim, como se só estivesse prestando atenção de leve à nossa conversa até aquele momento.

– Eu seria – disse ela –, se ela aparecesse. Lucy partiu para a América alguns anos depois da escola. Nós não nos vimos mais depois que saímos de Watford, de qualquer maneira.

– Por que não? – indaga Penny.

– Eu não gostava do namorado dela – diz a mãe.

– Por quê? – pergunta Penny. Deus, os pais de Penny devem ter ouvido essa pergunta umas cem mil vezes a essa altura.

– Eu achava que ele era controlador demais.

– Foi por isso que ela partiu para a América?

– Acho que ela partiu quando eles terminaram. – A Professora Bunce parece estar decidindo o que dizer em seguida. – Na verdade... Lucy estava namorando o Mago.

– O Mago tinha uma *namorada?* – pergunta Penny.

– Bem, nós não o chamávamos de Mago na época – diz a mãe dela. – Nós o chamávamos de Davy.

– O Mago tinha uma *namorada* – diz Penny novamente, rindo. – E um *nome*. Mãe, eu não sabia que você tinha ido para a escola com o Mago!

A Professora Bunce toma um gole de chá e dá de ombros.

– Como ele era? – pergunta Penny.

– Igualzinho é agora – diz a mãe dela. – Só que mais jovem.

– Ele era bonito? – pergunto.

Ela faz uma careta.

– Não sei. Você acha que ele é bonito agora?

– Argh, não – diz Penny, ao mesmo tempo em que eu digo "sim".

– Ele *era* bonito – admite a Professora Bunce –, e carismático à sua maneira. Lucy arrastava um caminhão por ele. Ela o achava um visionário.

– Mãe, você tem que admitir – diz Penny –, ele realmente era um visionário.

A Professora Bunce faz outra careta.

– Ele queria que tudo fosse feito do seu jeito, mesmo naquela época. Tudo era preto e branco com Davy, sempre. E se Lucy não concordasse... bem, Lucy sempre concordava. Ela se perdeu nele.

– Davy... – diz Penélope. – Tão estranho.

– Como a Lucy era? – pergunto.

A mãe de Penny sorri.

– Brilhante. Ela era *poderosa.* – Seus olhos se iluminam com essa palavra. – E forte. Ela jogava

rúgbi com os meninos, eu me lembro disso. Certa vez, tive que consertar sua clavícula no campo, foi uma loucura. Ela era uma garota do interior, com ombros largos e cabelo loiro, e tinha os olhos mais azuis...

O pai de Penny entra na cozinha.

– Pai! – diz Penny. – Será que *agora* nós podemos conversar?

O outro Professor Bunce tropeça na direção da chaleira e a liga. A mãe de Penny a desliga e a leva até a pia para acrescentar água, e ele beija sua testa.

– Obrigado, amor.

– *Pai* – diz Penny.

– Sim... – Ele vasculha a geladeira. É um homem pequeno, mais baixo do que a mãe de Penny. Tem cabelo loiro acinzentado lembrando areia, e um nariz grande e esparramado. Usa óculos redondos com armação de arame, fora de moda, enfiados na cabeça. Todo mundo na família de Penny usa óculos fora de moda.

Dizem as más línguas que o pai de Penny não tem nem metade do poder da mãe dela; minha mãe diz

que ele só entrou em Watford porque seu pai dava aulas lá. A mãe de Penny é tão esnobe com poder, que é difícil imaginá-la casada com um fiasco.

– Pai, se lembra? Eu precisava conversar com você.

Ele está empilhando comida nos braços: dois iogurtes. Uma laranja. Um pacote de biscoitos de camarão. Apanha uma bonequinha de biscoito de gengibre, e repara em mim.

– Ah, oi, Agatha.

– Oi, Professor Bunce.

– Martin – diz ele, já saindo. – Me chame de Martin.

– *Pai.*

– Sim, suba aqui, Penny. Traga meu chá, sim?

Ela espera pelo chá dele, depois pega mais algumas bonequinhas de gengibre – eles estão comendo mais rápido do que eu consigo decorá-las – e o segue escada acima.

– Por que eles terminaram? – pergunto para a Professora Bunce depois que Penny e seu pai saem.

Ela está encarando seu notebook, segurando o chá, esquecido, a meio caminho de sua boca.

– Hmm?

– Lucy e Davy.

– Ah. Eu não sei – ela responde. – Já havíamos perdido o contato àquela altura. Imagino que ela finalmente tenha percebido que ele era um cretino e precisou atravessar um oceano para se livrar dele. Você pode imaginar ter o *Mago* como ex? Ele está em todo lugar.

– Como você descobriu que ela havia partido?

A Professora Bunce parece triste.

– A mãe dela me contou.

– Eu me pergunto por que o Mago nunca namorou mais ninguém...

– Quem sabe... – diz ela, balançando a cabeça e voltando-se para seu computador. – Talvez ele tenha namoradas Normais em segredo.

– Ou talvez realmente amasse a Lucy – digo –, e nunca tenha superado sua perda.

– Talvez – diz a Professora Bunce. Ela não está prestando atenção. Digita por alguns segundos,

depois olha pra mim. – Você acaba de me lembrar de algo em que eu não pensava há anos. Espere aqui. – Ela sai da cozinha, e eu penso que ela provavelmente não vai retornar. Os Bunces fazem isso às vezes.

Porém, ela retorna, segurando uma fotografia.

– Martin tirou essa foto.

São três alunos de Watford, duas meninas e um menino, sentados na grama – junto ao campo de futebol, acho. As garotas estão vestindo calças. (Minha mãe diz que ninguém usava as saias da escola nos anos 1990.) Um deles é, obviamente, a mãe de Penélope. Com o cabelo solto e bagunçado, ela se parece muito com Penny. A mesma testa ampla. O mesmo sorriso convencido. (Queria que Penny estivesse aqui para eu zoar da cara dela.) E o rapaz é claramente o Mago – diferente, com o cabelo mais longo e solto, e sem o bigode tonto. (O Mago tem o pior bigode.)

Mas a menina no meio é uma estranha.

Ela é adorável.

Cabelo loiro, grosso e encaracolado, na altura dos ombros. Bochechas rosadas e olhos tão grandes e

azuis, que dá pra distinguir a cor mesmo na foto. Ela está sorrindo calidamente, segurando a mão da mãe de Penélope e apoiando-se no garoto, que está com o braço ao redor dela.

O Mago realmente era bem bonito. Com uma aparência melhor do que as duas garotas. E aqui ele parece mais suave do que jamais vi, sorrindo com um dos lados da boca, uma expressão quase encabulada nos olhos.

– Lucy e eu nunca brigamos de fato – diz a Professora Bunce. – Eu começava a brigar, e a Lucy tentava mudar de assunto. No final, também não houve nenhuma briga. Eu acho que ela parou de falar comigo porque ficou cansada de defender o Davy. Ele era tão intenso na época em que saímos da escola – radical, pronto para atacar o palácio e montar uma guilhotina.

Percebo que a Professora Bunce está falando consigo mesma, e com a foto, mais do que comigo.

– E ele nunca *se calava* – diz ela, colocando a foto sobre o balcão. – Ainda não sei como Lucy o suportava.

Ela olha para mim e estreita os olhos.

– Agatha, sei que estou sendo indiscreta, mas nada do que falamos nesta cozinha sai desta cozinha, entendeu?

– Ah, é claro – digo. – E não se preocupe, minha mãe também reclama do Mago.

– Reclama, é?

– Ele nunca vai às festas dela e, quando vai, está usando aquele uniforme, que geralmente está todo enlameado, e vai embora cedo. Ele lhe dá enxaqueca.

A Professora Bunce ri.

O celular dela toca. Ela o retira do bolso.

– Aqui é Mitali. – Ela olha para seu computador e clica no *touchpad*. – Deixe-me conferir. – Ela apanha o notebook, equilibrando-o contra a barriga, e sai da cozinha.

Deixa a foto sobre o balcão. Depois de um instante, eu a apanho.

Olho de novo para os três. Eles parecem tão felizes – é difícil de acreditar que nenhum deles se fala mais.

Olho para Lucy, para a cor em suas bochechas e para seus olhos azuis como o céu, e enfio a foto em meu bolso.

5 O teste de Bechdel foi criado pela cartunista Alison Bechdel, inspirado por escritos de Virginia Woolf. O teste foi citado na HQ *Dykes to Watch Out For*, de autoria de Alison. De acordo com o teste, toda obra de ficção, para não ser considerada machista, deve apresentar ao menos as seguintes características: ter pelo menos duas personagens femininas conversando entre si sobre algum assunto que não seja um homem. (N.E.)

58.

Lucy

Queria que você o tivesse conhecido quando ele era jovem.

Era bonito, é claro. Ainda é. Agora, é bonito de um jeito que todo mundo vê...

Na época, era só eu.

Eu *sentia* pena dele; acho que foi assim que começou. Ele estava sempre falando, e ninguém nunca o escutava.

Eu gostava de escutar. Gostava das suas ideias – ele tinha razão sobre muitas coisas. Ainda tem.

– Como vai a Revolução, Davy?

– Não provoque, Lucy. Não gosto de provocações.

– Eu sei. Mas eu gosto.

Ele estava sentado sozinho debaixo do teixo, então sentei-me perto dele. Quando começamos a conversar, o encontrava ali para que ninguém nos visse juntos – para que ninguém me visse com o maluco do Davy.

Agora eu gostava de me encontrar com ele debaixo do teixo porque era quase como ficar sozinhos, juntos.

– Você anda quieto ultimamente – falei.

– Não há mais nada a dizer. Ninguém está escutando.

– Eu estou.

– Levei minhas reclamações diante da Irmandade – disse ele. – Riram de mim.

– Tenho certeza de que eles não riram, Davy...

– Você não precisa rir alto para caçoar de alguém. Eles me trataram como a uma criança.

– Bem, você é uma criança. Nós dois somos.

Ele olhou diretamente para os meus olhos. Os olhos de Davy têm algo especial. São meio mágicos. Eu nunca conseguia desviar o olhar.

– Não, Lucy. Não somos.

Depois daquela reunião com a Irmandade, Davy estava sempre na biblioteca ou debruçado sobre um livro no refeitório, pingando molho em cima de algum texto de quatrocentos anos de idade.

Às vezes, eu me sentava com ele; às vezes, ele falava comigo.

– Lucy, você sabia que Watford tinha seu próprio oráculo? Ficava no quarto em cima da Capela, com a janela que dá para as muralhas da escola. Os oráculos funcionavam lá. Eles eram tão importantes quanto os diretores.

– Quando foi que isso acabou?

– Em 1914. Foi uma medida de austeridade. A ideia era que oráculos doassem seus serviços conforme a necessidade depois disso.

– Eu não conheço nenhum oráculo – falei.

– Bem, era o oráculo de Watford que treinava os outros oráculos. Agora é uma profissão morta. A biblioteca ainda tem toda uma ala para suas profecias...

– Desde quando você se importa com bolas de cristal e cartas de tarô?

– Não me importo com crianças brincando com instrumentos que não compreendem, mas isso... – Os olhos dele cintilavam. – Você sabia que a Grande Fome de 1845, na Irlanda, foi profetizada?

– Não sabia.

– E o Holocausto.

– É mesmo? Quando?

– Em 1511. E você sabia que há apenas uma visão que todos os oráculos compartilharam desde o início de Watford?

– Eu nem sabia que *existiam* oráculos até trinta segundos atrás.

– Que há um grande Mago vindo por aí.

– Como na cantiga infantil – falei. – *E surgirá alguém para acabar conosco, /E alguém que o arruinará, /Que o maior poder entre os poderes reine, /Que ele salve a todos nós.*

– Sim.

– Minha avó falava sobre o Maior Mago.

– Existem dúzias de profecias – disse Davy. – Todas sobre um bruxo, o Escolhido.

– Como você sabe que são todas sobre a mesma pessoa? – pergunto. – E como você sabe que ele, ou ela, já não veio e se foi?

– Acha mesmo que não veríamos alguém que veio e salvou todo o nosso povo? Alguém que restaurou nosso mundo?

– As profecias dizem o que ele vai restaurar?

– Dizem que será uma ameaça, que nós estaremos divididos e no escuro, que a própria magia estará em perigo e que haverá um bruxo com um poder que ninguém sonhou, um mago que extrai sua força do centro da terra. *"Ele caminha como um homem comum, mas seu poder é inaudito"*. Um dos oráculos o descreve como "um receptáculo", grande e forte o bastante para conter toda a magia.

Davy ficava cada vez mais empolgado conforme falava. Seus olhos brilhavam e suas palavras tropeçavam umas sobre as outras. Ele gesticulou para a pilha de livros como se a própria presença deles tornasse as profecias irrefutáveis.

Senti meu queixo se retrair.

– Você não...

– O quê? – perguntou Davy.

– Bem, você não acha que...

– O que, Lucy? O que eu não acho?

– Bem... que *você* é o Maior Mago?

Ele soltou uma risada de escárnio.

– Eu? Não. Não seja boba. Sou mais poderoso do que qualquer um desses cretinos – Ele olhou ao redor na biblioteca. – Mas tenho o tipo de poder que se pode imaginar.

Tentei rir.

– Certo. Então...

– Então?

– Então, por que isso é tão importante pra você?

– Porque o Maior Mago de todos está *vindo*, Lucy. E ele virá na hora em que mais precisarmos. Quando os bruxos estiverem *"avançando com mãos em garra sobre as gargantas uns dos outros"*, quando *"a cabeça de nossa maior fera tiver perdido seu rumo"*. Isso é em breve. Isso é agora. Todos deveríamos nos importar com isso! Deveríamos estar nos preparando!

59.

Penélope

Eu gosto do laboratório do meu pai. No sótão. Ninguém tem permissão de limpar a área, nem os assistentes dele. É uma bagunça completa, mas meu Pai sabe onde tudo está, então, se você mover um livro de uma pilha para a outra, ele fica meio doido.

Uma parede toda é um mapa da Grã-Bretanha – os buracos na atmosfera mágica ainda não se espalharam para o outro lado do mar, mas cresceram ao longo dos anos. Meu pai usa alfinetes e barbante para mapear o perímetro de cada buraco, depois usa barbantes de cores diferentes para mostrar o quanto os buracos cresceram. Bandeirinhas registram a data da medida. Alguns

dos buracos grandes se fundiram com o tempo – já não resta quase nenhuma magia em Cheshire.

No momento, os assistentes de papai estão fora, numa missão de levantamento. Ele acaba de contratar alguém novo, um antropólogo mágico, para estudar os efeitos dos vazios em criaturas mágicas. Ele gostaria de estudar como os buracos afetam os Normais, mas não consegue financiamento para isso.

Caminho até o mapa. Há dois buracos em Londres: um grande, em Kensington, e um menor, em Trafalgar Square. Odeio pensar no que aconteceria se o Insípidum atacasse perto de nossa casa, em Hounslow. Muitas famílias bruxas tiveram que se mudar e, às vezes, isso as enfraquece. Sua magia se estabelece em um lugar. Ela te sustenta.

Sento-me em uma das mesas altas. Papai gosta de ficar de pé enquanto trabalha, então todas as mesas são altas. Ele já está com um livro aberto, copiando números em um livro-razão. Também utiliza um computador, mas ainda mantém todos os registros manualmente.

– Estou trabalhando em um projeto para a escola – digo. – E estava olhando alguns exemplares antigos de *O Registro*...

– Arrã...

– E estava lendo sobre a Tragédia de Watford.

Papai levanta o olhar para mim.

– Sim?

– O senhor se lembra de quando aconteceu?

– É claro. – Ele se volta para o livro-razão. – Sua mãe e eu ainda estávamos na universidade. Você era pequenininha...

Mamãe e papai se casaram logo após Watford, e começaram a ter filhos em seguida, apesar de ainda estarem na escola e de mamãe querer ter uma carreira. Papai diz que mamãe queria *tudo, imediatamente*.

– Deve ter sido terrível – digo.

– Foi. Ninguém jamais atacara Watford antes. Pobre Natasha Grimm-Pitch.

– O senhor a conhecia?

– Não pessoalmente. Ela era mais velha que nós. A irmã dela, Fiona, estava alguns anos atrás de mim

na escola, mas eu também não a conhecia. Os Pitches sempre se mantiveram muito à parte.

– Então o senhor não gostava dela? Da Natasha Grimm-Pitch?

– Não gostava de sua linha política – diz ele. – Ela achava que bruxos com pouco poder deveriam abrir mão de suas varinhas.

Bruxos com pouco poder. Como meu pai.

– *Por que* os vampiros atacaram Watford, afinal? – pergunto. – Nunca haviam feito isso antes.

– O Insípidum os mandou – diz papai.

– Mas não vi isso em lugar algum dos relatos iniciais, logo após o ataque. Só se diz que eram vampiros. – Eu me inclino na direção dele, por cima da mesa.

Ele volta a olhar para mim, interessado.

– Isso mesmo. – Ele assente. – Nós *não sabíamos*, a princípio. Apenas pensamos que as criaturas sombrias estavam se aproveitando de nossa desorganização. Era uma época diferente. Tudo era mais frouxo. O Mundo dos Magos era mais como... um clube. Ou uma sociedade. Não havia uma linha

de defesa. Naquela época, ocorriam ataques de lobisomens na própria Londres, você pode imaginar isso?

– Então ninguém sabia que o Insípidum estava por trás do ataque a Watford?

– Não por algum tempo – diz ele. – No início, não sabíamos que o Insípidum era uma entidade.

– O que isso quer dizer?

– Bem, quando os buracos começaram a surgir...

– Em 1998.

– Sim – diz ele –, foi quando os registramos pela primeira vez. Dezessete anos atrás. Pensávamos que podiam ser um fenômeno natural, talvez até um resultado da poluição. Como os buracos na camada de ozônio. Foi o Dr. Manning que criou o termo, eu me recordo. Ele visitou o buraco em Lancashire e o descreveu como uma "insipidez insidiosa, uma mundanidade que se arrasta para dentro da sua própria alma". – Papai sorri. Ele curte uma frase bem-feita. – Dei início à minha pesquisa não muito tempo depois disso.

– Quando foi que perceberam que o Insípidum era um “ele”?

– Ainda não sabemos se é um “ele”.

– O senhor sabe o que eu quero dizer. Quando se deram conta de que era algo com intenção? De que estava nos atacando?

– Não houve um dia específico – explica ele. – Digo, tudo meio que mudou em 2008. Eu, pessoalmente, acredito que o Insípidum ficou muito mais poderoso mais ou menos nessa época. Estávamos rastreando esses buraquinhos, como bolhas na atmosfera mágica e, de súbito, eles se espalharam, como um câncer entrando em metástase. Por volta da mesma época, o mundo sombrio ficou louco. Suponho que tenha sido quando as criaturas sombrias começaram a atacar Simon diretamente, assim que soubemos que havia uma malícia ali, e uma inteligência, e não apenas desastres naturais. E então havia a sensação. Os buracos, os ataques... uma sensação bem distinta. – Seus olhos se concentram em mim e sua boca se espreme.

Depois que o Insípidum sequestrou a mim e Simon no ano passado, papai quis saber cada detalhe. Contei a ele quase tudo – tudo sobre o Insípidum, até sobre sua aparência. Papai acha que o Insípidum assumiu a forma de Simon para zombar dele.

Eu pouso meus cotovelos na mesa.

– Por que o senhor acha que o Insípidum odeia tanto o Simon?

– Bem. – Ele franze o nariz. – O Insípidum parece odiar *magia*. E Simon tem mais magia do que qualquer outra pessoa, talvez mais do que qualquer outra coisa.

– É estranho que Insípidum não seja o nome real da coisa. Quero dizer, que ele não inventou esse nome nem se nomeou...

– Você acha que uma criatura sombria escolheria a alcunha de "Insípidum Insidioso"?

– Nunca pensei nisso – falo. – Simplesmente sempre existiu.

Papai suspira e empurra os óculos para cima.

– Isso parte meu coração, pensar que você não consegue se lembrar de um mundo sem o Insípidum. Temo que sua geração possa simplesmente se aclimatar a ele. Que não verão a necessidade de combatê-lo.

– Eu creio que verei, papai. Aquela coisa horrorosa me sequestrou, e fica tentando matar meu melhor amigo.

Ele franze a testa e continua me encarando.

– Sabe, Penélope... há uma equipe de americanos chegando em algumas semanas. Acho que finalmente chamei a atenção deles quando os visitei, nesse verão.

Papai se encontrou com o máximo de cientistas mágicos que pôde enquanto visitávamos Micah. Houve um geólogo mágico que demonstrou real interesse no trabalho de papai.

Os bruxos americanos são muito menos organizados do que nós. Eles moram por todo o país e, na maior parte do tempo, se viram sozinhos. Mas há mais dinheiro por lá. Papai vem tentando convencer outros cientistas internacionais de que o

Insípidum é uma ameaça a todo o mundo mágico, não apenas ao britânico.

– Adoraria que você pudesse vir conosco para um de nossos levantamentos – diz ele. – Você poderia conhecer o Dr. Schelling; ele tem seu próprio laboratório em Cleveland.

Eu percebo suas intenções – é assim que meu pai quer me manter a salvo do Insípidum. Me escondendo em Ohio.

– Talvez – digo. – Se eu conseguir me livrar das aulas.

– Eu escrevo um bilhete.

– Simon pode ir também?

Ele espreme os lábios e empurra os óculos para cima de novo.

– Não sei se posso escrever um bilhete em nome do Simon – diz ele, apanhando sua caneta. – Sobre o que você disse que era seu projeto escolar, mesmo?

– Sobre a Tragédia Watford.

– Me informe caso encontre algo que lance luz sobre o Insípidum. Eu sempre me perguntei se alguém havia sentido a presença dele por lá.

A cabeça de papai está em seu trabalho agora. Assim, pulo da cadeira e começo a sair. Eu paro na porta.

– Ei, pai, só mais uma coisa: o senhor já conheceu algum bruxo chamado Nicodemus?

Ele levanta a cabeça e seu rosto não faz movimento algum – e é assim que posso ver que ele não está reagindo de propósito.

– Não posso dizer que tenha conhecido, não – diz ele. – Por quê?

Não é coisa do meu pai mentir pra mim.

E não é coisa minha mentir pra ele.

– É só um nome que eu vi no *Registro* e não reconheci.

– Humm – diz ele. – Eu não... não acho que seja alguém importante.

60.

Simon

Esperamos até depois da meia-noite para sair à procura dos vampiros. A tia de Baz não quis revelar onde exatamente eles ficam, mas ele acha que pode encontrá-los, e diz que, à meia-noite, já devem ter terminado de caçar...

O que me deixa apavorado. Pensar em todos esses assassinatos acontecendo. Enquanto nós esperamos.

Se os vampiros estão por aí caçando Normais toda noite, por que não fazemos algo a respeito? A Irmandade deve saber que isso está acontecendo. Digo, se a tia de Baz sabe, a Irmandade *tem* que saber.

Resolvo que Baz não é a pessoa certa para conversar a respeito disso neste momento.

Temos tempo de sobra após deixar a casa da tia dele, então vamos a uma biblioteca – a grandona – e depois para a sala de leitura no Museu Britânico, onde Baz rouba pelo menos meia dúzia de livros.

– Você não pode fazer isso – argumento.

– É pesquisa.

– É *traição*.

– Vai contar para a Rainha?

Quando todos os museus se fecham, nós caminhamos por um parque, aí encontramos um lugar onde posso comer curry enquanto ele examina os livros roubados.

– Você deveria comer alguma coisa – digo.

Ele arqueia uma sobrancelha pra mim.

– Ah, sai dessa. – Eu me pergunto se é por isso que ele nunca teve uma namorada. Porque ele a levaria para encontros na biblioteca, depois insistiria em se sentar ali, assustador, enquanto ela jantaria sozinha.

Terminei meu curry e duas porções de samosas. Fico observando enquanto ele lê – juro que ele suga

as presas quando está pensando –, quando fecha o livro rispidamente com uma das mãos e se levanta.

– Vamos lá, Snow. Vamos encontrar um vampiro.

– Obrigado – limpo a boca na manga da blusa –, mas eu já estou acima do meu limite.

Baz já está saindo porta afora.

– Ei! – digo, tentando alcançá-lo. Quando ele me ignora, agarro seu braço.

Ele franze a testa.

– Você não pode simplesmente agarrar as pessoas quando quer a atenção delas.

– Eu disse "Ei".

– Mesmo assim.

– Estive pensando – digo. – Se vamos fazer isso, você tem que começar a me chamar pelo meu nome.

Não sei por que isso me parece importante. É só que... se você vai entrar com alguém no antro de um vampiro, parece necessário que os dois passem por cima de certas coisas e sejam, *de fato*, aliados.

– Snow é o seu nome – diz Baz. – Possivelmente. Quem te deu seu nome, afinal?

Desvio o olhar. Estava escrito em meu braço – *Simon Snow*. Seja lá quem me deixou no orfanato deve ter escrito. Talvez tenha sido minha mãe.

– Você tem que me chamar de *Simon* – alerto. – Já me chamou assim antes.

Ele abre a porta do carro e entra, como se não tivesse me ouvido – mas sei que ele ouviu.

– Certo – diz Baz. – Entre no carro, *Simon*.

Eu entro.

Levamos quase duas horas para encontrar esse lugar – Baz o farejou; foi como andar por Covent Garden com um sabujo.

– É isso, então? – pergunto. – Eles estão aqui?

Ele endireita o colarinho e os punhos. Estamos do lado de fora de um prédio antigo repleto de apartamentos, com uma fileira de nomes junto à entrada e uma caixa de correspondência de latão.

– Fique por perto – cochicha ele, e bate na porta com as costas da mão.

Um grandalhão abre a porta. Ele vê Baz e então abre um pouco mais. Outro homem, de pé atrás de um longo balcão no centro da sala, olha para ele e assente. O porteiro gesticula com a cabeça para que entremos.

Sigo Baz para o interior de um salão profundo, com teto baixo e sem iluminação. O balcão se espalha pelo meio do salão, e cabines ornadas e privativas forram as paredes dos dois lados, cada cabine iluminada por uma lâmpada amarela pendurada.

Todos os sentados ao longo das fileiras se viram para olhar para nós. Uma mulher perto da porta deixa cair seu copo, e o homem junto dela o apanha.

Eles não parecem vampiros.

Será que todos eles *são* vampiros?

Eles só parecem ricos. E... cinzentos. Mas não parecem lindos nem magros nem têm maxilares saltados como nos filmes.

É Baz que eles estão observando. Deve estar assustado, no mínimo nervoso, mas não aparenta. Eu juro que quanto mais ele é ameaçado, menos

parece descomposto. (Quando sou eu a ameaçá-lo, isso é enlouquecedor. Agora, entretanto, até que é legal.)

Cada um deles deve morrer de inveja de Baz. Ele é tudo o que eles são, e ainda por cima, mágico. Além disso, ele tem a aparência para combinar, como se tivesse nascido para ser algum tipo de rei sombrio.

Baz para na primeira cabine.

– Nicodemus – diz ele, e nem mesmo formula a palavra como uma questão.

Um homem com cabelo e pele cinzentos e um terno cinza reluzente encontra o olhar de Baz. Ele indica a sala dos fundos com a cabeça – depois olha para mim e faz uma expressão de desprezo. Eu me pergunto se é a minha cruz ou meu cheiro que o irritam. Ou talvez ele saiba o que eu sou. O Herdeiro do Mago. (O Mago mata vampiros; ele não acha que seja assassinato.) (Por que o Mago não matou *esses* vampiros?)

Sigo Baz pelo salão, desejando ter vestido todas aquelas roupas elegantes que ele tentou me empurrar antes de sairmos de Hampshire. Estou

usando a calça de Watford e um dos suéteres escandinavos dele – e só aceitei o suéter porque ele disse que meu uniforme de Watford me fazia parecer ter doze anos.

Baz caminha tão devagar, que eu fico chutando a parte de trás de seus calcanhares. É como se ele quisesse que todos o vissem muito bem. (Talvez ele também estivesse tentando disfarçar seu claudicar.) O salão fica mais escuro conforme adentramos o local. Eu vasculho as cabines em busca de Nicodemus, mas não tenho certeza de que o reconheceria, mesmo se houvesse luz suficiente. Será que ele ainda se parece com uma versão má e masculina de Ebb?

Chegamos à parede dos fundos, e estou pronto para me virar, mas Baz continua, atravessando uma passagem que eu nem tinha visto. Eu o sigo por uma escadaria em espiral com o corrimão solto. Quando chegamos ao final, estou tonto.

E aí estamos no porão, acho. É como uma caverna – muito maior do que o salão lá em cima, com um

teto ainda mais baixo e luzes azuis suaves montadas no piso, como no cinema.

É difícil dizer quantos deles há aqui embaixo, porque não consigo enxergar, mas sinto como se estivesse numa sala cheia de gente. Há música eletrônica tocando, mas é tão suave, que soa como se viesse de muito longe.

Baz está de pé no pé da escadaria com uma das mãos no bolso da calça, avaliando o salão como se procurasse por um amigo.

Eles poderiam simplesmente saltar sobre nós nesse exato instante, se quisessem – os vampiros, digo –, e nos rasgar em pedaços. Estamos em número absolutamente inferior, e sequer teríamos tempo para lançar qualquer feitiço bom. Eu nem estou portando minha varinha, embora eles não saibam disso. (Baz sabe. Ele não podia acreditar que eu a deixei em Watford.) (Eu estava com pressa!)

Poderia derrubar alguns deles com minha espada, mas provavelmente não todos.

Poderia *perder o controle*. Mas aí, quem sabe o que poderia acontecer?

Baz começa a caminhar. As roupas são menos elegantes aqui embaixo. Seriam esses os vampiros desafortunados? Como é que vampiros ficam desafortunados? Apesar de estarmos no porão, tudo e todos estão limpos. Eu não sei o que eu esperava. Manchas de sangue? Coquetéis de sangue? Parece que a maioria das pessoas aqui embaixo está tomando gim. Vejo garrafas de Bombay Sapphire nas mesas. Alguém faz contato visual comigo e o sustenta, então deixo minha magia ficar à flor da pele – apenas penso nela transbordando. Ele desvia o olhar.

Agora estamos tão no fundo da caverna, que perdi a noção de onde fica a porta. Baz puxa a manga de alguém – um homem com quase o dobro de seu tamanho.

– Nicodemus – diz Baz, ainda sem elaborar perguntas. O homem move a cabeça, indicando algum ponto atrás de si, e Baz o solta.

Seguimos andando até chegarmos a uma fileira de mesas de sinuca.

Baz para. Ele tira um maço de cigarros do interior de seu casaco e acende um com sua varinha. Todos junto à mesa recuam, assustados. Baz traga um cigarro profundamente – sua ponta brilha, vermelha – e sopra a fumaça por cima da mesa.

Não sabia que ele fumava.

– Nicodemus – diz Baz, ainda soprando fumaça.

Então eu o vejo – Ebb. Uma Ebb mais rústica, mais espigada. Com seu cabelo loiro penteado para trás. Ele também está usando terno, mas o dele parece barato, e há pontos soltos na manga.

Ele sorri para Baz e o examina de cima a baixo.

– Bem... olhe só para você. Está vivendo o sonho.

Baz inala de novo. Logo em seguida, ele sustenta languidamente o olhar de Nicodemus.

– Meu nome é Tyrannus Basilton Pitch. E estou aqui para falar com você sobre minha mãe.

– É claro que está, Sr. Pitch. – Nicodemus está praticamente murmurando. – Claro que está.

Nicodemus sorri de novo, e posso ver os vãos em seu sorriso; ele não tem caninos. Sua língua empurra um dos vãos.

Os outros homens que estavam à mesa com ele recuaram, deixando nós três sozinhos no escuro.

– O que você quer de mim? – pergunta Nicodemus.

– Quero saber quem matou a minha mãe.

– Você sabe quem a matou. – A língua dele entra no vão, cutucando a gengiva. – Todos sabem. E todos sabem o que sua mãe fez com quem estava lá.

Baz leva o cigarro até a boca, inspira, depois baixa a mão, lançando cinzas no chão.

– Conte-me o resto – diz ele. – Diga-me quem foi o responsável.

Nicodemus ri.

– Ou o quê? Você vai me morder? – Ele olha para o cigarro. – Devo supor que você vai agir como o filho da sua mãe? Que vai botar fogo em todos nós? Você ainda não se matou, Sr. Pitch. Não acho que vá escolher fazer isso hoje.

Baz olha para o salão ao seu redor. Como se estivesse pensando em quantos vampiros poderia levar consigo.

– Conte a ele o resto – rosno. – Ou *eu* vou te matar.

Nicodemus olha por cima do ombro de Baz para mim, e seu sorriso se azeda.

– Você pensa que é tão invencível – diz ele. – Com todo o seu poder. Como se nada pudesse te derrotar.

– Nada me derrotou até agora – digo.

Ele ri de novo. Não se parece em nada com a risada de Ebb – Nicodemus ri como se nada importasse; Ebb ri como se tudo importasse.

– Certo – diz ele. – Eu vou contar. Uma parte. – Ele solta seu taco de bilhar na mesa. – Vampiros não podem simplesmente entrar em Watford. Não podemos ir a lugar nenhum sem sermos convidados. Exceto para casa. Alguém me procurou, algumas semanas antes da invasão, querendo que eu fizesse um acordo. É o que eu faço para sobreviver. Faço acordos, apresento pessoas. Não há muito trabalho por aí para um vampiro que não consegue morder; nem para um bruxo sem uma varinha.

Sua língua desliza compulsivamente entre os dentes.

– O pagamento era bom – diz ele. – Mas eu disse não. Minha irmã mora em Watford. Eu jamais enviaria a morte para a porta de sua casa, a menos que ela quisesse. – Ele volta seu sorriso de abóbora de dia das bruxas para Baz novamente. – Eu me pergunto se *você* era parte do plano, Sr. Pitch. É difícil acreditar que os bruxos tenham permitido... E por que *continuam* permitindo? O que esperam fazer com você?

– Quem foi? – pergunta Baz. Acho que ele nem piscou desde que entramos aqui. – Quem te procurou? Foi o Insípidum?

– O Insípidum? É, foi o bicho-papão, Sr. Pitch. Foi o monstro debaixo da sua cama.

– Foi *o Insípidum* – Baz torna a dizer.

Nicodemus chacoalha a cabeça, ainda sorrindo.

– Foi um de vocês – diz ele. – No entanto, o nome dele não vale a minha vida. *Talvez* você me mate se eu não contar, mas morrerei *com certeza* se o fizer.

Baz repousa o cigarro entre seus lábios e retira a varinha da manga da camisa, deixando-a na palma da mão.

– Eu poderia obrigá-lo a dizer.

– Isso seria ilegal – diz Nicodemus. Ele está correto. Feitiços de compulsão são proibidos.

– E perigoso – diz ele. Correto de novo.

– O que a Irmandade faria se você lançasse um feitiço proibido, Tyrannus Basilton? – Nicodemus sorri, debochando. – Acha que eles seriam generosos e perdoariam alguém como você?

– Eu deveria matá-lo agora mesmo – diz Baz, seu peito se empinando. – Não acho que alguém aqui me impediria. Ou sentiria sua falta.

Repouso minha mão sobre o ombro de Baz.

– Vamos embora.

– Ele não nos disse nada – Baz sibila para mim.

– Eu disse o suficiente – diz Nicodemus.

– Vamos – digo, puxando Baz para trás.

– É, vá embora agora – Nicodemus diz para Baz. – Vá com seu colega. Você vai encontrar seu rumo de volta pra cá algum dia.

Baz joga seu cigarro na mesa de bilhar, e Nicodemus salta para trás, perdendo a compostura pela primeira vez. Ele se agita em busca de sua

bebida e a joga sobre o cigarro. Baz já está se afastando.

Eu olho para Nicodemus.

– Sua irmã sente sua falta – digo.

Em seguida, me volto para Baz e me apresso para alcançá-lo. Ele espera por mim no topo da escadaria. (Quase se pensaria que sou seu melhor amigo – acho que esse é seu intuito.) E então ele se mostra frio como o gelo, atravessando o salão de cima até a porta.

Quando chegamos ao lado de fora, a noite de Londres é tão clara, que fere meus olhos.

Encontramos o carro, o Jaguar do pai dele, e Baz dá a partida antes mesmo de eu abrir a porta do carona. Assim que estou lá dentro, ele sai da vaga do estacionamento e pisa fundo, dirigindo tão rápido quanto pode pela rua cheia. Cola num táxi, depois enfia o carro na via seguinte.

– Ei – digo.

– Cala a boca, Snow.

– Olha...

– ***Cala a boca!*** – Ele diz isso com magia, mas não está segurando sua varinha, então o feitiço não dá em nada. Então ele agarra sua varinha, e eu penso que agora ele vai me amaldiçoar, mas, em vez disso, ele a aponta para um ônibus. – ***Abram alas para o rei!*** – O ônibus muda de via, mas há outro carro logo adiante. Baz aponta a varinha para ele e lança o feitiço de novo. É um desperdício estúpido de magia.

– Você vai desmaiar antes que a gente saia do West End.

Ele me ignora, aponta a varinha adiante e pisa no acelerador. Na vez seguinte em que ele lança o feitiço, coloco a mão em seu bíceps e empurro um pouco de magia nele.

– ***Abram alas!*** – diz ele.

Os carros adiante desviam para a esquerda e para a direita. É como se toda a estrada estivesse se abrindo para ele. Eu nunca vi nada parecido.

Eu nunca *senti* nada parecido.

Fecho os olhos a cada farol vermelho e desejo por verde. Baz pisa no pedal até o talo.

Estamos voando.



A magia se mantém enquanto toco o braço de Baz.

Sinto-me limpo.

Sinto-me como uma corrente.

Não sei como Baz se sente. Seu rosto está pétreo e, quando saímos de Londres, lágrimas começam a rolar de seus olhos. Ele não as enxuga ou pisca para se livrar delas, de modo que elas escorrem por suas bochechas e se agarram ao maxilar.

Assim que chegamos ao interior, ele não precisa mais da minha magia para abrir caminho, e eu o solto. Continua adentrando estradas cada vez menores, até estarmos dirigindo no meio de uma floresta, cascalho se erguendo debaixo de nós e batendo no fundo do carro.

Baz sai da estrada de súbito e pisa no freio, rabeando e quase entrando numa valeta; depois, sai do carro como se tivesse acabado de estacionar em paralelo e caminha até as árvores.

Abro minha porta e começo a segui-lo, depois volto para o carro e pego as chaves. Eu corro, acompanhando o rastro dele na neve, para lá do início das árvores, até perder sua trilha na escuridão.

– Baz! – eu grito. – Baz!

Continuo me movimentando, quase tropeçando em um galho. E aí tropeço mesmo.

– *Baz!*

Vejo um brilho de chamas – fogo – adiante de onde estou, mais para dentro da floresta.

– Cai fora, Snow! Cacete! – Eu o escuto gritar.

Corro na direção do fogo e de sua voz.

– Baz?

Há outro disparo de fogo. Ele pega em um galho e se espalha – iluminando Baz sentado debaixo da árvore, a cabeça pousada sobre os braços.

– O que está fazendo? – indago. – Apague isso.

Ele não me responde. Está tremendo.

– Baz, está tudo bem. A gente pode simplesmente conseguir o nome com outra pessoa. Isso não acabou. Vamos fazer o que a sua mãe nos pediu.

Ele agita sua varinha e praticamente uiva, espalhando fogo em nosso entorno.

– *Isso* é o que minha mãe iria querer para mim, seu idiota.

Eu caio de joelhos diante dele.

– Do que você está falando?

Ele me olha com uma expressão de desprezo, exibindo os dentes – todos eles. Seus caninos são tão afiados quanto os de um lobo.

– Minha mãe morreu matando vampiros – diz ele. – E quando eles a morderam, ela se matou. Foi a última coisa que ela fez. Se ela soubesse o que eu sou... jamais me deixaria viver.

– Isso não é verdade – digo. – Ela te amava. Ela te chamou de "botão de rosa".

– Ela amava o que eu *era*! – grita ele. – Não sou mais aquele menino. Sou um deles agora.

– Não é, não.

– Você não vem tentando provar que sou um monstro desde que éramos pequenos? Por Crowley, você tem a sua prova agora. Vá contar ao Mago, conte a todo mundo que você tinha razão! – O rosto dele

dança com a luz do fogo. Sinto o calor nas minhas costas. – Sou um vampiro, Snow! Está feliz?

– Você não é – digo, e não sei por que digo isso, e não sei por que estou chorando de repente.

Baz parece surpreso. E irritado.

– O quê?

– Você nunca mordeu ninguém – digo.

– *Cai. Fora.*

– Não!

Ele solta a cabeça sobre os braços de novo.

– É sério. Vá embora. Este fogo não é pra você.

Agarro os pulsos dele e puxo.

– Isso mesmo – eu digo. – Não pode ser. Você sempre disse que se certificaria de que houvesse público quando acabasse comigo. – Eu o puxo. – *Vamos.*

Baz não luta comigo, apenas se curva para a frente. Uma nuvem de faíscas cai perto dele e eu rosno para elas, soprando-as para longe.

Ergo seu queixo.

– Baz.

– Vá embora, Snow.

– Você não é um monstro – digo. O rosto dele está frio como um cadáver em minha mão. – Eu estava errado. Todos esses anos. Você é um valentão. E um esnobe. E um cretino total. Mas não é um deles.

Baz tenta afastar o rosto com um movimento súbito, mas eu o seguro com firmeza. Ele abre os olhos, piscinas de cinza e preto e dor. Eu não consigo suportar. Rosno de novo. O fogo sopra de volta.

– Isso é o que eu mereço – diz ele.

Eu balanço a cabeça.

– Bem, não é o que eu mereço.

– Então *vá embora*.

Eu vejo o fogo tremeluzindo em seus olhos, o que significa que as chamas devem estar nos rodeando por todos os lados.

– Eu não vou – digo. – Nunca dei as costas pra você. E não vou começar agora.

61.

Baz

É isso. Vou ter que enfeitiçar esse idiota pra longe de mim. Meu último ato será salvar a vida de Simon Snow, e toda a minha família vai ficar com vergonha.

Ele está segurando meu rosto, esperando que eu continue vivo apenas porque ele disse – porque ele é o Simon Snow, cacete, e consegue tudo o que quiser se rosnar alto o bastante.

Acho que eu poderia beijá-lo antes de fazer com que saia voando.

(Será que eu consigo mandá-lo pra longe de mim sem quebrar nenhum de seus ossos? Que feitiço o manteria afastado para ele não voltar correndo para dentro do fogo?)

Acho que eu poderia beijá-lo. Ele está bem aqui. Seus lábios estão entreabertos (ele respira pela boca) e seus olhos estão vivos, vivos, vivos.

Você está tão vivo, Simon Snow.

Você ficou com a minha parcela de vida.

Ele balança a cabeça e diz algo, e eu acho que poderia beijá-lo.

Porque eu nunca beijei ninguém antes. (tinha medo de que talvez pudesse morder.) E jamais quis beijar ninguém além dele. (Eu não vou morder. Não vou machucá-lo.)

Só quero beijá-lo, depois partir.

– Simon... – eu digo.

E então *ele* me beija.

Simon

Só quero que ele cale a boca e pare de falar assim. Só quero que ele se levante e me siga para fora daqui. Só quero estar de volta em Watford em nosso quarto, sabendo que ele está lá, e que ele não está ferindo ninguém, e ninguém o está ferindo.

Baz

Esse é um beijo bom? Não sei.

A boca de Snow é quente. Tudo está quente.

Ele está me empurrando, então eu empurro de volta.

Sua cruz está retinindo contra minha língua e meu queixo. Seu pulso bate em minha garganta. E sua boca está matando tudo em que eu tento pensar.

Simon Snow.

Simon

A boca de Baz é mais fria do que a de Agatha.

Porque ele é um garoto, penso, e então: *Não, é porque ele é um monstro*.

Ele não é um monstro. É apenas um vilão.

Ele não é um vilão. É apenas um garoto.

Estou beijando um garoto.

Estou beijando Baz.

Ele é tão frio, e o mundo é tão quente.

Baz

Eu vou morrer beijando Simon Snow.

Por Aleister Crowley, estou vivendo uma vida encantada.

Simon

Se Baz acha que vou soltá-lo, está enganado. Eu gosto dele assim. Sob o meu controle. Sob minhas mãos. Não longe, tramando e conspirando e falando com vampiros.

Agora tenho você nas mãos, penso. *Finalmente tenho você onde eu queria.*

Baz

Snow já fez isso antes.

Ele está fazendo essa coisa gostosa com o queixo. Movimentando-o para cima e para baixo. Inclinando a cabeça. Empurrando-me cada vez mais longe.

Não tento imitá-lo. Apenas o deixo livre.

Vou morrer beijando Simon Snow...

Simon Snow vai morrer me beijando.

Simon

Baz agarra meus ombros e me empurra para longe dele.

Só funciona porque eu não estava esperando.

Ele enfia a mão na manga da camisa e retira sua varinha; em seguida, aponta-a sobre meu ombro e grita:

– ***Faça um pedido!***

Agora há fogo em tudo ao nosso redor, deslizando mais para perto pela grama.

O feitiço de Baz faz efeito, e uma das árvores se apaga; depois, rapidamente, torna a se incendiar. Baz respira fundo e eu coloco as duas mãos em seu peito, permitindo que ele tome o que quiser de mim.

– ***Faça um pedido!*** – grita ele, e sua voz é um trovão.

O fogo morre em um sopro – mais como se tivesse sido sugado do que soprado. Meus ouvidos estalam, fumaça escapa das árvores.

Olho para Baz.

O que foi isso? Será que ele só precisava que eu o beijasse para retirá-lo de sua onda suicida?

Ele solta sua varinha e estende a mão para o meu suéter (o suéter dele). Em seguida, puxa a gola para baixo. Com a outra mão, abre o colarinho da minha camisa, desabotoando o primeiro botão, e agarra minha cruz, olhando para a corrente. Ele dá um bom puxão na cruz – a corrente se parte – e a joga longe.

E então Baz olha para mim do mesmo jeito que me olha quando está prestes a atacar.

Baz

Simon Snow ainda vai morrer me beijando.

Só não vai ser hoje.

62.

Simon

Eu acabo me sentando no chão perto de Baz, de frente para ele. Beijando-o. Ele me pegou pelos ombros há algum tempo, dos dois lados do meu colarinho, e não me solta.

Não tenho certeza do que estou fazendo, para ser perfeitamente honesto – mas não há mais nada queimando. E sinto que talvez nós tenhamos resolvido *alguma coisa*. Apesar de isso provavelmente ser só um problema novo.

Por um minuto, penso em Agatha e me sinto um traste, mas então me lembro de que não estamos mais juntos, logo, não é uma traição. E aí eu me pergunto se isso que está acontecendo agora significa que eu sou gay. Mas Baz e eu estamos escondidos nas árvores e ninguém pode nos ver, e então resolvo que não tenho que responder a essa

última pergunta neste momento. Não tenho que fazer nada, a não ser me segurar em Baz; isso eu *tenho* que fazer.

Ainda estou com minhas mãos nas bochechas dele, e as bochechas dele já não estão mais tão frias, não no ponto em que as toco. E quando sugo os lábios dele, eles ficam quase rosados. Por alguns segundos, pelo menos.

Eu me pergunto há quanto tempo ele deseja isso.

Eu me pergunto há quanto tempo *eu* desejo isso.

Eu diria que não desejava – que a possibilidade acaba de me ocorrer pela primeira vez. Mas se isso é verdade, então por que há em minha cabeça uma lista de todas as coisas que sempre quis fazer com Baz?

Por exemplo:

Enfio minha mão nos cabelos dele. São lisos e escorregam por entre meus dedos. Fecho o punho em torno deles e ele empurra o rosto para a frente contra o meu – e então, tão rápido quanto se aproximou, ele afasta a cabeça.

– Desculpe – digo. (Estou sem fôlego. É embaraçoso.)

Baz solta meu suéter e balança a cabeça, segurando a própria testa.

– Não. É só... onde está a sua cruz?

Eu a procuro, apalpando o chão à nossa volta. Quando a encontro, a levanto entre nossos rostos.

– Coloque-a de volta – diz ele.

– Por quê? Você vai me morder?

– Não. Já te mordi alguma vez?

– Não. Mas você também nunca tinha me beijado.

– Foi *você* que me beijou, Snow.

Eu dou de ombros.

– E daí? Você *vai* me morder?

Baz se levanta.

– Não... Só preferiria pensar menos a respeito disso. Eu preciso beber. Já faz... – Ele olha ao redor, mas está escuro demais para ver qualquer coisa. – ... tempo demais. – Ele olha para mim, depois desvia o olhar, encabulado. – Olha, eu tenho que... caçar. Você vai esperar?

– Vou com você – digo.

– Por Crowley – diz ele –, não vai, não.

Fico de pé em um salto.

– Pode ser qualquer coisa?

– O quê?

– Qualquer coisa que tenha sangue, né?

– O quê? – ele repete. – É.

Eu seguro sua mão.

– Chame alguma coisa. Deve haver feitiços de caça.

– Há – diz ele, baixando suas sobrancelhas. – Mas só funcionam a uma distância curta.

Eu aperto sua mão.

Ele retira sua varinha, observando-me como se eu fosse um idiota extra-especial.

– ***Corça!*** – diz ele, apontando a varinha para as árvores. – ***Um veado!*** – Minha magia cintila no nosso entorno.

Não mais do que um minuto depois, uma corça passa pelos galhos enegrecidos.

Baz estremece.

– Você tem que parar de fazer isso.

– O quê?

– Exibições divinas de magia.

– Por quê? – digo. – É bacana.

– É aterrorizante.

Eu sorrio para ele.

– É bacana.

– Não olhe – diz ele, caminhando para a corça.

Continuo sorrindo.

Ele olha para trás, para mim.

– Não olhe.

Baz

Eu levo a corça para o meio das árvores, onde está escuro demais para Snow nos ver. Quando termino com o bicho, largo o corpo em uma ravina.

Não consigo me lembrar da última vez que bebi tão profundamente.

Quando volto, Snow ainda está sentado no círculo de cinzas. Sei que ele não pode me ver, então chamo, para não assustá-lo.

– Sou eu, Snow.

– Você me chamou de Simon antes.

Posso ver em seus olhos quando ele finalmente me distingue andando em sua direção. Acendo uma chama em minha mão. (Não *em* minha mão; flutuando acima dela.)

– Não chamei, não.

– Chamou, sim.

– Vamos voltar para o carro – digo. – Os vizinhos já vão pensar que nós fizemos algum tipo de ritual sombrio aqui.

– Não tenho certeza de que *não* fizemos – diz ele, me seguindo.

Snow está quieto quando chegamos ao carro. E eu estou quieto porque genuinamente não tenho ideia de como proceder. Como é que você retoma as coisas depois de "Eu tenho que parar de te beijar para poder ir beber um pouco de sangue"?

– Você é um vampiro – diz Snow, finalmente. (Acho que é *assim* que você retoma.)

Não respondo.

– Você é, mesmo – diz ele.

Dou partida no motor.

– Digo, eu *sabia* disso, sei há anos. Mas você realmente é... – Ele toca meu rosto. – Você está mais quente agora.

– É o sangue – digo.

– Se eu te levantasse, você estaria mais pesado?

– Imagino que sim. Eu acabo de esvaziar uma corça. – Dou-lhe uma olhada de relance; ele ainda parece algo que me dá vontade de comer. – Não tente.

– Como funciona? – ele indaga.

– Eu não sei... Magia, magia de sangue. Vírus, algum vírus mágico. Não sei.

– Com que frequência você precisa beber?

– Para me sentir bem, toda noite. Para me manter são, em um intervalo de algumas noites.

– Você já mordeu alguém?

– Não. Não sou um assassino.

– Tem que ser fatal todas as vezes? A mordida? Não tem como você tomar só *um golinho* do sangue de alguém e depois ir embora?

– Não acredito que você esteja me perguntando isso, Snow. Logo você, que não consegue largar

metade de um sanduíche.

– Então você não sabe?

– Eu nunca tentei. Não sou... assim. Meu pai me mataria se eu tocasse em uma pessoa. (Acho que mataria de verdade, se eu mordesse uma pessoa. Talvez devesse mesmo.)

– Ei – diz Snow, franzindo a testa para mim. – Não faça isso.

– Isso o quê?

– Pensar. Seja lá o que estiver pensando. Pare.

Eu exalo, frustrado.

– Por que isso tudo não *te incomoda*?

– O quê?

– Eu sou *um vampiro*.

– Bem, isso me incomodava – diz ele. – Quando eu pensava que qualquer noite você fosse me drenar ou me transformar num zumbi. Mas os últimos dias têm sido bastante educativos, né?

– Então agora que você sabe que eu sou vampiro, com certeza, você não se importa?

– Agora que sei que você simplesmente se esgueira por aí, bebendo o sangue de animais de

estimação e caça legalizada, bem, não me sinto tão incomodado. Não é como se eu fosse um vegetariano convicto.

– E você ainda não acredita que eu esteja morto.

Ele balança a cabeça uma vez, com firmeza.

– Eu não acredito que você esteja morto.

Estamos na entrada para a garagem agora, e eu entro com o carro.

– A luz do sol me queima – digo.

Ele dá de ombros.

– A mim também.

– Você é um idiota, Snow.

– Você me chamou de Simon antes.

– Não chamei, não.

Simon

Não sei direito por que estou tão feliz. Nada mudou.

Alguma coisa mudou?

O beijo. Isso foi novo. A vontade de beijar.

O fato de olhar para Baz e pensar em como o cabelo dele cai em uma onda preguiçosa sobre sua

testa...

É, não. Eu já pensava nisso antes.

Baz é um vampiro; isso não é novidade.

Pelo visto, Baz é o vampiro mais relutante e menos sugador de sangue do mundo – o que é um tanto surpreendente.

E também o mais bonito, pelo jeito. (Agora que já vi alguns.)

Eu quero beijar um cara. Isso, sim, é uma mudança, mas não é algo que eu esteja preparado para pensar no momento.

... *De novo.* Eu quero beijá-lo de novo.



Estacionamos o carro num velho celeiro convertido em garagem, depois entramos na casa pela porta da cozinha. Em silêncio. Para não acordar ninguém.

– Está com fome? – pergunta Baz.

– Sim.

Ele revira o refrigerador. Apenas um vampiro adolescente típico apanhando um sanduíche

noturno.

Ele empurra uma caçarola nos meus braços, depois pega dois garfos.

– Leite? – ele oferece. – Coca?

– Leite – respondo. Estou sorrindo. Não consigo parar de sorrir. Ele coloca a caixa por cima da caçarola, pega alguns guardanapos de tecido da gaveta, depois se dirige para o seu quarto lá em cima. É uma luta acompanhá-lo.

Eu queria saber no que ele estava pensando...

Baz

Eu não sei no que eu estou pensando.

Simon

Quando chegamos ao quarto dele, Baz acende um abajur – a cúpula é de um vermelho escuro, de modo que não oferece muita luz – e se senta no chão junto ao pé da cama, apesar de o quarto estar cheio de coisas confortáveis para se sentar.

Eu me sento perto dele, que toma a caçarola de mim e lança um rápido **Tá esquentando!** Depois, tira a tampa e me entrega um garfo. É torta de carne.

– Você *precisa* comer? – pergunto. – Ou simplesmente gosta de comer?

– Eu preciso – diz ele, pegando uma garfada e evitando meu olhar –, só não tanto quanto as outras pessoas.

– Como você sabe que não é imortal?

– Chega de perguntas.

Nós acabamos com a torta de carne, comendo direto da tigela no colo de Baz. Ele mastiga com a mão sobre a boca. Tento me lembrar se já o vira comer antes... Eu termino o leite. Ele não quer.

Ao terminarmos, ele coloca a louça suja do lado de fora da porta, depois acende o fogo na lareira com sua varinha.

Eu me arrasto para me sentar perto dele.

– Você é um piro – digo.

Ele dá de ombros, encarando o fogo.

– Você não está pensando em queimar a casa toda, está?

– Não, Snow. Não tenho vontade de morrer. Queria ter. Facilitaria tudo.

– Por favor, pare de falar assim.

Ele não diz nada por um momento. Depois, abruptamente, volta-se para mim.

– Foi por isso que você me beijou? Para impedir que eu me matasse?

Eu balanço a cabeça.

– Não exatamente. Digo, eu *queria, sim*, impedi-lo de se matar.

– Por que, então? – ele quer saber.

– Por que eu te beijei?

– É.

– Acho que eu tive vontade – digo, dando de ombros.

– Desde quando?

Dou de ombros de novo, e isso o enfurece. Ele coloca outra tora no fogo.

– Você queria que eu beijasse? – pergunto.

– Não – diz ele. – Por que eu iria querer? Por que essa ideia me ocorreria? *Ei, sabe o que daria um jeito nessa situação horrorosa com os vampiros e a minha*

mãe e a guerra e o declínio da magia? Dar uns pegas no meu colega de quarto cretino. Aquele que provavelmente vai foder com a minha vida algum dia. Esse é um bom plano.

– Você não precisa ser tão malcriado – digo. – Estamos do mesmo lado aqui.

– No momento – diz Baz. – Você vai me ajudar a descobrir quem matou a minha mãe, eu vou matar seja lá quem for, e então você vai se certificar de que eu seja enfiado em alguma torre por isso. Você já venceu. Assim que contar ao Mago que sou um vampiro, ele vai arrancar minhas presas e quebrar minha varinha. Eu vou acabar em Covent Garden, lambendo as botas do Nicodemus. E isso se eu tiver *sorte*.

Será que o Baz acha mesmo que eu faria isso? Agora?

– Aqueles vampiros estavam embasbacados com você – digo. – Queriam botar uma coroa na sua cabeça.

– Você está sugerindo que eu passe para o outro lado?

– Não. Estou só dizendo que você foi incrível hoje.

– Não está me ouvindo, está?

– *Estou, sim* – digo. – Mas você está errado. Nada vai voltar ao normal depois disso. Como poderia voltar?

– Porque somos amigos agora?

– Porque somos mais do que isso.

Baz apanha o atiçador e cutuca o fogo.

– Um beijo, e você já acha que o mundo está de cabeça para baixo.

– Dois beijos – digo. E eu o seguro pela nuca.

Baz

Eu não sei que horas são.

A escuridão mudou de cor no quarto, como se o sol estivesse subindo de mansinho para nos surpreender. Estamos deitados de costas para o fogo, o que sobrou dele, de mãos dadas.

Snow suspira e aperta minha mão – e quando eu solto um grito, ele franze a testa e levanta minha mão entre nós dois: há uma queimadura em forma de cruz na minha palma, de quando eu arranquei

seu colar com um puxão na noite passada. (A cruz está do outro lado do quarto agora; o próprio Snow cuidou dela dessa vez.)

Ele traz minha palma até sua boca e a beija.

– Não achava que você fosse gay – digo. Baixinho.

Ele dá de ombros. Metade das frases de Snow se resume a esse gesto.

– O que isso quer dizer? – murmuro.

– Eu não sei – ele diz, fechando os olhos. – Acho que nunca pensei muito sobre o que sou. Tenho muita coisa a resolver.

Aquilo me faz rir. Uma risada juvenil, com ar escapando pelo nariz. Snow começa a rir comigo.

– Muita coisa a resolver? – repito.

– *Você* é gay? – ele pergunta, olhando para mim e ainda rindo.

– Sim – digo. – Completamente.

– Então você faz isso o tempo todo?

Eu reviro meus olhos.

– Não.

– Então como você sabe que é gay?

– Eu simplesmente sei. Como é que você *não sabia*?

– Sei lá – diz ele. Entrelaça os dedos nos meus e segura minha mão frouxamente. – Tento não pensar.

– Sobre ser gay?

– Sobre nada. Faço listas de coisas sobre as quais não pensar.

– Por quê?

– Porque dói pensar em coisas que você não pode ter nem evitar. Melhor não pensar nelas – diz ele.

Eu esfrego meu polegar de um lado para o outro no dorso da mão dele.

– Eu estou na sua lista?

Ele ri outra vez e balança a cabeça; seu cabelo roça contra o meu.

– Bem capaz. – Ele parece sonolento. – Tentar não pensar em você... é como tentar não pensar em um elefante que está de pé em cima do meu peito.

Eu penso sobre isso.

Sobre Snow pensando em mim.

Eu sorrio.

– Não consigo me decidir se isso é um elogio...

– Eu também não – diz ele.

– Então você *não pensa* – digo.

– É inútil.

Eu me apoio em um cotovelo e olho para ele.

– Não te entendo. Você é o bruxo vivo mais poderoso, o mais poderoso que já viveu, provavelmente. Pode ter qualquer coisa que quiser. Como pode ser inútil para você pensar a respeito?

Snow se levanta sobre os cotovelos e deixa sua cabeça pender em minha direção.

– Porque não importa. No final, apenas faço o que se espera de mim. Quando o Insípidum vem atrás de mim, luto com ele. Quando ele envia dragões, eu os mato. Quando você me engana e me leva para uma quimera, eu perco o controle. Não tenho a opção de escolher ou planejar. Eu só aceito as coisas como elas vêm. E algum dia, algo vai me pegar desprevenido ou ser grande demais para lutar contra, mas vou lutar mesmo assim. Lutarei até não conseguir mais lutar. O que há para se *pensar* a respeito disso?

Simon desaba de volta no chão. Estendo a mão e, com muito cuidado, empurro os cachos para longe de sua testa. Ele fecha os olhos.

– Sempre pensei que você iria me matar – digo.

– Eu também – diz ele. – Tentei não pensar sobre isso.

Giro meus dedos em seu cabelo. É mais espesso do que o meu, mais cacheado, e tem um brilho dourado sob a luz do fogo. Ele tem uma pinta na bochecha que eu sinto vontade de beijar desde os meus 12 anos. Eu a beijo.

– Faz muito tempo – digo.

– Hummm? – Ele abre um olho.

– Quero fazer isso faz muito tempo. Quase desde que te conheci...

Snow torna a fechar os olhos, e sorri como se estivesse tentando não fazê-lo.

Eu também sorrio, mas só porque ele não está olhando.

– Eu pensei que isso fosse me matar.

63.



Penélope me acorda puxando as cobertas para baixo. Eu as puxo de volta.

– Acorda, Agatha. Temos que ir.

– Vou mais tarde. Tô dormindo.

– Não, temos que ir. Vamos.

Estou deitada na ponta da cama dela. Nós dormimos assim, e ela ficava me dando chutes nas costas.

– Vá *embora*, Penélope.

– Tô tentando. Mas preciso de você para dirigir.

Eu abro os olhos.

– Dirigir para onde?

– Não posso te contar. Ainda. Mas vou contar.

– Algum lugar de Londres?

– Não.

– Penny, é véspera de Natal. Tenho que ir pra casa!

– Eu sei!

Ela já está vestida. Puxou o cabelo para trás num rabo de cavalo gigante e cheio de frizz, que provavelmente seria bonito e ondulado se ela colocasse qualquer produto nele. *Qualquer coisa.* Hidratante para as mãos. Creme de barbear.

– E você *pode* ir pra casa. Mas antes, preciso que me leve para o interior.

– Por quê?

– É uma surpresa – diz ela.

– Não.

– Uma aventura?

– Estou indo pra casa.

Penny suspira.

– Temos que ajudar o Simon.

Eu fecho os olhos e rolo para longe dela.

– Agatha? Vamos... Isso é um sim ou um não? Se é um não, posso pegar o seu Volvo?

64.

Baz

Eu acordo ao menos uma hora antes de Snow.

É difícil não observá-lo dormindo.

Eu já fiz isso antes – muitas e muitas e muitas vezes –, mas foi quando eu pensava que jamais conseguiria nada além disso. Quando observar Snow escondido parecia ser o meu prêmio de consolação na vida.

Ainda não tenho certeza do que está acontecendo entre nós. Nós nos beijamos na noite passada. E nesta manhã. Bastante. Isso significa que vamos poder fazer isso hoje? Ele sequer tem certeza de que é gay. (O que é idiota. Mas Snow é um idiota. Logo...)

Ele está deitado no sofá e eu estou sentado na ponta, perto de suas pernas. Ele rola nas almofadas, enterrando o rosto.

– Você não pode ficar me olhando dormir só porque a gente tá se pegando – diz ele.

– Só porque a gente se pegou – corrijo. – E não estou olhando você dormir; estou tentando achar um jeito de te acordar sem você me apontar uma espada.

– Estou acordado – diz ele, puxando uma das almofadas por cima da cabeça.

– Vamos, vamos. Bunce está a caminho.

Ele ergue a almofada.

– O quê? Por quê?

– Eu disse a ela que temos novas informações. Ela também tem algumas. Vamos fazer uma reunião.

Ele se senta.

– Então ela simplesmente está vindo para cá?

– Sim.

– Para a sua mansão gótica?

– Não é gótica, é vitoriana.

Snow esfrega seu cabelo.

– Isso é alguma armadilha? Está atraindo todos nós para nos matar? – Ele parece genuinamente desconfiado.

– Como foi que eu te *atraí*? Você pegou carona até a porta da minha casa!

– Depois de você me convidar – dispara ele.

– Sim. Você me pegou. Sou um vilão. – Eu me levanto. – Te vejo na biblioteca, depois de você se arrumar.

Tento não aparentar estar saindo em um rompante – espero até estar fora do quarto, aí saio pisando duro nas escadas.

Não sei o que esperava. Que Snow abrisse os olhos, me visse ali e depois me puxasse para um de seus beijos de especialista e dissesse: "Bom dia, querido"?

Simon Snow nunca vai me chamar de "querido".

Embora ele tenha acabado de dizer que a gente estava se pegando...

Não temos uma lousa em casa, mas minha madrasta tem um quadro-branco na cozinha, que ela usa para organizar as aulas e os esportes dos meus irmãos. Eu tiro uma foto dele com meu celular, depois apago o quadro e o retiro da parede.

Minha irmã de sete anos me observa fazer isso.

– Vou contar pra mamãe – diz ela.

– Se você contar, vou entupir todas as chaminés para o Papai Noel não conseguir entrar.

– Tem chaminés demais – ela argumenta.

– Não para mim – digo. – Estou disposto a fazer hora extra.

– Ele pode vir pela porta.

– Não seja idiota, Mordelia, Papai Noel jamais usa a porta. E se usasse, eu diria a ele que está na casa errada. – Estou manobrando o quadro-branco cuidadosamente pela porta da cozinha.

– Vou contar pra mamãe! – ela grita pelas minhas costas.

Monto o quadro na biblioteca e desenho duas colunas: *Tudo o que sabemos* e *Tudo o que ainda não sabemos*. Snow adentra a sala. Eu o ignoro.

– Não que eu pense que você vai nos trair – diz ele.

Eu faço um ruído que, temo, parece demais com "humpf".

Simon remexe seus cachos com uma das mãos.

– É só que... bem, ainda está um pouco esquisito entre nós dois, não está?

Continuo a ignorá-lo.

– Digo... você não falou... que as coisas agora estão diferentes pra você. *Eu disse* que não vou te matar.

– Não, não disse – respondo.

– Devo ter deixado implícito.

– Não.

– Hum, tá bem. – Ele limpa a garganta. – Baz, eu não vou te matar. Eu não vou nem lutar com você, vou?

– Que bom – digo, recuando do quadro-branco e admirando minhas colunas. – Isso vai facilitar muito as coisas.

– Que coisas?

– Por Crowley, eu não sei. Seja lá o que as Famílias inventarem para mim. Provavelmente é para mim que vão pedir que envenene o seu Ki-Suco, agora que você confia em mim. O que *posso* prometer, Snow, é chorar sobre o seu cadáver.

– Ou não – diz ele.

– Certo, eu vou chorar em particular, quando esse dia chegar.

– Não – insiste ele –, estou falando sério. *Ou não.*

Olho para ele por cima do ombro.

– O que você está tentando dizer?

– Que nós não precisamos lutar.

– Você se deu conta de que o seu mentor pilhou minha casa duas vezes neste mês?

– Sim... Quer dizer, não, eu não sabia disso... mas o ponto é: *eu* não pilhei a sua casa. E se – disse ele, adiantando-se um passo – eu te ajudasse a descobrir quem matou a sua mãe, e depois você me ajudasse a combater o Insípidum, e nós simplesmente nos esquecêssemos do resto?

– *Do resto* – digo, me virando. – Belo jeito de simplificar uma década de corrupção e abuso de poder.

– Está falando do Mago?

– Sim.

Ele parece estar sofrendo.

– Queria que você não fizesse isso.

– Como é que eu posso não falar sobre o Mago quando estou conversando com *o Herdeiro do Mago*?

– É assim que você pensa em mim?

– Não é assim que você pensa em si mesmo? Ah, é. Eu me esqueci, você não pensa.

Simon geme e revira os cabelos.

– Jesus Cristo. Alguma vez você *não dá* o golpe mais baixo? Tipo, alguma vez você pensa: "Talvez eu não devesse dizer a coisa *mais cruel* neste momento"?

– Estou tentando ser eficiente.

Ele se apoia contra a prateleira em que coloquei o quadro-branco.

– É cruel.

– Você que o diga, Snow. Você sempre vai na jugular.

– Quando estou lutando. Nós não estamos lutando.

– Nós estamos sempre lutando – digo, voltando para o quadro.

Estou de frente para o quadro; Snow está de pé perto de mim, de frente para a sala. Ele se inclina na

minha direção de leve, sem me olhar, e tromba o braço contra o meu, estragando a palavra que estou escrevendo.

– Ou *não* – diz ele.

Eu apago a palavra e recomeço. Estou trabalhando na lista de *Tudo o que ainda não sabemos*. Sinto-me tentado a escrever: *tudo de importante* e também *se Simon Snow é, de fato, gay*. E: *será que eu vou viver para sempre?*

– Vou ajudá-lo a descobrir quem matou a sua mãe – ele diz outra vez, como se estivesse explicando um plano. – E você vai me ajudar a parar o Insípidum, esse é um objetivo comum, né? E aí vamos nos preocupar com o resto depois.

– É assim que você consegue o que quer? Repetindo até que seja verdade?

– Não é assim que se lança um feitiço?

A minha mão que segura o giz descai, e eu me viro para ele, exasperado.

– Simon...

– Arrá! – ele grita, se endireitando e apontando. Me dá um susto danado. Já o vi matar um cachorro

com muito menos esforço. (Ele dissera que o cachorro era *sombrio*; acho que só estava empolgado.) – Você fez de novo!

– Fiz o quê? – pergunto, afastando sua mão do meu rosto com um tapa.

Ele espeta a outra mão na minha cara, apontando.

– Me chamou de Simon.

– O que você preferiria? O Escolhido?

A mão dele descai.

– Eu prefiro Simon, na verdade. Eu... eu gosto.

Eu engulo em seco, e deve ser óbvio como eu estou nervoso, porque ele olha para o meu pescoço.

– Simon – digo, e engulo de novo –, você está sendo idiota.

– Porque gosto mais disso do que de brigar?

– Não existe "isso"! – protesto.

– Você dormiu nos meus braços – diz ele.

– De forma entrecortada.

Ele deixa sua mão cair, e eu a apanho. Porque sou fraco. Porque sou um desapontamento constante para mim mesmo. Porque ele está bem ali com sua pele dourada e suas pintas e seu hálito matinal.

– Simon – eu digo.

Ele aperta minha mão.

– Não é que eu não prefira *isso*. É que... – Eu suspiro. – Não posso sequer imaginar. Minha família é contra tudo que o Mago representa.

– Eu sei – diz ele, enfático. – Porém, acho mesmo que temos problemas maiores do que esse. Se descobrirmos quem matou a sua mãe, e depois formos atrás do Insípidum juntos, talvez possamos ajudar todo mundo a ver que é melhor nos unirmos, e então...

– E então todo o Mundo dos Bruxos vai ver como é melhor trabalharmos juntos e vamos todos cantar uma canção sobre cooperação.

– Estava pensando que poderíamos parar de amaldiçoar uns aos outros e de trancar uns aos outros em torres.

– Você diz seis, eu digo meia dúzia.

Ele puxa o meu braço e eu caio um pouco para a frente. Ou talvez eu esteja ficando tonto. Não está abaixo de minha dignidade. (Snow está. Abaixo de mim. Sempre. Nove centímetros, no mínimo.)

– Como você pode ser assim? – eu sussurro. – Como pode confiar em mim, depois de tudo?

– Não sei se confio em você – ele cochicha de volta. Estende a outra mão e toca minha barriga. Eu a sinto descer. (A barriga, digo.) – Mas... – Ele dá de ombros.

Snow esfrega minha barriga e eu fecho os olhos, pois a sensação é boa. (Muito boa.) E também porque quero que ele me beije de novo.

Snow me beijou na noite passada até minha boca ficar dolorida. Ele me beijou tanto, que fiquei preocupado em Transformá-lo com minha saliva. Ele ficou de quatro por cima de mim e me fez levantar até alcançar sua boca, e eu o fiz. E faria de novo. Eu ultrapassaria todos os limites por ele.

Estou apaixonado por ele.

E ele gosta mais disso do que de lutar.

65.

Simon

Se Penélope estivesse aqui, eu diria a ela que está errada a meu respeito. Ela acha que resolvo tudo com a minha espada. Entretanto, pelo visto, também resolvo as coisas com a minha boca – porque, até agora, toda vez que me inclino na direção de Baz, ele se cala e fecha os olhos.

Se Penélope estivesse aqui, faria eu me explicar.

Graças à magia ela não está aqui ainda.

Eu acabo de enfiar os dedos entre os botões da camisa de Baz; a pele dele está na temperatura ambiente.

E então alguém pigarreia. Baz se endireita, o que significa que sua boca se afasta da minha com um safanão. Recuo tão rápido, que não sei se me teletransportei.

A empregada – ou babá, ou seja lá o que ela for – está de pé junto à porta. Está usando um vestido preto e um avental branco.

– Sr. Pitch – diz ela, e deve ser paga para fingir não reparar em nada por aqui, porque ela nem pisca. Provavelmente, rapazes se beijando é algo leve; ela já deve ter interrompido interrogatórios e sacrifícios de bodes. – Visitas para o senhor – diz ela. – Duas moças.

– Obrigado, Vera – diz Baz, sem qualquer traço de desculpa. – Pode mandá-las entrar.

Ele endireita a camisa e ajeita o cabelo.

– Moças? – indago. – Mais de uma?

– Agatha – Baz diz, por cima do meu ombro –, seja bem-vinda. Olá, Bunce.

Eu me viro. Penélope e Agatha estão de pé junto à porta da biblioteca; não devem ter esperado a empregada voltar para buscá-las. Penny já está analisando as estantes da biblioteca luxuriosamente. Agatha está olhando para mim.

– O que vocês estão fazendo aqui? – pergunto.

– Baz nos chamou – diz Penny. Ela entra na sala e me entrega um prato de biscoitos de gengibre cobertos por um plástico.

– O que *você* está fazendo aqui? – Agatha me pergunta.

– Agatha passou uns dias comigo – explica Penny –, e ela estava de carro, então...

– Por favor, entre, Agatha – convida Baz. – Posso oferecer alguma bebida pra vocês?

– Eu aceito chá – diz Penny.

– Excelente – diz ele, passando por Agatha ao sair pela porta.

– O que é isso? – pergunta Agatha. – Penélope não quis me contar nem para onde estávamos indo. O que você está fazendo *aqui*, Simon?

Franzo a testa para Penny.

Ela desembrulha o prato de biscoitos e pega um.

– Eu não sabia até que ponto poderia abrir o jogo! E não acho que ela teria me trazido se eu contasse para onde estávamos indo. Vocês dois precisam superar isso, Simon. Se você pode fazer as pazes com Baz, pode fazer as pazes com Agatha.

– Paz temporária – diz Baz, já de volta com o chá e um prato de frutas. Ele deve ter usado magia.

– Eu sirvo – diz Penny.

– Paz temporária? – pergunta Agatha. Penny lhe entrega uma xícara de chá. – Vocês estão todos *possuídos?* – Ela devolve o chá. – Eu não vou beber isso.

Baz olha para mim.

– Você decide, Snow. Confia nela?

Agatha está fumegando.

– Se ele confia *em mim*?

– É claro que sim – digo. E é verdade, até certo ponto, pelo menos. Eu confio que Agatha não será má. Eu não confio nela sozinha com Baz. (Embora acredito que deva repensar tudo isso, sob a luz das informações mais recentes) – Agath...

– Estamos tentando descobrir quem matou a mãe do Baz – interrompe Penélope.

– O Insípidum a matou – afirma Agatha.

Penny ergue sua xícara, gesticulando com o objeto.

– Não de acordo com ela própria.

Agatha parece confusa. E um pouco brava.

Eu olho para Baz. Parece que ele é quem deveria contar essa parte, tanto quanto quisesse, mas ele volta ao quadro-branco, preenchendo a coluna *Tudo o que sabemos – fantasmas, Visitas, vampiros*. Penny dá um pulo e se levanta assim que Baz acrescenta *Nicodemus* à lista.

Tomo o lugar ao lado de Agatha no sofá.

– Quando foi que isso tudo começou? – Agatha me pergunta.

– Quando o Véu se dissipou – digo. – Natasha Grimm-Pitch atravessou o Véu para encontrar Baz e, em vez disso, deparou-se comigo. Ela quer que ele encontre seu assassino. Quando Baz retornou, disse a ele que o ajudaria a descobrir.

As sobrancelhas de Agatha quase se tocam, e seu nariz está franzido.

– Por quê?

– Porque me pareceu a coisa certa a se fazer.

– Foi, é?

Encolho os ombros.

– É. Digo, foi um ataque a Watford. Um assassinato.

– O que o Mago disse sobre tudo isso?

– Ele não disse. Não exatamente. – Eu olho para baixo, para o meu colo, coçando os cabelos acima da minha nuca. – Penny e Baz acham que não devemos contar a ele.

– Penny *e Baz* acham?

– É a mãe do Baz – digo –, então acho que devo respeitar os desejos dele.

– Mas Baz te odeia!

Eu assinto.

– Eu sei. Nós estamos meio que... numa trégua?

– Simon, ouça o que você está dizendo! *Uma trégua?*

– Vocês foram para um bar de vampiros! – Penny grita, do outro lado da sala. Baz deve estar atualizando-a. – Mas que belo par de imbecis vocês são! Tiraram fotos?

– Vampiros não aparecem em fotos – digo.

– Em espelhos, seu besta – diz Baz.

– Você não consegue se ver no espelho?

Baz me ignora e volta a contar a Penny sobre Nicodemus.

– Mas... – Agatha está olhando para os dois. – Baz é sombrio. Ele é *mau*.

– Pensei que você nunca tivesse acreditado nisso – digo.

– Acreditei totalmente – diz ela. – Você nos disse que ele era um *vampiro*, Simon. Calma lá... – Ela se volta para ele, depois para mim. – ... ele por acaso acaba de admitir que é um vampiro?

Eu puxo os cabelos da minha nuca. Sei que estou com uma expressão idiota.

– Não sei se é tão simples assim...

– Que o Baz seja um vampiro?

– Não, ele definitivamente é um vampiro – digo. – Acho que *isso* é simples. Mas você não pode contar a ninguém, Agatha.

– Simon, *você* já contou pra todo mundo. Tem contado pra todo mundo desde o terceiro ano.

– Sim, mas ninguém acreditou em mim.

– *Eu* acreditei em você.

– "Um de vocês"? – diz Penélope, em voz alta. – O que Nicodemus quer dizer com isso? Que foi outro bruxo que permitiu a entrada dos vampiros? Ou um dos Pitches, alguém da sua família...

– Não seria alguém da minha família – protesta Baz. – Jamais.

– Seus parentes são traidores famosos – argumenta Penny. – Houve uma época nos anos 1700 em que eles nem tinham permissão para assinar contratos.

– Sim, mas nunca traímos *uns ao outros*.

Baz continua contando a Penny sobre Nicodemus. E sobre Ebb.

– Foi Simon que descobriu tudo – diz ele –, sem nem sequer abrir um livro.

– Típico – diz Penny.

Baz não conta a ela o modo como Nicodemus o ameaçou e provocou. Não conta a ela muita coisa sobre Fiona. Não diz como ele foi frio pra cacete no bar, nem como perdeu o controle totalmente assim que saiu de lá. Como eu o beijei para salvar sua vida – e depois o beijei só porque quis. (Só agora me dou

conta de que talvez pudesse ter salvado a vida dele de algum outro jeito...)

– Então você está ficando aqui? – Agatha pergunta. Para mim.

– Não, só vim contar ao Baz sobre Nicodemus, mas depois não tive carona pra casa.

– E quem é Nicodemus, mesmo?

– A pessoa que sabe quem é o traidor – responde Penny, virando-se depois para mim. – Não posso acreditar que vocês simplesmente o deixaram lá, sabendo que ele tem todas as respostas! Se tivesse contado a vocês quem tentou contratá-lo, já teríamos terminado agora.

– Não podíamos usar um feitiço de compulsão nele – digo. – E não podíamos surrá-lo até que nos contasse; estávamos cercados por vampiros.

Penélope cruza os braços.

– É, acho que tem razão.

– Que beleza a sua ética, Bunce – diz Baz.

– O que foi que *você* descobriu, Penny? – pergunto.

– Não muito, em comparação com vocês. – Ela se recosta contra uma prateleira e cruza os tornozelos. – Eu conversei com meu pai sobre o Insípidum. Ele confirmou que as pessoas só culparam o Insípidum pela Tragédia Watford anos depois do incidente. Pensaram apenas que tinha sido outro ataque de vampiros. Ei, Agatha, você já está informada sobre tudo? Talvez pudéssemos conversar com os *seus* pais! Seu pai pode se lembrar de alguma coisa...

– Não estou informada – diz Agatha.

– Bem, informe-se – retruca Penny. – Está tudo no quadro-branco. E tenho que dizer: é bom tê-la de volta.

– Não tenho certeza de que estou de volta – resmunga Agatha. Apenas eu a escuto.

– Tem sido muito bom – digo a ela. – De verdade. Trabalhar com Baz em vez de lutar contra ele.

– É por isso que você estava procurando por ele? – pergunta ela. – Aquela noite nas muralhas? Por causa de uma Visita?

– Mais ou menos...

Penny e Baz continuam acrescentando notas ao quadro. Estão brigando pelo marcador colorido. Sinto que deveria continuar sentado com Agatha e responder às suas perguntas, mas ela não diz mais nada. E ainda não tomou chá algum.

Penny questiona Baz até descobrir sobre o livro de lembranças escolares de Fiona, e então pede para vê-lo. Em seguida, Penny e Agatha passam uma hora examinando as imagens.

A madrasta de Baz nos traz sanduíches. Quando ela entra, Baz e Penny movem o quadro-branco – Baz com aparência normal, Penny com cara de quem tem um segredo terrível.

Tento convencê-los de que é estupidez deixar todas as nossas anotações assim escancaradas, e que deveríamos apagar o quadro agora, mas os dois estão viciados nesse troço.

E então o pai de Baz volta do trabalho para a casa. Ele ainda se mostra confuso com minha presença, mas fica empolgado em conhecer Penny e Agatha – apesar de eu saber que ele não se dá bem com os

pais delas. Talvez ele seja apenas bem-educado. Baz fica revirando os olhos.

No final da tarde, todos estamos empanturrados de bolachas, e não fizemos qualquer progresso real. Até Penny já abandonou o quadro-branco.

Ainda estou sentado perto de Agatha no sofá. Baz está sentado em uma cadeira estofada diante de nós; acho que Agatha e eu o observamos, mas ele raramente olha em nossa direção.

Penélope senta-se no braço da cadeira de Baz. Vejo as narinas dele se contraírem, mas ele não se afasta. Acho que passou todo esse tempo sem devorar ninguém, então não vou me incomodar com isso.

– Temos que voltar para ver Nicodemus – diz Penny. – É o que a Diretora Grimm-Pitch nos disse para fazer.

– Não podemos obrigá-lo – digo –, e ele não vai nos contar nada.

– Talvez vocês não tenham pedido com *gentileza* suficiente – diz ela, agitando as sobrancelhas.

– Belíssima ideia, Penélope – diz Baz. – Vamos mandar você para *seduzi-lo*.

– *Não* – digo.

– Estava pensando na Agatha... – diz Penny

– Eu nem estou aqui – diz Agatha. – Quando todos vocês forem julgados diante da Irmandade, *eu não estava aqui*.

– Nós não desobedecemos a nenhuma lei – protesto.

– Ah, como se isso importasse – diz ela.

– É verdade, é verdade – concorda Baz. – Sabe, eu sempre esperei ser julgado injustamente diante da Irmandade algum dia, mas nunca imaginei que estaria em tão boa companhia.

– Ninguém vai *seduzir* um vampiro – digo.

Baz franze a testa para mim.

– A menos – digo – que possamos convencer a sua tia...

– *Não.*

– Não sei como você vai conseguir convencer esse vampiro a confessar um assassinato – diz Agatha,

sem entonação –, quando nem consegue convencer Baz a te contar onde ele esteve por dois meses.

– Ele estava doente – diz Penny, voltando-se para Baz. – Não estava? Você disse que estava doente. E certamente *parecia* doente.

– Ele não estava doente – diz Agatha. – Dev disse que estava desaparecido.

O lábio de Baz se contorce.

– Dev te contou isso?

– Já te avisei que os seus parentes são traidores – diz Penny.

A expressão de desprezo de Baz só piora.

– Ele só contou isso a Agatha porque tem uma paixonite por ela.

– Viu – diz Penny –, *falei* que podíamos usar Agatha para seduzir as pessoas.

– Você disse que estava doente – digo para Baz.

Ele olha para mim, estreita os olhos numa expressão de raiva e depois desvia o olhar.

– Eu *estava* doente – diz ele, cruzando as pernas e alisando a calça escura. – Contudo, também estava desaparecido.

– Onde você estava? – eu exijo saber.

Ele sustenta o meu olhar de novo, ainda contrariado.

– Realmente não creio que isso seja relevante...

– Tudo é relevante – diz Penny.

– Eu... – Ele pigarreia e olha para baixo, para os joelhos. – ... fui sequestrado.

Eu me endireito no sofá.

– Sequestrado?

– Sequestrado – repete ele, depois torna a pigarrear. – Pelos lorpas.

– Lorpas? – diz Penny. – Foi algum acidente? Eles te confundiram com uma bolsa de água quente?

– Enfiaram um saco na minha cabeça quando eu estava deixando o clube, na verdade.

Agatha se endireita.

– Você foi sequestrado *no clube?*

– Por que não contou pra ninguém? – pergunto.

– Bem, eu tentei – diz ele. – Acho que ninguém me ouviu gritando de dentro do caixão.

Ainda estou segurando um sanduíche. Eu o solto.

– Os lorpas te mantiveram dentro de um caixão? Por dois meses?

– Seis semanas – ele resmunga. – E acho que pensaram que estavam me fazendo um favor ao fazer isso...

Penny dá um empurrão no ombro dele.

– Basil! Por que você não contou *pra gente*?

– Por que eu não contei a vocês? – Ele a fuzila com o olhar. – Pense: quem pagaria aos lorpas para sequestrar o herdeiro da Casa Pitch? Quem tem uma implicância com a minha família? Quem vasculhou minha casa duas vezes no último mês? Quem trancafiou meu primo em uma torre?

– Não o Mago – digo.

– É claro que foi o Mago! – Baz está com as duas mãos nos bolsos, inclinando-se adiante por cima das pernas cruzadas, os cotovelos bem abertos. – Ele pensou que poderia aterrorizar meus pais de modo que eles cooperassem com sua última campanha. Deve ficar louco ao me ver na escola e saber que escapei dele! Por que eu não te contei? "Ei, Simon,

seu mestre Jedi está tentando me pegar, ainda estamos em uma trégua?".

– Como você escapou? – pergunto.

– Fiona me encontrou. Ela é destemida.

– É por isso que você estava tão magro – digo. – E pálido. E é por isso que você ainda tá mancando. Eles te machucaram?

Ele relaxa, olhando para baixo.

– Não intencionalmente, acho. Fizeram algo com a minha perna quando me pegaram, e ela ainda não se curou direito.

– Você deveria ir ver o meu pai – diz Agatha.

– Ele agora é médico de vampiros?

– Houve algum pedido de resgate? – pergunta Penny.

– Sim – diz Baz. – Minha família não se dispôs a pagar. Os Pitches não negociam por reféns.

– Se algum dia eu for sequestrada no clube, digam aos meus pais para pagar o resgate – diz Agatha.

– Minha tia me encontrou com um feitiço de procura aprimorado – diz Baz. – Ela vasculhou a

maior parte de Londres.

– Eu teria ajudado – digo. – Não teria levado seis semanas comigo ajudando.

Baz exibe uma expressão de escárnio.

– Você jamais teria ajudado a minha família.

– Teria, sim! Estava surtando sem saber onde você estava. Achava que você iria saltar em cima de mim a qualquer momento.

– Não foi o Mago... – Diz Penny, pensativa.

– É por *isso* que não contei a vocês – diz Baz. – Sabia que não acreditariam em mim. Estão tão convencidos de que o Mago é um herói...

– Não – interrompe Penny. – Não foi *o Mago*, Baz, foi o assassino!

– Pensei que tivessem sido os lorpas... – diz Agatha.

– Foi a mesma pessoa que enviou vampiros atrás da sua mãe! – diz Penny, levantando-se de um pulo. – Ela sabia que o Véu estava se levantando, e que havia uma boa chance de que sua mãe fosse voltar para falar com você. Foi uma Visita clássica: um segredo perigoso, um crime contra a justiça. O

traidor temia que Natasha Pitch fosse voltar, e *sabia* que ela voltaria para você. Então ele, ou ela, te escondeu. Isso acontecia o tempo todo! Existe uma família na Escócia que perdia um de seus membros a cada vinte anos porque um assassino matava a pessoa mais provável a vingar as mortes anteriores. Ninguém queria um resgate por você, Baz; só queriam você escondido até que as Visitas acabassem.

Baz olha para ela. Lambe os lábios.

– Não o Mago? – indaga ele.

– O *assassino* – diz Penny, parecendo muito contente com isso, considerando-se que o assassino ainda estava à solta.

– Se isso é verdade – diz Agatha –, então precisamos contar tudo ao Mago. Imediatamente.

66.

Penélope

Certo, tudo bem. Trazer Agatha foi um erro, provavelmente.

Porém, toda essa tensão entre ela e Simon já estava indo longe demais. Eu não queria que os dois passassem o ano todo sem resolver isso.

E pensei que talvez um bom mistério pudesse distraí-la de... bem, de tudo o mais. Eu deveria ter me lembrado de que Agatha não aprecia um bom mistério.

E também de que ela é a maior dedo-duro do mundo.

– Nós *temos* que contar ao Mago – diz ela, cruzando os braços e depois as pernas. – Vocês sabem disso.

Ela está fazendo tudo o que pode para não olhar para nenhum dos meninos... Eu também deveria ter pensado nessa dinâmica de triângulo amoroso deles antes de arrastar Agatha para a casa de Baz. No entanto, toda essa dinâmica de triângulo amoroso deles é tão persistentemente estúpida, que não dá pra me culpar por bloquear isso.

– Agatha – digo –, estamos só começando a fazer alguns progressos aqui.

– Em que direção? – pergunta ela. – Se infiltrar com os lorpas?

– Podíamos conversar com eles – sugere Simon. – Lorpas falam?

– Mal e mal – diz Baz. – E o que vamos perguntar a eles? "Perderam alguma coisa?".

– Vamos perguntar a eles quem os contratou para te sequestrar – digo.

– Podem não estar dispostos a cooperar – Baz diz. – Minha tia matou alguns deles.

Simon parece horrorizado.

– Sua tia matou lorpas?

– Em legítima defesa!

– Eles a atacaram?

– Em *minha* legítima defesa – diz Baz. – Você está mesmo ficando do lado deles? Eles me mantiveram refém por seis semanas!

– Sua tia deveria ter pedido ajuda!

– Se você estivesse lá, Snow, *todos* os lorpas estariam mortos.

– Talvez. – Simon empina o queixo. – Mas não teria levado seis semanas.

– Então vamos interrogar os lorpas restantes – digo.

– Não vamos, não – diz Agatha. – Vamos contar ao Mago e deixar que ele lide com isso; é serviço *dele* lidar com isso. Estamos falando de sequestro! E assassinato!

– Olha aqui, Wellbelove – diz Baz. – Nós não vamos falar com o Mago. Já concordamos nisso.

– Bem, *eu* não concordei. – Agatha parece furiosa, e também de saco cheio, e acho que ela deveria estar em casa há mais de duas horas.

Simon coloca a mão no ombro dela.

– Baz, ela tem razão. Muita coisa mudou. Agora nós sabemos sobre Nicodemus e conectamos a morte da sua mãe ao seu sequestro...

– Não – digo. – Não vamos até o Mago.

Simon parece surpreso.

– Penny, o que é isso? Por que não?

– Porque Baz está certo, Simon. O Mago não está no clima para ajudar a família Pitch neste momento. E ele está correto, todos concordamos em não envolver o Mago.

Agatha bufa.

– Sei que você não concordou, Agatha – digo. – Mas você também não precisa fazer parte disso.

Ela torna a bufar.

– Digo, você não precisa fazer parte disso *daqui pra frente*. Me desculpe por ter te arrastado para cá.

– Eu preciso ir pra casa – diz ela. – É véspera de Natal.

Eu olho para meu relógio.

– Droga. Minha mãe deve estar subindo pelas paredes. Temos que ir. Vamos nos reunir no dia depois do Natal, tá?

Os meninos concordam, ambos olhando para o chão.

Baz vai buscar nossos casacos. Estou desapontada por não termos visto mais da casa dele – e nem termos explorado mais a biblioteca. Fui ao banheiro algumas vezes, mas fica logo ao lado, descendo pelo corredor, e parece ser um acréscimo recente. (Há uma privada japonesa lá, com música reconfortante e um aquecedor de assento.)

Agatha enfia na cabeça uma touca branca macia e um cachecol combinando.

– Vamos, Simon, você não trouxe um casaco?

Simon ainda está sentado em um dos sofás, concentrado e pensando em algo. Provavelmente, em matar lorpas. Ele ergue a cabeça.

– Oi?

– Vamos – diz Agatha. – Temos que ir.

– Ir para onde?

– Nós viemos te buscar – diz ela.

Ele ainda está confuso.

– Me levar de volta para Watford?

Agatha franze a testa. (Algum dia ela vai ter uma ruga terrível ali, e eu vou dar risada.)

– Só... vamos – diz ela. – É véspera de Natal. Meus pais vão ficar contentes em te ver.

Simon sorri como se alguém tivesse lhe entregado um presente enorme. Baz está de pé atrás dele, fazendo uma careta. (Dinâmica irritante de triângulo amoroso.) Acho que Simon tem razão, às vezes dá pra ver as presas de Baz através de suas bochechas.

Baz pigarreia, e Simon olha para trás.

– Eu... – diz Simon. – Bem, na verdade, sinto que talvez deva continuar trabalhando nesse negócio dos lorpas.

Por Morgana, será que Simon realmente se dá conta de que voltar com Agatha seria uma ideia terrível?

– *Simon.* – Agatha o encara fixamente, mas não tenho certeza do que ela quer com isso. E também não acho que ela *queira* voltar com ele. Provavelmente, está apenas cansada de tudo, e cansada de ficarem ignorando um ao outro.

Talvez ela se sinta uma canalha por deixá-lo aqui na Mansão Pitch na véspera de Natal. Eu pelo menos me sinto assim. O clima aqui é muito "Vamos sacrificar uma virgem e escrever um belo disco do Led Zeppelin". (Embora a biblioteca seja adorável e a madrasta de Baz pareça muito simpática.) (Eu me pergunto se Simon *ainda é* virgem...) (Com certeza, não.) (Talvez?)

– Mas eu pensei... – diz Simon.

– Vamos – insiste Agatha. – Se você não vier, quem vai comer todos os restos e se certificar de que a gente assista *Doctor Who*?

Simon olha de relance para Baz, que ainda parece furioso. Eu me pergunto se há uma cláusula sobre Agatha na trégua deles. Talvez seja uma zona proibida.

Entretanto, não é justo: Agatha não é apenas a ex-namorada totalmente inadequada de Simon; ela também é uma de suas únicas amigas. E ela *ainda será*, mesmo depois que esta trégua tiver terminado.

– Vamos, Simon – digo. – Vamos nos reunir depois do Natal.

– Certo... – Ele se vira para mim. – *Certo.* Vou pegar meu casaco.

67.

Baz

Estou segurando meu violino em vez de tocá-lo, quando meu pai volta para a biblioteca.

– Os bruxinhos se foram – diz ele.

Eu assinto. Ele entra na sala e se senta no sofá comprido de crina de cavalo, onde Simon passou a maior parte da tarde. Papai está vestido para o jantar. Nós nos arrumamos para o jantar aos domingos e feriados, e esta noite ele está usando um terno preto com uma gravata vermelha. Seu cabelo ficou branco quando minha mãe morreu, mas se parece com o meu – espesso, meio ondulado, e um bico de viúva pronunciado. É bom ver que a linha do meu cabelo não vai recuar completamente.

Todos dizem que puxei à minha mãe em aparência – somos do ramo egípcio da família Pitch –, mas eu imito conscientemente o modo como meu

pai se porta: a maneira como nunca se consegue ver o que está acontecendo por trás de seus olhos. Ensaiei isso na frente do espelho. (É claro que eu consigo me ver no espelho; Simon Snow é um idiota.)

No momento, estou fingindo que não ligo que Snow tenha partido. Estou fingindo nem ter notado que ele se foi.

Não sei por que me surpreendi quando ele foi embora – passei as últimas 24 horas lembrando-lhe de que não éramos amigos, apesar dos beijos. Portanto, não deveria ficar chocado e desanimado por ele partir com as duas pessoas que realmente são suas amigas... Com a pessoa que ele sempre quis, desde que o conheço.

Papai pigarreia e cruza as pernas preguiçosamente.

– Você se meteu em alguma enrascada grande demais, Basilton?

Ninguém me chama de Tyrannus. Minha mãe insistiu no nome porque é tradicional da família, mas meu pai o odeia.

– Não – digo.

– Isso é parte de algum plano maluco da sua tia? – Ele soa entediado. Fica remexendo a calça, endireitando o vinco.

– Não – falo, sem entonação. – É um projeto de escola, na verdade. Pensei em bancar o simpático, pra variar, e ver até onde isso me leva.

Ele arqueia uma sobrancelha. Está tão quieto na biblioteca, que posso ouvir seu relógio tiquetaquear.

– Porque seria um momento ruim para tomar uma atitude de maneira independente – diz ele. – As Famílias têm seu próprio plano.

– Com um papel para mim?

– Ainda não. Gostaria que você terminasse a escola primeiro. Gostaria que você se recuperasse. Estive falando com sua mãe, e ela pensou que talvez você quisesse falar com alguém... sobre a sua situação.

Ele chama Daphne de minha mãe. Eu não me importo.

– Um médico? – digo.

– Mais como um conselheiro.

– Um *psicólogo*? – Soou mais irritado do que deveria. Eu ajeito meu rosto. Pigarreio. – Papai – digo, com mais calma. – Não posso imaginar que parte da minha situação possa ser discutida com um terapeuta Normal.

– Sua mãe... ela mencionou que você já está acostumado a falar sobre a sua condição cuidadosamente. Você poderia evitar detalhes específicos.

– Estou bem – digo.

– Sua mãe...

– Vou pensar no assunto.

Ele se levanta. Graciosamente. Arruma as abotoaduras.

– O jantar estará pronto em breve – diz ele. – Você deveria se trocar.

– É claro, pai.



Daphne comprou um terno cinza para mim para o feriado – mas sou obrigado a usar cinza todo dia na escola, e já sou cinzento o suficiente. Então,

coloco o verde, que eu mesmo escolhi. Um verde bem escuro, quase preto, com um toque prateado. Estou acabando de dar o nó na gravata rosa-sangue quando Mordelia abre a porta do meu quarto.

– Bata – digo a ela pelo espelho.

– Seu...

– Saia. E bata. Vou ignorar você até que faça como mandei.

Ela geme e sai, batendo a porta do quarto. Depois bate na porta. Eu me desesperaria se ela fosse uma Pitch. Ela também não se comporta como se tivesse um grama de Grimm em si; o sangue da minha madrasta é ralo como mingau.

– Entre – digo.

Mordelia abre a porta e se apoia nela.

– Seu amigo está de volta.

Eu me viro, dando as costas para o espelho.

– Como é?

– O Escolhido.

– Simon?

Ela assente. Passo por ela na porta, resmungando:

– Não o chame assim.

Depois desço as escadas correndo. Se ele está aqui, deve haver algo errado. Talvez tenham sido atacados na estrada... Eu diminuo a velocidade quando chego à sala de jantar.

Simon está de pé no saguão, coberto de lama e neve. De novo.

Coloco as mãos no bolso.

– *Déjà vu*, Snow.

Ele passa a mão pelo cabelo, sujando-o de lama.

– Continua não havendo um jeito bom de vir da estrada até sua casa.

– E você continua sem se lembrar de um feitiço básico de resistência ao clima. Onde estão as meninas?

– A essa hora, a meio caminho de Londres.

– Por que não está com elas?

Ele dá de ombros.

Desço os últimos degraus até o saguão e saco minha varinha.

Ele levanta a mão.

– Eu preferiria simplesmente tomar um banho e trocar de roupa, se você não se importa.

– Por que você voltou? – digo, baixinho, caso Mordelia esteja se escondendo por ali.

– Posso ir embora, se não sou bem-vindo.

– Não foi o que eu quis dizer.

– Pensei que ficaria feliz por eu ter voltado.

Eu me aproximo dele, e minha voz descai para um tom ameaçador.

– Por quê? Para podermos rolar pelo chão, nos beijarmos e fingir que estamos namorando e felizes?

Ele balança a cabeça como se estivesse no limite, depois revira os olhos de maneira exagerada.

– É... acho que sim. *Sim.* Vamos fazer isso, tá bem?

Eu cruzo os braços.

– Tire os sapatos. Vou encontrar algo pra você vestir. Vai nos atrasar para o jantar.



Simon fica deslumbrante em um terno cinza.

Simon

Eu voltei porque fiquei com medo do que poderia acontecer caso não voltasse.

Baz poderia simplesmente fingir que *nada* tinha acontecido entre nós. Ele me faria sentir que sonhei esse negócio todo – como se eu fosse um idiota e um maníaco por acreditar que ele sentia algo por mim.

Eu já estava me sentindo um idiota e um maníaco no carro com Penny e Agatha.

Agatha estava soltando o verbo. O que quase nunca acontece. (Normalmente, isso só ocorre quando estamos perdidos ou somos sequestrados ou ficamos presos no fundo de um poço rapidamente se enchendo de água.) No entanto, ela está claramente de saco cheio de nós dois.

– O que você estava pensando? – ela exigiu saber. – Aqueles são *os Pitches*. Ele é um *vampiro*!

– Isso nunca te impediu de sair saltitante com ele na Floresta Oscilante – Penny disse a ela.

– Isso aconteceu *uma vez* – disse Agatha. – E foi uma paixonite adolescente.

– Foi? – eu perguntei.

– Eu só estava querendo um beijo, não estava conspirando contra o Mago!

– Ah, é mesmo? – Eu nem conseguia identificar de quem sentia ciúmes nessa situação. De ambos, acho.

– Não estávamos conspirando contra o Mago! – argumentou Penny. – Estávamos conspirando... separadamente dele.

– Pelo que estou entendendo – disse Agatha –, vocês nem sabem *o que* estão fazendo.

Fiquei com medo de que ela tivesse razão.

Tudo estava de cabeça para baixo: cooperar com Baz, esconder segredos do Mago. O que Agatha diria se soubesse sobre os beijos?

"Você nem é gay, Simon."

Esfreguei as palmas das mãos contra os olhos.

– A profecia não diz realmente que Simon tem que escutar o Mago – Penny prosseguia. – Diz que ele está aqui para o *Mundo* dos Bruxos. Isso inclui a mãe de Baz... – Ela relanceou o olhar para mim. – Simon, você está bem?

– Dor de cabeça – falei.

"Você nem é gay", diria ela, "e ele nem está vivo".

– Quer que eu tente encolhê-la? – ofereceu Penny, recostando-se entre os dois assentos anatômicos.

– Minha cabeça?

– Sua dor de cabeça.

– Por Merlin, não. Vou ficar bem.

"Você nem é gay, e ele nem está vivo, e isso nem é a *pior* parte dessa história. O que o Mago vai dizer?"

– Não é nossa função solucionar assassinatos – disse Agatha. – Vocês não são a polícia.

– *Esse* sim é um conceito interessante – disse Penny. – Uma força da lei mágica. Gostaria também de programas sociais mágicos. E de um departamento de saúde e bem-estar.

– Os Homens do Mago são a polícia – disse Agatha.

– Os Homens do Mago são um tipo de exército pessoal.

– Você está falando sobre o seu irmão! – gritou Agatha, puxando-se adiante sobre o volante.

– Eu sei! – Penny gritou de volta. – Estamos precisando desesperadamente de reformas!

– Mas o Mago é o Grande Reformador!

– Ah, qualquer um pode se chamar assim. Além do mais, Agatha, sei que você acha que o Mago é um intrometido que adora impostos e tem uma mágoa a acertar com a aristocracia. Já te ouvi dizer isso.

– Minha mãe acha isso – diz Agatha. – Ele ainda é *o Mago*.

– Parem – consegui soltar. – Encoste o carro.

Penny se voltou para mim.

– Você está bem? Vai vomitar?

– Não – falei. – Só preciso sair. Por favor.

Agatha jogou o carro para o acostamento, levantando uma nuvem de poeira e cascalho, depois se virou em seu banco para olhar pra mim.

– Qual é o problema, Simon?

– Eu preciso voltar.

– Por quê?

Coloquei minha mão na maçaneta da porta.

– Eu... me esqueci de uma coisa.

– Com certeza isso pode esperar – disse ela.

– Não pode.

– Então eu te levo de volta.

– *Não.*

– Simon – disse Penny, séria –, qual o problema?

Eu abri a porta.

– Preciso voltar e me certificar de que Baz está bem.

– Baz está ótimo – insistiu Agatha quando eu desci.

– Ele não está ótimo! Nós acabamos de descobrir que ele esteve em um caixão por seis semanas.

As meninas estavam inclinadas uma sobre a outra entre os bancos dianteiros, totalmente viradas para trás para gritar comigo.

Penny:

– *Agora* ele está ótimo!

Agatha:

– Volte para o carro!

Coloquei minha mão na porta e me debrucei para poder vê-las.

– Ele não deveria ficar sozinho nesse momento.

– Ele não está sozinho! – ambas disseram.

– Eu deveria ficar de olho nele. – Tornei a me levantar.

– Vamos levar você de volta – disse Agatha.

– Não. Não. Você vai chegar atrasada na véspera de Natal. Vá. – Fechei a porta, dei a volta e imediatamente comecei a correr.



Eu não achava que gente rica realmente comesse assim. Em uma mesa comprida coberta com tecido vermelho e dourado. Guardanapos espessos presos com poinsétias. Bandejas com pesadas tampas de prata.

Não me surpreenderia se gente rica realmente *não* vivesse assim – mas os Pitches, sim, só pra fazer uma cena. Se a véspera de Natal é assim, o que eles têm planejado para amanhã?

– Desculpe pelo atraso, mãe – diz Baz, puxando uma cadeira.

– Que surpresa agradável, Sr. Snow – diz o pai dele. Ele está sorrindo, mas de uma maneira que faz com que eu me arrependa da decisão de voltar.

– Obrigado, senhor. Espero não estar me intrometendo.

A madrasta de Baz sorri também.

– É claro que não. – Não sei dizer se está sendo sincera ou apenas educada.

– Eu o convidei – Baz diz ao pai. – Não que ele tivesse outro lugar para passar o Natal. – Não sei dizer se Baz está mesmo sendo rude ou apenas mantendo as aparências. Não consigo ler a expressão no rosto de nenhum deles; até o bebê parece apenas entediado.

Pensei que talvez fosse haver outros parentes aqui para os feriados, vários Grimms e Pitches, mas há apenas os pais e irmãos de Baz. Ali está a menina mais velha, Mordelia, depois duas outras menininhas, talvez gêmeas – não tenho certeza sobre a idade delas, mas são velhas o bastante para se sentar sozinhas e roer as coxas de peru –, e um bebê num elegante cadeirão entalhado batendo um chocalho em sua bandeja.

Todos se parecem com a madrasta de Baz: cabelo escuro, mas não preto como o de Baz, bochechas redondas e aquelas boquinhas de Billie Piper que não se fecham sobre o dente da frente. Não parecem

perigosos o suficiente para serem irmãos de Baz – ou filhos de seu pai. Penny diz que os Grimms são menos políticos e menos mortais do que os Pitches, mas o pai de Baz lembra uma víbora vestindo um terno de risca de giz; até seu cabelo, branco como a neve, é assustador.

– Recheio? – oferece Baz, me entregando uma bandeja. Parece que os servos estão de folga. (Contei ao menos quatro desde que estou aqui: Vera, duas mulheres na limpeza e um homem lá fora, retirando neve das trilhas.)

Eu pego uma grande colherada de recheio de nozes e reparo que não tem quase nada no prato de Baz. As bandejas e molheiras passam pela mesa duas vezes e ele apenas as passa para mim – me pergunto se ele tem algum distúrbio alimentar.

Como o suficiente por nós dois. A comida daqui é ainda melhor do que a de Watford.



– Você já acreditou em Papai Noel? – pergunta Baz. Ele está colocando cobertores e travesseiros

para mim em seu sofá. Sua madrasta os trouxe depois que Baz explicou que eu não queria dormir no quarto de hóspedes. “Ele tem medo das fúrias”, explicou a ela.

Aquilo fez as irmãzinhas rirem. Elas estavam ansiosas para ir dormir, para que o Papai Noel pudesse passar aqui.

– *Você avisou ao Papai Noel que estaria aqui?* – Mordelia me perguntou. – *Para ele poder enviar os seus presentes?*

– *Não avisei* – eu disse. – *Eu deveria ter avisado.*

– Acho que não – digo a Baz agora. – Digo, às vezes o orfanato recebia alguém vestido de Papai Noel e entregava uns presentes porcarias, mas eu não me lembro de ter acreditado nele. E você?

– Eu acreditei – diz Baz. – E aí, no ano em que minha mãe morreu, ele não veio... – Ele me joga um travesseiro e vai até uma cômoda alta de madeira com várias gavetas. – Eu pensei que tinha sido muito, muito mau. Mas agora acho que meu pai provavelmente estava deprimido e se esqueceu do

Natal. Fiona apareceu mais tarde no mesmo dia com um Paddington gigante.

– O ursinho?

– Não tem nada de errado com o Urso Paddington. Tome. – Ele está oferecendo um pijama, o seu pijama. Eu aceito. Em seguida, ele se senta no pé da cama e se apoia contra um dos pilares. – Então... você voltou.

Sento-me junto dele.

– É.

Baz ainda está vestindo seu terno verde-escuro. Penteou os cabelos para trás para o jantar – queria que ele não fizesse isso. Fica melhor quando está solto e caindo ao redor de seu rosto.

– Podemos ir falar com os lorpas amanhã – diz ele.

– No dia de Natal? Os lorpas celebram o Natal?

– Não sei. – Ele inclina a cabeça. – Não cheguei a conhecê-los de fato. De acordo com os livros, eles não fazem muita coisa além de comer e tentar se manter quentes.

– O que os lorpas comem? – pergunto.

– Cascalho – diz ele –, até onde se pôde identificar... talvez apenas mastiguem as pedrinhas.

– Você acha que Penny tem razão? Que foi o assassino da sua mãe que contratou os lorpas?

Baz dá de ombros.

– Faria sentido... e Bunce *normalmente* tem razão.

– Tem certeza de que aguenta voltar lá?

Ele olha para os próprios joelhos.

– Prefiro conversar com os lorpas a ir de novo atrás de Nicodemus, e essas são nossas únicas pistas.

– Ainda queria que tivéssemos um motivo... – digo. – Por que alguém iria querer ferir a sua mãe?

– Não tenho certeza de que eles *queriam* feri-la – diz Baz. – E se o alvo fosse a creche, e não minha mãe? Não havia como saber que seria ela quem viria. Talvez os vampiros quisessem levar as crianças, talvez quisessem Transformar todos nós. – Ele esfrega a mão ao longo da coxa. Suas pernas são mais compridas do que as minhas; é onde está toda a altura dele.

– Eu não sou um namorado muito bom – digo.

A mão de Baz para na calça e a puxa. Ele se senta mais ereto.

– Entendo, Snow. Confie em mim. Não estou planejando nossas próximas mini-férias; e também não vou contar a ninguém sobre nós.

– Não – digo, virando-me levemente na direção dele. – Não foi isso o que eu quis dizer. Tipo... Eu sempre fui um namorado de bosta. É por isso que Agatha terminou comigo. Fiz basicamente o que pensei que ela queria que eu fizesse, mas eu sempre entendi tudo errado, e nunca a coloquei em primeiro lugar. Eu nunca, durante três anos, senti que estava fazendo as coisas do jeito certo.

– Então por que vocês continuaram juntos?

– Bem, eu não iria terminar tudo com a *Agatha.* Não era culpa *dela.*

Ele volta a deslizar a mão pela perna. Acho que esse terno cai perfeitamente em Baz.

– Estou só dizendo – falo, me virando um pouco mais – que não sei como ser seu namorado. E não acho que você fosse querer isso de mim.

– Certo – diz ele. – Entendido.

– E sei que você acha que estamos condenados, meio Romeu e Julieta.

– Completamente – diz ele para os seus joelhos.

– E não acho que eu seja gay. Quero dizer, talvez eu seja, ao menos em parte, a parte que parece estar exigindo mais atenção neste momento...

– Ninguém se importa se você é gay – diz Baz, com frieza.

Estou sentado de lado agora, encarando seu perfil. Seus olhos estão estreitados; sua boca, uma linha reta.

– O que estou dizendo é... – Minha voz se apaga. Sou uma merda nisso. – Eu gosto de olhar pra você.

Seus olhos se erguem para mim e ele baixa as sobrancelhas, mas não vira a cabeça.

– Eu gosto disso – continuo. – De tudo isso que andamos fazendo.

Ele me ignora.

– Gosto *de você* – digo. – E nem me importa que você não goste de mim. Estou acostumado a isso, não saberia o que fazer se você gostasse. Mas gosto *de você*, Baz. Eu gosto *disso.* Gosto de ajudar você.

Gosto de saber que está bem. Quando você não voltou para a escola nesse outono, quando ficou desaparecido... pensei que iria ficar louco.

– Pensou que eu estivesse tramando contra você – diz ele.

– É – digo. – E senti sua falta.

Ele balança a cabeça.

– Tem algo de errado com você...

– *Eu sei.* Mas ainda quero isso, se você me permitir.

Baz finalmente se vira para olhar para mim.

– O que é *isso*, Snow?

– *Isso* – digo. – Eu quero ser seu namorado. Seu namorado de bosta.

Ele arqueia uma sobrancelha e me encara, como se descobrir o que há de errado comigo fosse algo que ele nunca vai ter tempo suficiente para fazer.

Alguém bate na porta, baixinho.

Baz se levanta, arrumando o terno, e vai até a porta. Ele a abre e se abaixa, apanhando uma bandeja, depois a traz de volta até a cama. Há uma

jarra de leite e um farto prato com a comida do jantar.

– Quem mandou isso? – pergunto.

– Minha madrasta.

– Por que você simplesmente não comeu no jantar?

– Não gosto de comer na frente dos outros.

– Por que não?

– Por que você faz tantas perguntas?

– É anorexia?

– Não, Snow, não é anorexia. Você conhece, por acaso, o significado dessa palavra? – Ele se senta na ponta oposta da cama e apanha o guardanapo na bandeja, chacoalhando-o para abrir. – Minhas presas crescem quando eu como – diz ele. – Dá pra ver.

Eu me arrasto pela cama para me sentar perto dele.

– Eu não reparei na outra noite, quando você comeu na minha frente.

– Bem, você não é muito observador, né?

– Ou talvez não seja tão óbvio quanto você imagina.

Baz olha para mim, e suas bochechas parecem mais cheias do que o normal. Aí ele sorri e eu as vejo – longas presas brancas, tentando escapar por entre os lábios dele.

– *Que massa!* – murmuro, tentando olhar mais de perto. Ele me empurra para trás, mas não muito. – Abra a boca de novo – digo. – Deixe-me ver.

Ele suspira e afasta os lábios. Seus caninos são *enormes*. E parecem tão afiados!

– De onde elas vêm? Tipo, para onde vão quando você não as está usando?

– Não sei. – Ele soa como se estivesse usando aparelho nos dentes.

– Posso tocá-las?

– Não. São afiadas. E tóxicas.

– Não posso acreditar que tem uma parte do seu corpo que cresce quando você precisa. Você é tipo um mutante.

– Eu sou um vampiro – diz Baz. – Você *ouviu* o que acabou de dizer?

Volto a me sentar.

– Sim.

Eu espero vê-lo com uma cara irritada, e ele parece irritado, mas também meio que sorrindo. Ao redor das presas.

Eu lhe entrego seu prato – peru, recheio, bacon, ondas de molho. Ele o pega.

– Ainda com fome, Snow?

– Eu comeria.

– Venha, então. – Ele me entrega o garfo e fica com a colher para si. O peru está tão macio, que a colher basta. Ele pega uma porção generosa e eu vejo toda a extensão de suas presas.

– Que massa – digo de novo.

Baz balança a cabeça.

– Você é um idiota – diz ele, com a boca supercheia. Ele olha para baixo, para seu prato. – Mas você pode ter... *isso*. Se quiser.

Eu quero.

68.



A viagem de carro para Londres leva três horas. Penélope lança um **O tempo voa!** – mas nenhuma de nós está se divertindo, então não funciona.

Estou quase convencida a dirigir direto até Watford para contar tudo ao Mago, mas meus pais já estavam me esperando há séculos – e, honestamente, não gosto muito da ideia de conversar sozinha com o Mago. Ele não é exatamente acessível. Está sempre vestido como Peter Pan e carrega uma espada. Tipo, o tempo todo. Certa vez, ele apareceu na nossa porta no meio da noite com sua orelha na mão. Papai teve que costurá-la de volta.

Conheço o Mago desde antes de ingressar em Watford; ele e papai estiveram na Irmandade juntos

um tempão. Contudo, não sei se o Mago sequer sabe o meu nome. Eu nunca o ouvi dizê-lo. Ele nunca fala comigo.

Penny diz que ele é sexista, mas o fato é que o Mago raramente conversa com alguém em Watford. Nem mesmo com Simon. Eu não entendo por que ele quer ser o diretor – será que ele ao menos gosta de crianças?

Talvez seja por isso que Lucy tenha terminado tudo com ele.

Ou talvez ele seja tão pateta *porque* ela terminou com ele, e jamais superou esse fato.

Ainda levo aquela foto em minha bolsa. Espero que a mãe de Penny não perceba que a roubei. Eu *realmente* espero que ela não conte aos meus pais.

Passei por uma fase de furtos em lojas aos 14 anos. Fiquei de castigo por todo um verão quando meus pais descobriram meu estoque de delineadores e esmaltes ainda fechados.

"Nós compramos cosméticos para você", dissera meu pai.

“Por que você não usou magia?”, perguntara minha mãe. “Você simplesmente pegou as coisas?” E então ela acrescentou: “Ah, Agatha, esmalte roxo... Que coisa mais comum”.

Penny só me permite ignorá-la por mais ou menos uns vinte minutos antes de explodir.

– Eu pensei que você quisesse ser incluída, Agatha!

– Não, não pensou – digo.

– Pensei, sim! Podia ver que você sentia falta de Simon. Podia ver que estava triste. Está mesmo me dizendo que preferiria que a deixássemos de fora e a ignorássemos pelo resto do ano?

– Não!

– E então, Agatha? O que você quer?

– Quero ser amiga de vocês, mas não quero ser, tipo, irmãos em armas. Não quero ter reuniões secretas! Só quero que passemos um tempo juntos! Fazer biscoitos e assistir TV. Coisas normais de amigos!

– E nós deveríamos assistir TV enquanto Simon luta contra o Insípidum? E Baz é sequestrado por

lorpas?

– Não! – Eu me inclino adiante, apertando o volante. – No cenário que estou descrevendo, nada disso estaria acontecendo!

– Mas *está* acontecendo.

– Bem, então sim, acho que eu preferiria simplesmente ficar em casa. Porque não posso fazer nada de fato para ajudar. Quando é que fomos de alguma ajuda, Penélope? Tipo, ajuda *real*. Nós somos só... testemunhas. E reféns. E, tipo, futuro dano colateral. Se estivéssemos num filme, uma de nós teria que morrer enquanto Simon assistisse. Isso é tudo para o que servimos.

– Fale por si mesma! – grita ela.

– Falo! – grito de volta.

Mas nenhuma de nós fala coisa alguma pelo resto da viagem.



Deixo Penny em sua casa. Ela ainda está tão furiosa, que bate a porta do carro. Estou *bastante* atrasada, mas meus pais estão ocupados se

aprontando para a festa deles e mal reparam quando eu entro.

Eles fazem uma festa itinerante toda véspera de Natal. Começa numa casa, depois passa para a próxima, depois a próxima... até todo mundo estar tão de porre a ponto de enfeitiçar os carros para levá-los de volta.

Sempre esperam que Simon e eu digamos "oi" para os convidados que chegam; depois, nos escondemos na sala de estar, assistimos TV e comemos *hors d'oeuvres* até pegarmos no sono junto à lareira.

Exceto uma vez, quatro anos atrás, quando saímos às escondidas na véspera de Natal para procurar lobisomens pelo Soho. Eles tinham roubado alguma chave – ou talvez uma pedra preciosa, não consigo me lembrar. Nunca passei tanto frio na vida! Nós quase morremos do lado de fora de Liberty e então, depois que tudo finalmente havia acabado, Penny nos fez continuar ao ar livre e coletar pele de lobisomem, para podermos fazer uns talismãs pré-menstruais grotescos. Eu dei o meu

para o gato. Espere! A pedra da lua! Era isso, os lobisomens tinham roubado a *pedra da lua*. Mas que monte de merda. Graças à magia conseguimos voltar antes que meus pais chegassem em casa.

(Será que eu deveria contar à mamãe agora? O que eu sei? O que Simon está aprontando?) (Não. Simon vai ficar bem. Simon sempre fica bem. E Penny vai adorar se gabar para mim das aventuras deles com os lorpas. Talvez Baz seja a nova "vela" deles. Divirta-se andando com um vampiro, Simon! Belo trabalho, tornando sua vida ainda mais estúpida e perigosa.)

– Acho que você pode vir conosco essa noite – minha mãe diz. Ela e Helen, a empregada, estão preparando as coisas. Nossa casa é a primeira no circuito da festa este ano. – Já que você não precisa entreter o Simon.

– *Mãe.*

– Não choramingue, Agatha – diz meu pai, apanhando uma pata de caranguejo de uma bandeja. Ele está ao telefone com um paciente. – Não, não, estou ouvindo, Baltazar, mas tudo parece

bastante normal. Não, eu não quis dizer Normal, eu disse *normal*.

Suspiro e sigo minha mãe até a cozinha.

– Mas não estou vestida para ir à festa.

– Então vista-se.

– Mamãe, estou exausta.

Ela olha dentro do refrigerador.

– Você vai se recuperar. Simon virá amanhã, então?

Eu franzo a testa e mexo numa bandeja de coquetéis de camarão.

– Acho que não...

Eu já tinha dito a ela que Simon passaria o Natal em Watford, mas mamãe enfiou na cabeça que ele viria aqui no dia de Natal. É uma tradição, acho.

Talvez eu devesse me sentir culpada por desconvidá-lo. Mas não me sinto – eu tentei voltar atrás essa noite.

Mamãe se endireita segurando uma lustrosa gelatina em camadas.

– Acho bom que ele esteja passando o feriado com o Mago – diz ela. – Pelo que sei, o Mago

normalmente passa o Natal sozinho em Watford. Ele me disse uma vez que os feriados eram muito cheios de auspícios para desperdiçá-los em festividades.

– O que é que isso significa? – pergunto.

– Ah, vai saber! – diz ela, entregando a gelatina para Helen. – Espero que Simon não acabe *jejuando sob o luar*. Teremos que enchê-lo de doces amanhã.

– Auspícios... – digo. – Por que o Mago é tão esquisitão?

– Quieta, Agatha. Não seja traiçoeira.

– Não estou sendo. Estou só dizendo... Ele sempre foi assim?

– Não posso afirmar – diz ela. – Nós realmente não frequentávamos os mesmos círculos. Mal consigo me lembrar dele na escola.

Tento pegar um camarão, mas Helen leva a bandeja embora.

– Você se lembra de Bunce? – pergunto a mamãe. – Da escola?

– Qual dos dois?

– Tanto faz.

– Martin e Mitali estavam alguns anos atrás de mim – diz mamãe. Ela está retirando outro pudim da geladeira, um pavê enorme. – Mas eles não têm um filho mais velho que você? Começaram a ter filhos incrivelmente cedo. É a influência Bunce, acho. Frequentei Watford com *uma ninhada* de Bunces; nenhum deles poderoso o bastante para estar ali. Isso acontece, sabe, em famílias grandes: a magia se dilui.

Mamãe é obcecada por poder: quem tem, quem não tem. *Ela* não tem. Ao menos, não muito. Ela culpa sua própria mãe por ter se casado com alguém de menor poder: "Meu pai não conseguia acender um fósforo em uma tempestade".

Eu sou adequada, magicamente falando. Não sou nenhum Simon. Ou Baz. Ou Penélope. Porém, consigo passar por minhas aulas com tranquilidade.

Eu sei que é por isso que meus pais nunca tiveram outros filhos depois de mim; não queriam que minha magia se diluísse – apesar de papai dizer que isso é história da carochinha, esse negócio de que irmãos dividem a magia.

Eu também sei que meus pais estão torcendo para que eu me case com alguém mais poderoso do que eu, para colocar a família de volta nos trilhos.

Antes de começar a sair com Simon, tive um namorado Normal em segredo – Sacha. Se minha mãe tivesse descoberto, teria me trancafiado em uma torre. (Ela provavelmente teria tirado meu cavalo de mim.) Eu me pergunto como anda o Sacha hoje em dia...

– Então você não teria conhecido os amigos deles? – pergunto. – A Professora Bunce mencionou alguém chamada Lucy, ela nos mostrou uma foto...

– Lucy Day?

– Não tenho certeza...

– Lucy McKenna?

– Ela era a melhor amiga da Professora Bunce – digo. – Loira clara, cabelo até a cintura. Um visual meio hippie.

– Querida – diz mamãe, ajudando Helen a erguer o pavê –, isso descreve todo mundo nos anos 1990.

– Ela lembrava a Baby Spice – digo. – Mas com ombros grandes.

– Ah, Lucy *Salisbury*. Pelos feitiços dos infernos, eu não me lembrava dela há anos.

Mamãe para na frente da geladeira e coloca as mãos nos quadris.

– Você a conhecia? – pergunto.

– Sabia *sobre* ela. Era cinco ou seis anos mais nova, mas sua família frequentava o clube. Querida, você conhece a Lady Salisbury. Ela joga copas comigo. Vai estar aqui essa noite, inclusive.

Realmente, eu conheço Lady Salisbury. Ela provavelmente tem a idade da minha avó, mas convive mais com o grupo da minha mãe. Conta piadas sujas e sempre incentiva todo mundo a comer mais bolo.

– Será que ela conversaria comigo sobre a filha dela?

– Pela magia, Agatha, não. Mas que coisa a se perguntar! Todo mundo sabe que a filha dela foi um escândalo. E o filho, um inútil!

– Que tipo de escândalo?

– Lucy fugiu poucos anos depois de Watford. Ela era o orgulho e a alegria de Salisbury, e então fugiu

com algum homem. Ouvi dizer que era um Normal. Talvez até um americano. Ruth, a Lady Salisbury, desabafou em um evento de caridade, um torneio de boliche na grama em benefício dos gagos, e confessou para Natalie Braine que ela estava preocupada de que houvesse uma criança envolvida. *Um filho ilegítimo.* Essa foi a última vez que Ruth falou a respeito. E ninguém viu Lucy, não em nosso reino, desde a escola.

– Lucy desapareceu? – digo.

– Pior – diz Mamãe. – Ela fugiu. Da magia. Pode *imaginar?*

– Sim – digo, e em seguida –, não.

Minha mãe espana algumas migalhas inexistentes de suas mãos.

– Troque-se, querida. Os convidados vão estar aqui a qualquer minuto.

Começo a sair da cozinha, e mamãe me entrega uma pilha de guardanapos bordados à mão para dar a Helen quando passar pela sala de jantar. Eu os entrego a ela sem dizer nada. Estou ocupada demais pensando...

– Eu conheci Lucy Salisbury – diz Helen. – Nós frequentamos a escola juntas.

É típico de Helen esperar até que minha mãe não esteja mais no recinto para falar comigo. Minha mãe prefere uma relação mais formal, mas Helen sempre me tratou como se eu fosse de sua família. (Não da família mais próxima, mais como uma sobrinha; acho que ela prefere o Simon.)

– Lucy era poucos anos mais velha – diz Helen. – Todas as garotas do meu ano ficaram malucas quando ouviram que ela havia fugido. Nós achamos tudo tão romântico! E assustador!

– Mas ela fugiu mesmo?

– Foi o que ouvimos falar. Conheceu um homem e se mandou para a Califórnia.

– Califórnia!

– Eu pensava muito nela – diz Helen –, com aquele cabelo loiro comprido, deitada na areia.



Eu subo na cama sem tirar as roupas de festa e puxo a foto roubada, segurando-a acima de mim.

Lucy Salisbury fugiu da magia.

Ela estava namorando o bruxo vivo mais poderoso, o cara que estava prestes a dominar o mundo – e simplesmente fugiu.

A Professora Bunce disse que Lucy era uma bruxa poderosa. Poderia ter sido a Primeira-Dama da magia. Ou talvez pudesse ter governado ao lado do Mago. *E ela deu no pé.*

Será que *havia* um bebê? Será que ela levara o bebê consigo?

Talvez ela o estivesse criando no mundo Normal. Talvez esse fora o presente que Lucy Salisbury deu a si mesma e ao seu filho: não ter que crescer com toda essa merda. Não ter o Mago como seu pai e um mundo em guerra como sua herança.

Aquela criança escapou.

E tudo isso coube ao Simon.

69.

Lucy

Eu estava feliz. Eu o amava. E ele era sempre mais bom do que ruim.

Ele ainda é mais bom do que ruim, acho. Demonstra o quanto de cada um uma pessoa pode conter.

Estávamos juntos na época que saímos de Watford. Davy tinha um chalé que herdara de sua avó, e eu o acompanhei até lá. Menti para os meus pais – eles nunca haviam gostado de Davy.

Naqueles dias, ele passava a maior parte de seu tempo lendo e escrevendo cartas e panfletos que mandava para eruditos em magia.

Ele nunca sentia vontade de visitar amigos ou simplesmente sair. Eu me lembro de que fomos

para Londres uma vez para jantar com Mitali e Martin e conhecer o filhinho deles – eu vestira uma saia longa e prendera flores ao meu cabelo com um feitiço, e fiquei tão feliz em vê-los. Em ver Mitali.

No começo, foi bom. Estávamos bebendo vinho tinto e eu me aninhei em uma grande poltrona Papasan. E Davy começou a conversar com Mitali sobre a Irmandade – ela estava fazendo campanha para conquistar uma vaga lá.

– Você não vai mudar nada – disse ele. – Nada vai mudar.

– Sei que você acha isso – disse ela. – Li seus trabalhos.

– Leu? – Aquilo fez com que ele se animasse. Inclinou-se adiante em sua cadeira, segurando a taça de vinho entre os joelhos. – Então você sabe que a única resposta é a revolução.

– Sei que as coisas só vão melhorar se pessoas boas lutarem pelo que é importante.

– E acha que a Irmandade se importa com "pessoas boas" e "o que é importante"? Acha que Natasha Grimm-Pitch liga para o seu idealismo?

– Não – disse Mitali. – Mas se eu estiver na Irmandade, terei tantos votos quanto ela.

Davy riu.

– Os nomes na Irmandade não mudaram em duzentos anos. Apenas os rostos. Poderiam muito bem entalhar "Pitch" na cadeira da diretoria de Watford. Tudo com o que eles se importam, tudo com o que qualquer um deles se importa, é em proteger seu próprio poder.

Mitali não se acovardou. Em seus jeans de pernas largas e sua jaqueta vinho, o cabelo caído sobre os ombros em cachos escuros e bagunçados, *ela* é que parecia uma radical.

– Eles estão protegendo todo o nosso poder – disse ela. – Todo o Mundo dos Bruxos.

– Estão, é? – disse Davy. – Pergunte a Natasha Grimm-Pitch sobre as taxas de suicídio entre os bruxos de baixo poder. Pergunte à sua Irmandade sobre o que ela está fazendo para combater os galhos de fadas e todas as outras doenças mágicas que não afetam diretamente seus filhos e filhas.

– Como é que uma revolução vai ajudar as fadas? – bufou Mitali. – Como é que abandonar séculos de tradição e conhecimento institucional vai ajudar qualquer um de nós?

– Vamos construir tradições melhores! – gritou Davy. Acho que ele nem se deu conta de que estava gritando.

– Vamos escrever novas regras com sangue?

– Se for necessário! Sim! Sim, Mitali! Isso te assusta?

Nós fomos embora pouco depois disso. Eu disse que estava com dor de cabeça.

Davy ainda estava corado pelo vinho, mas não me deixou dirigir. Ele não reparou em mim lançando **Mantenha o curso** nele de onde eu estava, no banco do passageiro.



Nunca mais retornamos a Londres depois disso.

Raramente deixávamos o chalé. Não possuíamos telefone nem televisão. Eu comprava galinhas do fazendeiro que morava mais para baixo, na mesma

rua, e as enfeitiçava para que não fugissem. Escrevi longas cartas para minha mãe. Cheias de ficção. Davy ficava dentro de casa com seus livros a maior parte dos dias.

Eu os chamava de *seus* livros, mas todos tinham sido roubados de Watford. Ele voltava lá e pegava mais sempre que precisava. Era tão poderoso, que podia se tornar quase invisível.

Às vezes, Davy ficava fora por alguns dias para se encontrar com outros ativistas mágicos. Contudo, sempre voltava mais desanimado do que tinha saído.

Ele desistiu de uma revolução. Ninguém lia seus papéis.

Abriu mão de tudo, exceto do Maior Mago. Acho que Davy deve ter sido o maior estudioso do Maior Mago na história da magia. Ele conhecia todas as profecias de cor. Ele as escreveu nas paredes de pedra do nosso chalé e diagramou suas frases.

Quando eu levava suas refeições, ele às vezes pedia minha opinião. O que eu achava que *essa*

metáfora significava? Eu já havia considerado *aquela* interpretação?

Lembro-me de uma manhã quando o interrompi para lhe entregar seus ovos e aveia. Por Crowley, comemos tanta aveia – que eu também dava às galinhas.

É possível amplificar a comida com magia; é possível transformar travesseiros e velas em comida. É possível chamar pássaros do céu e corças da floresta. Porém, às vezes, não há nada.

Às vezes, simplesmente não havia nada.

– Lucy – disse ele. Seus olhos pareciam acesos por dentro. Ele tinha ficado acordado a noite toda.

– Bom dia, Davy. Coma alguma coisa.

– Lucy, acho que descobri. – Ele passou o braço em volta dos meus quadris e me puxou mais para perto de sua cadeira; e eu o amei naquele momento.

– E se os oráculos ficavam tendo as mesmas visões porque elas absolutamente não eram profecias? E se fossem instruções? *Lucy*, e se elas devessem nos guiar para a mudança, em vez de prevê-la? Cá estamos nós, apenas esperando para

sermos salvos, mas as profecias nos dizem para salvar a nós mesmos!

– Como?

– Com o Maior Mago.



Ele partiu de novo. Ele voltou com mais livros.

Ele voltou com potes de óleo de sangue que não era vermelho. Não sei quando ele dormia – sei que não era comigo.

Eu saía para longas caminhadas nos campos. Pensava em escrever cartas para Mitali, mas sabia que ela voaria até aqui numa vassoura se eu lhe contasse a verdade, e eu não estava pronta para ir embora.

Eu nunca quis deixar Davy.

Muito disso é culpa dele – eu *quero* que você sinta raiva dele. Mas eu nunca pedi para ir embora. Eu nunca pedi para ele me deixar ir.

Eu pensei... pensei que seja lá o que estivesse por vir seria melhor se eu estivesse lá com ele. Pensei que estar preso a mim o ajudaria. Como uma pipa

com uma linha. Pensei que, desde que eu estivesse ali, ele nunca seria carregado totalmente para longe.



Ele matou minhas duas galinhas.



Certa noite, ele subiu em nossa cama se arrastando, cheirando a lama e plástico queimado, e ergueu meu cabelo para beijar minha nuca.

– Lucy.

Rolei para vê-lo. Ele sorria. Parecia jovem, como se alguém tivesse apagado a amargura de seu rosto com um pano morno.

– Eu entendi – disse ele, beijando meu rosto, depois a testa. – O Maior Mago, Lucy. Nós podemos trazê-lo.

Eu ri. Fiquei tão feliz de vê-lo feliz. Eu fiquei tão feliz em ter sua atenção.

– Como, Davy?

– Desse jeito.

Balancei a cabeça. Eu não compreendia.

Ele me deitou de costas, beijando meu pescoço.

– Nós dois. Nós vamos fazê-lo.

Ele continuou beijando meu pescoço até chegar à camisola.

– Está falando de um bebê, Davy?

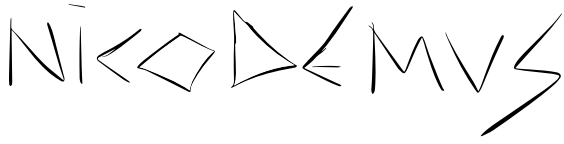
Ele levantou a cabeça e sorriu.

– E quem melhor do que nós para criar o nosso salvador?



LIVRO QUATRO

70.



Ela não fala comigo. Desde aquela época. Porque é contra as regras.

Ela não era tão preocupada com as regras quando éramos pequenos. Fazíamos nossas próprias regras, não é? Éramos tão brutos, quem iria nos impedir?

Nunca vou me esquecer de quando Ebeneza enfeitiçou a ponte levadiça para que se abaixasse, assim nós três pudemos ir até a cidade e ficar de porre. A cara da diretora quando flagrou a própria irmã voltando escondida e trançando as pernas! (Fiona nunca conseguiu aguentar cidra.) A Diretora Pitch estava fumegando – de pé, no Gramado, de camisola e com um barrigão de nove meses.

Ebb perdeu sua varinha – seu cajado – por uma semana, porque foi quem nos ajudou a sair. Aí, na noite seguinte, Ebb enfeitiçou a ponte levadiça com

a *minha* varinha. (Nós sempre pudemos usar os instrumentos um do outro.) Ela era ousada pra cacete.

Claro, fomos flagrados de novo.

Conseguir escapar incólumes nunca foi o ponto.

O ponto é que éramos jovens, livres e cheios de magia. O que a Diretora Pitch iria fazer? Expulsar sua própria irmã e os dois bruxos mais fortes de Watford?

Não expulsariam Ebeneza; tinham receio demais de que ela se amotinasse contra eles. Receio demais de que ela se desse conta de que podia fazer mais com toda aquela magia do que prender mesas no teto – ou chamar todos os cães desgrenhados do condado para Watford, como se fosse o Flautista de Hamelin.

Eu me dava conta. Do que Ebb podia fazer. Do que eu podia fazer.

Chego à nossa rua e corto pelo beco, depois entro pelo jardim dos fundos. O portão range. Estou

alguns minutos adiantado – Ebb ainda estará lá dentro. Abro caminho até o salgueiro e me sento no banco da mamãe.

Queria poder fumar um cigarro.

Abri mão deles quando passei para o outro lado – há cerca de vinte anos. Mas aquele moleque Pitch soprou fumaça na minha cara, e agora fiquei com vontade de novo.

Fi e eu enrolávamos os nossos em papéis mentolados.

Ebeneza nem encostava naquilo. Dizia que tabaco sujava toda sua magia.

– Sua irmã tá tentando se manter pura – Fiona provocava. – Como uma atleta. Como a Princesa Di.

Nós enchíamos o saco de Ebb por ela ser virgem. Diabos, ela provavelmente ainda é virgem. (Bolinar outras garotas conta?)

A porta dos fundos se abre e eu ergo a cabeça. Mas não é Ebb. Só alguém – ninguém que eu reconheça – saindo para fumar. Fecho meus olhos e respiro fundo. Esse nariz de vampiro serve para alguma coisa.

Ebb vai sair em breve, e vai caminhar até o jardim e se apoiar contra o portão. E não vai falar comigo. Esse é o acordo. Essa é a regra.

Ela vai apenas falar.

Ela vai contar ao vento como anda sua vida. Atualizar a lua sobre todas as ocorrências da família. Às vezes, ela pode fazer alguma magia, mas não para mim. Só pelo gosto de fazer. Qualquer coisa viva sai para dizer "oi" para Ebb, mesmo no mais profundo inverno. No ano passado, uma corça havia subido pelo beco, tranquila como ela só, e pousou a cabeça nas mãos de Ebeneza. Eu a esfaqueei e drenei assim que Ebb tornou a entrar. Acho que ela sabia que eu faria isso – talvez fosse um presente. Talvez ela estivesse tentando me manter puro por um dia.

De todo modo, tive que arrastar o cadáver da corça por dois quilômetros até achar uma lata de lixo grande o bastante para depositá-la.

Ebb vai sair logo. E vai falar. E eu vou ouvir. Eu não falo nada – não creio que Ebb iria querer isso. Seria muito semelhante a uma conversa. Perto demais de quebrar as regras.

Além do mais, o que eu diria? Nada tenho a relatar que ela queira ouvir. Nenhuma novidade que não revire seu estômago. Tudo o que Ebeneza realmente quer saber é que ainda estou aqui. Do jeito que sou.

Na maior parte, minha irmã fala sobre a escola. Sobre o terreno. As cabras. As crianças. Aquela dríade por quem ela anda boba desde o sexto ano. Ela não fala sobre o Mago. Ebb nunca foi de se meter em política. Espero que ela fique longe do caminho dele – embora tenha me dito uma vez que eles se meteram em uma bela briga quando um dos licarenos dele comeu uma das cabras dela.

Eu nunca vi os licarenos, só ouvi falar deles por meio de Ebb. É o único animal do qual ela não gosta. Ela diz que eles tentam se jogar para cima da ponte levadiça. Que a ponte treme enquanto as crianças e as cabras estão atravessando. Um dos lobos conseguiu de fato sair uma vez – arrastou-se pelo Gramado, rosnando, até que Ebb veio e o jogou de volta na água. “Agora eu os enfeitiço para dormir

quando a ponte está abaixada", ela me disse. "Eles afundam para o fundo do fosso".

Seja lá quem for que saiu para uma tragada já terminou, e agora volta para dentro, batendo a porta de tela.



Eu tinha chegado adiantado. Porém, Ebeneza está atrasada. Bem atrasada. Estamos flertando com o nascer do sol agora.

O barulho dentro da casa parou. As crianças estão na cama. Ebb diz que todos os nossos irmãos e nossa irmãzinha atualmente têm filhotes. Eu nunca havia pensado em ter o meu próprio antes de cruzar para o outro lado. Agora, penso nisso. Eu e Fi. Uns dois pirralhos. A família dela teria um treco se ela sossegasse comigo. Acho que ela nunca vai sossegar com ninguém... Eu sei onde Fi está agora. Nossos caminhos se cruzariam se eu permitisse. Não acho que *ela* queira ouvir qualquer coisa que eu tenha a dizer.

Ebb está atrasada.

Talvez tenha se esquecido.

Não é típico dela esquecer. Nunca se esqueceu, em todos esses anos.

Não posso chamá-la. Nem sei se ela tem um celular.

Fico de pé e caminho de um lado para o outro sob a árvore. Normalmente, Ebb lança um feitiço para que ninguém possa me ver.

Estou inquieto. Aproximo-me da casa em silêncio. Se alguém estiver acordado, eu devo conseguir escutar. A casa está escura. Uma das janelas da cozinha está entreaberta, mas não sinto cheiro de jantar. Ebb diz que agora ajuda a mamãe na cozinha. Será bife de presunto assado. E pão e pudim de manteiga. Ebb normalmente traz um prato para mim.

Subo os degraus dos fundos e espio por dentro da janela na porta. A cozinha está vazia. Não consigo escutar nada.

Giro a maçaneta sem acreditar que ela vá se abrir, mas ela se abre e a porta cede. Dou um passo adiante, com cautela, sem certeza de que terei

permissão – mas a casa me aceita, e eu fico ali por um momento, sentindo pena de mim mesmo na cozinha de minha mãe.

Sinto o cheiro da criança antes de vê-la...

Ela está escondida atrás da porta, olhando para mim.

– É você, Tia?

– Tia? – indago. – Eu pareço ser a tia de alguém?

– Pensei que você fosse a minha tia Ebb. Você se parece com ela.

Ela é uma menininha loira numa camisola xadrez vermelha. Deve ser da minha irmã Lavínia. Vinnie não era muito mais velha que isso da última vez que a vi.

– Sou da família – digo. – Vim falar com Ebb. Por que você não vai chamá-la pra mim? Ela não vai ficar brava. – Não com a menina, pelo menos.

– Tia Ebb se foi – diz a coisinha. – Ela saiu com o Mago. Vovó ainda está chorando. Não pudemos nem ter o Natal.

– O Mago? – digo.

– Ele mesmo – diz a garota. – Eu ouvi todo mundo dizer. Mamãe diz que a tia Ebb foi presa.

– Presa! E por quê?

– Não sei. Acho que ela quebrou alguma regra.

Eu encaro a criança. Ela me encara de volta. Em seguida, me volto para a porta.

– Onde você está indo? – ela pergunta.

– Encontrar sua tia.

71.

Simon

Acordo me sentindo faminto.

E só quando estou desperto me dou conta de que não sou *eu* que estou faminto.

O ar está seco. E dá coceira. Repuxando minha pele – puxando com agulhas, me espetando.

Eu me sento e chacoalho a cabeça. A sensação não vai embora. Respiro fundo, e aí está dentro dos meus pulmões também. Como areia. Como vidro moído.

O Insípidum.

Olho para a cama de Baz. Lençóis e cobertores estão jogados de lado. Ele não está lá. Levanto-me aos tropeços e saio do quarto, ficando de pé no corredor escuro como sangue.

– *Baz* – murmuro.

Ninguém responde.

Sigo a sensação ruim pelo corredor, desço as escadas até a porta da frente da mansão – o céu noturno e a neve estão tão brilhantes, que há luz penetrando o saguão. Abro a porta e saio correndo na neve.

Aqui a sensação é mais forte. Pior. Quase como se eu estivesse dentro de um dos pontos mortos do Insípidum. Contudo, quando tento usar minha magia, ela ainda está lá: sobe para a superfície da minha pele e zumbe nas pontas dos dedos. Ela se acumula na minha boca.

Tento forçá-la a voltar para baixo.

Sigo a sensação de coceira adiante. (Eu deveria voltar lá para dentro. Deveria calçar os sapatos.) Eu me pego correndo na direção da floresta particular que fecha a lateral da casa dos Pitches como uma cortina.

Estou usando o pijama listrado de vermelho e dourado de Baz, e ele está vermelho até minhas coxas. A sensação faminta fica mais forte a cada passo. Ela me suga. Sinto a magia escorregando para

fora, deslizando ao redor da minha pele. Um galho de árvore se arrasta contra mim e pega fogo.

Eu continuo adiante.

Não sei para onde estou indo – nunca estive nessa floresta antes. Além disso, não há espaço entre as árvores. Não estou em uma trilha, não existe nenhuma clareira.

Quando o escuto rindo, paro tão abruptamente, que minha magia balança adiante em uma onda, derramando-se pelas laterais.

Ele está logo ali, recostado contra uma das árvores.

Ele. O Insípidum Insidioso.

Eu.

– Olá – diz ele, jogando uma bola no ar. Ele a apanha, franze a testa para mim por um segundo, depois enfia o objeto no bolso da calça jeans.

– Pode falar – digo.

– Agora posso, agora posso fazer todo tipo de coisa. – Ele olha para cima da árvore e estende a mão para um dos galhos mais finos; sua mão o atravessa. Ele faz uma careta e tenta de novo. Dessa vez, sua

mão se fecha ao redor do galho, e ele o parte com um estalo. Em seguida, vira-se para mim e sorri, como se eu devesse estar orgulhoso.

– Por que você se parece comigo? – grito. Esta ainda me parece ser a pergunta mais importante.

– Essa é apenas a minha aparência. – Ele ri. – Por que não deveria me parecer com você?

– Mas você não é eu.

– Não. – O Insípidum franze a testa. – Olha só você. Está diferente a cada vez que o vejo. Eu, no entanto, estou sempre assim. – O galho ainda está em suas mãos. Ele o parte em dois, depois o solta e dá um passo em minha direção. – Você pode fazer todo tipo de coisa que eu não posso.

Recuo para um emaranhado de galhos.

– Por que você está aqui? O que quer de mim?

– Nada – diz ele. – Nada, nada, nada. Mas o que *ele* quer de você? Esta é a verdadeira questão.

Ouço alguém gemer. Há algo se movendo nas árvores... Eu queria poder enxergar melhor e, assim que desejo isso, minha magia fica mais brilhante – estou cintilando. O Insípidum torna a rir.

– *Simon?* – alguém grita. Acho que é o Baz, mas ele soa errado. Como se estivesse sem fôlego ou com dor.

– Baz? Você está bem?

– Não, não... *Simon!*

Então vejo Baz diante de mim, a mais ou menos seis metros à minha frente, apoiando-se contra uma árvore. O Insípidum está acima de nós, sentado num galho baixo, observando. Baz está de cabeça baixa.

Eu corro adiante.

– Baz!

Ele levanta o rosto, e ele também está errado. Contorcido. Seus olhos estão dilatados e negros, sua boca está cheia de adagas brancas – os lábios se retraíram para abrir espaço para elas.

Eu deveria recuar, mas, em vez disso, me espremo entre as árvores para tentar chegar até ele. É Baz que se afasta de mim.

– Tem alguma coisa errada – diz ele. – Estou faminto.

– Baz, você está sempre faminto.

– Não. É diferente. – Ele balança a cabeça e os ombros como um animal. – Eu vi você na floresta – diz ele. – Agora mesmo. Mas você era novinho, sua aparência era a mesma de quando te vi pela primeira vez. – As palavras saíam arrastadas. Como se ele as estivesse empurrando por entre os dentes. – Pensei por um momento que você estivesse *morto*. Pensei que era uma Visita.

– Não era eu. – Dou um passo na direção dele. – Você viu o Insípidum.

– Você me tocou – diz ele. – Eu me inclinei, e você colocou a mão no meu rosto.

– Não era eu – digo.

– E aí você o empurrou para dentro de mim. – Ele tropeça para trás, mantendo-se a um passo de distância. – Como você faz, Simon. Mas dessa vez não foi magia. Foi um vazio. Você empurrou um vazio para dentro de mim, e tudo mais foi embora para abrir espaço.

– Baz, pare. Deixe-me te ajudar.

Ele fica balançando a cabeça. Ele me lembra, por um momento, o dragão vermelho, chacoalhando a

cabeça de um lado para o outro.

– É fácil com criaturas – diz o Insípidum. Ele agora está de pé atrás de Baz. Estende o braço e pressiona a mão na coluna envergada dele. – Posso pegar o que tenho e dar a elas.

Baz choraminga e se desdobra até suas costas estarem arqueadas.

– *O quê?* – eu exijo. – O que você dá a elas?

O Insípidum dá de ombros.

– Nada. Dou a elas um pouco do meu nada.

Baz ergue o rosto para mim, todo pupilas e presas. Ele dá um passo adiante.

– Fuja, Simon. Eu estou faminto.

– Dou a elas um pouco do meu nada – repete o Insípidum. – E então elas são atraídas para o maior de tudo: *você*. E aí você me dá mais nada. É um ótimo jogo.

Baz continua vindo em minha direção. Eu me mantenho firme.

– Fuja, Simon! Eu estou faminto!

– Você está com fome de que, Baz?

– De você! – grita ele. – De magia, de sangue, de magia, de tudo. *De você. De magia.*

Ele chacoalha a cabeça tão rapidamente, que ela vira um borrão.

Há uma árvore entre nós, e Baz a arranca do chão e a joga de lado.

– Que massa! – diz o Insípidum. – Eu nunca havia tentado com um desses antes.

Baz se lança contra mim como um grifo de aço. Eu o apanho em meus braços e rolo para o chão.

Ele é muito mais forte do que eu. Entretanto, sou feito de magia nesse momento, então não há como me esmagar. Nós nos reviramos pelo chão. Seguro a cabeça dele em minhas mãos, empurrando sua mandíbula para longe.

– Estou com tanta fome – ele choraminga. – E você está tão cheio.

– Pode pegar o que quiser – digo, tentando olhar em seus olhos. – Baz, você sabe que pode pegar o que quiser.

Empurro o queixo dele e agarro seu cabelo, segurando-o para trás – mas libero minha magia.

Permito que ela flua para ele de todos os meus poros. Baz soluça e abruptamente para de lutar. É como se eu estivesse despejando água num poço vazio.

Ela vai.

E vai.

O corpo de Baz relaxa contra o meu.

– Uau... – diz o Insípidum. – Isso é ainda melhor do que lutar. – Ele parece estar próximo. Ergo a cabeça, e ele está de pé bem junto a nós, sólido como uma rocha sob o luar. – Quando foi que você aprendeu a fazer isso? É como se tivesse aberto uma torneira.

– Você tomou a magia dele? – grito para o Insípidum.

– Se tomei a magia dele? – repete ele, como se fosse uma pergunta hilária. – Não. Eu não tomo nada. Sou apenas o que resta quando você termina.

Ele sorri como um gato que engoliu um canário, e é uma expressão que nunca vi em meu próprio rosto.

– Simon! – Baz está gritando debaixo de mim. Olho para baixo e percebo que ele também brilha. Suas presas se foram, mas ele ainda parece estar com dor. Está apertando meu tríceps. – Chega!

Eu o solto e rolo para longe. No entanto, a magia ainda está fluindo de mim, através de mim. É como uma torneira. Concentro-me em fechá-la. Quando sinto que a magia está contida dentro de mim novamente, quando paro de brilhar, levanto-me sobre as mãos e os joelhos.

– Baz?

– Aqui – diz ele.

Eu me movo na direção de sua voz.

– Você está bem?

– Acho que sim. – Ele está deitado. – Só me sinto um pouco... queimado.

– Você está pegando fogo?

– Não – diz ele. – Não. Queimado por dentro.

Olho ao redor, mas não vejo o Insípidum. Nem o escuto. Nem o sinto sugando minha respiração.

– Ele se foi? – pergunta Baz.

– Acho que sim. – Desabo perto dele.

– Você está bem?

– Estou ótimo.

Baz apalpa ao seu redor procurando pelo meu braço e, quando o sente, passa seu braço ao redor do meu pescoço e ombros, debilmente me puxando em sua direção. Eu me aproximo até minha cabeça pousar sobre seu peito.

– Você está bem? – ele pergunta de novo.

– Sim. Você?

– Acho que sim. – Baz tosse, e empurro meu rosto em seu peito. – *O que* foi aquilo? – pergunta ele.

– O Insípidum.

– Simon, o Insípidum Insidioso é você?

– *Não*.

– Tem certeza?

Baz

Eu me sinto queimado.

Incinerado.

Aquela criança – *era* o Simon – me esvaziou de alguma forma. Como se pressionasse minha magia para fora ou para baixo...

E aí Simon me preencheu de novo com fogo.

Sinto como se uma fênix tivesse renascido em meus intestinos.

Simon esconde o rosto em meu peito. Eu o abraço mais apertado.

Era o Simon. Foi como vê-lo de novo pela primeira vez. Calça jeans vagabunda e uma camiseta suja. Aquela crueza em sua pele, aquela fome em seus olhos. Quando o vi sair de entre os pinheiros esta noite, quis chutá-lo nos joelhos. Definitivamente, era o Simon.

Simon, o crescido, está tremendo, de modo que passo o outro braço ao redor dele também. Meus braços parecem estar ocos, mas ele parece totalmente sólido.

Simon Snow é o Insípidum.

Ou... o Insípidum é o Simon Snow.

Simon

"Se tomei a magia dele? Não. Eu não tomo nada. Sou apenas o que resta quando você termina."

Estou deitado sobre Baz, e ele está com os dois braços ao meu redor. Tento tirar o rosto do Insípidum da minha cabeça. (Tirar o meu rosto da cabeça dele.)

"Eu dou a eles um pouco do meu nada... e aí você me dá mais nada."

Eu me sento e esfrego os olhos.

– Você ainda precisa caçar?

– Não – diz Baz. – Estava terminando quando ele me encontrou.

Eu me agacho, depois fico de pé, estendendo-lhe a mão.

– Ele disse alguma coisa? Antes de te atacar?

Baz aceita minha mão e se levanta com um puxão. Ele não a solta.

– Ele disse: "Você vai servir".

Fecho os olhos, e minha cabeça pende para a frente.

– Ele te usou. Te usou contra mim.

– Todo mundo usa – diz Baz, baixinho. Sinto seu braço deslizar lenta e gentilmente para a minha cintura.

Eu relaxo junto dele.

– Me desculpe.

Baz

Se Simon Snow é o Insípidum... isso faz dele um vilão. Um supervilão.

Será que posso estar apaixonado por um supervilão?

Simon

Baz está tremendo. Acho que ele pode estar chorando – o que faria sentido, depois do que acabou de acontecer. Eu abro os olhos e empino o queixo.

Ele não está chorando. Está rindo.

Está rindo tanto, que está caindo contra mim.

– Qual o problema com você? – pergunto. – Está em choque?

– Você é o Insípidum.

– Não sou, não – digo, tentando empurrá-lo para trás pelos ombros.

– Estou morto, não cego, Snow. Você é o Insípidum.

– Aquele não era eu! Por que você está rindo?

Baz continua rindo, mas agora o faz num tom sarcástico.

– Estou rindo porque você é o Escolhido – diz ele, meio inebriado. – Mas também é a maior ameaça à magia. Você é um vilão!

– Baz. Eu juro. Aquele não era eu.

– Parece você. Soa como você. Joga aquela bola vermelha dos infernos no ar como você. – Ele me abraça mais apertado.

– Acho que eu saberia se fosse o Insípidum Insidioso – digo.

– Eu não lhe daria todo esse crédito, Simon. Você é excepcionalmente lerdo. E criminalmente lindo... já mencionei isso alguma vez?

– Não.

Ele se inclina como se fosse me morder, mas, em vez disso, me beija.

É tão bom.

Tem sido tão bom, toda vez.

Eu me afasto.

– Não sou o Insípidum! Mas por que pensar nisso te fez querer me beijar?

– Tudo me faz querer te beijar. Ainda não sacou isso? Por Crowley, você é lerdo. – Ele me beija outra vez. E está rindo outra vez.

– Eu não sou o Insípidum – repito, assim que tenho a chance. – Eu saberia se fosse.

– O que você é, Simon Snow, é uma tragédia do caralho. Você literalmente não tinha como ser uma bagunça pior.

Ele tenta me beijar, mas eu recuo.

– E você gosta disso?

– Eu amo – diz ele.

– Por quê?

– Porque a gente combina.



Abrimos caminho para fora da floresta. Baz conhece a área, que realmente é lotada de corças apenas para ele. Não me assusta nem um pouco

saber disso – pelo visto, posso me acostumar a qualquer coisa.

Pelo visto, ele também pode.

– Aquela coisa – tento mais uma vez. – Não era eu.

– Talvez seja você no passado – diz ele. – Talvez você seja um viajante do tempo.

– Mas será que eu não me lembraria, se sou eu quando criança?

– Não sei como viagens no tempo funcionam – diz Baz. – Não é magia.

– Você não está mancando – digo.

Ele olha para baixo e balança a perna.

– Eu me sinto melhor – diz ele. – Por Crowley, Snow, você me curou. Será que ainda sou um vampiro?

Eu ergo as sobrancelhas e ele ri.

– Calma aí, garoto milagroso, ainda sou um vampiro. Você ainda cheira a bacon e rosquinha de canela feita em casa.

– Como posso cheirar a bacon *e* a rosquinha de canela feita em casa?

– Você tem cheiro de alguma coisa que eu comeria de bom grado. – Baz para e estende um braço à minha frente. – Espere aí. Está sentindo isso?

Eu também paro. É leve, mas está lá. Aquela sensação seca. Aquela coceira no fundo da garganta.

– O Insípidum – diz Baz. – Será que ele voltou?

Ouvimos gritos à nossa frente, alguém chamando o nome de Baz.

Eu seguro a mão acima do quadril, tentando chamar minha espada. Ela não vem. Não consigo sentir minha magia em lugar algum.

Baz está com a varinha enfiada no pijama (é claro que está). Ele a retira e tenta lançar um feitiço. Nada ocorre. Ele tenta de novo.

– É um ponto morto – murmuro. – É um dos pontos mortos do Insípidum.

– *Basilton!* – A madrasta de Baz está gritando e correndo em nossa direção. Ela está de camisola, o cabelo solto. – *Malcolm, ele está aqui!*

– O Insípidum... – Baz olha para mim, mais pálido do que eu jamais o vira, o rosto branco feito giz sob a luz da lua. – Snow. Corra.

– O quê?
– Vá – diz ele. – Você fez isso.

72.

Simon

Eu poderia caminhar até Londres, provavelmente.

Se estivesse usando sapatos.

E se não houvesse tanta neve...

Quando Baz disse para que eu fosse embora, quando ele me culpou pelo ponto morto, eu quis discutir. Mas os pais dele estavam correndo até nós, e estavam em pânico, e eu não soube dizer o que estava acontecendo. Será que o buraco havia engolido toda a casa deles? Toda a propriedade?

Eu me virei para correr de volta para a floresta – mas ela estava em chamas. Por minha causa. Por causa da minha magia. E eu não podia fazer nada para extinguir o incêndio, pois agora não me restava qualquer magia.

– Vá! – Baz disse outra vez. Então eu fui. Corri.

Cheguei até a estrada. Meus pés estavam ficando dormentes pelo frio, mas continuei correndo. Pela longa estrada. Até a rodovia. Para longe dele.

Ainda estou correndo.

Minha magia retorna para mim toda de uma vez e me arremessa tremendo ao chão. Ainda não tenho uma varinha. Nem um celular...

Eu poderia pegar uma carona – mas será que alguém me apanharia? Será que alguém passaria por essa estrada em Hampshire, no meio do nada, no meio da noite? Na véspera de Natal? (Papai Noel não é real; a Fada dos Dentes é.)

Estou de joelhos na neve no acostamento da estrada. *Eu posso fazer isso,* penso. *Já fiz isso antes. Só tenho que querer. Só tenho que precisar.*

Penso em escapar, em alcançar Penny, penso em minha magia me preenchendo e disparando pelos meus ombros. E então eu sinto-as rasgando o pijama de Baz...

Asas amplas e ósseas.

Não há penas desta vez; devo ter pensado no dragão. Estas asas são vermelhas e coriáceas, com

grandes ferrões nas dobradiças. Abrem-se assim que eu penso nelas, e me retiram da neve.

Arranco os restos da minha camisa de flanela e não penso em como voar; apenas penso em onde devo ir – ***Para o alto e avante!*** –, e acontece. Está mais frio aqui em cima, então penso em estar quente, e minha pele começa a brilhar de calor.

A casa de Baz está abaixo de mim, à distância. O incêndio que causei ainda arde; assisto à fumaça subindo da floresta e tento me aproximar – mas não sou capaz. Sou feito de magia, e não existe mais magia lá.

Eu flutuo no céu.

Penso em extinguir o incêndio. As nuvens estão cheias de uma chuva congelante – então *penso* em empurrá-las na direção da floresta, e elas vão.

E daí penso em Baz me dizendo para partir, então parto.

E daí eu paro de pensar.

73.

Penélope

Minha irmã caçula, Priya, foi quem atendeu a porta. Ela estava esperando acordada pelo Papai Noel – e fazendo um excelente trabalho; conseguiu aguentar até às quatro da manhã. Acho que ultrapassou mamãe e papai.

Priya ouviu as batidas e achou que fosse o Papai Noel em pessoa. Nós não tínhamos uma lareira; ela deve ter pensado que ele precisava entrar pela porta da frente.

Ao abrir a porta, Simon caiu dentro de casa, e ela gritou.

Não a culpo. Ele parecia Satã encarnado. Imensas asas vermelhas e pretas. Uma cauda vermelha com uma ponta preta no final. Ele lançou algum tipo de

feitiço em si próprio que o fazia brilhar em laranja e amarelo, e estava coberto de neve e destroços, usando a calça de pijama mais imunda e *elegante*.

Mamãe e papai ouviram Priya gritar e desceram as escadas aos tropeços. E aí papai gritou e, aparentemente, teve de impedir mamãe de lançar maldições – ela pensou que Simon estava possuído ou encantado, ou que se transformara totalmente em Lúcifer.

O resto de nós desceu as escadas correndo nesse momento (exceto por Premal, que não havia retornado nem para o Natal) – vi Simon e corri até ele. Não me ocorreu sentir medo dele.

Isso jogou mamãe e papai de volta ao seu estado normal.

Mamãe começou a lançar feitiços de aquecimento e papai pegou uma tigela de água quente e um pano para limpar Simon. Acabamos colocando-o no chuveiro. Ele estava tão exausto, que mal conseguia parar de pé. Não conseguia nem nos dizer onde estivera. Presumi que ele tinha voltado para a casa de Baz, mas não queria que meus pais soubessem

que eu deixara Simon na estrada no meio do interior na véspera de Natal.

Ajudei meu pai e minha mãe a lhe darem um banho, e ninguém se importou por eu estar vendo-o nu. Em seguida, nós o vestimos com um agasalho da minha mãe e ela tentou prender a cauda dele junto a uma das pernas.

Fiquei conjurando **Bobagem!** até mamãe me mandar calar a boca.

– Não tá funcionando, Penny.

– Mas funcionou da última vez.

– Talvez não seja um feitiço – disse papai. – Talvez ele tenha se transformado.

– Talvez ele tenha evoluído – disse Priya, da porta do banheiro –, como um Pokémon.

– Vá para a cama, Priya – disse papai.

– Estou esperando pelo Papai Noel!

– Vá para a cama! – gritou mamãe.

Mamãe também lançava feitiços. ***"Do jeitinho que era!"*** e ***"De volta ao começo!"***.

– Cuidado, Mitali – disse papai. – Vai acabar transformando-o num bebê.

Contudo, nenhum dos feitiços de mamãe tocou Simon. Ela também tentou lançar feitiços em hindi. (Ela não fala hindi, mas minha bisavó falava.) Nada funcionou.

Eles colocaram Simon na minha cama. Papai achou que deveriam chamar o Mago, mas mamãe disse que deveriam esperar para ver o que Simon queria que eles fizessem.

(Simon parecia consciente, mas não estava falando nada. E não estabelecia contato visual.)

Meus pais ainda estavam discutindo a respeito depois de deixarem o meu quarto e fecharem a porta.

– Vá para a cama, Priya! – meu pai gritou.

Subi na cama ao lado de Simon e repousei minha mão com o anel sobre suas asas vermelhas.

– ***Bobagem!*** – cochichei. – ***Bobagem!***

74.

Simon

Na manhã de Natal, eu acordo na cama de Penélope.

Ela está sentada junto a mim, me encarando.

– Que foi? – pergunto.

– Graças à magia! Tive medo de que você nunca mais voltasse a falar.

– Por quê?

– Porque você não estava falando nada na noite passada. Pelas cobras do paraíso, Simon, o que houve com você?

– Eu... – Estou deitado de barriga pra baixo. Tento rolar para ficar de costas, mas não consigo; as asas ainda devem estar ali. Só de pensar, elas voltam a se abrir e derrubam Penny.

– Simon!

– Desculpa! – digo, tentando recolhê-las. – Desculpa.

Penny pega a borda de uma asa e a esfrega entre o polegar e o indicador.

– Elas são permanentes?

– Não sei – digo. – Não de propósito, pelo menos.

– Nós te enchemos de feitiços ontem, e nenhum deles surtiu efeito.

– Nós quem?

– Eu, meus pais. Você se lembra, por acaso, de vir para cá?

– Mais ou menos... Eu me lembro de voar. Não reconheci Londres. Do alto. Então tive que ir até o Olho, daí meio que voar pelas ruas para encontrar sua casa. Das outras vezes que vim para cá, foi de metrô.

– Eu me pergunto se alguém te viu.

– Não sei. Tentei pensar em ficar invisível...

– Você o quê?

Agora fecho meus olhos e penso nas asas. Penso em como não preciso mais delas. Sinto a magia insurgindo dentro de mim. (Ultimamente, a magia

tem sempre insurgido em mim, sempre subindo até o fundo da garganta.) Penso em como não quero voar, em seguida penso em retrair as asas para dentro das minhas costas.

Quando torno a abrir os olhos, Penny está me fitando, a mão vazia onde a asa estivera. Ela parece assustada.

– O que foi que você acabou de fazer?

– Me livrei das asas.

– E a cauda?

Eu estendo a mão e sinto uma cauda grossa e coriácea.

– Jesus. – Me concentro, pensando em me livrar dela, e ela corre pela minha mão, arranhando a palma em seu caminho de volta para o meu corpo.

– Por que você *tinha* uma cauda? – pergunta Penny.

– Não sei – respondo, sentando-me. – Eu devia estar pensando naquele dragão.

– Simon... – Ela move a cabeça. – O que *aconteceu* na noite passada?

– O Insípidum – respondo. – Ele me atacou na casa de Baz. Ele tentou usá-lo contra mim.

– Ele criou o maior buraco da Grã-Bretanha!

– O quê?

– Meu pai recebeu a ligação hoje cedo. Hampshire se foi.

– *Como é?*

– Papai e sua equipe estão lá agora, mas os Pitches lhes disseram que não podem entrar na sua propriedade. Estão chamando isso de um ato de guerra.

– Pelo Insípidum?

– Pelo *Mago* – diz ela. – Dizem que ele está controlando o Insípidum. Talvez até mesmo que o Mago *seja* o Insípidum. As Famílias Antigas convocaram um Conselho de Guerra, ninguém sabe onde. Mamãe diz que o Mago está à sua procura, mas o diabo que a carregue se ela contar que você está aqui. A menos que você *queira* que ela conte. Você quer que ela conte?

– Não sei, acho que sim... Por que os Pitches culpariam o Mago por isso?

Penny morde o lábio e olha para baixo.

– Acho que por *sua* causa, Simon. Todos estão dizendo que você foi para a residência dos Pitches na véspera de Natal e fez algum ritual sombrio para matar a magia deles.

– Eu estava lutando contra o Insípidum! Bem, estava tentando. O Insípidum fez algo a Baz, ele o mandou atrás de mim, como faz com as criaturas sombrias.

– Então você lutou com *Baz?*

– Não! Dei a ele minha magia, para que pudesse expulsar o Insípidum. Foi como um feitiço. O Insípidum estava *lá*, Penny, parecendo comigo de novo. E ele falou comigo dessa vez. Com a minha voz. Ele nos observou. E então... então simplesmente desapareceu. E se ele roubou a magia da casa de Baz por despeito? Porque eu o venci?

Penny continua mordendo o lábio.

– Ainda não compreendo por que você tinha uma cauda...

– Eu... eu precisava vazar daquele lugar. – Estou com as mãos no cabelo. Tento me lembrar com

clareza de como tudo aconteceu. – Quando Baz voltou a si, nós saímos da floresta diretamente para um ponto morto. Os pais dele estavam enlouquecendo, e Baz me disse para ir embora. Então... eu fui. Eu não tinha nenhum outro jeito de chegar aqui.

– Então você voou.

– É.

Jamais vira Penny tão preocupada, exceto na ocasião do sequestro.

– Que feitiço você lançou, Simon?

– Penny... Foi igualzinho da última vez. Não lancei feitiço algum. Eu só... eu fiz o que precisava fazer.

Ela observa suas próprias mãos se retorcerem no colo.

– Penny?

– Sim? – Ela não ergue a cabeça.

– O que eu deveria fazer?

Ela suspira.

– Não sei, Simon. Talvez Agatha esteja certa. – Ela finalmente enfrenta meus olhos. – Talvez esteja na hora de conversar com o Mago.

Penny decide que devemos almoçar primeiro. Um almoço tardio. Eu estive apagado durante a maior parte do dia.

Seus pais estão fora, e não há nada na geladeira além de um peru cru. Penny fica um pouco insegura de assá-lo com um feitiço, então comemos cereal, torradas e doces de Natal.

A irmã caçula entra.

– O Papai Noel não veio por sua culpa – ela diz para mim. – Você o assustou.

– Papai Noel vai vir, Priya – diz Penny. Há cinco filhos na família Bunce: Premal, Penny, Pacey, Priya e Pip. (Penny diz que sua mãe deveria ser processada por crueldade com os filhos, e o pai, por negligência.)

– Papai Noel é uma fraude – Pacey grita da sala de estar. – Assim como Deus.

Eu não conheço Pacey muito bem. Ele está em Watford, no quinto ano, mas não se dá bem com Penny. Penny e seus irmãos discutem

constantemente. Não tenho certeza de que sabem se comunicar de alguma outra maneira.

Ainda me sinto terrível: frio e molhado, apesar de estar perfeitamente seco e usando algumas roupas de Pacey. (Acordei usando uma calça de agasalho feminina.) E apesar de não conseguir sentir aquela cauda de dragão esquisita enquanto a possuía, agora que ela se foi estou meio que dolorido. Meu cereal insiste em subir pela goela, e eu engulo com força.

Estou tentando não me preocupar ou pensar no que deveria fazer em seguida. Penny tem razão: nós vamos até o Mago. O Mago nos dirá.

Quando alguém bate na porta, penso que deve ser ele. Priya vai atender, e Penny a impede. Eu me levanto e invoco minha espada, só por garantia.

É Baz.

De pé na entrada da casa de Penny, vestindo aquele terno preto esverdeado outra vez e com um vago cheiro de fumaça. Sua mão está no bolso; os olhos, estreitados. Ele empina o queixo.

– Deixe-me entrar, Bunce. Não temos tempo para amabilidades.

– Você não precisa ser convidado a entrar? – diz ela.

Ele faz uma expressão de desprezo, e ela o convida com um gesto.

– Venha.

Baz passa por ela com um empurrão e olha ao redor da sala de estar.

– Onde fica o escritório de seu pai?

– Meu pai não está aqui, está na sua casa. E o que te faz pensar que eu deixaria você entrar no escritório dele? Por que você está aqui, afinal?

– Estou aqui – diz Baz, olhando para mim, depois me examinando de cima a baixo – porque temos um acordo.

Penélope se coloca entre nós dois.

– Se fizer um movimento que seja contra Simon, mesmo um gesto, vou matar toda a sua família, Basilton. Vou matá-los tão bem matados, que eles nem sequer vão conseguir encontrar o Véu. Simon não fez isso.

A expressão dele fica um pouco mais sarcástica.

– É aí que você se engana. Mostre-me o escritório do seu pai. Há mapas por lá? Presumo que haja.

Ambos o fitamos fixamente. Eu, porque não consigo evitar. Penny, em choque.

– Trégua! – diz ele. – Vamos, ainda estamos em trégua. Depressa!

Eu assinto.

– Vamos, Penny. Leve-nos lá para cima.

Ela suspira e descruza os braços.

– Ótimo, mas vocês não podem tocar em nada. Nenhum dos dois.

Nós a seguimos escada acima. Baz tromba contra mim com o ombro e o cotovelo.

– Tudo bem, Snow? – ele pergunta, baixinho.

– Sim. E com você?

– Ótimo – diz ele.

– Sua magia? – murmuro.

– Ótima.

Ele toca minhas costas tão de leve, que eu poderia dizer que foi por acidente.

Nós damos o último passo para dentro do sótão, onde o pai de Penny trabalha. Eu nunca estivera aqui em cima antes – a sala *toda* é de mapas. Mapas nas paredes, cobertos com barbantes e alfinetes. Mapas espalhados em mesas altas, mantidos no lugar por xícaras de chá vazias. Uma parede inteira é um quadro-negro, cheio de números e fragmentos de frases.

– Lindo – diz Baz. – Você tem a quem puxar, Bunce.

Ele anda pela sala até encontrar o que está procurando.

– Ali – diz ele. – E já etiquetado.

Eu me aproximo por trás dele. É um mapa do Sudeste com um barbante vermelho ao redor de Hampshire. A bandeira no alfinete diz: VÉSPERA DE NATAL DE 2015.

– Na noite de ontem, o Insípidum atacou Simon, e abriu-se o maior buraco da Grã-Bretanha. – Ele olha para trás, para nós dois. – Quando foi que o dragão atacou Watford? Que dia foi?

Eu dou de ombros.

– Foi depois da nossa prova de Palavras Mágicas – diz Penny. – No meio de novembro.

– Certo... – Baz caminha pela sala, lendo as bandeiras. Ele para diante de um mapa da Escócia. – Ali – diz ele. – Dia quinze de novembro. A Ilha de Skye.

– Está dizendo que o Insípidum está conectado aos buracos? – pergunta Penny. – Porque já sabíamos disso.

– Estou chegando lá, Bunce... Agora, quando os buracos começaram a surgir?

– Temos que fazer isso pelo método socrático?

Baz franze a testa para ela.

Penny suspira.

– Ninguém sabe de fato. Só começamos a documentar os buracos em 1998, mas naquela época já havia alguns pequenos espalhados por todo o país...

Ele anui rapidamente, interrompendo-a.

– E quando foi que você nasceu, Simon? É de se imaginar que eu saberia, mas não consigo me

lembrar de você ter celebrado seu aniversário alguma vez.

Torno a encolher os ombros. Depois pigarreio.

– Eu não sei. Digo... ninguém sabe. Simplesmente deram um palpite quando me encontraram.

– Mas você está com uns dezoito agora. Talvez dezenove?

– Colocaram 1997 nos meus papéis.

Baz assente.

– Que bom. 1997. Pouco antes de os buracos serem descobertos. E quando você percebeu que era um bruxo?

Penny presta muita atenção. Ela e eu nunca conversamos sobre isso. Não gosto de tocar nesse assunto.

– Eu nunca percebi – digo. – O Mago me contou.

Baz está me prendendo à parede com seu olhar.

– Mas como o Mago soube? Como ele te encontrou?

Pigarreio.

– Eu perdi o controle.

Ambos sabem o que isso significa. Mas eu não sabia, não aos onze anos. Acordei no meio da noite durante um pesadelo terrível – eu tinha ido para a cama com fome e, em meu sonho, meu estômago estava em chamas. Acordei sem fôlego, e a magia se derramava de mim. Emanando. O orfanato foi incinerado até o alicerce, e todos acordaram a algumas ruas de distância. Incólumes, mas, ainda assim, *a ruas de distância*. (Certa vez, assisti a um programa sobre tornados na América, e foram mostrados móveis que haviam sido levados e deixados em um quintal a quilômetros do ponto original, sem quebrar. Foi parecido com isso.)

– Você acendeu a atmosfera mágica como uma árvore de Natal – diz Baz.

– Como um bombardeio – diz Penny. – Minha mãe chegou a vomitar quando aconteceu.

– *Quando?* – diz Baz. – Quando foi que aconteceu?

– Agosto – digo. Eu sei que ele já sabe disso. – No ano em que começamos em Watford.

– Agosto – diz Baz –, em 2008. – Ele anda pela sala. – Aqui – diz ele, apontando para um ponto morto no

mapa. – E aqui. – Ele aponta para outro.

Penny e eu encaramos o mapa.

Em seguida, ela dá um passo adiante e aponta para um círculo de barbante.

– E em Newcastle... – diz ela, baixinho. – E um punhado de pequeninos na costa. Os buracos mudaram naquele ano. Papai diz que entraram em metástase.

– Mas... mas eu não estive em nenhum desses locais! – gaguejo. – Eu *nunca* estive no local de um novo ponto morto antes da noite passada.

Baz se volta para mim.

– Acho que você não precisa estar lá. Para fazer com que aconteça.

– Simon – pergunta Penny –, quando foi que você perdeu o controle com a quimera?

– No nosso quinto ano – diz Baz. – Primavera de 2013.

– Aqui – diz Penny, apontando. – E um grandão bem ali.

– Vocês estão insinuando que eu sou o Insípidum? – Afasto-me deles. – *Porque eu* não sou *o*

Insípidum.

Baz me olha nos olhos.

– Eu sei. Eu sei que você não é. Mas, Simon, escute. O Insípidum nos disse que ele não pega a magia, que ele é "o que resta quando você termina".

– Eu nem sei o que isso significa, Baz! – Sinto como se estivesse prestes a estourar agora mesmo. As pontas de meus dedos estão zumbindo.

– Isso significa que o Insípidum não pega a magia, Simon. É você que pega.

Penny ofega.

– *Simon.* Na primeira vez que você perdeu o controle, tinha onze anos de idade...

– Exatamente – diz Baz. – Provavelmente vestindo uma camiseta porcaria, calça jeans de segunda mão e jogando aquela bosta daquela bola.

Eles agora olham um para o outro.

– Simon perdeu o controle – diz Penny – e sugou tanta magia...

Baz assente, ansioso.

– ... que abriu um buraco na atmosfera mágica! – diz Penny.

– Um buraco no formato de Simon... – concorda Baz.

Seguro minha cabeça nas mãos, mas continua não fazendo sentido.

– Estão dizendo que eu criei um gêmeo do mal?

– Mais como um carimbo – diz Baz.

– Ou um eco – diz Penny, ainda atônita.

Baz tenta explicar novamente:

– É como se você tivesse arrancado tanta magia de uma vez só, que acabou deixando impressões digitais... mas impressões de todo o seu ser.

– Mas... – digo.

– Mas... – Penny balança a cabeça. – Por que a atmosfera mágica simplesmente não acomodou Simon do jeito que acomoda cada bruxo poderoso? É um sistema equilibrado.

– Assim como a Terra – diz Baz. – Mas, se você derrubar uma floresta inteira, o ecossistema não se recupera de pronto.

– Isso não faz sentido! – digo. – Ainda que eu tenha aberto um buraco no meu formato, como é que ele ganhou vida? E por que ele é um monstro?

– Ele *está* vivo? – pergunta Penny.

– E ele é um monstro? – imagina Baz.

– Estamos falando sobre o Insípidum Insidioso! – eu grito.

– Estamos falando sobre *um buraco* – diz Baz, calmamente. – Pense sobre isso. O que buracos querem?

– Ser preenchidos? – digo. Eu sei que não estou acompanhando a discussão.

– Por Crowley, não – diz ele. – Querem *crescer*. Tudo quer crescer. Se você fosse um buraco, tudo o que iria querer seria ficar maior.

– É isso, Baz! – Penny lança os braços ao redor dele. – Você é um gênio!

Ele a empurra para longe por um segundo.

– Cuidado aí. Também sou um vampiro.

Eu desabo contra uma das paredes; alguns alfinetes caem no chão.

– Ainda não compreendo.

– Simon – diz Penny –, você é poderoso demais. Usa magia demais de uma vez só. A atmosfera mágica não consegue sustentar isso; ela

simplesmente entra em colapso quando você perde o controle.

– Teoricamente – diz Baz.

– Teoricamente – concorda Penny.

– Mas... – digo. Deve haver outros "mas". – ... Por que o Insípidum fica tentando me matar? Por que enviar todas as criaturas sombrias do Reino Unido atrás de mim?

– Ele não está tentando te matar – diz Baz. – Está tentando te fazer perder o controle.

– E usar mais magia – diz Penny.

Baz ergue a mão, indicando os mapas atrás dele.

– Para fazer um buraco maior.

Eu os encaro.

Eles me encaram.

Ainda parecem muito contentes consigo mesmos – e empolgados –, como se não estivessem olhando para a maior ameaça que o mundo mágico já conheceu.

– Precisamos contar para o Mago – digo.

A expressão de Baz se desmonta.

– Só por cima do meu cadáver.

75.

Baz

– Se isso for verdade – diz Snow –, ainda que só um pouco disso seja verdade, não podemos manter segredo. Temos que ir até o Mago.

Sabia que isso estava a caminho.

Sabia que essa seria a solução dele.

Sei desde o princípio que Simon sairia correndo atrás do Mago quando as coisas ficassem sérias.

– O caralho que temos! – falei. – Temos que ir atrás dos lorpas.

– *Os lorpas* – diz Snow. Como se não pudesse acreditar no que estou dizendo. – Você acaba de me dizer que eu estou destruindo o Mundo dos Bruxos, e agora quer caçar lorpas?

– Nós temos um compromisso – eu o relembro. Tento soar urgente, mas não desesperado.

Snow me olha de um jeito esquisito, como se talvez eu estivesse falando sobre nosso namoro. Como se isso ainda importasse.

Eu suspiro, amargamente.

– Não *esse* compromisso, seu idiota! Você prometeu me ajudar a encontrar o assassino da minha mãe.

– Eu *vou* te ajudar a encontrar o assassino da sua mãe – diz Snow – assim que descobrirmos como parar isso. – A cabeça dele pende para trás. – Talvez. Tipo, se eu ainda estiver vivo, se o Mago não resolver que a solução é simplesmente me matar.

– *Simon* – Bunce o censura.

– Ele vai ter que entrar na fila – digo –, depois que minha família descobrir o que está acontecendo. Depois que o Mundo dos Bruxos descobrir o que está acontecendo. As Famílias Antigas já pensam que você e o Mago estão tramando para tomar a magia delas. A pessoa que te matar vai receber uma coroa.

– *Baz* – diz Penny.

– Suponho que pense que vai ser você – diz Snow, estreitando os olhos.

– Nós temos uma trégua – digo, minha voz se elevando. – A merda já bateu no ventilador, e se não solucionarmos o assassinato de minha mãe agora, jamais o faremos. E você prometeu, Simon. *Eu prometi.*

– Há coisas mais importantes para nos preocuparmos neste momento! – Snow grita para mim.

– Nada é mais importante do que a minha mãe!

76.

Baz

Eu só me recordo do local onde os lorpas moram porque Fiona disse: “Cristo! Que bagunça! E bem debaixo da Blackfriars Bridge. Esta cidade foi para o inferno mesmo”, quando estava me arrastando para o carro dela.

Não leva muito tempo para chegar a Blackfriars vindo de Hounslow. É dia de Natal e não há ninguém na rua. Estaciono o carro e abro caminho na neve até a dianteira da ponte.

Começo a me sentir levemente em pânico.

Sei que não deveria ter vindo sozinho, mas todos a quem eu poderia ter pedido ajuda teriam me arrastado para a questão mais premente: o fato de que minha família está agora magicamente sem teto. Nem Fiona teria me ouvido hoje.

Simon e Penny voltaram à tarefa de salvar o dia. Ou destruí-lo. Talvez as duas coisas. Tudo bem, eu sempre soube em que pé me encontrava com Simon: logo abaixo do resto do mundo. E muito, muito abaixo do Mago.

Tudo bem. Está tudo bem.

Estou com medo, mas isso é razoável. Tente você voltar ao lugar onde foi mantido em um caixão até não conseguir mais se lembrar da aparência da luz.

Mas estou numa posição melhor do que estivera da última vez. Em primeiro lugar, estou consciente. Tenho minha varinha. E estou atento ao mundo ao meu redor.

A porta para o covil dos lorpas é fácil de encontrar – basicamente, não passa de um buraco nas pilastras. Eu deslizo por um pouco de lama, meu estômago se revira com o cheiro. Papel molhado e podridão. Estou no lugar certo.

Está escuro demais aqui até para enxergar, então estendo a mão e acendo um fogo na palma, iluminando um círculo de nada ao meu redor.

Deixo as chamas crescerem... e vejo mais um monte de nada. Estou em uma câmara cheia de destroços. Nacos de asfalto. Pedras grandes. Nada disso é familiar; eu estava inconsciente quando fui trazido para cá, e praticamente inconsciente quando parti. Nem sei de fato como é a aparência dos lorpas.

Eu pigarreio. Nada acontece.

Pigarreio de novo.

– Meu nome é Basilton Pitch – anuncio em voz alta. – Estou aqui para fazer uma pergunta a vocês.

Uma das grandes coisas pedregosas começa a tremer. Eu estendo o fogo em sua direção. E minha varinha.

A coisa pedregosa se desdobra como um Transformer numa coisa rochosa ainda maior que parece estar vestindo um suéter gigante cor de aveia.

– *Você* – a coisa ribomba numa voz que lembra um ronco de trator.

É um ribombar conhecido. Sinto as paredes se fechando ao meu redor, e sinto na boca o sabor de sangue velho. (O sangue é mais espesso quando envelhece; ele coagula.)

– *Você* – diz a coisa. – *Você matou alguns de nós.*

– Bem, vocês me sequestraram – digo. – Se lembra?

– *Não te matamos* – o lorpa diz. Há mais dessas coisas agora, estalando ao meu redor. Não vejo de onde estão vindo, mas parece haver menos destroços largados no chão. Tento identificar seus rostos; tudo neles é amarelo-acinzentado sobre amarelo-acinzentado. São como montes de cimento úmido.

– Vocês estavam a meio caminho de me matar – digo –, mas não é por isso que estou aqui. Vim conversar com vocês.

Estou cercado. É como estar dentro de um círculo de pedras.

– *Não gostamos de conversa* – um deles ronca. Pode ter sido o de suéter de novo. Ou pode ter sido esse outro, logo ao meu lado, vestindo um cobertor elétrico, o plugue se arrastando no chão atrás dele.

– *Frio demais para conversar* – outro rosna. – *Hora de descansar.*

É isso mesmo, eu me esqueci. Lorpas hibernam. Devo tê-los acordado.

– Vocês podem descansar – digo. – Vou deixá-los em paz. Só me respondam uma coisa...

Eles roncam entre si.

– Quem enviou vocês atrás de mim?

Os lorpas não respondem. Sinto que estão se aproximando, apesar de não poder ver isso acontecendo.

– Quem mandou vocês me pegarem? – eu grito. Seguro a varinha no ar, meu braço preparado atrás do ombro. Talvez eu já devesse estar lançando feitiços a essa altura, mas matá-los não trará nenhuma resposta. E se eles resistirem?

Será que já estão resistindo?

Subitamente, sinto como se estivesse sendo espremido entre paredes de pedra. Eles estão se fechando ao meu redor, beliscando em volta do meu braço esquerdo... em volta do fogo em minha mão... *o fogo*.

– Se vocês me esmagarem – eu grito –, meu fogo vai se apagar!

Os estalos param; acho que eles estão imóveis. Parecem se acomodar em pedregulhos desajeitados em torno de mim, de minha mão. Por quanto tempo eles acham que consigo permanecer nessa posição? (E por que eles simplesmente não se mudam para algum lugar tropical?)

– Me digam – eu ordeno. – Quem mandou vocês me pegarem?

– *Não vamos dizer* – um deles responde. É como escutar pedras sendo quebradas até virar cascalho.

– Por que não?

A parede atrás de mim se arrasta mais para perto.

– *Disse para não falarmos.*

Eu me endireito.

– Bem, estou dizendo o contrário.

– *Nos manteve quentinhos* – o maior diz.

– Vocês não parecem quentinhos.

– *Nos manteve quentinhos por algum tempo* – ele diz.

– *Disse para a gente não falar* – resmunga outro.

– *Não gostamos de conversa.*

Deixo o fogo em minha mão se extinguir. Eles fazem um tropé de dez mil dentes rangendo.

– *Mais fogo* – ouço. – *Mais fooooooogo.*

– Eu lhes darei mais fogo quando vocês responderem à minha pergunta! – Eles vibram. Não sei ao certo se de raiva, impaciência ou alguma outra coisa. – Quem mandou vocês? Quem lhes pagou para me pegar?

– *Nos esquentou* – escuto.

– Quem?

– *Um de vocês.*

– *Um de vocês, mágicos.*

– Qual de nós? Foi um homem? Qual era a aparência dele?

– *De homem. Macio.*

– *Quente.*

– *Ponto molhado no asfalto.*

– *Verde.*

– Verde? – indago.

O maior lorpa se desdobra, depois se amassa em uma pilha bem diante de mim, forçando os outros para longe.

– *Sua lápide!*

– *Um de vocês.*

– *Quente.*

– *Pegue o fedelho vampiro* – o grandão resmunga –, *mantenha-o no escuro, dê-lhe sangue.*

– *Mantenha-o até que o frio chegue e fique.*

– *Fogo. Calor. Você prometeu.*

Eles se aproximam novamente.

– *Você prometeu.*

Torno a acender o fogo em minha mão, mas, em vez de recuar, eles se aproximam dele, me esmagando. Eu mal consigo ver meu próprio pulso.

– Afastem-se! – grito. Meu braço esquerdo está sendo sugado para longe do meu ombro, e a mão com a varinha está pressionada contra minha orelha.

– ***Para trás!***

– Lance **Papel ganha de pedra**! Agora!

Eu grito:

– ***Papel ganha de pedra!***

E então um caos muito singular emerge.

Há alguém saltando por cima dos lorpas, embrulhando-os em folhas de jornal como se estivesse brincando de embrulhar peixes. Eles tentam escapar, mas quando a figura encosta nos lorpas, eles ficam imóveis. Imóveis de verdade. A pressão ao meu redor cessa.

Ergo a cabeça e vejo ninguém menos que Nicodemus em pessoa por cima do lorpa grandalhão, recuperando o fôlego.

– Mas o que caralho você tá fazendo aqui? – pergunto a ele, minha boca com certeza pendendo, aberta.

Sua expressão denota desprezo.

– Vim te salvar dos lorpas.

– Você os pôs para dormir com o *The Guardian?*

– Sim. Por que não fez o mesmo?

Nicodemus veste um blazer barato por cima de uma camiseta branca, jeans preto com uma corrente prendendo a carteira e coturnos Doc Martens antigos, com calcanhar de aço. Está na cara o que a minha tia ridícula viu nele.

Ele estende a mão para baixo e agarra meu pulso, apontando minha varinha para a parede de pedra que prende meu outro braço.

– **No meio do caminho tinha uma pedra** – diz ele.

– O quê?

– Repita!– Por quê?

Ele belisca meu pulso.

– ***No meio do caminho tinha uma pedra!*** – lanço o feitiço, e a rocha se despedaça ao redor dos meus braços. – Isso não deveria funcionar – digo, chacoalhando a mão livre.

Os lorpas não acordam, apesar de eu os estar partindo aos pedaços.

– Pare de reclamar – diz Nicodemus – e venha. Os jornais não vão segurá-los para sempre.

Ele oferece o braço, então aceito a oferta, apesar de ele cheirar a sangue azedo e cidra. Me arrasta para cima até eu estar sobre os lorpas também.

Saltamos de um para o outro, até chegar ao chão.

– Por aqui – diz Nicodemus, acendendo uma lanterna grande.

Eu o sigo pela trilha de lama até alcançar a luz do dia. Assim que estamos fora do subterrâneo, eu o empurro para longe de mim.

– Cuidado aí – diz ele. – Eu acabo de salvar a sua vida!

– Você acaba de arruinar meu plano! Eles estavam prestes a me contar quem me sequestrou!

– Já te contaram – rosna ele. – Foi o Mago!

O Mago. O homem verde. A lápide. *O Mago?*

Nicodemus retorce o lábio, de modo que eu possa ver seus caninos faltando.

– Foi o Mago que mandou sequestrar você – afirma ele. Ele continua se movendo adiante, e eu continuo recuando. – E foi o Mago que permitiu a entrada de vampiros em Watford.

– O quê? – Tropeço na neve e me seguro.

– Eles fizeram um trato – diz Nicodemus, a centímetros do meu rosto. – Se os vampiros atacassem Watford e dessem um bom susto em todos, ele permitiria que vivessem em Londres sem serem perturbados. Ele queria que eu fizesse o

trato, mas eu não quis, então ele encontrou outra pessoa.

– O Mago mandou vampiros para matar a minha mãe?

– Tentei alertá-la, mas, vindo de mim, ela não acreditaria nem no juramento de Merlin. – Nicodemus dá de ombros. – Se isso importa, não acho que o Mago pretendia que sua mãe morresse. Mas não creio que tenha se incomodado muito. Facilitou tudo, não foi?

Eu recuo outro passo.

– Por que você está me contando isso agora? Por que não antes? E por que você está aqui? Você me seguiu? – Eu movo a cabeça de um lado para o outro, procurando por mais vampiros. Será que isso é uma armadilha?

– Eu não podia te contar – diz Nicodemus. – Ele teria me matado! Mas agora não importa o que ele faça. Ele foi e prendeu minha irmã, não foi? Seu Mago. Ele está com Ebeneza agora. E eu preciso da sua ajuda para resgatá-la.

Foi o Mago. O Mago. Esse tempo todo.

Digo, eu sempre acreditei que tivesse sido ele, mas nunca realmente acreditei que tivesse sido *ele*. Como poderia? Ele é *o Mago*. Como poderia...?

Emito um ruído que lembra Snow, um rosnado que começa em meu estômago e dispara minhas presas. Então me viro e corro até meu carro.

Nicodemus corre atrás de mim. Ele segura meu braço.

– Espere! Vou com você!

– Você não vai comigo.

– Eu te disse, ele está com a minha irmã!

– E o que me importa?

– Vou te ajudar a lutar.

– Não quero a sua ajuda, seu monstro.

– Uma pena – diz ele, me puxando. – Vai tê-la, querendo ou não!

Somos interrompidos por latidos desesperados: um Normal está passeando com seu cachorro, um Cavalier King Charles Spaniel vesgo, e o bicho se interessou por mim e Nicodemus, latindo loucamente.

– Venha, Della. – O Normal puxa a guia, e a cadela quase se enforca saltando em nossa direção. Ela late de um jeito curioso... Poderia jurar que seu "au au au" soa como "Baz! Baz! Baz!".

Dou as costas para Nicodemus e presto mais atenção no spaniel.

– Você está dizendo o meu nome?

– Baz! – late o cão. – Graças à magia! Sou eu, Penélope!

– Bunce? – Soa como ela. De um jeito latido e canino. – Quem te transformou em cachorro?

– Sou um cachorro? – ela late. – O feitiço nunca funcionou assim antes. Baz, você tem que vir me buscar! – O Normal se abaixa para apanhar a cadelinha, como se eu fosse uma ameaça.

Eu sou. Agarro a cadela e a seguro diante do meu rosto.

– Ei, ei! – diz o Normal. Nicodemus sibila para ele, e o homem solta a corrente do animalzinho.

– Bunce, do que você tá falando?

– Baz, não podemos deixar Simon enfrentar o Mago sozinho. Tenho um mau pressentimento

sobre isso. Preciso que você venha me buscar!

Simon. Sozinho com o Mago. Com o assassino de minha mãe.

– Estou indo. – Enfio o animal debaixo do braço e olho para o Normal. – Preciso do seu cachorro emprestado.

– Você não pode simplesmente...

Eu levanto minha varinha.

– ***Nenhuma novidade por aqui!***

O Normal olha para nós, depois para as próprias mãos, e em seguida tira um cigarro do bolso.

Começo a correr para o meu carro.

Nicodemus está logo atrás de mim.

– Eu vou com você!

Eu continuo correndo. Ele volta a segurar meu braço. Então eu giro, acendendo uma chama na mão. Ele salta para trás.

A spaniel Bunce late para ele.

– Tenho que salvar minha irmã – diz ele. – E minha ajuda lhe seria útil. Você sabe que não posso entrar lá por conta própria.

Eu empino o queixo.

– Eu *aceitaria* a sua ajuda. E, se o que diz é verdade, Ebb também certamente aceitaria. Mas o inferno vai congelar antes que eu permita a entrada de um vampiro em Watford. Mesmo um vampiro castrado.

77.

Agatha

– Ah, graças à magia! – diz mamãe. Ela está de pé junto à minha porta, de roupão.

Eu levanto a cabeça do travesseiro.

– Que foi? – Peguei no sono ainda vestida, por cima dos cobertores. Não sei que horas são.

– Mitali Bunce acaba de ligar. Simon e Penélope fugiram sabe-se lá pra onde, e pensei que você pudesse estar com eles.

– Não... Eles fugiram?

– Ela espera que eles tenham apenas fugido, que não tenham sido sequestrados. – A voz de mamãe está entrecortada. – Depois da noite passada.

– Mamãe, qual o problema?

– Houve outro ataque – diz ela. – Aquele Insípidum horrível, ele atacou os *Pitches*. Comeu

tudo. É uma vergonha tão grande. Aquela era a propriedade mais grandiosa do mundo mágico.

– Mas Simon... – digo.

– O que, minha querida? Ele te disse alguma coisa?



Eles foram procurar os lorpas. Tenho certeza. É exatamente o tipo de coisa que eles fariam. Sair às pressas para enfrentar um bando de ogros sem falar com os pais ou pedir ajuda...

Penso em contar à minha mãe. Que Simon estava na casa dos Pitches ontem à noite. Que ele e Penny – e *Basilton Grimm-Pitch* – estavam tramando juntos.

Entretanto, mamãe apenas me perguntaria por que eu não lhe contara antes.

E aí acho que ela me diria para manter a boca fechada. Que nada de bom viria se me envolvesse agora, com todo o Mundo dos Bruxos à beira da guerra, ou possivelmente já em guerra.

Mamãe diz que meu pai está em uma reunião de emergência da Irmandade. E o Mago está enfiado

em sua torre, entrando em comunhão com as estrelas ou algo assim.

Posso ver que ela está aliviada por eu não estar com Simon e Penny, mas também estranhamente preocupada.

– Agatha, está tudo, sabe como é, tudo certinho com Simon?

– Tirando o fato de que ele está desaparecido?

– Você sabe o que eu quero dizer, querida. *Entre vocês.* Vocês dois.

– Estamos bem – eu lhe asseguro.

Não vou contar a ela neste momento que nós terminamos. Nem sei se Simon está vivo; não vou contar à minha mãe sobre minhas expectativas fracassadas até que eu seja absolutamente obrigada.

Apanho um pouco de comida que sobrou da festa – uma Coca Zero e um pouco de torrada de alcachofra meio empapada – e volto para o meu quarto. Na noite passada, adormeci antes da festa dos meus pais, e eles não me acordaram. Devem ter se tocado de que eu precisava de repouso.

Dou uma mordida no pão. Não há nada que eu possa fazer. Nadica de nada.

Eu nem mesmo *sei* onde Simon está. "Procurando lorpas" não é útil. E o que mais eu sei? Que ele pode estar com Baz? Que ele e Baz agora são amigos? Isso não é uma pista.

Ainda não consigo acreditar que eles sejam *amigos*.

Posso acreditar nisso vindo de Simon; ele faz amizade com qualquer um que estiver disposto. Qualquer um que não se importe com os riscos de ser amigo de uma bola de demolição humana. Mas o que Baz tem a ganhar com isso?

Tudo o que Baz sempre quis foi a derrota de Simon. Ele faria qualquer coisa para tirar Simon de seu caminho.

Qualquer coisa...

E se tudo isso foi um truque?

E se Baz está *atraindo* Simon para os lorpas? Do jeito que me atraiu para a Floresta naquela noite...

Bem. Ele não me atraiu, exatamente. Ainda assim. Ainda assim...

Baz é um vampiro.

Baz é um vilão.

Baz é um *Pitch*.

Meu telefone está no criado-mudo. (Tenho permissão para ter um em casa.) Eu o apanho e mando um SMS para Penny.

Sua mãe tá te procurando. Todo mundo tá preocupado.

E:

Vcs estão lutando com os lorpas? Precisam de ajuda? Eu poderia arranjar ajuda.

Depois:

Vcs estão com Baz? Acho que pode ser um truque. Que ele tá tentando ferir o Simon.

E em seguida:

Vcs poderiam ao menos ter deixado um bilhete. Isso parece bem básico.

Atiro o celular na cama e abro minha Coca Zero. A foto de Lucy e Davy está enfiada debaixo do meu travesseiro. Eu a pego.

O que a brava e ousada Lucy Salisbury faria em uma situação desesperada como essa?

Correria para a Califórnia como um ser humano racional, aparentemente. Deixar o caso para os heróis.

Se Baz *voltou-se* contra Simon, não há nada que eu possa fazer para ajudar...

Mas não posso simplesmente me sentar aqui sem fazer nada, maldição! (Maldito seja *ele*.) (Malditos, todos eles.) Mesmo quando não estou envolvida no drama estúpido deles, ainda estou envolvida, ainda tenho que desempenhar meu papel...

E essa é a parte em que eu sempre grito por ajuda.



Minha mãe está ao telefone quando eu saio discretamente. Eu pego o Volvo.

78.

Baz

Levei um bom tempo para perceber que Bunce estava apenas possuindo a cadela – que não estava presa dentro do corpo dela. Nunca tinha ouvido falar de uma coisa dessas. Tenho certeza de que é ilegal.

A Bunce verdadeira, bruxa aterrorizante que é, está escondida atrás de uma cerca viva em Hounslow, esperando por mim.

Estou a caminho para buscá-la.

– Isso não teria sido necessário se você não fosse tão muquirana com o número do seu celular! – ela late do banco de trás.

Penélope

Estou escondida no jardim do nosso vizinho. Não posso ir para casa porque sei que se mamãe estiver lá, ela não vai me deixar sair. E eu *tenho* que sair – não posso deixar Simon enfrentar o Mago sozinho. Talvez ele já esteja em Watford. Provavelmente, foi só *pensar* em se teletransportar e já chegou lá.

Eu realmente estraguei tudo com Simon.

Ele iria me deixar ir com ele, acho, depois que Baz saiu pisando duro. Mas aí tentei convencê-lo a não ir – tentei *raciocinar* com ele.

– Talvez Baz tenha razão – falei.

Simon estava andando de um lado para o outro no meu quarto, agitando sua espada, e parou para me lançar um olhar de escárnio.

– Sério, Penny? Lorpas?

– Não, não sobre os lorpas, mas, Simon, pense comigo, o que vai acontecer quando as pessoas descobrirem a seu respeito?

– Não dou a mínima para essas pessoas! – ele rosnou.

Eu o silenciei. Meus irmãozinhos e irmãzinhas ainda estavam no andar de baixo.

– Você se importa com o Mago – falei. – O que vai acontecer quando ele descobrir que você está roubando a magia?

– Eu não estou roubando! – ele sibilou.

– Seja lá o que estiver fazendo! – cochichei de volta. – O que vai acontecer?

– Não sei! O Mago vai decidir.

Foi nesse ponto, provavelmente, que eu deveria ter desistido. Em vez disso, coloquei-me de pé diante dele e tentei pegar sua mão. Ele me deixou pegá-la.

– Simon, talvez devêssemos simplesmente *partir*.

Ele pareceu confuso. Apertou a espada com a outra mão.

– Penny. É disso que estou falando. Nós temos que ir.

– Não. – Eu me aproximei dele, apertando sua mão. – Acredito que essa pode ser nossa única chance de... de partir.

Ele me olhou como se eu estivesse doida.

Eu continuei:

– Todos já te conectaram ao Insípidum. Quando descobrirem o que está acontecendo de verdade, até os que gostam de você... você é uma ameaça a todos, Simon. A todo o nosso mundo. Assim que descobrirem... Talvez essa seja a nossa única chance de *ir embora*. Poderíamos simplesmente... *partir*.

Ele balançou a cabeça.

– Ir para onde, Penny?

– Para qualquer lugar que tivermos que ir. Para longe.

Simon

Longe. Não existe longe.

Só existem o aqui e o Normal. Penélope pensou mesmo que fugir da magia seria uma libertação para mim? Nem mesmo acho que isso seja possível. Eu *sou* mágico. E seja lá o que eu estiver fazendo, fugir não vai fazer parar.

– Tenho que consertar isso – falei. – Consertar isso é uma tarefa minha.

– Não acho que você possa consertar – disse ela.

Eu solto sua mão.

– Tenho que consertar. É por isso que *estou aqui*.

Porém, talvez não seja por isso que esteja aqui. Talvez só esteja aqui pra foder com tudo...

Isso não altera o que eu preciso fazer em seguida.

Penélope

– Vou conversar com o Mago – disse ele.

– Simon – implorei –, por favor, não vá.

Mas ele já tinha parado de me ouvir. Escuras asas vermelhas desdobraram-se de seus ombros, e aquela cauda em formato de flecha desenrolou-se, descendo por sua perna.

Ele olhou para mim com o maxilar cerrado. E então saiu.

Foi aí que chamei Baz.

Ele estaciona um carro esportivo cor de vinho. Saio dos arbustos, e Baz já se debruça para abrir a porta do carro.

Há um cadelinha vesga no banco de trás. Quebro meu encanto possessivo, e ela late.

79.

Lucy

Nós entramos escondidos em Watford no equinócio de outono.

– Ele vai nascer no solstício – disse Davy, puxando-me pelo buraco no piso para dentro da sala do Oráculo, no topo da Capela Branca.

– Ou ela – ponderei.

Ele riu.

– Suponho que você tem razão.

Subi para o piso de madeira.

– Como os Oráculos subiam até aqui?

– Havia uma escada – disse ele.

O recinto é redondo, com janelas de vitral colorido recurvadas e um teto em domo com uma pintura intrincada – um mural de homens e

mulheres em círculo, olhando para um campo de estrelas recobertas por folhas de metal e escrita ornamentada em preto. Só pude identificar um fragmento da escrita – *No útero do tempo.* Shakespeare.

– Como você encontrou este lugar?

Davy deu de ombros.

– Explorando.

Ele conhecia Watford como ninguém. Enquanto o resto de nós flertava e estudava, ele perambulava por cada centímetro da escola.

Observei enquanto ele desenhava um padrão no chão com sal e óleo e sangue azul-escuro. Não um pentagrama – outra coisa.

Eu me sentei no chão frio, puxando meu xale ao redor dos ombros e das pernas. Não trouxéramos nada conosco. Cobertores nem travesseiros. Nem colchões.

Davy tinha uma pilha de anotações e ficava voltando a elas.

– Tem certeza de tudo? – perguntei pela vigésima vez nessa semana. Ele tinha ficado mais indulgente

comigo desde que eu concordara com isso.

E eu *concordei* com isso.

Pensei...

Pensei que Davy talvez fosse fazer isso sem mim. Que pudesse encontrar um jeito.

Pensei que, enquanto eu estivesse ali, poderia impedi-lo de ir longe demais.

E eu pensei... que Davy queria um filho. Por baixo disso tudo, estávamos falando de *uma criança*. Ele estava me pedindo para ter um filho seu. Para mudar as nossas vidas.

Eu queria isso.

– Tenho certeza – disse Davy. – Comparei o ritual e as frases de três fontes diferentes; os três relatos se completam, a divergência é mínima.

– Por que ninguém mais tentou isso? – perguntei.

– Ah, acho que tentaram, sim – disse ele, alegre. – Mas *nós* não tentamos. Você mesma disse, ninguém estudou esses rituais como eu estudei. Nenhum desses eruditos tinha acesso às anotações um do outro.

Ele compartilhara alguns dos feitiços comigo. *Beowulf*. A Bíblia. Eu puxei meu xale mais para perto.

– Então não há risco...

– Risco sempre há. É criação. É vida.

– É uma criança – falei.

Ele ficou de pé e saltou por cima dos desenhos para se agachar à minha frente.

– Nosso filho, Lucy, o bruxo mais poderoso que o Mundo dos Bruxos já conheceu.



A sala estava iluminada por sete velas.

E Davy cantou cada feitiço sete vezes.

Por que será que é sempre sete?, pensei, deitada de costas sobre o frio piso de madeira.

Desejei que tivéssemos trazido música. Mas havia cantoria lá fora – alunos na fogueira do equinócio, no Grande Gramado.

A noite estava ficando mais solene do que eu esperava. Tinha sido uma farra entrar escondido em Watford, descobrir a sala secreta. Agora, no entanto, Davy estava focado e quieto.

Eu me perguntei como saberíamos se o ritual havia funcionado...

Como saberíamos se nosso bebê era o mago mais poderoso do mundo? Será que sua aparência seria diferente? Seus olhos cintilariam?

Davy disse que não podíamos falar nada durante o ritual. Assim, em vez disso, capturei seu olhar. Ele parecia feliz, empolgado.

Porque estava finalmente fazendo *alguma coisa*, pensei. *Não apenas gritando para o céu.*

Tentei não falar. Fiquei deitada, bem quietinha.

E eu soube – ah, *eu soube* no momento em que aconteceu, que a magia e a sorte estavam a nosso favor.

Houve uma fisgada bem no fundo da minha barriga. Como se uma estrela tivesse entrado em colapso ali. O mundo ao meu redor ficou branco, e toda a minha magia se contraiu numa estreita esfera em minha pélvis.

Quando pude enxergar novamente, tudo o que vi foi o rosto dourado de Davy acima do meu, mais feliz do que eu jamais vira.

80.



Os portões estão abertos quando chego a Watford, e há um único conjunto de marcas de pneus na neve. Isso é bom; significa que o Mago está aqui. Eu sigo as marcas e estaciono o Volvo no pátio principal, junto ao Jeep do Mago. Não vou me encrencar – isso é uma emergência.

Não sou boa em emergências. Mal posso esperar para encontrar o Mago e largar a situação em suas mãos. Vou lhe contar o que sei, depois ir para o mais longe possível dessa bagunça.

Talvez eu vá para a casa de Minty. E poderemos assistir *Garotas malvadas*. E a mãe dela vai nos fazer mojitos virgens. E nós vamos fazer as unhas – Minty tem sua própria máquina.

Minty não se importa com magia. Minty sequer lê romances de fantasia. “Eu não consigo me forçar a me importar”, diz ela. “É tudo tão falso”.

(Tentei fazer as unhas com Penélope certa vez, e ela se distraiu tentando dar um jeito de fazer isso com magia.)

Corro pela neve até a Torre Chorona e subo até o escritório do Mago. São uns mil degraus, eu juro. Há elevadores, mas não conheço os feitiços.

Estou com receio de bater na porta do Mago, mas ela está escancarada e, quando entro, é uma catástrofe. Parece que Penny andou por aqui: há livros por todo canto, em pilhas e abertos. Há páginas arrancadas e coladas por toda a extensão de uma parede. (Não presas *com fita adesiva*, mas fixadas à parede com feitiços.) (E esse é exatamente o tipo de coisa do qual estou farta. Tipo, usem fita adesiva, gente. Por que inventar um feitiço pra prender papel na parede? Fita. Adesiva. Existe.) De qualquer maneira, o Mago não está aqui. Suponho que poderia lhe deixar um bilhete, mas como é que ele vai encontrá-lo? E se ele não voltar a tempo? O

Mago realmente devia ter uma secretária, dadas as suas responsabilidades. Eu fecho um de seus livros por despeito e me recosto contra o beiral de uma janela, tentando decidir o que fazer em seguida.

É quando avisto as luzes na Capela Branca.

Simon

Não sei como eu sei o caminho para Watford.

Não sei se ainda estou voando. Ou se estou apenas *pensando* em estar lá.

Pergunto-me se isso – o que estou fazendo, a magia que estou usando – é suficiente para abrir um novo buraco, ou se está apenas aumentando um dos antigos.

Pergunto-me se todos estão errados a meu respeito, todos eles.

Agatha

Não gosto da Capela Branca. Sempre que temos reuniões aqui, não consigo tirar o cheiro de incenso do meu cabelo.

Hoje há mais cheiro de fumaça do que de incenso. Fumaça e magia gasta. Como em sala de aula depois de prova.

Vou só encontrar o Mago, contar a ele o que eu sei, depois vou embora.

(A casa de Minty pode não ser longe o bastante deste desastre. Talvez eu vá para a universidade na Escócia. A que Kate frequentou para conhecer William.)

O saguão de entrada da Capela está vazio. Adentro um pouco mais, seguindo a fumaça, o que parece ser uma atitude idiota – uma atitude digna de Simon –, mas também parece ser o melhor jeito de encontrar o Mago.

Eu sigo em frente, abrindo portas e aprofundando-me no prédio. Está mais fumacento aqui nos fundos. E mais escuro. E acho que consigo ouvir o Mago cantando. Provavelmente, estou interrompendo alguma magia pesada. Talvez ele esteja procurando por Simon.

– Senhor? – eu chamo. Não sei do que mais chamá-lo. Jamais ouvi alguém chamar o Mago de

“Mago” na cara dele.

Há um estrondo semelhante à madeira atingindo madeira. Não sei dizer de onde está vindo, e não enxergo nada. Começo a procurar por um interruptor de luz. Alguns dos prédios mais antigos de Watford não têm interruptores – é preciso acender as luzes com magia. Mas minha varinha está no carro, em cima do banco do passageiro; não cabia no bolso do casaco.

Ouço outro impacto. Alguém gritando. Passos vindo em minha direção – correndo. Ofegando.

Alguém tromba comigo, me empurrando de lado e passando correndo por mim. Em seguida, outra pessoa me apanha e me prende de costas contra a parede.

– Eu te falei pra não correr! – ele rosna.

– Você não disse – eu falo. – Você não me disse.

Ele segura meus braços com tanta força, que temo que possam se quebrar de verdade.

– ***Faça-se a luz!*** – diz ele.

E a luz se faz.

Eu encaro os olhos do Mago. Quando ele vê que sou eu, me joga de lado.

– Para onde ela foi? – ele exige saber.

– Quem, senhor?

Ele agita a varinha ao seu redor.

– ***Apareça, apareça de onde estiver!*** – Seus dentes estão expostos. – Você sabe que não tenho tempo pra isso. O momento se aproxima! – Ele faz um gesto de corte com sua varinha. – ***Por favor!*** (Corte.) ***Por favor!*** (Corte.) ***Deixa, deixa, deixa!***

Não sei o que ele está conjurando, mas o feitiço me puxa e eu caio adiante.

– Você... – O Mago diz, reparando novamente em mim. Sua túnica está aberta; ele transpira profusamente. Tem algo azul espalhado por todo o peito. – O que você está fazendo aqui, menina?

– Vim contar ao senhor sobre Simon, senhor.

– Simon! – diz ele, enlouquecido. – Onde está o Simon? – Ele levanta sua varinha. – Espere... – O Mago parece querer fugir, como se estivesse escutando. Eu dou um passo para longe dele, mas ele agarra meu braço. – Onde está o Simon?

– Não sei, senhor – digo. – Mas vim te contar que ele estava com Basilton Pitch. Na noite passada. Eles me disseram que iam encontrar alguns lorpas, mas acho que é uma armadilha! O senhor precisa ajudá-lo!

As palavras se despejam numa torrente. Tudo o que eu ensaiei no carro.

O Mago geme e segura a própria cabeça, andando de um lado para o outro na sala escura, entrando e saindo de meu campo de visão. A luz de seu feitiço ainda pende no ar ao meu redor. Dou um passo na direção da porta.

– Lorpas agora. Vampiros. *Crianças.* Não tenho tempo para isso!

Ele rosna de frustração. Ouço algo alto e pesado, como uma estante de livros, cair no chão. Talvez ele esteja distraído. Eu me viro para escapar da sala, mas o Mago está logo ali, me segurando.

– Você vai ter que servir – diz ele. – Vai ter que servir por enquanto.

Minhas pernas cedem e ele me arrasta.

– Você não tem muito a ofertar – diz ele –, mas eu tomarei.

Baz

Bunce está roendo as unhas. Ela fica tentando lançar feitiços no carro, mas eu já estou guiando o mais rápido que posso, e todos os seus feitiços saem nervosos e espremidos.

Ela teme que o Mago mate Simon ao descobrir que ele está causando o Insípidum.

Eu temo que ela descubra que quero matar o Mago primeiro.

Penélope

Eu não confio em Baz.

Eu só o chamei para ajudar porque ele tem um carro.

Tipo, eu adoraria confiar nele – é um bruxo brilhante e uma companhia excelente –, mas não posso.

Só confio em quatro pessoas: meus pais, Micah e Simon. Não tenho confiança sobrando – e mesmo que tivesse, não a entregaria a Tyrannus Basilton Grimm-Pitch. Ele é cínico, manipulativo e totalmente impiedoso. Tudo com o que se importa é conseguir o que quer e proteger seu próprio pessoal.

E tem alguma coisa no modo como ele olha para Simon...

Não creio que Baz tenha deixado de lado os últimos sete anos de hostilidades. Ele tem um cintilar doido nos olhos quando olha para Simon. Se tivesse a chance de apunhalá-lo pelas costas, acho que arriscaria.

Preciso mandar Simon para longe do Mago.

E depois preciso apenas mandá-lo para *longe*.

Agatha

Eu deveria estar com medo. E estou, estou apavorada.

Mas também estou pensando: *É claro, porra. É claro que é assim que vou morrer! Porque alguém está procurando pelo Simon e, em vez disso, encontra a*

mim. Vou ser assassinada por um maníaco faminto por poder que sequer sabe o meu nome.

Eu não tento lutar. Qual seria o sentido? Mas fico mole. E começo a chorar. Só porque sabia que iria morrer desse jeito não significa que estivesse preparada para isso. Gostaria de ter sido mais legal com minha mãe hoje de manhã. Gostaria de estar vestindo algo melhor do que leggings e essas botas horrorosas. Sempre pensei que seria um cadáver mais bonito.

O Mago me arrasta para outra sala, onde uma porta pende, aberta, do teto, com luz se derramando dali.

Ele aponta a varinha para si mesmo – ***"Para cima, para cima!"***. Não se deve lançar esse feitiço em humanos; você pode acidentalmente puxar os pulmões da pessoa através de seus ombros. Mas o feitiço funciona nele, e nós começamos a flutuar pelo teto.

Em seguida, outro feitiço – ***"Para baixo, todo santo ajuda!"*** – nos derruba no chão. Seja lá quem o lançou também cai. Eu ouço a pessoa tombar.

– Não, Davy! Deixe-a ir! – diz ela. – E eu penso que deve ser a Lucy. Aqui. Para me salvar.

Simon

Eu aterrisso no Grande Gramado ao pôr do sol e atravesso a ponte levadiça. Vejo o Jeep do Mago e o Volvo do Dr. Wellbelove, e me pergunto se estão aqui – ou se estão em algum outro lugar, lutando. Lutando de verdade. Espadas em mãos, varinhas em riste. Eu nem mesmo sei onde procurar pela guerra se não for aqui em Watford.

Sigo para o escritório do Mago, quando vejo a luz no topo da Capela, numa torre que eu nunca antes vira acesa. Nunca sequer havia reparado naquele vitral – parecia uma coroa, ou uma constelação.

Enquanto estou observando, as janelas se abrasam com luz.

Agatha

O Mago se levanta sobre as mãos e os joelhos, e começa a lançar feitiços.

– ***Por favor, por favor, por favor! Deixa, deixa, deixa!***

– ***O inferno não tem tanta fúria!*** – a mulher grita. Fogo se derrama de seu cajado e o atinge no peito. Eu nunca vi nada parecido, nem mesmo de Simon. A luz do fogo finalmente ilumina o rosto dela: é Ebb. A pastora de cabras.

– Corra, Agatha! – berra ela.

Mas o Mago está caído em cima de mim.

– Não posso! – soluço.

O Mago ergue sua varinha para lançar um feitiço nela, e eu atinjo o instrumento mágico o mais forte que consigo. A varinha sai voando, e ele rola para longe para apanhá-la.

– ***Corra para as montanhas!*** – grita Ebb, e é o que eu faço. Levanto-me aos trancos e fujo da sala como se tivesse um motor a jato nas costas.

Corro para fora através da fumaça e da escuridão rumo à luz e à neve, e então continuo a correr.

81.



Ele teria matado aquela menina.

Acho que eu não tinha outra opção além de voltar.

O Mago

Não há tempo.

O Insípidum está nos devorando.

E hoje é o dia – hoje é o dia em que minha magia poderá funcionar. Feriados são auspiciosos, o solstício se estende.

Hoje é o dia.

Esta é a hora.

Se ao menos Simon estivesse aqui...

Eu pensei que nós havíamos conseguido. A um custo alto, sim, mas pensei que havíamos

conseguido, Lucy. Nós havíamos trazido o Maior Mago.

Ele é o maior mago.

Eu o escondi entre os Normais, para que ninguém soubesse. Para que ninguém fizesse perguntas. Eu o escondi até que estivesse pronto. Até que me chamasse para si, exatamente como todas as profecias diziam que ele faria!

Não sabia que ele estava quebrado.

Não pude ver que ele era um receptáculo trincado.

Talvez fosse poder demais para um bebê – talvez esse tenha sido o meu erro.

Se ele estivesse aqui, eu poderia consertar isso. Agora possuo feitiços diferentes. (Mantive meus olhos no passado por muito tempo; deveria ter percebido que o novo poder precisa vir de novos salmos.) Agora eu tenho uma chance. Poderia aliviá-lo.

Mas Simon não está aqui. E não posso esperar por ele. O Insípidum não vai esperar. Os Pitches estão a caminho...

Essa mulher vai ter que servir. Ela é a estrela mais brilhante do Reino, depois de Simon. Nosso Simon.

Eu posso tomar o poder dela.

Só preciso matá-la antes.

Ebb

Creio que eu nunca tive as escolhas que julguei ter.

O Mago

Ela é pura força bruta e todos esses clichês dos anos 1990.

Eu já a vi tecer feitiços sobre as cabras e os terrenos da escola como uma perita. No entanto, em batalha, Ebb é como um canhão em uma luta de espadas. Não é de se espantar que Simon a siga por aí como uma criança perdida.

Pensei em torná-la redundante ao longo dos anos – que necessidade Watford tem de cabras? –, mas ela é poderosa e protege a escola quando estou fora.

Eu não a sacrificaria hoje se o destino de nosso mundo não estivesse na balança.

Ebb

Estou enferrujada.

Eu nunca *tive* muita prática com feitiços desse tipo. Conheço dez feitiços para transformar água em uísque, e posso trazer as cabras de volta com apenas um fraseado. Mas nunca vi muito sentido nisso tudo.

Mesmo quando Nico e eu nos metíamos em alguma briga, eu normalmente o acalmava com um **Não se preocupe, seja feliz** ou com um **Nana, neném**.

Minha única chance agora é sobrepujar Davy.

Lanço **De ponta cabeça!** e **Tira o pé do chão!** – feitiços que aprendi em brigas de bar. O Mago faz algo que eu jamais tinha visto: ele obedece aos feitiços, em vez de permitir que o atinjam.

Ele parece louco. Sua camisa está aberta, rasgada, e ele está coberto de sujeira. Quem sabe que magia sombria ele está preparando... Ainda não revelou o

que quer de mim. Estamos nos rodeando como dois lobos.

– Você não é páreo para mim, Ebb – diz ele. Depois grita: – ***É inútil resistir!***

Eu absorvo o feitiço. Posso fazer isso às vezes, deixar um feitiço se consumir em minha magia.

– ***Pau que nasce torto nunca se endireita!*** – grito, desesperada, assim que consigo.

O Mago se dobra para trás até o chão como se fosse feito de borracha. Depois se levanta, suspirando.

O Mago

Ela me pegou de surpresa com esse... minha cabeça está zunindo.

– Sinto muito, Ebb, mas não tenho tempo para isso. Preciso do seu poder – o Mundo dos Bruxos precisa do seu poder.

– Eu não sou uma lutadora – diz ela.

– Eu sei. Mas eu sou. – Eu me aproximo. – Faça esse sacrifício pela sua gente.

– O que você quer de mim, Davy? – Ela está assustada. Sinto muito por isso. Um punhado de cabelo loiro cobre um dos seus olhos.

– Seu poder. Preciso do seu poder.

– Eu o entrego a você. Não o quero.

– Não funciona assim – digo. – Tenho de tomá-lo.

Ela enrijece o maxilar, segurando seu cajado de pastora entre nós.

– ***Vai sacudir, vai abalar!*** – ela grita, e a sala enlouquece.

Tábuas do piso se soltam e giram ao nosso redor como papel pega-mosca. Cada janela antiga se despedaça. É um feitiço infantil. Um ataque de nervos. Para balançar jogos de tabuleiro e espalhar peças.

O poder nessa mulher...

Desperdiçado.

Eu avanço, trôpego, através do caos, e enfio minha espada em seu peito.

Ebb

Eu concluo que o Mago deve ter razão, apesar de falar como um maluco.

Concluo que será melhor assim. Que isso está acontecendo por um motivo.

Espero que alguém se lembre de trazer as cabras de volta.

82.

Simon

Quando chego à porta para a Capela Branca, todas as vidraças explodem. Soa como se o mundo estivesse acabando e fosse feito de vidro.

Espero não ter chegado tarde demais...

Para impedir o que precisa ser impedido.

Para ajudar quem precisa ser ajudado.

Corro para dentro da Capela, atrás do púlpito. Então penso no Mago e encontro um caminho até uma sala nos fundos, com uma porta pendendo aberta do teto. Eu agito minhas asas – ainda tenho asas – e pego a borda da abertura, puxando-me para cima.

É uma sala redonda, agora arruinada, e o Mago está ajoelhado no meio dela, os olhos fechados e os ombros trêmulos. Há alguém caído no chão abaixo

dele – e, por um instante, penso que pode ser Baz. Mas Baz foi atrás dos lorpas; eu sei que foi.

Seja lá quem for no chão, significa que começou.

Limpo a garganta e pouso a mão sobre meu quadril. A espada surge sem o encantamento. É como se todo o mundo estivesse apenas *reagindo* a mim. Não tenho sequer que *pensar*.

Não tenho sequer que pensar.

O Mago está com as mãos no peito da pessoa. Há uma névoa de magia profunda ao redor deles. Ele está cantando, e eu levo um minuto para reconhecer a música...

– ***Easy come, easy go. Little high, little low.***[6]

Dou um passo adiante em silêncio; não quero interrompê-lo no meio de um feitiço. Especialmente se ele está tentando reviver alguém.

– ***Carry on, carry on***[7] – canta o Mago.

Mais um passo silencioso, e então vejo que é Ebb sob ele. Solto um grito, não consigo evitar.

A cabeça do Mago se volta para mim, seus lábios ainda murmurando a letra da canção.

– Simon! – diz ele, tão espantado, que retira suas mãos.

– Não pare – digo, caindo de joelhos. – Ajude-a.

– Simon – o Mago torna a dizer.

Sangue escorre do peito de Ebb.

– Ajude-a! – digo. – Ela está morrendo!

– Não posso – diz o Mago. – Mas, Simon. Você está aqui. Ainda posso ajudar você.

Ele tenta me alcançar, as mãos embebidas no sangue de Ebb. E eu sei que preciso contar a ele agora. Fico de pé, desajeitado, afastando-me.

O Mago apanha sua espada – ela também está sangrenta – e se levanta comigo. Sua cabeça tem um corte acima da orelha, sangrando sobre o pescoço e o ombro.

– Está ferido, senhor. Eu posso ajudar.

Ele balança a cabeça, olhando para um ponto além de mim. Acho que está chocado com minhas asas, mas não sei se consigo recolhê-las neste momento.

– Estou ótimo, Simon – ele diz.

É tarde demais, já *pensei* em fazê-lo se sentir melhor: o corte acima de sua orelha se cura de dentro para fora.

A mão dele afaga sua cabeça. Seus olhos se arregalam.

– *Simon.*

Meu queixo começa a tremer e eu aperto o punho da espada até o tremor passar. Tento pensar em deixar Ebb melhor – acho que estive pensando nisso o tempo todo –, mas ela apenas fica deitada ali, sangrando.

O Mago se aproxima de mim como se eu fosse algum animal.

– Você chegou bem a tempo – diz ele, baixinho. Ele ergue a mão e toca meu rosto. Sinto sangue escorrendo pela minha bochecha. – Eu lhe devo um pedido de desculpas – ele continua. – Entendi tanta coisa errado.

Olho em seus olhos. Somos da mesma altura.

– Não, senhor.

– Não o poder – diz ele. – Você é o bruxo mais poderoso que já viveu, Simon. Você é... um milagre. –

Ele encaixa meu rosto em sua palma molhada. – Mas você não é o Escolhido.

Eu não sou o Escolhido.

É claro que não sou.

Eu não sou o Escolhido.

Graças à magia! Essa é a única coisa que alguém disse hoje que faz algum sentido. Mas isso não faz diferença...

Ainda preciso contar pra ele.

Engulo em seco.

– Senhor, tenho algo a lhe dizer. Baz e Penélope...

– Eles não importam agora! Nenhum deles. Os Pitches e sua guerra. Como se toda a *magia* não estivesse à beira do precipício! Como se o Grande Devorador não tivesse marcado nossa porta!

– *Senhor...*

– Pensei que pudesse salvar você – o Mago sussurra. Ele está tão perto de mim. Segurando meu rosto como se eu fosse um bebê. Ou um cão. – Pensei que poderia cumprir minha promessa de cuidar de você. Que eu encontraria o texto certo, a rima que faltava. Pensei que pudesse *consertar*

você... Mas você não era o receptáculo certo. – Ele assente para si mesmo. É como se ainda estivesse olhando para algum ponto além de mim. – Eu entendi essa parte errado – diz ele. – Eu te entendi errado.

Olho para baixo, para Ebb. Depois de novo para o Mago.

– O Insípidum... – digo.

O rosto dele se contorce.

– Você nunca será forte o bastante para combatê-lo! Você nunca será o *suficiente*, Simon. Não é culpa sua.

– É, sim! – Eu balanço a cabeça, e ele segura minha mandíbula com firmeza. – Senhor, acho que meu poder está ligado ao Insípidum. Acho que posso estar causando o Insípidum!

– Bobagem! – Sua saliva acerta minha boca. – O Insípidum foi previsto: "*A maior ameaça que o Mundo dos Bruxos já conheceu*". Exatamente como o Maior Mago também foi previsto.

– Mas Baz diz que...

– Você não pode dar ouvidos àquele fedelho! – Ele solta meu rosto e dá um passo para trás, erguendo os braços e agitando sua espada vermelha. – Aquele é farinha do mesmo saco que a mãe. Alguém acha que Watford estava melhor sob os cuidados dela? Esses corredores eram vazios! Apenas os magos mais ricos, mais poderosos, aprendiam a falar. Natasha Grimm-Pitch amava seu poder e sua riqueza; ela amava o passado; amava-os demais para algum dia permitir que Watford mudasse.

O Mago anda de um lado para o outro. Falando com o chão. Jamais o vira desse jeito. Ele se movimenta demais, fala demais.

– Eu deveria chorar pela morte dela, por acaso? – pergunta ele, a voz exageradamente alta. – Quando isso significou que uma geração de crianças mágicas aprendeu a usar seu poder? Eu deveria sentir *culpa*? Pois não sinto! O que é o bem *maior*?

Ele me cerca outra vez e fecha a mão no ponto em que meu pescoço se encontra com o peito, prendendo meu olhar e o sustentando.

– Eu. Não. Me. Arrependo.

Então ele se inclina mais para perto. Seu cabelo roça o meu.

– Se pudesse voltar no tempo, não mudaria nada. Nada. Exceto você... Não posso consertá-lo, Simon. – Ele balança a cabeça, rosnando e cerrando os dentes. – Não posso consertá-lo, mas posso *libertá-lo*. E posso cumprir a profecia.

Não sei o que fazer. Por isso, consinto.

Sempre tive ciência de que eu era uma fraude – é um alívio tão grande ouvir o Mago finalmente dizer o mesmo. E ouvir que ele tem um *plano*. Só quero que ele me diga o que fazer.

– Me conceda a sua magia, Simon.

Eu dou um passo para trás, de surpresa, acho, mas o Mago me segura pelo pescoço. Ele pressiona sua mão direita sobre meu coração.

– Eu posso tomá-la. Finalmente descobri uma maneira, mas aí ouvi que você tinha chegado lá antes. Agora você pode concedê-la de livre e espontânea vontade, né? Como fez com o moleque dos Pitches? – Eu sinto cada uma das pontas de seus

dedos contra minha pele. – Não me faça tomá-la, Simon...

Eu olho para baixo, para Ebb. Seu sangue está formando uma poça ao redor do braço e do ombro. Acaba de alcançar as pontas de seu cabelo loiro.

– Pense nisso – murmura o Mago. – Tenho o controle que você jamais terá. Sabedoria... Experiência... Com seu poder, posso obliterar o Insípidum. Posso resolver essas disputas de uma vez por todas. *Posso finalmente terminar o que comecei.*

– O que o senhor começou?

– Minhas reformas! – sibila ele. Então sua cabeça pende para a frente, como se ele estivesse cansado. – Acreditei que tirá-los do poder seria o suficiente. Mudar as regras. Mas essa gente é igual barata... Eles aproximam-se de você sorrateiramente, assim que as luzes são apagadas. Não consigo me concentrar em meus inimigos por causa do Insípidum... – Ele inclina a cabeça para a direita. – E não consigo me concentrar no Insípidum por causa de todas essas *briguinhas*. – Ele a inclina para a esquerda. – Não era

para ter sido desse jeito. – Ele volta a olhar para mim. – Você deveria ser a resposta.

– Eu não sou o Maior Mago – afirmo.

– Você é só uma criança – diz ele, desapontado.

Eu fecho os olhos.

O Mago belisca meu pescoço.

– Entregue-a para mim.

– Ela pode machucá-lo, senhor.

Ele pega minhas mãos de maneira rude.

– *Agora*, Simon.

Arregalo os olhos e observo nossas mãos. Eu *poderia* entregá-la a ele. Por inteiro. Poderia entregá-la a ele, e então seria *ele*. Seria o Mago a drenar o mundo da magia – ou talvez descobrisse um modo de não fazê-lo...

Eu aperto uma das mãos e lhe cedo um pouquinho de magia. Um punhado.

O Mago agarra meus dedos. Seu corpo convulsiona, mas ele não solta.

– Simon! – Seus olhos se acendem. Literalmente. – Acho que vai funcionar!

– *Vai* funcionar – minha voz diz. Mas não sou eu quem está falando: o Insípidum está ao nosso lado. Por cima do cadáver de Ebb.

O Mago fica imóvel, boquiaberto. Eu me esqueci, ele nunca vira o Insípidum.

– Simon – diz o Mago. – É você.

– É o Insípidum – digo.

– É você no dia em que o encontrei. – Seus olhos estão arregalados e suaves. – Meu menino...

– Eu não sou ele – diz o Insípidum. – Não sou o menino de ninguém.

– Você é a minha sombra – digo para o Insípidum. Não sinto medo.

– Mais como o ferimento de saída – diz ele. – Ou a trilha de fumaça. Eu tive muito tempo para pensar a respeito.

– O Insípidum Insidioso – murmura o Mago.

– É um nome de merda – diz o Insípidum, batendo sua bola. – Criação sua?

O Mago se vira para mim e agarra meus dois pulsos.

– Agora, Simon! Entregue-a para mim. Ele está bem aqui.

– Quando foi que você arranjou asas? – pergunta o Insípidum. – Eu nunca terei asas. Ou uma espada. Eu nem mesmo terei uma bola que sirva... queria uma de futebol.

O Mago dá um puxão nos meus pulsos, ainda encarando o Insípidum.

– *Agora, Simon!* Vamos acabar com isso de uma vez por todas!

– Faça isso – diz o Insípidum. – Ele tem razão. Acabe com tudo. Toda a magia. *Toda ela.*

O Insípidum joga a bola para mim, e eu empurro o Mago para longe, a fim de apanhá-la.

– Simon! – diz o Mago.

Enfio a bola de borracha vermelha no casaco do meu terno – não sei quando pensei nesse terno cinza – e olho para baixo, para o Insípidum. É o único jeito.

Seguro o menino pelos ombros.

Ele ri.

– O que você vai fazer, me bater? Perder o controle? Tenho certeza de que não vai funcionar.

– Não – digo. – Eu vou acabar com isso. Me desculpe.

– Você está se *desculpando*?

– Sinto muito por todas as coisas boas terem acontecido depois que eu te deixei.

O Insípidum parece confuso. Fecho os olhos e então me imagino destrancando todas as portas – abrindo todas as janelas, todas as torneiras – e despejando tudo para dentro dele.

Ele não se encolhe ou se afasta. E, quando volto a abrir os olhos, ainda está olhando para mim, agora menos confuso.

O Insípidum coloca suas mãos sobre as minhas e faz um pequeno gesto de concordância com a cabeça. Seu maxilar está cerrado e seus olhos estão duros. Ele parece um marginalzinho, mesmo agora.

Eu retribuo o gesto.

E entrego tudo a ele.

Deixo tudo fluir.

O Mago tenta nos separar – ele está gritando comigo, xingando –, mas estou enraizado, preso ao centro da terra, e as mãos do Mago atravessam o Insípidum. O menino está desaparecendo, está ficando cada vez mais difícil manter minhas mãos sobre seus ombros.

Não acho que o esteja machucando. O Insípidum. Ele só parece cansado.

Ele é um buraco. Ele é o que resta quando eu termino.

E às vezes buracos querem ficar maiores, mas Baz estava enganado. Às vezes, eles só querem ser preenchidos.

Entrego tudo a ele e, então, o sinto me puxando. Antes, eu estava despejando a magia. Agora, ela está sendo sugada. Caindo no vácuo.

Minhas mãos deslizam através dos ombros do Insípidum, mas minha magia continua correndo para dentro dele.

Caio de joelhos, e ela escorre mais depressa.

As pontas de meus dedos formigam. Sinto cheiro de fogo. Faíscas percorrem minha pele.

Isso não é perder o controle, penso. *Isso é perder tudo.*

6 “Vem fácil, vai fácil. Entre altos e baixos.” (N.E.)

7 “Siga em frente, siga em frente”. Este trecho e o anterior são versos da canção “Bohemian Rhapsody”, da banda britânica Queen. (N.E.)

83.

Baz

É inevitável pensar que chegamos tarde demais.

E, acima de todo o resto, acima do *fracasso abjeto*, estou tão sedento, que poderia drenar um cavalo de batalha.

Eu deveria drenar aquele spaniel barulhento e acabar com seu sofrimento.

Talvez eu devesse acabar com o sofrimento de Bunce.

Subimos uma ladeira e conseguimos ver a escola à nossa frente. Estou pronto para passar rasgando pelos portões escancarados, mas o Jaguar atola na neve. Bunce e eu saímos e começamos a atravessar correndo o Grande Gramado.

É um choque quando vemos Wellbelove correndo em nossa direção como um coelho em pânico, vindo em sentido oposto.

Penélope

Agatha está chorando e ofegando – e corre como se fosse a Maurren Maggi, mesmo com toda essa neve. Uma pena que Watford não tenha uma equipe de corrida.

Ela não para quando nos vê, apenas agarra minha mão e tenta me levar consigo.

– Corra! – diz ela. – Penny, corra! É o Mago!

– O que tem o Mago? – Seguro sua outra mão, e Agatha corre ao meu redor, me girando em um círculo.

– Ele é mau! – diz ela. – É claro que ele é!

Baz tenta segurar o ombro dela.

– Simon está aqui?

Agatha se afasta dele em um safanão, correndo para trás, depois voltando em nossa direção.

– Ele acabou de chegar – diz ela. – Mas o Mago é mau. Está lutando com a pastora de cabras.

– Ebb? – pergunto.

– E ele tentou me ferir. Estava para fazer alguma coisa, tomar alguma coisa. Ele quer o Simon.

– Vamos! – grita Baz.

– Venha com a gente – digo para Agatha. – Venha nos ajudar.

– Não posso – diz ela, balançando a cabeça. – Não posso.

E então foge correndo.

Baz

Wellbelove e Bunce correm em direções opostas.

Um barulho vem da escola – como um trovão artificial, como um furacão em um teto de zinco.

Corro atrás de Penny pela ponte levadiça. Assim que chegamos ao pátio, fica claro de imediato onde Simon está: todas as vidraças da Capela Branca estão despedaçadas. Há fumaça saindo por ali, e as próprias paredes parecem tremular, como calor no horizonte.

A magia de Simon torna o ar espesso. Aquele cheiro verde ardente.

Bunce tropeça, tossindo. Eu pego seu braço e me inclino contra ela, erguendo-a. Me espantaria se ela

pudesse conjurar até mesmo um feitiço clichê neste momento.

– Tudo bem, Bunce?

– Simon – diz ela.

– Eu sei. Você aguenta?

Ela assente, resoluta, afastando-se de mim, seu cabelo balançando num rabo de cavalo.

O fedor piora à medida que nos aproximamos da Capela. O interior do prédio está sobrenaturalmente escuro, como se faltasse algo mais além da luz. Acho que estou sentindo a presença do Insípidum, a coceira e aquela sensação de sucção, mas a varinha continua viva em minha mão.

Algo rola através de mim – como uma onda no ar, na magia –, e Bunce cai para a frente de novo. Eu a seguro.

– Não precisamos seguir em frente – digo.

– Precisamos, sim – diz ela. – Eu preciso.

Eu concordo. Dessa vez, não a solto. Caminhamos juntos rumo ao pior, para o que deve ser o fundo da Capela, passando por portas e descendo por corredores.

Meu estômago se embrulha.

Não existe mais ar, apenas Simon.

Bunce abre outra porta, e ambos cobrimos os olhos com os braços. Lá dentro está claro como uma fogueira.

– Lá em cima! – grita Bunce.

Tento olhar para onde ela está apontando. A luz vacila na escuridão, depois retorna. Parece estar vindo de uma abertura no teto – pelo menos uns seis metros acima de nós.

Bunce estende uma das mãos para lançar um feitiço, mas a coloca no abdômen em vez disso.

Passo o braço em torno dela, depois aponto minha varinha para a portinhola no teto.

– ***Nas asas do amor!***

É um feitiço difícil e antigo, e só funciona se você compreender a Grande Alteração nas Vogais ocorrida no século XVI. (E se você estiver surtadamente apaixonado.)

Bunce e eu flutuamos até a abertura. Não tento nos blindar, pois não há nada que *possa* nos proteger.

Adentramos uma sala muito ruidosa, na qual as luzes piscam demais para descrever, depois nos ajoelhamos em cacos de vidro, tentando manter a compostura. Bunce vomita.

Nos segundos em que a luz não está brilhante demais ou completamente ausente, avisto Simon no meio da sala, segurando-se no Insípidum como se estivesse prestes a lhe contar algo realmente importante.

Simon está com aquelas asas vermelhas de novo, e elas estão totalmente abertas.

O Mago também está aqui, inutilmente arranhando Simon – nada pode movê-lo quando ele está desse jeito, os ombros encolhidos adiante e o queixo projetado.

Bunce está ajoelhada, tentando erguer a cabeça.

– O que ele está fazendo? – ela sussurra, depois vomita novamente.

– Não sei – digo.

– Devemos tentar impedi-lo?

– Acha que conseguiríamos?

A luz fica menos intensa. Assim como a escuridão.

Mal posso enxergar o Insípidum, mas Simon ainda segura algo com uma pressão mortal.

O ruído também está mudando, ficando mais agudo, como se estivesse minguando de um rugido para um choramingo.

Quando o som cessa, meus ouvidos estalam. Simon cai adiante no chão, iluminado apenas pela luz do luar que penetra as vidraças quebradas.

Ele cai, e ele não se levanta.

Penélope

Por um instante, o único ruído vem de Baz, uivando.

Então o Mago cai sobre o corpo frouxo de Simon.

– O que foi que você fez? – Ele chacoalha Simon e bate em suas asas. – Entregue para mim!

Simon ergue um braço para empurrar o Mago, e aquele sinal de vida é suficiente para libertar Baz. Ele se move muito depressa. Quando meus olhos conseguem finalmente focá-lo, ele está segurando o Mago pelo peito, as presas abertas sobre o pescoço do homem.

– Não! – murmura Simon, tentando se levantar usando as pernas de ambos como apoio. O Mago aponta sua varinha com ponta de prata para Baz, mas Simon a agarra e a segura contra seu próprio coração.

– Não – ele diz para Baz, ou talvez para o Mago. – Pare!

Os três rodopiam e tropeçam. O Mago está coberto de sangue, e a boca de Baz está cheia de dentes.

– Entregue para mim! – O Mago grita para Simon. Estaria ele se referindo à varinha?

– Acabou! – grita Simon, usando a varinha para se segurar. – Acabou tudo!

O Mago empurra sua varinha no peito de Simon.

– Entregue para mim!

Baz puxa o cabelo do Mago, trazendo-o para trás.

– Pare! – grita Simon. – Acabou! Já foi!

Ninguém o está escutando.

Eu estendo minha mão com o anel e falo o mais alto e claro que já falei, deixando a magia emergir do poço vazio no meu estômago:

– ***Macaco Simão mandou!***

As próximas palavras de Simon ressoam, densas de magia:

– ***Pare, pare de me machucar!***

O Mago se afasta dele com um bofetão, depois desaba nos braços de Baz.

Baz recua, confuso, e deixa o Mago cair no chão. Em seguida, Baz estende a mão para Simon, mas Simon está ajoelhado por cima do Mago, agarrando seu peito.

– Eu... eu acho que ele está morto. Penny! Acho que eu o matei. Ah, meu Deus! – soluça Simon. – Ah, Merlin! Penny!

Ainda estou trêmula, mas rastejo pela sala na direção deles.

– Está tudo bem, Simon.

– Não, não está! O Mago está morto. Por que ele está morto?

Não sei por que ele está morto.

Não sei o que está havendo.

– Talvez esse seja o único jeito de ele parar de te machucar – digo.

– Mas eu não pretendia matá-lo! – grita Simon, erguendo o Mago, os braços em volta das costas dele.

– Tecnicamente, foi Bunce quem o matou – diz Baz, mas ele fala com gentileza, e há lágrimas em seus olhos.

– Ele está morto – diz Simon. – O Mago está morto.

84.

Lucy

Eu não sabia que havia algo de errado; nunca engravidara antes. E ninguém havia engravidado de você, Simon.

Os livros dizem que sentem-se movimentos e contrações. Uma ansiedade. Eu senti muito mais do que isso.

Sentia você vibrando dentro de mim. Ocupado e brilhante. Sentia-me corada da barriga até as pontas dos dedos.

Davy nunca saía de perto de mim. Ele cozinhou para mim. Ele lançou bênçãos sobre nós dois.

E talvez você possa pensar que essa bondade era apenas para cumprir o ritual. Mas acho que ele gostava de mim. Acho que ele gostava de você...

Acho que Davy queria nós dois ao seu lado no brilhante futuro que estava construindo. Um novo Mundo dos Bruxos.



Grávidas estão sempre cansadas.

Elas não conseguem reter as refeições que comem. Sentem-se indispostas e tontas.

Certo dia, saí para alimentar nossas novas galinhas e percebi que não conseguia voltar pra casa. Não tinha energia suficiente para dar nenhum passo a mais.

Caí de joelhos, depois me inclinei adiante lentamente, tentando te proteger. Então senti minhas luzes piscando e se apagando.

Davy estava lá dentro, tirando uma soneca. Quando ele acordou, encontrou-me ali, vermelha e sedenta. Ele me carregou para dentro de casa, ralhando sobre o que poderia ter acontecido e por que eu não lançara um feitiço procurando ajuda. Mas minha magia tinha ficado rala – já fazia semanas desde que eu lançara qualquer feitiço.

Ultimamente, sempre que eu tentava, tinha a impressão de que estava batendo em uma caixa vazia. Tudo o que antes estivera ali, simplesmente *não estava* mais.

A magia de toda mulher fica meio esquisita durante a gravidez.

Eu me senti melhor na manhã seguinte.

E pior na outra.

O puxão em minha barriga tinha ficado mais forte, como uma manivela giratória, pressionando com frequência. Sentia que não podia ficar no chalé, mas não conseguia ir até o médico.

– Ele precisa de ar – falei a Davy, e ele não discutiu.

Ele me levou lá fora, para o jardim vazio, e deitou-se comigo na relva. Eu precisava sentir o chão e o ar e o sol.

– Melhor – disse a Davy, ainda sentindo a manivela girar.



Quando eu ficava sozinha, falava com você.

Eu te contava sobre a sua família. Sobre os seus avós. O chalé. Sobre Watford, onde seu pai e eu nos conhecemos.

Eu te dei seu nome.

– Simon – disse a Davy. Nessa época, já sabíamos que você era um menino.

– Tudo bem – concordou ele. – Por quê?

– É um bom nome, é um nome sábio.

– É o nome de um salvador?

– Se ele é o Grande Mago, seu nome não será automaticamente o nome de um salvador, independentemente de qual escolhermos?

– Um bom argumento – disse ele. – Simon.

– Simon Snow.

– O que é isso?

– O segundo nome dele. Simon *Snow*.

– Por que raios?

– Porque eu gosto. E porque todo mundo deveria ter um nome do meio bobo.

– Qual o seu?

– Winifred.

Rimos até eu não aguentar mais.

Toda mulher se sente cansada quando está grávida. Toda mulher se sente doente. E estranha.

– Como você se sente? – Davy me perguntava.

– Bem – eu dizia.

– Como está nosso menino?

– Faminto.

Jamais revelei a Davy a verdade – o que ele poderia ter feito para me ajudar? O que ele teria feito se eu dissesse algo como "Eu me sinto como um corredor vazio, Davy. Como um túnel de vento. Como se houvesse algo dentro de mim que não estivesse apenas *me* comendo por dentro, mas *todo o resto* também. Não... 'comendo' não é a palavra adequada. Consumindo, sugando, devorando. Quanto tempo leva uma estrela para completar seu colapso? Quantos trilhões de anos?".

Talvez eu não devesse te contar essas coisas. Não voltei pra te contar sobre *isso*.

Não queria que pensasse que foi culpa sua.

Você é o filho que nós teríamos tido de qualquer maneira, Simon. Você era nosso, em todos os sentidos. E nada disso é culpa sua. Nós o fizemos assim, poderoso, como atear fogo no meio da floresta. Nós o fizemos assim, faminto.



No final, eu só queria te ver.

E pensei que talvez – talvez quando você nascesse, teria um pouco de mim de volta.

Eu deveria ter pedido a Davy para que fosse buscar ajuda quando o trabalho de parto começou. No entanto, não podíamos arriscar que alguém descobrisse o que havíamos feito.

Você veio no solstício. E veio com tanta facilidade, que eu jurava que você não queria me causar mais nenhuma dor.

Seu pai mostrou você a mim e cobriu nossos rostos de beijos. Ele era o bruxo mais poderoso do mundo antes de você chegar, e lançou sobre nossas cabeças todas as proteções que conhecia.

Eu te vi.

Eu te segurei.

Eu te quis.

Isso é o que vim te dizer. Te amei antes de te conhecer, e te amei ainda mais no momento em que o segurei. E jamais pretendi te deixar tão cedo.

Eu jamais teria te deixado.

Simon, Simon.

Meu botão de rosa.

85.

Penélope

Ficamos sentados ali, juntos, sei lá por quanto tempo. Todos nós muito além do ponto do luto, da exaustão e do alívio.

Em seguida, Simon tira a jaqueta de seu terno – ela se rasga ao redor das asas –, e a deposita sobre o torso do Mago. Ele recomeça a chorar, e Baz o toma em seus braços. Simon permite.

– Está bem – diz Baz. – Está tudo bem agora. – Um braço está apertado em volta das costas de Simon, o outro afasta o cabelo de seu rosto. – Você conseguiu, não foi? – cochicha Baz. – Derrotou o Insípidum. Salvou o dia, seu corajoso do cacete. Seu pesadelo ambulante.

– Entreguei a ele minha magia, Baz. Está tudo acabado.

– Quem precisa de magia? Vou transformá-lo em vampiro e fazer você viver comigo para sempre.

Os ombros de Simon chacoalham.

Baz continua falando.

– Pense nisso, Simon. Superforça. Visão de raio X.

Simon ergue a cabeça.

– Você não tem visão de raio X.

Baz ergue uma sobrancelha. Seu cabelo cai sobre o rosto, suas mãos estão sangrando.

– Eu o matei – diz Simon.

– Vai ficar tudo bem. – Baz o envolve entre os braços. – Está tudo bem, amor.

Tudo começa a fazer sentido.



EPÍLOGO

Penélope

Eu enviei um passarinho para minha mãe. Havia um punhado deles por perto – entravam pelas vidraças quebradas e esvoaçavam ao redor do cadáver do Mago.

Estávamos todos arrasados, Simon, Baz e eu. Adormeci ali mesmo. Entre dois cadáveres. Estava exausta a esse ponto.

Simon tentou ajudar Ebb, mas ela estava fria. Tinha partido. Ele não lançou qualquer feitiço nela – nem mesmo para cobri-la –, e eu pensei que ele devia estar tão exaurido quanto Baz e eu, sem magia pela primeira vez na vida. Passou um bom tempo até que eu compreendesse que sua magia se esvaíra de vez.

Baz estava exausto *e* sedento. Todo aquele sangue por todo canto – de Ebb, acho – estava deixando-o

maluco. Finalmente, ele começou a se alimentar dos pássaros. O que foi perturbador, mas nem de longe tão perturbador quanto todo o resto que acontecera, e nem Simon nem eu tentamos impedi-lo.

Mamãe apareceu depois de algum tempo – com Premal, vejam só; ele a tinha ajudado a procurar por mim. Estávamos dormindo quando eles chegaram, então mamãe e Premal acharam que estávamos *todos* mortos. Quando eu me sentei, mamãe estava tão pálida quanto uma Visitante. Acho que foi como se ela tivesse dado de cara com seus maiores temores a meu respeito.

Premal chorou ao ver o Mago.

Mamãe deu uma olhada no Mago, lançou um feitiço para preservar seu corpo para a investigação e depois nunca mais olhou para ele.

Ela chamou papai, Dr. Wellbelove e alguns outros da Irmandade; em seguida, levou Simon, Baz e eu para o quarto deles na torre. (Mamãe é o motivo pelo qual eu posso entrar lá. Ela quebrou a proteção quando papai morava na Casa dos Mímicos, e agora todas as Bunces do sexo feminino têm passe livre.)

Premal nos trouxe chá e biscoitos, e nós três adormecemos novamente.

Quando acordei, contei a Mamãe sobre Agatha. Pensei que ela ainda pudesse estar lá fora, na neve.

Quando Baz acordou, ligou para seus pais.

Quando Simon acordou, não conseguia falar. Apenas bebeu todo o chá que lhe demos e se agarrou ao braço de Baz.



Não sei o que a História dirá a nosso respeito. Será que dirão que Simon matou o Mago? Que eu o matei?

Espero que Baz receba o crédito por encerrar a guerra.

As Famílias Antigas ainda estavam dispostas a lutar quando Baz foi para casa, apesar de o Mago já estar morto e Simon, impotente – e ninguém sabia disso ainda, mas o Insípidum também estava arruinado.

Mamãe pensou que os Grimms e os Pitchs poderiam aproveitar a oportunidade para tomar o

controle de tudo.

Entretanto, Baz foi para casa, a Irmandade se reuniu, aconteceram novas eleições e a guerra simplesmente nunca ocorreu.

Mamãe é a nova diretora agora. Oficialmente. A Irmandade a indicou.

Ela tentou me convencer a voltar para Watford, para terminar minha graduação. E se Simon quisesse voltar, talvez eu tivesse feito o esforço. Mas lá havia muitas lembranças ruins. Sempre que tento atravessar a ponte levadiça, fico enjoada. Não sei como Baz consegue.

Agatha diz que nunca mais vai voltar.

– Só por cima do meu cadáver – diz ela. – Que é como eu teria terminado, se tivesse continuado por lá.

Baz

Hoje é minha cerimônia de despedida. Sou o melhor da classe – não houve competição depois que Bunce largou a escola –, de modo que tenho que fazer um discurso.

Disse ao Simon para que não viesse. É meio deprimente estar cercado por bruxos o tempo todo quando você não consegue nem mesmo sentir a magia.

Não queria que ele viesse a Watford e pensasse em todas as coisas que ele não é mais. Não mais o Herdeiro do Mago. Nem mesmo um bruxo, de forma alguma. Ele ainda é tudo o que sempre foi: bravo, honesto, inflamavelmente lindo (mesmo com aquela porra de cauda) – mas não acho que ele queira ouvir tudo isso.

E, honestamente, acho difícil de dizer.

É difícil para nós... conversar... às vezes. Ultimamente. Eu não o culpo. Não dá pra afirmar que a vida cumpriu as promessas que fez para Simon Snow. De vez em quando, penso que deveria arrumar briga com ele, só para restaurar seu equilíbrio.

Enfim... não acho que ele iria querer estar aqui.

Minha mãe fez o discurso no dia da sua despedida. Está nos arquivos da escola – eu o

encontrei, e vou lê-lo hoje. É sobre a magia, o dom da magia. E sobre a responsabilidade.

E é sobre Watford. O porquê de minha mãe amar a escola. Ela fez uma lista de tudo que sentiria falta. Como os scones de cereja azeda, as aulas de Elocução e o trevo no Grande Gramado.

Eu não posso dizer que amei Watford do mesmo jeito que minha mãe.

Este sempre foi o lugar que foi tomado dela. E o lugar onde ela foi tomada de mim. Foi como frequentar a escola em um território ocupado.

Ainda assim, eu sabia que voltaria para o último semestre, mesmo sem Penny e Simon. Não seria eu o primeiro Pitch da História a abandonar Watford.



Os discursos são feitos na Capela Branca. O vitral foi consertado.

Minha tia Fiona está sentada na primeira fileira. Ela dá um gritinho quando sou apresentado, e posso ver meu pai fazer uma careta.

Ultimamente, Fiona está mais alegre do que jamais a vi. Ela não sabia o que fazer consigo mesma depois que o Mago morreu. Acho que queria matá-lo de novo. (E de novo.) Em seguida, a Irmandade fez dela uma caçadora de vampiros, e tudo mudou. Agora ela está em alguma força-tarefa secreta e trabalhando infiltrada em Praga metade do tempo. Vou me mudar para o apartamento de Fiona quando sair da escola. Meus pais queriam que eu fosse para Oxford com eles – estão morando lá, em nosso chalé de caça –, mas eu não conseguiria ficar tão longe de Simon. Meu pai ainda não está pronto para admitir que tenho um namorado, e seria exaustivo demais morar num lugar onde eu tenho que fingir que não sou *nem* vampiro *nem* desesperadamente gay.

Ao final do meu discurso, Fiona chora e assoa o nariz em um lenço. Meu pai não está chorando, mas está embargado demais para falar comigo de maneira adequada depois da cerimônia. Ele fica apenas dando tapinhas nas minhas costas e repetindo: “Um bom homem”.

– Venha, Basil – diz Fiona. – Vou levá-lo de volta para Chelsea e te embebedar. Tudo do bom e do melhor.

– Não posso – digo. – Essa noite é o baile de despedida. Eu disse à diretora que estaria lá.

– Não consegue abrir mão de uma oportunidade de se exibir em um terno, não é?

– Acho que não.

– Ah, tá bem. Te embebedo amanhã, então. Volto para te buscar na hora do chá. Cuidado com os lorpas.

Agora essa é a despedida padrão de Fiona. Eu odeio.

Tenho algumas horas antes do baile, então dou uma rápida caminhada pelas colinas atrás das muralhas e apanho um buquê de lírios amarelos e íris. Volto logo depois, atravessando a ponte levadiça e entrando na Capela, agora vazia.

Abro caminho pelas Catacumbas sem me incomodar em acender uma tocha. Faz anos que não

me perco aqui embaixo.

Não tenho pressa, então paro para drenar todos os ratos que encontro pela frente. A escola vai ficar infestada depois que eu for embora.

O túmulo de minha mãe fica dentro do Le Tombeau des Enfants. É uma passagem de pedra em um túnel forrado de crânios, marcada por uma placa de bronze.

Eu teria sido enterrado aqui com ela, se tivesse morrido naquele dia. Digo, morrido de vez.

Sento-me junto à porta – não há maçaneta ou tranca, é um pedaço de pedra enfiado na parede – e deposito as flores.

– Uma parte disso vai lhe soar familiar – digo, pegando meu discurso. – Mas acrescentei alguns floreios por minha conta.

Um rato me observa do canto. Decido ignorá-lo.

Quando chego ao final do discurso, minha cabeça se recosta contra a pedra.

– Sei que você não pode me ouvir – digo, depois de um ou dois minutos. – Sei que você não está aqui. Você voltou, e eu não vi. Daí fiz o que você queria que

eu fizesse, então, provavelmente, você não vai voltar nunca mais.

Fecho os olhos.

– Mas... Só queria dizer que vou seguir em frente. Do jeito que sou. Não importa o quanto eu pense a respeito, não acho que haja algum cenário em que você iria querer, em que você iria *permitir*, que eu seguisse em frente desse jeito. Mas acho que é o que você faria se enfrentasse as mesmas circunstâncias. Parece que você nunca desistia. Jamais.

Eu exalo com força e me levanto.

Então me viro na direção da porta e baixo a cabeça. Falo baixinho, para que nenhum dos outros ossos possa escutar:

– Sei que normalmente desço aqui para te dizer que sinto muito. Mas hoje só quero dizer que vou ficar bem. Não permita que eu seja uma das coisas que te impedem de ficar em paz, mãe. Eu estou bem.

Espero por alguns momentos, só... só por precaução. Depois, deixo as Catacumbas, espanando o pó de minha calça.

Este é um baile de despedida especialmente amargo. Os poucos amigos que ainda tenho em Watford estão acompanhados – ou me evitando. Dev e Niall ainda não me perdoaram por fazer amizade com Simon. Dev disse que eu desperdicei toda a infância deles tramando contra Simon.

– Ah, vá, o que mais vocês iriam fazer com sua infância? – perguntei.

Dev não se incomodou em responder.

Eu acabo de pé junto à tigela de ponche, conversando com a Diretora Bunce sobre prefixos latinos. É um assunto fascinante, mas não sinto que precisava vestir *black tie* para isso.

Acredito que a Professora Bunce esteja triste pela ausência de Penélope. Cogito consolá-la com o fato de que Penélope teria evitado vir ao baile mesmo que ainda continuasse na escola, mas a diretora já está vagando para o outro lado do pátio para checar seu e-mail.

– Eu esperava que houvesse sanduíches – alguém resmunga.

Eu ignoro, já que não estou em Watford para fazer amigos ou ficar de conversa fiada, especialmente em minha saída.

– Ou no mínimo bolo.

Eu me viro e vejo Simon Snow de pé do outro lado da mesa, com o ponche. Vestindo terno e gravata, seu cabelo repartido certinho e alisado para um lado.

Ele não deveria conseguir me surpreender desse jeito, mas seu cheiro anda diferente nos dias de hoje – como algo doce e marrom. Não há mais fogo verde e enxofre.

– Como está a festa? – pergunta ele.

– Funérea – digo. – Como você conseguiu entrar aqui?

– Voando.

Fico de queixo caído, e ele ri.

– Não – diz ele. – Penny me trouxe. Ela me deixou nos portões.

– Onde estão as suas asas?

– Aqui ainda. Apenas invisíveis. Alguém já tropeçou na minha cauda.

– Eu te disse para prendê-la.

– Faz minha calça ficar esquisita.

Eu rio.

– Não ria de mim – diz ele.

– E quando é que eu vou rir, então?

Snow revira os olhos, depois dá uma olhada de relance para o lado. Na direção da Capela Branca.

– Você não precisa ficar aqui – digo.

– Não – diz ele. – Preciso, sim. – Ele pigarreia. – Não quero que você se despeça sem mim.



Simon Snow não sabe dançar.

A cauda não ajuda. Eu apanho a ponta na minha mão esquerda e a enrolo em torno do pulso, segurando-a contra as costas dele.

– Não precisamos fazer isso – falei, quando saímos para o pátio de pedra onde as pessoas estão dançando. – Ninguém tem que saber.

– Saber o quê? – Snow indagou baixinho. – Que sou obcecado por você? Esse barco já partiu pro mar há muito tempo.

Pressiono minha mão esquerda, ainda segurando a cauda contra suas costas, e seguro sua mão com a minha direita. Ele ergue a mão esquerda no ar, depois a deixa cair como se não soubesse o que fazer com ela.

– Coloque-a no meu ombro – digo. Ele obedece. Ergo uma sobrancelha para ele. – Wellbelove nunca te ensinou a dançar?

– Ela tentou – diz ele. – Disse que eu era irremediável.

– Com a sinceridade das criancinhas – digo.

Ao menos a música não é irremediável. É Nick Cave. "Into My Arms". Uma das favoritas de Fiona. É tão lenta, que mal precisamos nos mover.

Snow está vestindo um terno caro. Calça preta, assim como o colete e a gravata, e um casaco de rico veludo – azul profundo, com lapelas pretas. Deve ser do Dr. Wellbelove. Está justo nos ombros, mas não posso ver onde as asas de Snow estão escondidas. Alguém as enfeitiçou para que ficassem justas e ajeitadas.

Eu mantenho meus próprios ombros muito retos. Todos estão olhando para nós...

Todos dançando. Todos de pé pelo pátio, tomando ponche. Treinador Mac, o Minotauro e a Senhorita Possivelfa, todos de pé com suas taças de ponche imóveis no caminho para seus lábios.

– Eles vão saber – falo. – Eles vão falar.

– O quê? – Ele está a um milhão de quilômetros daqui. Está sempre a um milhão de quilômetros daqui.

– Vão saber que somos gays.

– Lá se vão minhas ofertas de emprego – diz Simon, sem expressão. – O que minha família vai dizer?

Não sei onde está a graça.

Ele olha para o meu rosto e funga, exasperado.

– Baz, você é, literalmente, a única coisa que tenho a perder. Desde que fazer coisas gays em público não faça você me odiar, eu não ligo.

– Estamos só dançando. Nem é *tão* gay assim.

– Dançar é bem gay – diz ele. – Mesmo quando não são dois caras.

Eu franzo a testa para ele.

– Você tem Bunce.

– Para dançar comigo?

– Não. Você tem Bunce para perder.

A expressão dele descai.

Eu o puxo mais para perto.

– Não. Digo, você tem mais do que só a mim. Você também tem Bunce.

– Ela vai se mudar para a América.

– Talvez – digo. – Talvez não. E, de qualquer maneira, não de imediato. E além disso, América não é amnésia. Ela ainda vai ser sua amiga. Bunce só tem dois amigos e meio; não acho que ela vá te abandonar.

Snow começa a dizer algo, depois balança a cabeça uma vez e olha para os próprios pés. Alguns cachos escapam para sua testa.

– Que foi? – pergunto, apertando sua mão. Fiquei muito familiarizado com suas mãos. Namorar Simon Snow não tem sido a festa de amassos que sempre imaginei. Até o momento, tem muito de silêncio e olhares para o infinito, mas ficamos de

mãos dadas quase o tempo todo. Snow é como uma criança com medo de se perder no mercado.

Ele aperta minha mão de volta, mas não levanta a cabeça.

Resolvo não forçar nada. Ele está aqui. Contra todas as probabilidades. Usando uma gravata, dançando. Tudo isso tem sua importância.

Começo a deixar minha cabeça pousar contra a dele – e ele levanta a sua num rompante, errando meu nariz por pouco. Eu recuo o tronco.

– Por Crowley, Snow!

O rosto dele está vermelho.

– É só que... – Ele aperta meu ombro.

– É só que o quê?

– Vocês não precisam fazer isso.

– Fazer o quê?

Ele espreme os olhos e cerra os dentes. As luzinhas penduradas por todo o pátio se prendem em seu cabelo.

– É só... vocês... não é...

– Use suas palavras, Simon.

– Vocês não precisam fazer isso, você e Penny. Eu não. Eu não sou como vocês. Eu nunca fui... Sou uma farsa.

– Isso não é verdade.

– Baz. Eu não sou um bruxo.

– Você perdeu seu poder – argumento. – Você o sacrificou.

A cauda dele se agita e se solta da minha mão. Ela tende a chicotear de um lado para o outro quando ele está aborrecido.

– Acho que nunca o possuí – diz ele. – Não sei como o Mago fez isso, mas você e Penny tinham razão o tempo todo: bruxos não abrem mão de seus filhos. Eu sou um Normal.

– Snow.

– Eu era ruim em magia porque não deveria ter nenhuma! Os portões nem mesmo se abriram para mim esta noite. Penny teve que me deixar entrar.

Um casal estava se aproximando de nós, claramente escutando. Keris e a porra da fadinha dela. Faço cara feia e elas se afastam.

Snow esmaga minha mão e meu ombro. Eu permito, apesar de ser muito mais forte que ele.

– *Simon.* Pare. Está falando absurdos.

– Estou? Você e Penny se importam mais com magia do que qualquer um no Mundo dos Bruxos. Foi isso que você viu em mim, *poder*, e agora ele se foi. Nunca fui eu.

– Foi, sim! – digo. – Você foi o bruxo mais poderoso que já caminhou pela Terra. Isso foi real.

– Eu era uma imitação tosca de bruxo, quantas vezes você me disse isso?

– Disse isso porque tinha inveja!

– Bem, agora não há nada para invejar!

Eu o solto.

– Por que você está dizendo tudo isso?

Simon cerra os punhos, se encolhendo em si mesmo como um touro.

– Porque estou cansado de *esperar*.

– Pelo quê?

– Esperar que vocês todos parem de sentir pena de mim!

– Eu nunca vou deixar de sentir pena de você! – É verdade. Ele perdeu sua magia. Isso nunca vai deixar de partir meu coração.

– Mas eu também não quero isso – diz ele, entredentes. – Meu lugar não é mais ao seu lado.

– Errado – digo. Tomo sua mão e coloco a minha em torno dele outra vez. – O Cadinho nos colocou juntos.

– O Cadinho?

– Eu tinha onze anos e havia perdido minha mãe e minha alma, e o Cadinho me deu você.

– Ele nos transformou em colegas de quarto – diz ele.

Balanço a cabeça.

– Nós sempre fomos mais do que isso.

– Éramos inimigos.

– Você era o centro do meu universo – digo. – Tudo girava ao seu redor.

– Por causa do que eu era, Baz. Por causa da minha magia.

– *Não.* – Estou quase tão frustrado quanto ele. – Sim. Digo, por Crowley, Snow! *Sim*, isso fazia parte.

Olhar para você era como olhar diretamente para o sol.

– Jamais serei assim novamente.

– Não. E graças à magia. – Solto um suspiro profundo. – O jeito como você era antes... Simon Snow, não houve um dia em que eu acreditasse que fôssemos sobreviver àquilo.

– Àquilo o quê?

– À vida. Você era o sol, e eu estava em rota de colisão com você. Acordava todas as manhãs e pensava: "isso vai acabar em chamas".

– Eu incendiei a sua floresta...

– Mas aquilo não foi o fim.

– Baz. – O rosto dele desaba, agora de sofrimento, não de raiva. – Eu não posso manter o seu ritmo. Sou um Normal.

– Simon. Você *tem uma cauda*.

– Sabe bem o que eu quero dizer.

– Olha. – Trago nossas mãos entre nós e levanto seu queixo. – Olhe para mim. Não quero ter de dizer isso o tempo todo. É o tipo de coisa que deve seguir poeticamente não dita... – Ele encontra meu olhar. –

Você ainda é Simon Snow. Ainda é o herói desta história...

– Isso não é uma história!

– *Tudo* é uma história. E você é o herói. Você sacrificou tudo por mim.

Ele parece encabulado, envergonhado.

– Não fiz isso por você, exatamente...

– Certo. Por mim e pelo resto do mundo mágico.

– Eu só estava arrumando minha própria *bagunça*, Baz. Tipo, ninguém te chamaria de herói por limpar seu próprio vômito.

– Foi corajoso. Foi corajoso e altruísta e esperto. É isso o que você é, Simon. E eu não vou ficar *entediado* com você.

Ele ainda está olhando nos meus olhos. Me encarando, como fez com aquele dragão, queixo empinado e travado.

– Eu não sou o Escolhido – diz ele.

Sustento o olhar de Simon e faço uma expressão de desprezo. Meu braço é uma faixa de aço ao redor de sua cintura.

– Eu te escolho – digo. – Simon Snow, eu escolho você.

Snow não se encolhe ou afrouxa. Por um momento, penso que ele vai me dar um soco – ou bater sua cabeça dura feito pedra contra a minha. Em vez disso, ele enfia o rosto no meu e me beija. Ainda é um desafio.

Eu o empurro de volta. Solto sua mão para segurar seu pescoço. Ele se esmaga contra mim, e eu aceito. Não cedo um milímetro. (É uma bagunça, honestamente, e se ele cortar o lábio nos meus dentes, poderá ser um desastre.)

Quando nos separamos, ele está ofegante. Pressiono minha testa na dele e sinto a tensão deixar seu pescoço e suas costas.

– Você pode mudar de ideia – diz ele.

– Não vou mudar. – Balanço a cabeça contra sua testa.

– Sempre serei menos que você – ele murmura.

– Eu sei, é um sonho que se torna realidade.

Isso faz com que ele ria um pouco, pateticamente.

– Mesmo assim – diz ele. – Você sempre pode mudar de ideia.

– Nós dois podemos – digo. – Mas não vou mudar.

Eu deveria saber que dançar com Simon Snow seria assim. Lutar no mesmo lugar. Rendição mútua.

Ele coloca os dois braços ao redor do meu pescoço e desaba contra mim. Ou ele se esqueceu de que todo mundo está olhando, ou não se importa.

– Baz?

– Sim?

– Você ainda é amigo da Cozinheira Pritchard?

– Presumo que sim.

– É só que... realmente esperava que houvesse sanduíches.

Agatha

O sol brilha todos os dias na Califórnia.

Eu tenho um apartamento que divido com outras duas garotas da escola. Há uma varandinha; eu me sento lá com Lucy quando volto para casa das aulas, e nós duas ficamos ali de molho. Ao sol.

Lucy é a minha Cavalier King Charles spaniel. Eu a encontrei na neve, do lado de fora de Watford. Pensei que ela pudesse estar morta, mas não quis parar para descobrir. Simplesmente a apanhei e continuei correndo.

Sei que Penny nunca vai me perdoar por fugir naquele dia, mas eu não podia voltar atrás. Não podia. Jamais estive mais certa de como me manter viva.

Eu tinha que fugir.



Tecnicamente, o mais distante que alguém pode estar de Watford é o leste da Nova Zelândia, no meio do Oceano Pacífico. Mas a Califórnia *parece* mais longe.

Deixei todas as minhas roupas em casa.

Agora eu uso vestidos de verão e sandálias de tiras que se amarram ao redor dos tornozelos.

Também deixei minha varinha em casa; minha mãe desmaiaria se soubesse. Ela fica me perguntando se conheci algum bruxo. Segundo ela, a

Califórnia é muito popular com o pessoal mágico. Tem até um clube em Palm Springs.

Eu não me importo. Moro em San Diego. Meus amigos trabalham em restaurantes e condomínios de escritórios nos shoppings, e namoro caras que usam gorros escuros mesmo em dias quentes. Durante a semana eu estudo; nos fins de semana vamos à praia. Gasto a grana que meus pais me dão com a mensalidade da escola e com tacos.

É. Tudo. Tão. Normal.

A única bruxa com quem ainda converso, além dos meus pais e de Helen, é Penélope. Ela envia mensagens de texto. Até tentei não responder, mas isso não funciona com ela.

Penny me conta sobre Simon. Ela me contou sobre os julgamentos – pensei que talvez tivesse que voltar para testemunhar, mas a Irmandade permitiu que eu o fizesse por escrito.

Isso é o mais próximo que cheguei de conversar com alguém sobre o que aconteceu.

Sobre o que eu vi.

Sobre Ebb.

Eu nunca conheci Ebb. Ela era amiga de Simon. Sempre a achei meio tonta – morando naquela cabana, passando seus dias com as cabras.

Mas agora sei mais a seu respeito.

Ela era uma bruxa poderosa, mas não fez o que bruxos poderosos fazem. Ela não queria estar no comando. Não queria controlar pessoas. Nem lutar. Só queria morar em Watford e cuidar das cabras.

E eles não lhe permitiram fazer isso.

Tipo, não puderam simplesmente deixá-la em paz. Ela morreu em uma guerra com a qual não tinha nada a ver. Não há uma opção de se isentar no Mundo dos Bruxos. Não existe um "não, obrigada". Não sei por que ela voltou para salvar a minha vida. Eu mal conversava com ela.

Penny diz que eu deveria honrar a memória de Ebb ajudando a construir um Mundo dos Bruxos melhor...

No entanto, talvez eu honre sua memória ao ficar longe pra cacete, do mesmo jeito que ela tentou fazer.

Ela me disse para *correr*.

Ainda tenho a foto do Mago e de Lucy. Eu a prendi no espelho na porta do meu quarto. E penso nela às vezes quando estou me vestindo.

Ela é aquela que conseguiu escapar.

Eu me pergunto se ela ainda está aqui, na Califórnia. Se ela tem uma família. Talvez eu a encontre no Trader Joe's. (Não vou contar que batizei minha cadelinha em sua homenagem.)

Acho que vou enviar a foto para Simon algum dia.

Não estou preparada para conversar com Simon ainda, e não tenho certeza de que ele está preparado para receber uma foto do Mago pelo correio...

Mas acho que Simon pode ser a única pessoa que realmente amou o Mago. Sei que ele o matou, mas provavelmente também foi a pessoa mais triste ao vê-lo partir.

Simon

Mesmo eu sendo o único aqui sem nenhuma magia, ninguém está me ajudando a carregar as

caixas pelos quatro lances de escada.

– Você – digo para Baz, soltando uma caixa no sofá – tem até superforça. Poderia fazer isso na metade do número de viagens.

– Sim... – Ele remove a tampa de seu copo da Starbucks para poder lamber o chantilly diretamente. – ... Mas aí seus vizinhos Normais começariam a se perguntar, e eles já estão curiosos sobre o lindo jovem que ronda a sua porta dia e noite.

– Os vizinhos nem sabem que estamos nos mudando para cá. Estão todos trabalhando.

– Bem, eles *vão* se perguntar, assim que derem uma olhada em nós. Somos descolados, misteriosos e mais bonitos do que qualquer casal tem o direito de ser. – Ele olha para mim e afasta o copo da boca. – Falando nisso, venha aqui, Snow. Uma das suas asas está aparecendo.

Cheguei a pensar que as asas fossem desvanecer ou mesmo cair depois de conceder minha magia ao Insípidum. No entanto, Penny diz que usei minha

magia para fazê-las, e não é porque abri mão dela que tudo o que fiz utilizando-a vai se desfazer.

Ainda também tenho a cauda. Da qual Baz não para de zombar.

– Não é nem cauda de dragão! Você se deu uma cauda de demônio de desenho animado.

– Tenho certeza de que eu poderia retirá-la – digo. – Eu poderia falar com o Dr. Wellbelove.

– Não vamos nos afobar.

Penny vem lançando **Esses não são os droides que vocês estão procurando** em mim todas as manhãs, para que os Normais não reparem em minhas partes de dragão, mas o feitiço nunca dura o dia todo. Tenho medo de que elas apareçam durante alguma aula.

– Diga às pessoas que você está em um programa de TV – aconselha Baz.

– Que tipo de programa?

– Sei lá; é o que a minha tia Fiona sempre me orientou a dizer caso alguém notasse minhas presas.

Sento-me diante de Baz, na mesinha de centro – que eu carreguei aqui para cima sozinho. Ele me

entrega seu copo e eu tomo um gole.

– O que é isso?

– Mocha breve de abóbora. Eu que inventei.

– É como tomar uma barra de chocolate – digo. – Pensei que tomaríamos chá.

– Bunce não te comprou uma chaleira? Você precisa começar a resolver essas coisas agora, Snow. Ser autossuficiente. – Ele estende a varinha por cima do meu ombro e toca a asa. – ***Nenhuma novidade por aqui!***

– Ah, Baz, que droga. Você sabe que eu odeio **Nenhuma novidade por aqui**. Agora as pessoas vão ficar trombando comigo o dia todo.

– A cavalo dado não se olha os dentes. Eu não conheço aquele feitiço de robôs da Bunce.

Penny sai de seu quarto.

– Simon, você viu minha bola de cristal?

– Eu deveria ter visto?

– Está em uma caixa marcada com "Cuidado: Bola de cristal". Ah, oi, Baz. O que tá fazendo por aqui?

– Estarei aqui o tempo todo, Bunce. Vou rondar a porta de vocês dia e noite.

– Veio ajudar na nossa mudança?

Ele recoloca a tampa em sua bebida.

– Humm. Não.

Baz e eu conversamos sobre arranjar um apartamento para morarmos juntos depois que ele terminasse Watford. Ele voltou para terminar o segundo semestre, mas eu simplesmente não consegui. Digo, eu *poderia* ter voltado, apesar de estar sob prisão domiciliar; a mãe de Penélope teria permitido.

Só voltei uma vez, na primavera, para o baile de despedida de Baz. Talvez eu vá até lá de novo algum dia. Quando tudo parecer mais distante. Gostaria de visitar o túmulo de Ebb, nas profundezas da Floresta.

Agatha também não voltou para Watford. Seus pais não a forçariam. Agora ela frequenta a escola na Califórnia. Penny diz que ela tem um cachorro. Eu não conversei com ela. Não conversei com ninguém além de Baz e Penélope por algum tempo.

Houve uma investigação de três meses acerca da morte do Mago. No final, eu não fui acusado. Nem

Penny. Ela não fazia ideia do que eu diria após lançar seu feitiço – e eu não tinha ideia de que minhas palavras matariam o Mago.

Pensei que o Mundo dos Bruxos fosse se despedaçar sem ele. Mas já se passaram sete meses, e não houve guerra alguma. E nem acho que vai haver.

O Mago não foi substituído.

A Irmandade resolveu que o Mundo dos Bruxos não precisa de um líder, ao menos não neste momento. O Dr. Wellbelove sugeriu que eu concorresse à posição do Mago, e tentei *não* rir como um insano.

Mas acho que sou... insano.

Digo, *devo* ser.

Estou conversando com alguém a respeito – uma psicóloga mágica de Chicago. Ela é, tipo, uma das três que existem no mundo. Fazemos nossas sessões via Skype. Eu queria que Baz também conversasse com ela, mas, até o momento, ele muda de assunto toda vez que menciono essa possibilidade.

Toda a família dele se mudou para uma de suas outras casas, no norte.

A magia não retornou para Hampshire. Nem para nenhum dos outros pontos mortos – mas não tem surgido nenhum novo ponto morto desde o Natal. (Dúzias de buracos novos se abriram naquele dia. Eu me sinto mal quanto a isso, esses são os que eu poderia ter evitado.) O pai de Penny continua me ligando para garantir que nada está piorando. Até acompanhei uma de suas expedições. Para mim, não é um problema visitar os buracos, como é para outros bruxos; eu não tenho qualquer magia para perder. Digo... é algo importante. Mas por outros motivos.

O pai de Penny acha que a magia vai eventualmente voltar para os pontos mortos. Ele me mostrou estudos sobre plantas voltando a crescer em Chernobyl e estudos sobre o condor da Califórnia. Quando eu lhe disse que iria para a universidade, ele me sugeriu que estudasse Ecologia da Restauração.

– Pode ser muito curativo, Simon.

Eu não sei. Vou começar com cursos básicos e ver o que cola.

Baz começa na London School of Economics em algumas semanas. Seus pais foram ambos para Oxford, mas Baz diz que preferiria uma estaca a abandonar Londres.

– Será que isso funcionaria mesmo em você? – perguntei a ele.

– O quê?

– Uma estaca.

– É de se imaginar que uma estaca no coração mataria qualquer um, Snow.

Ele *me chama* de Simon de vez em quando, mas só quando estamos sendo piegas um com o outro. (Tudo *aquilo* também ainda está acontecendo. Suponho que eu seja gay; minha terapeuta diz que isso não está nem entre as cinco coisas mais importantes a resolver no momento.)

Enfim, Baz e eu pensamos em arrumar um apartamento. Mas nós dois decidimos que, depois de sete anos juntos, talvez fosse bom ter colegas de

quarto diferentes. E Penny e eu sempre falamos de morar juntos.

Nunca pensei que isso fosse acontecer de fato.

Nunca pensei que houvesse um caminho que trouxesse até aqui, um apartamento no quarto andar com dois dormitórios e uma chaleira e um vampiro de olhos cinzentos sentado no sofá, mexendo em seu novo telefone.

Nunca pensei que houvesse um caminho que levasse a nós dois. Vivos.

Quando se vê por esse ângulo, não foi tanta coisa para se abrir mão – minha magia. Pela vida de Baz. Pela minha.

Às vezes, sonho que ainda a tenho. Sonho em perder o controle, e acordo ofegando sem saber se é verdade.

Mas nunca há fumaça. Meu hálito não queima. Minha pele não cintila; não sinto como se houvesse uma estrela virando nova em meu peito.

Há apenas suor, pânico e um coração disparado – e minha doutora em Chicago diz que é tudo normal para alguém como eu.

– Um supervilão caído? – digo.

E ela sorri com distanciamento profissional.

– Uma vítima de trauma.

Eu não me sinto como uma vítima de trauma. Eu me sinto como uma casa após um incêndio. E, às vezes, como alguém que morreu, mas permaneceu em seu corpo. E às vezes eu sinto como se *outra pessoa* tivesse morrido, como se outra pessoa tivesse sacrificado tudo para que eu pudesse ter uma vida normal.

Com asas.

E uma cauda.

E vampiros.

E bruxos.

E um menino em meus braços, em vez de uma menina.

E um final feliz – ainda que não seja o final que eu teria sonhado ou esperado para mim mesmo.

Uma chance.

– Que horas são? – Penny pergunta. – É cedo demais para o chá? Tem biscoitos em uma dessas caixas. Eu poderia encantá-los.

Baz levanta o olhar do celular.

– O Escolhido vai fazer chá para nós do jeito Normal – diz ele. – É terapia ocupacional.

– Eu já sei como fazer chá – digo. – E gostaria que você parasse de me chamar assim.

– Você realmente foi o Escolhido – diz Penny. – Você foi *escolhido* para acabar com o Mundo dos Bruxos. Só porque fracassou, não significa que não tenha sido o escolhido.

– A profecia toda é uma bobagem – digo. – *E surgirá alguém para acabar conosco. E alguém que o arruinará*. Eu também me arruinei?

– Não – diz Baz. – Esse fui eu. Obviamente.

– Como foi que você me arruinou? Fui eu que impedi o Insípidum.

Baz volta a olhar para o celular, entediado.

– Você se apaixonou, não foi?

Penny solta um grunhido, e Baz começa a rir, tentando não abrir um sorriso.

– Chega de flerte! – diz Penny, se jogando em uma poltrona estofada que seus pais nos deram. (E que eu mesmo carreguei aqui para cima.) – Já aguentei

flerte suficiente para *essa vida toda*. Tô com fome, Simon. Encontre a caixa de biscoitos.

Baz sorri, depois se inclina e beija meu pescoço. (Eu tenho uma pinta ali; ele a trata como um alvo.)

– Vá lá, então – diz ele. – Siga em frente, Simon.



AGRADECIMENTOS

Joy DeLyria e eu nunca nos conhecemos pessoalmente ou conversamos ao telefone, e às vezes passamos meses sem trocar um e-mail sequer. Mas *toda vez* que eu me sentia desesperadamente perdida e travada com este livro, ela me enviava um e-mail perguntando: "Como vai o Simon?".

E toda vez, ela me ajudava a destravar.

Obrigada, Joy, por torcer tão apaixonadamente por esses personagens, e por ser tão generosa com seus bons conselhos.

Obrigada também a Leigh Bardugo e David Levithan por serem bons amigos e bons leitores. (Mesmo que um de vocês tenha sido tão duro, que me fez chorar.) (Foi a Leigh.)

E obrigada a Susie Day por realmente *escutar* todo esse diálogo e conversar comigo a respeito. E a Keris Stainton, que respondeu inúmeras perguntas sobre a vida britânica. Se esses personagens soam

americanos – ou pior – é apesar da paciência de vocês.

Obrigada ao meu marido, Kai, por seu amor e encorajamento, e por nunca ficar sem clichês.

A Christopher Schelling, que insistiu em mais cadáveres.

A Sara Goodman, que me deu tanta liberdade como autora e tanto apoio como amiga.

E ao maravilhoso pessoal da St. Martin's Press, que continua me surpreendendo com sua criatividade e entusiasmo.

Finalmente, obrigada a Nicola Barr, Rachel Petty e todos na Macmillan's Children's Books, por me fazerem sentir tão bem-vinda no Reino Unido e por fazerem livros tão lindos.

#Novo Século nas redes sociais

Conheça - www.novoseculo.com.br/

Leia - www.novoseculo.com.br/blog

Curta - /NovoSeculoEditora

Siga - @novoseculo

Assista - /EditoraNovoSeculo

novo século®

Autora dos bestsellers Eleanor & Park e Fangirl

RAINBOW ROWELL

ANEXOS

romance

"Se Anexos fosse um e-mail, eu certamente o encaminharia para toda a minha lista de contatos."

- JODI PICOULT, autora do bestseller "Sing You Home"



novo século

Anexos

Rowell, Rainbow
9788542804591
368 páginas

Compre agora e leia

"Oi, eu sou o cara que lê seus e-mails, e, sabe, eu amo você..." Beth Fremont e Jennifer Scribner-Snyder sabem que alguém está monitorando seus e-mails de trabalho. (Todo mundo na redação sabe. É política da empresa.) Mas elas não conseguem levar isso tão a sério, e continuam trocando e-mails intermináveis e infinitamente hilariantes, discutindo cada aspecto de suas vidas. Enquanto isso, Lincoln O'Neill não consegue acreditar que este é agora o seu trabalho – ler os e-mails de outras pessoas. Quando ele se candidatou para ser "agente de segurança da internet", se imaginou construindo firewalls e desmascarando hackers – e não escrevendo um relatório toda vez que uma

mensagem esportiva vinha acompanhada de uma piada suja. Quando Lincoln se depara com as mensagens de Beth e Jennifer, ele sabe que deveria denunciá-las. Mas ele não consegue deixar de se divertir e se cativar por suas histórias. No momento em que Lincoln percebe que está se apaixonado por Beth, é tarde demais para se apresentar. Afinal, o que ele diria...?

Compre agora e leia

SÉRIE HOUSE OF NIGHT

Bestseller do *The New York Times* com mais de 10 milhões de livros vendidos no mundo

Queimada



P.C. Cast e Kristin Cast

Queimada

Cast, P. C.
9788576795636
376 páginas

Compre agora e leia

As coisas ficaram pretas na Morada da Noite. A alma de Zoey Redbird se despedaçou. Com o coração partido, vendo tudo ao seu redor desmoronar e com vontade de ficar para sempre no mundo dos mortos, Zoey está sumindo a olhos vistos. Parece cada vez mais difícil ela se recuperar a tempo de reencontrar seus amigos e recolocar as coisas em seus devidos lugares. Stevie Rae, melhor amiga de Zoey, quer ajudá-la, mas está enfrentando problemas seríssimos. Os Novatos Vermelhos do Mal estão pisando na bola e, dessa vez, nem Stevie Rae poderá protegê-los das consequências. No meio desta confusão está Aphrodite: ex-novata, patricinha podre de rica,

bruxa do inferno convicta (e com muito orgulho), tendo visões que revelam o futuro e, para piorar, com Nyx resolvendo falar por meio dela, quer ela queira ou não. A lealdade de Aphrodite pode oscilar em várias direções, mas, no momento, é o destino de Zoey que está em jogo. Três garotas... brincando com fogo... se elas não tomarem cuidado, vão acabar Queimadas.

Compre agora e leia